



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
CONTEMPORANEIDADE (PPGEDUC – DINTER-UNEB/UESB)**

JOSÉ CARLOS SILVEIRA DUARTE

**VIVÊNCIAS E “OUTRAS VIDÊNCIAS” EM CORPOS
PRIVADOS DO SENTIDO DA VISÃO**

SALVADOR – BA

11 de Julho 2023

JOSÉ CARLOS SILVEIRA DUARTE

**VIVÊNCIAS E “OUTRAS VIDÊNCIAS” EM CORPOS
PRIVADOS DO SENTIDO DA VISÃO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade, Departamento de Educação – Campus I, da Universidade do Estado da Bahia, como requisito à obtenção do grau de Doutor em Educação e Contemporaneidade.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Santos

Linha de pesquisa 1: Processos Civilizatórios: Educação, Memória e Pluralidade Cultural.

SALVADOR – BA

11 de Julho 2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Biblioteca Professor Edivaldo Machado Boaventura - UNEB – Campus I

Bibliotecária: Luciana Santos de Menezes – CRB 5 - 1157

Silveira Duarte, José Carlos

C S587v Vivências e outras vivências em corpos privados do sentido da visão / José Carlos Silveira Duarte. - Salvador, 2023.

Orientador(a): Luciano Costa Santos.

Coorientador(a): Sergio Lísias.

Tese (Doutorado) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEDUC, Campus I. 2023.

Contém referências, apêndices e anexos.

1. Vida cotidiana - pessoas cegas. 2. Percepção e corporeidade - pessoas cegas. 3. Ateridade, cuidado e heterocuidado. 4. Educação informal – aprendizagem I.Santos, Luciano Costa. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEDUC. III. Título.

CDD: 371

FOLHA DE APROVAÇÃO
VIVÊNCIAS E OUTRAS VIDÊNCIAS EM CORPOS PRIVADOS
DO SENTIDO DA VISÃO

JOSÉ CARLOS SILVEIRA DUARTE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduC, em 22 de agosto de 2023, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:

Luciano Costa Santos

Prof. Dr. Luciano Costa Santos
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Doutorado em Filosofia
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil

Dante Augusto Galeffi

Prof. Dr. Dante Augusto Galeffi
Universidade Federal da Bahia - UFBA
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil

JOANA B SOUSA

Profa. Dra. Joana Belarmino de Sousa
Universidade Federal da Paraíba - UFPB
Doutorado em Comunicação Semiótica
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil

Jaciete Barbosa dos Santos

Profa. Dra. Jaciete Barbosa dos Santos
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Doutorado em Educação e Contemporaneidade
Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Brasil

Liege Maria Queiroz Sitja

Profa. Dra. Liege Maria Queiroz Sitja
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil

DEDICATÓRIA

Dedico à minha família nuclear e expandida esta tese de doutoramento. Trago um aporte teórico nela contido, nomeado heterocuidado, o cuidado com os outros, para ilustrar a vivência experimentada neste período de minha existência.

À minha querida amada amante Gilvane, geradora de Joaquim, aos 46 anos, assim nomeado em homenagem ao pai de Gil. Seu amor se manifesta na prática cotidiana do heterocuidado familiar, seja na feitura de alimentos saborosos que satisfaçam ao apetite voraz de um adolescente e o de um pai entretido na confecção de sua tese, assim como na parceria em diferentes momentos do cotidiano familiar.

Ao meu querido terceiro filhote Joaquim, aos dezesseis anos proporcionando alegria a esta mãe zelosa que lhe retribui com carinho e companhia a este pai que o leva e traz da escola e de outros lugares desejantes. A cada dia Juca me insufla mais vitalidade, ao manifestar carinho e admiração por este pai-avô.

À minha filha primogênita, Monalice, um presente cósmico, nascida no mesmo dia de meu aniversário, mais conhecida como Mona. Somos librianos sensíveis e amorosos e temperamentais. O nome foi criado para homenagear a avó Alice, da mãe Albertina, parceira responsável por me trazer a Vitória da Conquista e me incentivar a seguir a carreira acadêmica. Mona está aprendendo a atuar como professora contratada do município de Vitória da Conquista.

Ao meu segundo filho, Thomaz, escrito em grafia antiga, tal qual na placa do túmulo de meu avô homenageado, no belo cemitério de Araraquara, SP. Thom escolheu morar comigo quando da separação de Albertina, e juntos vivemos e convivemos experiências intensas, desafiadoras e frutíferas. Gerou dois filhos, meus netos queridos Miguel, com 15 anos, e Antônio, com 7, e assim conjuga o sobrenome Duarte com os sobrenomes regionais do sudoeste da Bahia. Atualmente é professor concursado do Estado da Bahia, empenhado em despertar conhecimento em alunos do ensino médio.

Aos meus queridos sogros Joaquim e Antonina, já falecidos, por me acolherem amorosamente em uma nova rede familiar e a receptividade fraterna de meus cunhados Mazinho, Jaco, Fedó e Gilmar, e da cunhada Maria, por proporcionarem uma ambiência de agradável convivência e diversão, em Teofilândia, BA.

AGRADECIMENTOS

A apresentação de uma tese de doutorado nos permite apreciar a ajuda que recebemos ao longo deste caminho, de todas as pessoas, instituições e entidades que contribuíram para que esta jornada tivesse um início, amadurecesse no meio e agora alcançasse o fim almejado.

O primeiro agradecimento é dirigido aos associados da ACIDE – Associação Conquistense de Integração do Deficiente – especialmente àqueles que aceitaram conceder as entrevistas que vitalizaram esta pesquisa, capitaneados por Fernando, que indicou Silvaneide, Marcelo, Thiago, Arcanjo, Eliab, Karol, Herbert, Lucimar, Joílson, Ildes e Joselito.

O segundo agradecimento é encaminhado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc – da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) por ter articulado com as Pró-Reitorias de Pesquisa e Pós-Graduação da UNEB e da UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – , a realização deste Dinter - Doutorado Interinstitucional UNEB/UESB - , que proporcionou a vários professores da UESB a oportunidade de poder cursar doutorado.

Ao entrar em cena, o Dr. Luciano Santos, transubstanciado em querido orientador e amigo, me levou a perceber a ocorrência de fenômenos nas singularidades do dia-a-dia e forneceu as orientações fenomenológicas essenciais para que pudéssemos descortinar parcialmente o *mundo da vida* dos cegos, sempre tratando com carinho e respeito estes parceiros de jornada. Sua generosidade tamanha permitiu a entrada de dois co-orientadores e meus caros amigos, o Dr. Sergio Lísias Costa, do curso de Psicologia da UFBA – campus Anísio Teixeira – e o Dr. Gilson Teixeira, do curso de Filosofia da UESB, que trouxeram aportes decisivos para a realização desta tese.

Na sequência, saúdo os argutos membros desta banca examinadora, que em muito contribuíram, com suas sugestões e correções, na dimensão da forma e do conteúdo, para o aprimoramento desta pesquisa qualitativa com orientação filosófica fenomenológica, que flerta com a dimensão educativa ao abordar o aprendizado de novas formas de ser e estar no mundo de pessoas cegas, que muito têm a nos ensinar.

Aos colegas do Colegiado de Comunicação/Jornalismo e do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas agradeço pela liberação parcial das atividades de cunho acadêmico para a realização desta investigação. Expresso minha gratidão à colega Flávia Mota, parceira deste Dinter, pela paciência e orientação nos encaminhamentos ao Comitê de Ética, com suas idas e vindas angustiantes, até a aprovação formal, assim como na formatação mais adequada dos elementos pré-textuais desta última versão da tese, ao adquirir uma nova roupagem que pode facilitar a realização de sua leitura. Sou grato à colega Mary Weinstein, por verter para o inglês o Resumo/Abstract, e a Abel Chacón, pela versão em espanhol/Resumen.

Dou graças aos seres divinos, postados ao meu lado, invocados para firmar comprometimento e darem força para obter esclarecimentos, neste percurso existencial e acadêmico, e ao *pai* rapé, que ao insuflar energia da floresta em meu corpo, contribuiu para promover intuições e despertamentos em minha consciência e orientar à ação.

RESUMO

Vivências e Outras formas de Vidências experienciadas no *mundo da vida* cotidiana por pessoas cegas constituem o cerne desta investigação, orientada pela perspectiva fenomenológica, que reconhece a variedade e a diversidade da própria experiência perceptiva humana. Ficou evidenciado que, através dos sentidos do tato, da audição, do cheiro e do gosto, e da cinestesia, a pessoa com deficiência desvenda o universo que a rodeia, percebe as nuances existentes no espaço e reconhece a diferença entre os seres. Ao associar estas informações sensoriais, monta um quebra-cabeça e constrói imagens mentais com o poder de orientar seu cotidiano e contribuir para situá-la no mundo com mais firmeza. A ACIDE, Associação Conquistense de Integração do Deficiente, materializou este encontro e tornou-se um campo de investigação deste fenômeno, porque mostrou-se um lugar propício à observação da ocorrência de relações intersubjetivas, de troca de experiências e de co-responsabilidades entre o sujeito cego, seus colegas e professores, assim como local de aprendizado e de redescoberta do mundo. O método de pesquisa qualitativa encontrou-se com a forma de fazer documentários e elegeu o dizer do outro como a dimensão basilar para a produção de dados, que possam contribuir para erigir um conhecimento novo e fecundo. A orientação teórico-metodológica, centrada na fenomenologia, busca os fundamentos em Husserl e encontra-se com a corporeidade em Merleau-Ponty, para investigar a dimensão da corporeidade e da sensorialidade em pessoas cegas. Com a aplicação do método fenomenológico empírico, o aparecer do sentido é trazido pelas falas dos próprios entrevistados, o que implica em uma história narrada que expressa as vivências dos entrevistados, imersos no *mundo da vida dos cegos*. Ao analisar estes depoimentos, numa perspectiva fenomenológica, tem-se o intuito de identificar os elementos “invariantes”, o significado desse mesmo fenômeno em corporeidades e subjetividades distintas. A partir de várias descrições individuais consegue-se alcançar significados essenciais, que dão origem a uma estrutura geral do fenômeno investigado. Estas narrativas autobiográficas de pessoas cegas têm como premissa o poder transformador do ato de narrar a própria experiência vivida.

Palavras-chave: “outras vidências”; corporeidade em pessoas cegas; vivências intersubjetivas; aprendizagem não formal; fenomenologia empírica; narrativas autobiográficas.

ABSTRACT

Experiences and Other Forms of Vidences experienced in everyday life by blind people constitute the main issue of this investigation, through the phenomenological perspective, which recognizes the variety and diversity of the human perceptive experience. It became clear that with the senses of touch, hearing, smell and taste and kinesthesia the disabled can discover the universe that surrounds him, also observing the details in the space and recognizing differences among beings. By associating this sensory information, the person assembles a puzzle and builds mental images with the power to guide him in daily life, being helped, to be in the world more firmly. ACIDE, Conquistense Association for the Integration of the Disabled, materialized this opportunity which became a field of investigation of this phenomenon, because it proved to be a propitious place to study the occurrence of intersubjective relationships, exchange of experiences and co-responsibilities of the blind to its peers, and as a space of learning and rediscovering the world. The qualitative research method met with the way of making documentaries and had the discourse of the other as a basic dimension for the production of data that contribute to build a new knowledge. The theoretical-methodological orientation, centered on phenomenology, seeks the foundations in Husserl and meets corporeity in Merleau-Ponty, in order to investigate this in blind people. With the application of the empirical phenomenological method, the appearance of meaning is brought by the interviewees' speeches, which implies a narrated story that expresses their experiences, immersed in the world life of the blind. By analyzing these testimonies, from a phenomenological perspective, the aim is to identify the "invariant" elements, the central meaning of this same phenomenon. From several individual descriptions, it is possible to reach important meanings, which could be the start to a general structure of the investigated phenomenon. This model is described as an empirical phenomenology or experimental phenomenology, since it deals with the transcription of statements, reports or interviews about experiences lived in relation to a certain phenomenon. These autobiographical narratives of blind people are basic for the transforming power of the act of narrating the experiences.

keywords: "other clairvoyances"; corporeity in blind people; intersubjective experiences; non-formal learning; empirical phenomenology; autobiographical narratives.

RESUMEN

Vivencias y Otras formas de clarividencias experimentadas en el mundo de la vida cotidiana por personas ciegas se constituyen el centro de esta investigación, orientada por la perspectiva fenomenológica, que reconoce la variedad y la diversidad de la propia experiencia perceptiva humana. Quedó demostrado que, a través de los sentidos del tacto, de la audición, del olfato y del gusto, y de la cinestesia, la persona con deficiencia descubre el universo que lo rodea, percibe los matices existentes en el espacio y reconoce la diferencia entre los seres. Al vincular estas informaciones sensoriales, monta un rompecabezas y construye imágenes mentales con el objetivo de orientar su cotidiano y contribuir para ubicarlo en el mundo con más firmeza. A ACIDE, “Associação Conquistense de Integração do Deficiente”, materializó este encuentro y lo transformó en un campo de investigación de este fenómeno, porque se reveló un lugar propicio para la observación de acontecimientos de relaciones intersubjetivas, de intercambio de experiencias y de responsabilidades del sujeto ciego con sus colegas, y como local de aprendizaje y de redescubierta del mundo. El método de investigación cualitativa se encontró con la forma de hacer documentarios y eligió el discurso del “otro” como la dimensión básica para la producción de datos que contribuyen para erigir un conocimiento nuevo y fecundo. La orientación teórico-metodológica, centrada en la fenomenología, busca los fundamentos en Husserl y se encuentra con la corporeidad en Merleau-Ponty, para así investigar esa dimensión de la corporeidad en personas ciegas. Con la aplicación del método fenomenológico empírico, la aparición del sentido es traída por el “habla” de los propios entrevistados, lo que implica en una historia narrada que expresa las vivencias de los entrevistados, inmersos en el mundo de la vida de los ciegos. Al analizar estos testimonios, en una perspectiva fenomenológica, tenemos la intención de identificar los elementos “invariables”, el significado central de ese mismo fenómeno. A partir de varias descripciones individuales se consigue alcanzar significados esenciales, que dan origen a una estructura general del fenómeno investigado. Este modelo es descrito como una fenomenología empírica o fenomenología experimental, una vez que lidia con las transcripciones de los testimonios, relatos o entrevistas sobre experiencias de vidas en relación a un determinado fenómeno. Estas narrativas autobiográficas de personas ciegas tienen como premisa el poder transformador del acto de narrar la experiencia vivida.

Palabras-clave: “otras clarividencias”; corporeidad en personas ciegas; vivencias intersubjetivas; aprendizaje no formal; fenomenología empírica; narrativas autobiográficas.

SUMÁRIO

1. Introdução	12
2. O Documentário como pretexto para acessar o mundo dos cegos	17
2.1. Uma visada panorâmica do documentário e do cinema	23
3. Como me envolvi com o mundo da vida dos cegos	26
3.1. Vivências intersubjetivas em pessoas cegas ou com deficiência visual	26
4. O olho, a visão e o mundo dos cegos na História do Ocidente	31
4.1. A cegueira e a visão subnormal	32
4.2. A visão na Grécia clássica, na mitologia Yoruba e uma lenda amazônica	34
4.3. A cegueira ao longo da história	36
4.4. Cegos e cegueira em Tempos Modernos	38
4.5. A cegueira no Brasil Imperial e no Republicano	40
4.6. Novos entendimentos da cegueira no Ocidente	42
4.7. Do Brasil rumando para Portugal: da ACIDE à ACAPO	46
4.8. Como os cegos vêm e se vêm, em Lisboa	52
4.9. Educação e autonomia em Paulo Freire	53
5. Mutações fenomenológicas e a atualidade da fenomenologia	56
5.1. Conceitos fundantes da fenomenologia	60
5.1.1. Atitude fenomenológica e atitude natural	60
5.1.1.1. Atitude natural	61
5.1.2. Intencionalidade da consciência	62
5.1.3. Fenômeno	63
5.1.4. Intuição e fenomenologia	65
5.1.5. <i>Lebenswelt</i> , o mundo da vida	67
5.1.6. Horizonte	68
5.1.7. Intersubjetividade e alteridade	69
5.1.8. Existência e essência	75
5.1.9. Vivências da consciência	77
5.2. Uma fenomenologia corporal	81
5.3. O corpo, o movimento e o ouvir	83
5.4. Comunicação corporal e filosofia	85
6. Hermenêutica e fenomenologia	88
6.1. Abordagens biográficas em educação e hermenêutica	91
6.2. Em jeito de síntese	93
7. Descrição estrutural do fenômeno da cegueira pelos entrevistados	97
7.1. Descrição primeira das entrevistas com associados da ACIDE	99
7.2. A fenomenologia do ouvir	102
8. O Método Fenomenológico de Investigação (MFI) de Giorgi e Souza	104
8.1. Metodologia aplicada: Método Fenomenológico Empírico (MFE)	110
8.2. Protocolo de procedimentos do MFI	112
8.3. Articulação de segmentos empíricos e teóricos do MFI	115
8.4. Protocolo de procedimentos do MFI aplicado	116

8.4.1. <i>Passo 1: O Sentido do Todo</i>	116
8.4.1.1. Fernando	116
8.4.1.2. Silvaneide	117
8.4.1.3. Marcelo	118
8.4.1.4. Arcanjo	119
8.4.1.5. Eliab	119
8.4.1.6. Karol	120
8.4.1.7. Herbert	121
8.4.1.8. Thiago	122
8.4.1.9. Joílson	122
8.4.1.10. Ildes	123
8.4.1.11. Joselito	123
8.4.1.12. Lucimar	124
8.5. <i>Passo 2: Constituição das Unidades de Sentido/Significação: sinaliza o critério de transição de sentido identificado no discurso (anexo 1)</i>	124
8.6. <i>Passos 3 e 4. Articulação de elementos empíricos com referenciais teóricos</i>	124
8.6.1. <i>Olfato / Outras Vidências</i>	126
8.6.2. <i>Tato / Outras Vidências</i>	129
8.6.3. <i>Audição / Outras Vidências</i>	133
8.6.4. <i>Imagem/imaginação/mapa mental Outras Vidências</i>	135
8.6.5. <i>Memória e lembrança/ Outras Vidências</i>	139
8.6.6. <i>Visão/ mente/tato/corpo/intuição/ Outras Vidências</i>	143
8.6.7. <i>Sonhos/imaginação/ Outras Vidências</i>	147
8.6.8. <i>Alteridade/relacionamento afetivo entre cegos e com enxergantes</i>	152
8.6.9. <i>Heterocuidado (cuidado com os outros)</i>	154
8.6.10. <i>Ajustamento Criativo/ Outras Vidências</i>	158
8.6.11. <i>Cinestesia e o dia-a-dia em pessoas cegas</i>	163
8.7. <i>História que gosta de contar</i>	168
8.8. <i>Passo 5: Enquadramento em sub-temas: 58 categorias elencadas.(Anexo 2)</i>	170
7.1. <i>Dialogando com Fernando</i>	170
7.2. <i>Dialogando com Karol</i>	173
8. <i>Considerações finais</i>	177
9. <i>Referências</i>	184
10. <i>Anexo 2: Passo 2: Quadro com a discriminação de Unidades Significativas, o que está contigo nas falas; organiza em blocos as que mais aparecem.</i>	188
11. <i>Anexo 3: Passo 5: Enquadramento em sub-temas: Quadro com 58 categorias elencadas; com relevância ao que é dito; comenta cada um desses sub-temas.</i>	190

INTRODUÇÃO

A partir da pergunta de pesquisa *Quais as vivências e “outras vidências” experimentadas em corpos privados do sentido da visão?*, iniciou-se uma investigação empírica exploratória e um percurso metodológico onde a fenomenologia e a corporeidade se encontram. Tem como propósito descrever, compreender e interpretar as vivências experimentadas por corpos privados do sentido da visão e observar a emergência de “outras vidências”, a partir da potencialização dos demais sentidos perceptivos. O foco está voltado para o mundo da vida dos cegos, para mostrar como produzem sua vida cotidiana, como se relacionam com sua deficiência e convivem com seus pares acidianos, os associados da ACIDE¹. Abordar este tema visa clarear a cegueira dos videntes e revelar as distintas facetas perceptivas do mundo da vida dos cegos, assim como evidenciar o papel da ACIDE como um divisor de águas em seu processo de autoconhecimento, assim como enfatizar o papel que a intersubjetividade experimentada nesta entidade representa em sua vida cotidiana e indicar como o reaprendizado das percepções do corpo facilita sua locomoção e reposiciona seu lugar no mundo, uma vez que o corpo do cego é, por excelência, o lugar de seu aprendizado do mundo.

Na primeira versão apresentada a esta banca examinadora, intitulada *Processos Intersubjetivos de Aprendizagem no Mundo da Vida dos Cegos*, os dados empíricos foram obtidos a partir de entrevistas colhidas em três momentos distintos e com objetivos diferenciados: o primeiro, entre 3 e 5 de novembro de 2017, direcionado à elaboração de um projeto para o doutoramento em Memória e Linguagem da UESB; o segundo, no período de 9 a 18 de setembro de 2018, para realização de um documentário em comemoração aos 30 anos de fundação da ACIDE, com um viés de reconhecimento e de valorização da entidade; o terceiro, obtido entre 23 de julho e 20 de agosto de 2020, buscou descrever as experiências vivenciadas por associados da ACIDE durante a pandemia do Covid-19 e mostrar como as mudanças percebidas neste período afetaram sua forma de ser e estar no mundo.

¹ACIDE é a sigla da Associação Conquistense de Integração do Deficiente, entidade fundada em 1998, a partir da articulação de pessoas cegas e cadeirantes que buscavam sua *integração* no mundo dos videntes e caminhanes. Como entidade de educação especial não formal proporciona a seus associados a interação em um ambiente acolhedor, desenvolve a auto-estima e promove a inserção no ambiente acadêmico, no meio social e no mercado de trabalho. Sua sede é na cidade de Vitória da Conquista, na região sudoeste da Bahia.

Nesta primeira versão, os trechos destes depoimentos foram selecionados pelo próprio investigador, a partir de critérios como a relevância, o impacto ou a origem do processo de perda da visão, que pudessem compor uma narrativa orientada para o viés da superação, a partir de um ponto de vista mais jornalístico do que acadêmico, próximo à análise de conteúdo, uma vez que o pesquisador não estava devidamente familiarizado com a aplicação do método fenomenológico. Ao editar as entrevistas e selecionar apenas os momentos mais significativos, neste primeiro momento, foi quebrada a integralidade do discurso original com a fragmentação da narrativa. A banca examinadora, nesta primeira qualificação, havia indicado esta imprecisão, que foi corrigida para atender esta demanda e assim fluir no caminho fenomenológico correto.

Para a Segunda Qualificação foram selecionadas como *corpus* desta investigação apenas as entrevistas colhidas no período de 03 a 05/11/ 2017, na sede da ACIDE, porque nelas foi percebida, *a posteriori*, uma atitude semelhante à fenomenológica por parte do investigador, uma postura de ouvir sem julgar e de interagir com os participantes, talvez advinda de sua experiência com a realização de documentários. Como se encontravam gravadas em audiovisual e preservadas em seu arquivo original, foram observadas com novos olhares e procedimentos tais entrevistas, e buscou-se utilizar com rigor o método fenomenológico. Na busca de procedimentos que orientassem este percurso, foi encontrado o Método Fenomenológico Empírico (MFE) de investigação, desenvolvido por Amedeo Giorgi e Daniel Sousa, no livro *Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia* (2010). Buscou-se apreender esta metodologia, originalmente orientada para o viés psicológico, e encaminhá-la para uma descrição fenomenológica com um viés mais próximo ao documentário ou ao jornalismo, para contribuir para o afloramento das expressões fenomenológicas a partir das falas dos entrevistados.

Este movimento metodológico se deu a partir da participação em uma atividade desenvolvida pelo pesquisador Dr. Sérgio Lísias Costa com seus alunos do curso de Psicologia da UFBA, em que o método foi utilizado para a análise de filmes com 1 minuto de duração, no campus Anísio Teixeira, em Vitória da Conquista. Esta dimensão operacional chamou a atenção do investigador, ao perceber a possibilidade de sua aplicação na descrição dos elementos contidos nas entrevistas com pessoas cegas. A partir de conversa com meu orientador, o pesquisador Dr. Sérgio Lísias Costa foi aceito

para atuar no papel de co-orientador e colaborou para a apreensão dos procedimentos metodológicos propostos por este método.

A aplicação do rigor do método fenomenológico de descrição e apreensão do sentido das informações, reaprendido a cada leitura e descoberta, envolveu a reescuta atenta das doze entrevistas gravadas, a transcrição literal de todas elas e sua apresentação de forma integral, sem qualquer tipo de edição. Acrescentaram-se pequenas descrições das posturas e vestimentas das pessoas entrevistadas no momento da gravação, para obter mais elementos significativos. Este primeiro procedimento equivale à suspensão fenomenológica – que corresponde ao termo husserliano *epoché* –, momento em que ocorre a suspensão do juízo por parte do investigador, uma atitude de retirar do circuito, durante certo momento, o ato de a consciência julgar determinado fenômeno, que pode ser uma pessoa, um objeto ou um acontecimento. Aqui, fenômeno deve ser entendido como tudo aquilo que aparece para a consciência de quem utiliza o método, como indicam Giorgi (2010) e Branco (2014). Pretende-se obter uma descrição concreta e detalhada das vivências dos sujeitos investigados, elencar os elementos centrais que “saltam à vista”, como fenômenos, a partir da relevância dada pelos próprios entrevistados, para buscar aí os elementos essenciais que estruturam suas narrativas.

Para exemplificar como esta descrição e decifração fenomenológica vai ser realizada, apresenta-se o enquadramento de “ajustamento criativo”. “Importado” da psicologia fenomenológica e conectado à experiência da Gestalt, sua aplicação foi sugerida por Sérgio Lísias Costa. Exemplifica-se o caso de Fernando: em seu depoimento, narrou como a perda da visão foi objeto de diferentes diagnósticos, enquanto paulatinamente ia decrescendo seu campo visual. Percebeu-se, metodologicamente, que ao tomar conhecimento dos diagnósticos acerca de seu corpo, sua mente realizava um “ajustamento criativo” e assim redimensionava as relações perceptivas com os demais sentidos corporais, e este movimento favoreceria a emergência de outros sentidos e/ou formas de percepção. Como estabelece uma correlação íntima com a perspectiva da corporeidade orientada por Merleau-Ponty, foi considerada uma contribuição bem-vinda nesta busca de decifração dos códigos visuais e invisuais manifestados.

Buscar a dimensão da recorrência destes fenômenos em diferentes narrativas mostrou-se um caminho promissor. Mas, antes disso, a etapa de nomear o sentido fenomenológico tornou-se a mais exigente e a mais reveladora dos sentidos mais amplos, que podem abarcar manifestações distintas, porém assemelhadas, de uma forma de percepção própria a cada um. Eventualmente, estes sentidos fenomenológicos podem convergir, embora cada um experimente as sensações de seu modo, e podem guardar semelhanças e, eventualmente, revelar suas essências. Esta é a tarefa que se propõe nesta investigação: mostrar a percepção de “outras vivências” em corpos privados do sentido da visão, a partir de suas vivências e de suas relações intersubjetivas, aquelas experimentadas entre os pares acidianos ou no cotidiano da vida societária.

Ao utilizar este método fenomenológico de investigação em Psicologia, pretendeu-se buscar os dados imanentes emergidos a partir da experiência da perda ou da restrição da visualidade. Entenda-se por dados imanentes aqueles que pertencem ao mesmo fluxo da consciência de quem os experiencia, enquanto originários de vivências imediatas manifestadas de forma espontânea e em um ambiente acolhedor. Estas entrevistas dialogadas foram sendo constituídas a partir de alguns referenciais teóricos amplos acerca do tema das diferentes visualidades, experimentadas por sujeitos com algum comprometimento em sua percepção visual e que estabeleceram uma relação dialógica em que revelaram espontaneamente suas vivências, eventualmente refletindo sobre os acontecimentos vivenciados.

A tarefa destinada ao investigador cingiu-se à discriminação dos diferentes momentos de fala e a correlacioná-los com significados fenomenológicos, que serão tornados categorias, a serem narradas na perspectiva de uma abordagem documental ou enquadramentos jornalísticos, uma vez que o que interessa é fazer aflorar a estrutura do sentido, as essências que vêm à luz partir da experiência concreta. Fez-se um movimento metodológico em que os sujeitos da pesquisa narram suas vivências e o investigador as articula com os referenciais teóricos fenomenológicos para assim promover uma reflexão que possibilite a constituição de *outra* abordagem sobre o tema da invisualidade ou da cegueira. Neste percurso as designações de “cego” e “cegueira” foram se tornando problemáticas, à medida que se percebia as singularidades das experiências relatadas e se verificava o aparecimento de regularidades nestas falas.

Quando se faz referência a pessoas privadas do sentido da visão, neste caso, apenas uma entre as doze pessoas entrevistadas havia nascido cega; as demais, ou guardam lembranças do tempo em que enxergaram ou possuem resquícios de visão que, em alguma medida, favorecem seu deslocamento e referenciação. Para aqueles que experienciaram a perda da visão, este momento se mostra como uma transição entre suas experiências enquanto videntes e a sua reinserção em um novo ambiente perceptivo.

Mas, antes de abordar este caminho teórico-metodológico inovador, o *Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia*, que emergiu nas investigações para a Segunda Qualificação, propõe-se voltar ao início, refazer o percurso do encontro do pesquisador com seus sujeitos de pesquisa.

2. O Documentário como Pretexto para acessar o tema dos Cegos e da Cegueira

Sabe de uma coisa que eu aprendi no exílio? Eu descobri que é altamente importante você ser pretexto para coisas boas. É claro que você tem que ser humilde e aceitar que está sendo o pretexto. De vez em quando eu sou pretexto. Naquele fim-de-semana eu fui pretexto para que esses três grupos de esquerda, que viviam brigando, se encontrassem e acertassem, mais ou menos, as suas diferenças.

Paulo Freire (2017)²

O tema da deficiência emergiu em minha vida por obra do acaso (se o acaso existe!), a partir de uma visada espontânea apresentada ao meu olhar: a cena de um cego empurrando um cadeirante! *Isso dá um doc!*, pode virar tema para um documentário, vislumbrei naquela tarde de 2005, diante do Centro de Cultura Camilo de Jesus Lima de Vitória da Conquista.

Esta imagem provocou em minha mente um despertar, ao perceber um tipo de simbiose entre dois seres, em que um oferece a visão e outro o movimento, e assim compõem uma totalidade promotora de mais eficiência a ambos, constituindo um ser híbrido, tal qual uma esfinge que pede para ser decifrada. Instado pela fenomenologia, ousei perguntar que significados se ofereceram à vivência e experiência daquele fenômeno. Até aquele momento, o cego e o cadeirante não tinham uma significação especial, mas se tornaram fenômenos assim que os vi, mas só tomei consciência dessa percepção com o uso de referenciais teórico-metodológicos apropriados.

Moreira³ entende que fenômenos incluem todas as formas de estar consciente de algo, são sempre anteriores às nossas teorias e conceitos, surgem como dados imediatos, alguma coisa que se mostra a si própria por si própria, são primários e têm uma natureza própria. Fenômenos são vivenciados nos atos da consciência, como aquilo que aparece à consciência.

² DUARTE, J. C., FONTES, J. R., DOURADO, E. *Entrevista com Paulo Freire: o partido político como pedagogo*. Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos (UNEB), v. 5, n° 9 (2007), (pp. 205-214). Entrevista realizada em Vitória da Conquista, outubro de 1983.

³MOREIRA, Daniel. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

Desta visada fenomenal de um cadeirante empurrado por um cego me veio um título: *Me empurra que eu te guio*. Reconheci um dos envolvidos como pertencente a uma associação de deficientes que tinha sua sede próxima à minha moradia, a ACIDE, e dias depois fui até lá e me apresentei ao então presidente, Fernando Couto, o cego que empurrava o cadeirante. Expus o deslumbramento que me causou a imagem dele empurrando um cadeirante, identificado como Nino, perguntei como tiveram aquela idéia e propus a realização de um documentário sobre a vida dos associados da entidade, com a assunção de um ponto de vista: o viés da superação. Fernando aceitou e ficou responsável por indicar os depoentes e marcar as datas da filmagem das entrevistas, na sede da entidade; mesmo sem o saber, atuou no papel de *produtor*, com sua legitimidade e liderança.

Na realização de um documentário, o produtor é aquele que seleciona os depoentes e constitui uma relação de confiança, o que abre as portas para que os participantes se manifestem com mais segurança e maior autenticidade. Essas qualidades foram obtidas durante as filmagens e na montagem buscou-se uma narrativa que articulasse os depoimentos de pessoas cegas, cadeirantes e acidentadas. Prefiri utilizar o termo intervenientes, para designar àqueles entrevistados ou depoentes que compartilham suas histórias de vida na construção de documentários, uma vez que o constroem conjuntamente com o documentarista, como sugere Penafria (2001)⁴.

Me empurra que eu te guio foi o produto final da disciplina Narrativa Documental, ministrada a alunos do curso de Comunicação Social/Jornalismo da UESB⁵. Como a turma era grande, uma parte me acompanhou durante as filmagens das entrevistas, observando e interagindo com os associados, seja se comovendo com depoimentos dramáticos ou dançando forró no dia em que um acordeonista foi entrevistado. A outra parte da turma ficou encarregada da edição, momento em que se dá a forma final ao documentário. Marquei uma reunião com o grupo, em que eles

⁴O ponto de vista no filme documentário. Manuela Penafria. Universidade da Beira Interior. 2001. www.bocc.ubi.pt/p1-9. "Um documentarista não dirige actores, não constrói personagens (pode sim, transmitir uma determinada imagem das suas personagens - intervenientes).(...) A estrutura dramática é constituída por personagens, espaço da acção, tempo da acção e conflito. A estrutura narrativa implica saber contar uma história; organizar a estrutura dramática em cenas e sequências, que se sucedem de modo lógico". p.2.

⁵UESB é a sigla da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. O curso de Jornalismo foi implantado em 1998, no campus de Vitória da Conquista. Para realizar estes documentários contei com o apoio de cinegrafistas editores lotados no laboratório de telejornalismo. Antes, a habilitação em Jornalismo era apenas ofertada na FACOM/UFBA.

dividiram responsabilidades e indiquei orientações. A edição praticada por eles acentuou o caráter dramático de alguns depoimentos, ao acrescentar alguns segundos de imagens e lágrimas. Exibi este documentário na ACIDE, na UESB, na Mostra Cinema Conquista, ano 2. Mais recentemente o tenho exibido para as minhas turmas da PARFOR e atestado o grau de empatia por ele provocado, assim como uma percepção diferente do mundo dos deficientes.

Ancorado na prática e na teoria do documentário, estava, conscientemente ou não, realizando uma pesquisa qualitativa de viés fenomenológico, uma vez que o documentário é um produto audiovisual e uma forma de produção de conhecimento, uma nova forma de escrita, que une palavra, som e imagem. Moreira (2002) esclarece que a pesquisa qualitativa foca no ser humano como agente: sua visão de mundo é o que realmente interessa. E que sempre que se queira dar destaque à experiência de vida das pessoas, o método de pesquisa fenomenológico pode ser o mais adequado. Fenomenologia deixa de lado especulações metafísicas abstratas e entra em contato com as *próprias coisas*, dando destaque à experiência de vida, explora o fenômeno tal como ele é dado à consciência.

Antes de *Me empurra que eu te guio*, já havia produzido *Maria da Feira*, uma amostragem das atividades de feirantes do CEASA de Vitória da Conquista e o enfoque na história de vida de dona Maria, uma *freguesa* minha, que mora num distrito. No dia da filmagem as alunas se espalharam pela feira para escolher atividades e depoentes que lhes interessassem: um escolheu o raizeiro, outra o umbandeiro, uma o açougueiro, a mais danadinha indicou uma menina que fugiu de casa e estava dormindo ali, sob o olhar desejante do guardinha. Para captar a história de vida de dona Maria fomos de ônibus ao distrito onde morava e registramos seu modo de vida: lata d'água na cabeça, marido doente, rocinha parca. Exibi este documentário no próprio CEASA e antes no teatro da UESB, com a presença de convidados especiais: os membros da família de Dona Maria. Era meu primeiro documentário, e quem me deu as orientações iniciais do modo de filmagem foi uma aluna, que já havia atuado no rádio e televisão, ingressara na UESB no curso de Letras e eu a convenci a se transferir para o curso de Jornalismo. Sua generosidade me ajudou a dar os primeiros passos nesta forma de produção de conhecimento que é o documentário, com raízes na etnografia.

Receita para fazer ferro doce, outro documentário de minha autoria, registra um modo semi-artesanal de obter peças originadas do ferro fundido, chamado ferro doce, por se deixar moldar pela forma em que é despejado, ainda escaldante. *Receita* remete à culinária e tem sua primeira cena no fogão a lenha do Museu Henriqueta Prates, homenagem da UESB a uma das matriarcas do tempo dos coronéis. Cena de abertura: uma aluna despeja num tacho de cobre os ingredientes para fazer *ferro doce* - porcas, parafusos, pedaços de ferro - e mexe com uma colher de pau, seguindo *umareceita da vovó*. Corta da cozinha para uma caldeira fumegante que engole peças de ferro, carvão e calcário, elementos que vão se transubstanciar e formar uma escaldante mistura laranja avermelhada. Ao ser despejada não opõe resistência e adquire prontamente a forma que se deseja, como a de uma roda dentada, que aciona os cilindros que espremam a cana e nos dá o caldo de cana. O oposto ocorre com seu antagonista, o ferro forjado, que exige um duro embate entre o malho e a bigorna, a água e o fogo, para adquirir o formato pretendido, como o de uma espada ou ferradura. Este documentário, com o olhar de hoje, atua como registro e memória de um modo de fundição que não mais é praticado por aqui, assim como carrega uma dimensão autoral, um modo de abordagem pretendido pelo diretor, ao transmutar o conceito de receita e de doce, tornado modelagem de fumegante ferro.

Viva Vida é um documentário com viés etnográfico. Abordou a implantação de cisternas no semi-árido da Região Sudoeste da Bahia, produzido pela Articulação do Semi-Árido (ASA) e vinculado à Diocese de Vitória da Conquista. Foi o mais engajado e memorialístico dos documentários por mim realizados, graças também à orientação da ASA. Mostrava o modo de construir cisternas de ferro-cimento em pequenas comunidades rurais para abrigar a água de chuva, o que concorria para a melhoria das condições de vida, advinda de ter água disponível no quintal de casa, e não precisar andar quilômetros, com latas de água na cabeça, e trazer uma água barrenta. Envolveu dois ex-quilombos, um o do Caldeirão, outro o do Cinzento, povoados do município de Planalto, onde obtive depoimentos memoráveis das anciãs, guardadoras das tradições e da memória. Curiosamente, o Cinzento tinha como padroeira Santa Luzia, e celebrava uma bela festa à patrona das doenças da vista, talvez porque muitos moradores tinham problema de visão! Por quê? Aparentemente, os entrecasamentos dentro de um mesmo grupo étnico e familiar provocaram essa degeneração ocular. Registrou também um

assentamento do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e outras pequenas localidades, situadas na região semi-árida do sudoeste baiano, sempre com os representantes da ASA, cuja legitimidade facilitava o acesso aos moradores e a obtenção de entrevistas em profundidade. Infortunadamente, a única cópia, em VHS, foi perdida, e restam apenas os fragmentos da memória. Na história do documentário, a abordagem etnográfica vai se constituir num viés fecundo para a produção de conhecimento, e tem como um de seus representantes, *Crônica de Um Verão*, dirigido por Edgar Morin e Jean Rouch, premiada no Festival de Cannes de 1961, e considerada fundadora do movimento chamado *cinema verdade*.

Cada um tem seu tempo e sua forma de aprender, registra o cotidiano dos alunos da APAE/Conquista, os depoimentos das diferentes profissionais que atuam na entidade e a visão de sua gestora. A câmera disponível para essa filmagem era bem simples e não havia cinegrafista disponível. Enquanto aguardava com meus alunos uma das entrevistadas, entrei no pátio no horário do recreio, com uma câmera na mão e sem idéia na cabeça, bem ao estilo do *cinema direto* norte-americano, em que uma voz fala com a câmera, e assim capta aquilo que se apresenta na tela. Tive a grata constatação de me sentir um atrator de atenções, os apaianos e apaianas se exibiam para a câmera, olhavam, sorriam, jogavam capoeira enquanto deslizava entre eles, parando aqui e ali, sem cortes. O modo de filmagem interfere no modo de edição, o que acarretou numa escolha de edição diferente das anteriores. Nesta, o pátio com os apaianos se exibindo para a câmera orienta a narrativa da edição, ocupando a centralidade da tela, enquanto as falas das entrevistadas aparecem num dos cantos.

O professor de capoeira da APAE gostou deste documentário, o que me levou a ser convidado pela coordenação estadual para registrar as Olimpíadas da APAE do Estado da Bahia, em Sauípe. Fui acompanhado de um cinegrafista para aquele paraíso, que teve na fala de abertura a saudação do então governador Jacques Wagner, e a presença de delegações de muitas APAEs do estado. Filmamos mais de sete horas, entre jogos e apresentações que mostravam incríveis capacidades de superação, entrevistas com a diretoria estadual e os apaianos, mas como a produção não era própria, não me senti autorizado a fazer a edição. Enviei cópias à coordenação do evento, aguardando alguma orientação para edição, que não recebi, e parece que esse material nunca foi

editado. APAÊ Ó! Era o título que pretendia submeter à apreciação, uma clara corruptela do bordão vigente à época: OPAÍ Ó!

A partir destes documentários sobre o tema da inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais, fui convidado a participar do Núcleo de Apoio e Inclusão (NAI), da UESB, onde filmei e editei dois Seminários de Educação Inclusiva promovidos pelo NAI, orientei a confecção da logomarca e a direção de uma animação inclusiva. Especialistas de diversas universidades do país, do estado e da cidade, além de entidades da cidade, compartilhavam nestes seminários suas experiências, suas pesquisas, em palestras, cursos e entrevistas, o que por si só indicava um tipo de edição, a separação por tópicos que se articulam, e assim a dimensão autoral perde o sentido.

Documentei dois eventos específicos sobre Síndrome de Down ou do Cromossomo 21. Um foi promovido por uma clínica particular e trouxe um dos maiores especialistas em Síndrome de Down. Apresentei-me à diretora da clínica, falei de minha familiaridade com o tema e propus fazer um documentário sobre o evento. A primeira pergunta foi: qual o custo desse documentário? Nenhum, respondi, é uma atividade de extensão da UESB. Minha proposta foi aceita, registrei os depoimentos das profissionais de reabilitação motora, de psicologia e de nutrição – foco na alimentação com baixo consumo de carne vermelha – e da psicomotricista, a dona da clínica. Fiquei *camaradinho* do pesquisador palestrante após uma longa entrevista, que rendeu, além do documentário, um folheto explicativo sobre a Síndrome do Cromossomo 21 (SD21). Como estava sem cinegrafista e com um equipamento mediano, a maior dificuldade foi registrar a fala do palestrante num auditório lotado, mas cumpri com meu propósito e entreguei cópias à clínica, que as repassaria à sua clientela. A última filmagem, esta sem edição, foi o I Encontro de Síndrome de Down do Sudoeste da Bahia, coordenado por um grupo de extensão e pesquisa da UESB que acolhe crianças com SD21.

Se a primeira aproximação com a ACIDE ocorreu em 2005, com *Me empurra que eu te guio*, a partir de 2013 fui cada vez me aproximando mais da entidade e eles de mim. Em 2013 fui convidado para registrar os 25 anos de fundação da ACIDE, e produzi um documentário intitulado “*Uma só Mãe e muitos Pais*”, numa alusão à única fundadora e aos demais fundadores da entidade. Em 2018 me convidaram para a comemoração dos 30 anos, e daí resultou o documentário *Um minuto de palavras que vêm do coração*, depoimentos reconhecendo o papel da entidade na condução de suas

vidas. Durante o período da pandemia, no período de 23 de julho e 20 de agosto de 2020, um dos diretores da entidade, aluno e orientando de TCC, encaminhou, por solicitação, uma enquete a dez associados, para verificar o impacto da pandemia na vida de pessoas cegas. A mediação da UESB foi outra forma de ampliar esta aproximação, pois vários associados lá estudam ou já se graduaram, e foram atendidos por servidores capacitados e serviços especializados.

2.1. Uma visada panorâmica do documentário e do cinema

O gênero documentário tem como marco fundador *Nanook of the North*, de Robert Flaherty. Exibido em 1922, retrata uma aventura no norte glacial, em que o povo *inuit* revive o modo de caça à foca de seus antepassados. *Nanook*, como seminal documentário, brinca com a narrativa, como sugere Rabiger⁶ (2005), ao mostrar uma forma de caça às focas não mais praticada, intervenientes que atuam como personagens e não como a si mesmos e posicionamentos de câmera meticulosamente estudados, numa segunda filmagem, uma vez que a primeira carbonizou-se. Mas o termo documentário somente foi definido por John Grierson, seu primeiro teórico, em 1932, como *o tratamento criativo da realidade*, uma forma de produção audiovisual oriunda de um termo que aparenta solenidade, *documento*, no ambiente da vetusta BBC inglesa, onde trabalhava.

Para Lucena (2012), fazer documentários é uma forma de nos relacionarmos bem com o mundo, uma maneira de compreendê-lo e de entender nossa relação com ele, é uma nova forma de escrita, uma forma diferente de nos comunicarmos com o ambiente que nos cerca. Mourão (cit, 2005) nos indica um caminho: “*Como decidir que ângulo abordar? Isso vem do reconhecimento intuitivo do que é verdadeiro. É permitir que as coisas falem conosco porque o nosso filme vai nos dizer o que fazer se deixarmos que ele o faça*”. Penafria (cit) complementa: “*A estrutura narrativa implica saber contar uma história: organizar a estrutura dramática em cenas e sequências. A suportar tudo isso deve estar uma idéia a transmitir... constitui a visão do realizador*”.

Bogdan⁷(1994) cita Stott, que ao discutir o documentário como forma de expressão, nos anos 1930, sugere que uma dimensão importante dos documentos humanos reside na sua capacidade de expelir não só uma reação intelectual, mas

⁶RABIGER, M. in MOURÃO, M.D. & LABAKI, A. *O cinema do Real*. São Paulo: Cosac: Naify, 2005.p. 63.

⁷BOGDAN, R. e BLIKEN, S.K. *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora, 1994. Stott é citado em nota na página 80.

também emocional. Os documentos, sugere Stott, proporcionam um testemunho “de uma existência interior, de um eu privado”. Possivelmente este aspecto dos documentos pessoais, que os sociólogos de Chicago dos anos 1920 e 1930 consideraram como dados, criou grandes problemas aos investigadores em educação, particularmente preocupados com o rigor e com o caráter aparentemente irrefutável dos números. Se a quantificação era a pedra-de-toque científica, então este tipo de documento era suspeito.

Para Merleau-Ponty⁸, o cinema é uma arte fenomenológica, não é uma soma de imagens fixas, mas a percepção do *todo*, em primeiro lugar. Este *todo* percebido é uma forma temporal ou *unidade melódica* de som e imagem: o cinema é uma unidade temporal visual e sonora. A superação do dualismo Eu/Outro, percepção/mundo é realizada através de um corpo que expressa sua humanidade através do gesto. Que relação existe entre o corpo, o gesto e o mundo? Para Merleau-Ponty não há uma divisão entre o que olha e o que é olhado, entre o que sente e o que é sentido (1997, 21). Ocorre uma mudança de percepção com o cinema, quando o olhar que vê se compreende como visível, em que ver é ser visível. “O que temos de compreender é o modo como, de um ponto de vista fenomenológico, fazemos este preenchimento, esta constituição excessiva dos dados da percepção aqui e agora, não só no mundo mas também no filme”. Diegese é a ficção que nos dá a impressão de realidade, de um ponto de vista natural, não fenomenológico; a projeção de um filme não difere da forma de acesso ao mundo: algo aparece, algo é percebido e alguém percebe. Existe um conflito entre entendimento e percepção. Na conferência de Merleau-Ponty o cinema surge como uma arte fenomenológica, no sentido de que a fenomenologia da percepção ajuda a compreender a percepção cinematográfica e toda a construção visual que aí ocorre.

Em *O Cinema e a Nova Psicologia*, Merleau-Ponty⁹ tece relações entre o choque perceptivo da tecnologia do cinema e a percepção da fenomenologia.

“Sabe-se, há muito, que alguns cegos chegam a exprimir as cores que não vêm por meio dos sons que escutam. (...) Cézanne dizia que era possível enxergar o aveludado, a dureza a maciez e mesmo o odor dos objetos. Minha percepção, então, não é uma soma dos dados visuais, táteis ou auditivos;

⁸VIEGAS, Susana (2010). **Olhar e memória na percepção cinematográfica**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)

⁹Maurice Merleau-Ponty. O cinema e a nova psicologia. (Síntese, pp.105-116) In: Xavier, Ismail (org.). A Experiência do Cinema. Graal, 1983. Edisciplinas.usp.br

percebo de modo indiviso, mediante meu ser total, capto uma estrutura única da coisa, uma maneira única de existir, que fala, simultaneamente, a todos os meus sentidos”. (...) “A permanência das cores e dos objetos não é, então, construída pela inteligência e, sim, captada pelo olhar, na medida em que este abarca ou adota a organização do campo visual. (...) Quando percebo, não imagino o mundo: ele se organiza diante de mim”. “A percepção não é uma espécie de ciência em embrião ou o exercício inaugural da inteligência. Precisamos reencontrar uma permutabilidade com o mundo e uma presença, nele, mais antiga do que a inteligência. (...) O sentido de uma imagem depende daquelas que a precedem e a sucessão delas cria uma nova realidade em ritmo cinematográfico, constituído pela montagem e ordenação dos ‘planos’ e uma duração tal que o todo produza a impressão desejada com o máximo de efeito. Na parte sonora de um filme existe um ritmo composto de sons, palavras e ruídos, e comporta uma organização interna por seu criador, que tem como antepassado a montagem radiofônica e não o fonógrafo”. (...) “A voz, o perfil e o temperamento formam um todo indivisível que compõe a personagem, enquanto a alternância de palavras e silêncios busca dar maior efeito às imagens”. (...) “O cinema, a psicologia e a filosofia contemporâneas nos apresentam a consciência lançada no mundo, submetida ao exame de outras e, através delas, conhecer-se a si própria”. (...) “Uma boa parte da filosofia fenomenológica ou existencial consiste na admiração desta inerência do eu ao mundo e ao próximo, em nos descrever esse paradoxo e essa desordem, em fazer *ver* o elo entre o indivíduo e o universo, entre o indivíduo e os semelhantes, ao invés de *explicar*, como os clássicos, por meio de apelo ao espírito absoluto. Pois o cinema está particularmente apto a tornar manifesta a união do espírito com o corpo, do espírito com o mundo, e a expressão de um, dentro do outro”. (...) “... não devemos dizer que o cinema provém da filosofia,... é uma invenção técnica, ...nem que essa filosofia provém do cinema e o traduz no terreno das idéias.... porque o filósofo e o cineasta têm em comum um certo modo de ser, uma determinada visão de mundo que é aquela de uma geração, uma ocasião ainda de constatar que o pensamento e a técnica se correspondem e que, segundo Goethe “o que está no interior, também está no exterior”.

3. Como me envolvi fenomenologicamente com o mundo da vida dos cegos a partir da ACIDE

Uma familiaridade cada vez maior com os associados e com ACIDE me levou a cogitar tratar os cegos, a cegueira e a entidade como objetos de pesquisa, a partir de 2017. Trouxe questionamentos que o senso comum gostaria de saber sobre a cegueira e o *modo de viver* de pessoas cegas, tais como: compreender como pessoas privadas do sentido da visão percebem a luz e a cor, como acessam suas memórias, lembranças e recordações, como sonham, como se relacionam com seus pares, como aprendem a utilizar os demais sentidos para conquistar sua autonomia e superar a deficiência, qual sua relação com as tecnologias assistivas (bengala, braile, leitores de tela de computador...). A partir daí formulei minhas primeiras perguntas de pesquisa: Como os cegos percebem as cores? Como ocorre a lembrança em pessoas cegas? Como sonham os cegos? Como interagem em seu cotidiano? Levei a proposta de fazer entrevistas filmadas com associados da ACIDE para esta investigação, fui prontamente atendido, e os primeiros depoimentos foram colhidos em novembro de 2017. A partir da coleta destes dados notei a riqueza que é mergulhar num tema tão fascinante e tive a confirmação da pertinência de investigar o *mundo da vida* dos cegos, saber como se recordam das lembranças, como sonham, como interagem com o mundo, em sua vida cotidiana, como se dá a interação com outros deficientes e com os *videntes*.

3.1. Vivências Intersubjetivas em pessoas cegas ou com deficiência visual

A partir das vivências com associados da ACIDE e de leituras pude perceber que cegueira é tanto um *estado* como uma *condição*, que há formas distintas em que se manifesta e em cada uma delas existe uma forma diferente de se experimentar este fenômeno: há aqueles que nasceram com a cegueira, os que a adquiriram de forma abrupta, por trauma, e os que foram progressivamente perdendo a capacidade da visão devido a uma doença ou acidente. Cegos nascituros nunca viram um pôr de sol, mas entendem a partir de palavras ouvidas o que as coisas do mundo podem significar, e

através de percepções outras sentem as conexões orgânicas dos sentidos, como aparece nos depoimentos obtidos¹⁰. Jailson nasceu cego: *Quando nasci eu só via vulto, só me lembro do preto e do branco. As imagens não têm muita influência na minha vida.... é mais o tocar, o sentir, ... as falas dos amigos... o cheiro. Os outros sentidos me dão essa possibilidade de sentir e perceber de outras formas o mundo.*

Uma noção teórica sugerida durante esta investigação, a existência de *outras vidências*, parece mostrar-se pertinente à experiência de pessoas cegas de nascença, e quiçá possa ser incorporada ao conceito de *mundividência tátil*, elaborado por Joana Belarmino¹¹ (2008), e traduzido por *tactognose*, por sugestão de seu orientador de tese. Ela utilizou os aportes teóricos da fenomenologia e das ciências cognitivas e neurolinguísticas, para dar conta de um aparelho sensório-motor dependente de um modo tátil de pensar/perceber, e dos vieses psicológicos e fenomenológicos que reabilitam a premissa da diferença para extrair duas idéias-chave: a idéia de confluência dos sentidos e a da sua diferença, e a possibilidade de construir um diálogo entre o código tátil e o código da visualidade, uma *fala tátil*, corporal e simbólica, que se estrutura a partir do detalhe, da proximidade, do toque, da cinestesia. O conceito emergiu de uma experiência cotidiana de Joana, cega de nascença, que aos quatro anos brincava no quintal quando percebeu o calor das pedras se refletindo em seu rosto. Como ainda não compreendia a diferença entre ver e o não-ver, traduziu esta experiência como algo parecido com a expressão *Eu vejo! Eu vejo!* Esta sensação durou até levantar a cabeça abaixada e bater numa pedra. O desconhecimento do ato de ver foi traduzido por ela, anos mais tarde, como *mundividência tátil* ou percepção por proximidade, em que os objetos tangíveis ao tato geram uma espécie de *presença*, que pode comunicar-se, sobretudo, à face.

Teve outras experiências: aos cinco anos Joana atritava pedaços de pedras somente para sentir aquele cheirinho das faíscas, pesava a terra entre suas mãos de menina, sentia o vento a anunciar a chuva e se perguntava como chovia, como fazia sol, como ventava. Esta segunda evocação Joana chamou de *palpação do intangível*, um processo que brotava do interior, uma espécie de simbolização dos fenômenos não

¹⁰Duarte, José Carlos. Entrevistas filmadas com associados da ACIDE Associação Conquistense de Integração de Deficientes – em 3 a 5 de novembro de 2017.

¹¹Sousa, Joana Belarmino. *O que percebemos quando não vemos?*(síntese) Colóquio “Ver e Não-Ver”, Instituto Benjamin Constant. Rio de Janeiro, 2008. pp. 179-184

tangíveis ao tato. Na falta da experiência da visualidade uma *fala tátil* brotava em símbolos que adquiriam substância, fenômenos impalpáveis podiam ser comandados pela imaginação: criava gavetas mentais que podiam abrigar a chuva, o sol, o vento e assim os podia tocar, comandar. “O perceber dentro do não-ver exhibe... uma transação permanente entre o corpo, o espaço e os eventos do mundo,... envolvendo o contato com a experiência, os fenômenos do mundo, e uma aparelho neurosensório-motor crucialmente dependente de um modo tátil de pensar/perceber... que chamei de “mundividência tátil”.

Quando a cegueira ocorre na infância, a criança constrói uma relação com o mundo de forma diferenciada, avalia Araújo (2006).¹² Rosa lembra que morava numa vila, em Niterói, tinha sete anos, brincava com suas amiguinhas e conta que *foram as crianças que se adaptaram a mim: se era pra brincar de pega pique, elas ficavam batendo palmas, e eu corria para pegar. Lá eu nunca escutei a palavra cega*. Lucinéia, 36 anos, disse que *não tinha idéia do que era ver e não ver, porque todo mundo era igual a mim; se as meninas brincavam de bola, eu brincava, se ia passear, eu ia, se corriam de velocípede, eu corria, então pra mim não tinha diferença entre eu e os outros*. Araújo recorre a Gazzaniga (2006)¹³ para mostrar que pesquisas com cegos congênitos e que perderam a visão antes dos cinco anos sugerem uma reorganização nas funções cerebrais, levando a crer que o córtex cerebral é reaproveitado pela função tátil, reafirmando a plasticidade cortical. Revela Sacks¹⁴ (2010) *que o uso constante de um dedo ao se ler em braille leva a uma enorme hipertrofia da representação desse dedo no córtex*.

Para Serres¹⁵ o tato é o sentido mais privilegiado, pois se espalha por todo o corpo através da pele, o véu que nos reveste. Pode acessar o objeto não visto, apenas tocando-o, ao mesmo tempo em que convida o corpo a perceber o rugoso, o liso, a profundidade das formas, o contorno. A visão fornece uma presença, mas não o som: *o olhar nos deixa livres, a audição nos cinge; quem se livra de uma cena abaixando as*

¹² ARAÚJO, Sandra S.M. *Narradores do Sensível: estudo sobre o imaginário e a cegueira na cidade do Recife*. 2006. Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Tese de doutorado que estuda a relação entre o imaginário e a cegueira, a partir da prática cotidiana de cegos e de como percorrem o *trajeto antropológico*: a troca incessante ao nível do imaginário entre pulsões subjetivas e assimiladoras e intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social, que se retroalimentam na relação Entre-Saberes e busca superar as oposições entre natureza e cultura, cegueira e visão, objetivo e subjetivo.

¹³ Gazzaniga, Michel. *Neurociência cognitiva: a biologia da mente*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

¹⁴ Sacks, Oliver. *O olhar da mente*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2010

¹⁵ Serres, Michel. *Os cinco sentidos: filosofia dos corpos misturados*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001

pálpebras, cobrindo os olhos com as mãos,... não consegue se livrar de um clamor...A visão é local, a audição é global, o som não conhece obstáculos. O olfato e o paladar exaltam a relação natureza-cultura: o homem degusta os alimentos, sente os odores das coisas ao seu redor e lhes atribui significados, e a cultura é a responsável pelo refinamento do gosto, pela preferência por certos cheiros, sabores e alimentos.

Araújo diz que sentir com os sentidos é uma interpretação individual que mobiliza prazeres e afetos. Bachelard¹⁶ (1997) entende que o olho vê a paisagem e os demais sentidos do corpo percebem a presença dos elementos invisíveis, porque a matéria não é compreendida pela visão. Os outros sentidos participam da contemplação e do aprendizado e junto à imaginação atribuem conceitos e significados aos sentimentos. O encontro dos impulsos da novidade com aqueles que escavam o fundo do ser potencializa a tensão entre o prazer e o desprazer, o belo e o feio, o bem e o mal. As forças imaginantes do indivíduo usam os sentidos do corpo para experimentar as coisas do mundo e construir as suas preferências. Casa coisa provoca um sentimento e desperta uma percepção. A experiência tátil compreende as sutilezas dos elementos concretos, como a da brisa que acaricia a pele, e sonoro é o efeito produzido no encontro da água com o vento.

Por outro viés, o olhar, para Merleau-Ponty ¹⁷(2007) é um sobrevôo sobre as coisas visíveis, uma apalpação do olho sobre o entorno. Para ver é preciso pertencer a esse mundo sensível, por meio do corpo ver e ser visto, tocar e ser tocado. É preciso estar na ordem do sujeito e do objeto e envolve o visível e o invisível porque um é o avesso do outro, se complementam. O visível é esse mundo tangível que nos rodeia, os seres, as coisas, a natureza, compreendidos mediante o invisível que se expressa no som, na linguagem, no significado, que revela-se na intersecção das experiências do ser com o meio e com outros seres, pela engrenagem de uns com os outros.

Os cegos por doença tiveram na visualidade uma forma de perceber as coisas e as cores do mundo, mesmo que de forma imperfeita e carregam uma memória visual difusa. *Às vezes as pessoas perguntam: como você enxerga, Fernando? como é isso? é tudo preto? é tudo cinza? É uma coisa acinzentada, sem cor definida, como o negativo de uma fotografia. Mas só quando paro pra pensar é que tenho essa noção de cor.* Para

¹⁶Bachelard, Gaston. **A água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

¹⁷ Merleau-Ponty. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

Arcanjo a cor parece esmaecer com o tempo, *ela vai mais descorando, porque tem a real, que eu via naquela época, e na imaginação voltam imagens que eu tinha captado naquele período. Mas o tempo vai passando e vai perdendo a originalidade, a nitidez.* Para Tiago a cor que percebe *É preto, preto, preto! Sabe o preto de quando você está na escuridão, escuro, escuro, pois é! A princípio dá um medo, depois você se adapta a ele. No começo pra mim foi difícil, quando eu era pequeno quase entrei em depressão e tudo, mas fui adaptando.*

A perda da visão por doença pode ser percebida de uma forma mais serena, quando ocorre de forma gradativa, como se nota na *conversa* de Jorge Luis Borges (2012) com o *Outro: Quando você chegar à minha idade, terá perdido a vista quase por completo. Verá a cor amarela e sombra e luzes. Não fique preocupado. A cegueira gradual não é uma coisa trágica. É como um lento entardecer de verão. Despedimo-nos sem nos haver tocado.*¹⁸

Ou com Alberto Manguel, em **Borges apaixonado**, com esta narrativa (p.56)

Às vezes, pedia-me que o acompanhasse ao cinema: era uma experiência estranha sentar ao lado do velho cego e narrar o filme de forma casual, como se estivesse simplesmente comentando a trama e a fotografia. Aprendi depressa que Borges não gostava de um relato direto do que estava acontecendo na tela, e eu tinha que inventar circunlóquios, tais como: “Ele parece tão ameaçador, o jeito como ele entra na sala”, ou “Uma panorâmica como esta sobre a cidade é muito eficaz, não acha?”, enquanto o *chhh* em volta ficava mais raivoso e alto, como um vento ameaçador.(...) Depois, voltávamos a pé para seu apartamento, e Borges, que gostava de relembrar, descrevia a cidade como era no tempo em que podia ver, contando histórias de arruaceiros em bares escuros de esquinas perigosas onde agora se erguiam, invisíveis para ele, as torres de vidro do Sheraton Hotel e a butique da última moda.¹⁹

A aquisição da cegueira abrupta, por trauma ou doença, pode produzir um estado de luto que precisa ser enfrentado e vencido para produzir um renascimento. Martins²⁰(2011) narra a experiência de Rui, que viveu um luto de dois anos até realizar a reabilitação, período em que criou um bordão: *Morri e voltei a nascer*. Como lhe disse um senhor na Casa do Povo, em Portugal: *A vida é assim, agora vais ter que te habituar a viver de outra maneira*. Rui tornou-se dirigente regional da ACAPO, instituição semelhante à ACIDE, com sede em Lisboa. A desestruturação relacionada à

¹⁸BORGES, Jorge Luis. **O livro de areia**. São Paulo: Midiafashion, 2012. p. 14.

¹⁹MANGUEL, Alberto. **No bosque do espelho**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

²⁰Martins, Bruno. **Lugares da Cegueira: Portugal e Moçambique**. Universidade de Coimbra. 2011.(tese de doutorado)Depoimento extraído .

transgressão do próprio corpo tem como contraparte instrutiva a capacidade dos sujeitos reconverterem o sentido das suas vidas, inovando expectativas, prioridades e realização pessoal. Criam metáforas de ressignificação existencial, em que cada sujeito busca o aspecto mais significativo.

4. O Olho, a Visão, o Mundo dos Cegos e seus Intérpretes na História do Ocidente

Para adentrar no universo dos cegos e do significado da cegueira apresenta-se uma trajetória panorâmica da cegueira na história do Ocidente e no Brasil, assim como elenca os significados atribuídos a pessoas cegas e à visão, além de mostrar dados sobre a cegueira e como funciona clinicamente o globo ocular.

Para a Fundação Dorina Nowill²¹, a deficiência visual atinge 3,5% da população brasileira: 530.000 pessoas são incapazes de enxergar (cegos) e mais de seis milhões possuem baixa visão ou visão subnormal (grande e permanente dificuldade de enxergar), segundo dados do IBGE-2010. O portal G1²² informa que a cegueira afeta 39 milhões de pessoas no mundo e que 246 milhões sofrem de perda moderada ou severa da visão, a partir de dados fornecidos pela Organizacional Mundial da Saúde (OMS). No Brasil, o Conselho Brasileiro de Oftalmologia (CBO), a partir de dados do IBGE, calcula que 1.570.000 de indivíduos sejam cegos, o equivalente da 0,75% da população nacional, e que para cada indivíduo cego existem 3,4 com baixa visão. O CBO informa que os padrões globais da cegueira diferem entre os países e é possível associar sua prevalência às condições econômicas e de desenvolvimento humano, pois quase 90% dos casos de cegueira estão em locais de baixa e média renda. Dá como exemplo a catarata, com índice de 5% em economias de mercado estabelecidas e chega a 50% nas regiões mais pobres do mundo. As três principais causas da cegueira no Brasil e no mundo são doenças que acometem, sobretudo, os idosos: catarata, glaucoma e degeneração macular, seguida de retinopatia diabética.

Acuidade visual é a capacidade de reconhecer objetos a diferentes distâncias, enquanto o campo visual mede a amplitude do alcance do olhar, como a visão central e

²¹ Fundação Dorina Nowill. (1946- SP). Instituição sem fins lucrativos que atua em programas de avaliação, diagnóstico, educação, reabilitação e inclusão social de deficientes visuais. Entrega milhões de páginas em Braille e digitalizadas por ano. A Agência Brasil informa dados semelhantes em 2019: 580 mil cegos e seis milhões e meio com deficiência visual. Estes dados divergem dos 1.570.000 cegos e 5.330.000 deficientes visuais estimados pela CBO.

²²Portal G1: Ciência e Saúde (16/06/2019) **Cegueira afeta 39 milhões de pessoas no mundo**. Fonte BBC News.

a periférica. Há 5 categorias de deficiência visual: os graus 3, 4 e 5 definem diferentes tipos de cegueira: parcial, legal e total, respectivamente. Apenas no tipo total o indivíduo não possui nenhuma percepção de luz.

A cegueira ou tiflose, segundo a Organização Mundial de Saúde, corresponde a uma acuidade visual igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com melhor correção ótica.²³O olho humano é composto por um conjunto complexo de elementos que atuam de forma específica para que ocorra o ato de olhar, ver ou enxergar. Ao entrar no olho, a luz passa através da córnea e do cristalino, antes de chegar à retina. A formação da imagem depende da quantidade de luz que entra pela pupila, através da íris, que se dilata em um ambiente de escuridão e diminui à luz do sol. A persistência da imagem na retina se dá quando, logo após um clarão luminoso que dure um milionésimo de segundo, o olho vê uma imagem de luz que perdura por aproximadamente um décimo de segundo. A duração da imagem é o intervalo de tempo em que a retina permanece estimulada após o clarão. A persistência das imagens na retina permite a fusão de imagens intermitentes, como quando se assiste a um filme, projetado na frequência de 16, 24 ou 30 imagens por segundo. A imagem retiniana persiste durante o intervalo de tempo compreendido entre duas imagens sucessivas, o que dá ao espectador a impressão de estar vendo algo contínuo.

O segundo mecanismo é a adaptação neural, que envolve os neurônios nos estágios sucessivos da cadeia visual, na própria retina e no cérebro. Como cada olho oferece imagens de um ângulo diferente, o cérebro acaba recebendo duas imagens completamente díspares. Quando as une, numa impressão visual única, esta disparidade gera um efeito tridimensional. Esse fenômeno só é possível em virtude da mistura de informações das duas retinas, promovidas pelas fibras do nervo óptico. A percepção de profundidade depende da visão binocular. Objetos situados no campo visual de apenas um olho estão na zona monocular e são vistos em duas dimensões. As informações monoculares dos dois olhos se unem no córtex para nos dar uma visão binocular do nosso ambiente.

²³MOTA, Marina Alves. **O seguinte olhar**: estudo de caso de um processo criativo em dança com uma bailarina deficiente visual. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará. Belém. PA. 2013. Síntese.

4.1. A cegueira e a visão subnormal.

O termo deficiência visual refere-se a uma situação irreversível de diminuição da resposta visual. A ausência total da resposta visual é denominada cegueira. A cegueira total pressupõe completa perda de visão - nem a percepção luminosa está presente. A diminuição da resposta visual pode ser leve, moderada ou profunda, compondo o grupo denominado de visão subnormal ou baixa visão. Visão subnormal caracteriza a pessoa que conserva resíduos de visão, a vista se apresenta embaçada, apenas distingue vultos, a claridade ou objetos a curta distância: é a incapacidade de enxergar com clareza suficiente para contar os dedos da mão a uma distância de três metros, à luz do dia. É uma perda visual severa que não pode ser corrigida por meio de tratamento clínico, cirúrgico ou utilização de óculos convencionais. Quanto à idade em que se inicia, a deficiência pode ser definida como congênita ou adquirida. Quem nasce com o sentido da visão, perdendo-o mais tarde, mantém muitas vezes suas memórias visuais, consegue se lembrar das imagens, luzes e cores que conheceu e isso é muito útil para sua readaptação. Quem nasce sem a capacidade de visão jamais pode formar uma memória visual, possuir lembranças visuais, embora seja capaz de distinguir texturas e formas, pela sensibilidade tátil.

As causas da deficiência visual podem ser infecciosas, nutricionais, traumáticas ou causadas por doenças, como a catarata. Há também causas genéticas e degenerativas, congênitas ou adquiridas. São causas congênitas a má formação ocular, glaucoma congênito, catarata congênita, retinose pigmentar. As causas adquiridas podem ocorrer a partir de traumas oculares, catarata, degeneração senil de mácula, glaucoma, alterações retinianas relacionadas à hipertensão ou diabetes. Ser deficiente visual é ter uma percepção do mundo prejudicada, pois é estimado que, para o vidente, 80% da percepção sobre o mundo é visual.

Através dos sentidos do tato, da audição, do cheiro e do gosto a pessoa com deficiência conhece o universo que a rodeia, reconhece a diferença entre os seres e percebe as nuances existentes no espaço. A percepção desdobra-se através dos nossos diversos sentidos: as imagens das coisas percebidas podem ser de caráter visual, auditivo, tátil, gustativo. A sinestesia é a relação subjetiva que se estabelece espontaneamente entre uma percepção e outra, que pertença ao domínio de um sentido diferente, como um perfume que evoca uma cor, um som que evoca uma imagem.

4.2 A visão na Grécia clássica, na mitologia Yoruba e numa lenda amazônica

O filósofo Aristóteles²⁴ não se limitou a definir os sentidos humanos como estabeleceu uma hierarquização desses sentidos, e defendia ser a visão o sentido mais primorosamente desenvolvido e mais relevante às necessidades da vida, colocando-a no topo da sua hierarquia dos sentidos, seguida da audição e do olfato. O próprio Platão consagra a hegemonia da visão, na célebre alegoria da caverna, em que estabelece uma cisão entre o mundo sensível e o mundo inteligível. A visão emerge no mito tanto como representação metonímica de um envolvimento com o mundo sensível como metáfora para o conhecimento das ideias e da verdade. A afirmação de que a relação sensorial da visão com o mundo pode ser ilusória, em contraponto às construções fundadas em ideias, não impediu Platão de celebrar a visão como fonte de singulares privilégios e de a reconhecer como imprescindível à filosofia, a maior dádiva dada pelos deuses ao homem mortal.

As narrativas míticas de Tirésias e Édipo apresentam a tiflose²⁵ como um castigo diante da descoberta de um segredo. Esta temática se repete na mitologia dos Orixás, em que Ajé Xalugá segue seu pai Olocum, disfarçada de *espuma borbulhante que brilhava ao sol tão intensamente que o brilho às vezes cegava as pessoas que olhavam. Um dia Olocum disse à filha caçula:*

O que dás para os outros tu também terás, serás vista pelos outros como te mostrares. Este será o teu segredo, mas saiba que qualquer segredo é sempre perigoso". Na vez seguinte em que Ajê Xalungá saiu das ondas, acompanhando, disfarçada, as andanças de Olocum, seu brilho era ainda maior, porque maior era o seu orgulho, agora era detentora do segredo. Muitos homens e mulheres olhavam admirados o brilho intenso das ondas do mar e cada um que olhou o brilho ficou cego. Sim, o poder cegava os homens e as mulheres. Mas quando Ajê Xalungá também perdeu a visão ela também entendeu o sentido do segredo.

Mota (cit., 84-85) utiliza *A Lenda do Guaraná*, imbuída do imaginário amazônico, como ponto de partida para a criação de um espetáculo de dança a ser encenado por pessoas cegas. Esta narrativa discorre sobre duas origens a partir dos olhos: a planta do guaraná e a tribo *Maué*. A cegueira aparece como castigo, mas também como redenção,

²⁴Martins, Bruno. Lugares da Cegueira. Universidade de Coimbra. 2011.(Tese)

²⁵Araújo, cit. Tiflose é sinônimo de cegueira. Cita Prandi, 2001. Mitologia dos Orixás. S. P., Cia das Letras, 2001.

Onhiamuaçabê era Dona do Moçoquém, um lugar encantado no qual havia plantado uma castanheira. A moça não tinha marido, porém todos os animais da selva a queriam por esposa. No entanto, os irmãos a queriam sempre em sua companhia, porque era ela quem detinha o conhecimento de todas as plantas com que preparava os remédios de que precisavam. Um dia uma cobrinha que queria Onhiamuaçabê como esposa, passou a espalhar pelo caminho por onde a moça passava todos os dias, um perfume que alegrava e seduzia. Assim, a cobrinha, espreitando Onhiamuaçabê, tocou-a, levemente, numa das pernas. Isto bastou para que a moça ficasse prenhe, porque, antigamente, uma mulher, para que isso acontecesse, bastava ser olhada por alguém, homem, animal ou árvore, que a desejasse por esposa. Quando a moça apareceu prenhe, os irmãos ficaram furiosos. E falaram que não queriam vê-la com filho. A criança nasceu. Era um menino bonito e forte. E cresceu forte e bonito até a idade de falar. Então o menino desejou comer frutas, as mesmas frutas de que os tios gostavam. A moça contou ao filho que, antes de o sentir nas entranhas, plantara no Noçoquém uma castanheira, para que ele comesse os frutos, mas que os irmãos, expulsando-a da companhia deles, se apoderaram daquele lugar. Além disso, os irmãos da moça tinham entregado a Noçoquém à guarda da Cotia, da Arara e do Periquito. O menino, porém, insistia a pedir a Onhiamuaçabê que lhe desse a comer a mesmas frutas que seus tios comiam. Um dia, então, a moça, resolveu levar o filho ao Noçoquém para que ele comesse castanhas. O menino, já conhecendo o caminho do Noçoquém, tornou a ir lá no dia seguinte. Os guardas do Noçoquém, que tinham ido adiante, com ordens de matar quem ali encontrassem, viram o menino subir, às pressas, a castanheira. Sentindo falta do filho, Onhiamuaçabê, que já havia se posto a caminho, para buscá-lo, ouviu-lhe os gritos. Correu na direção do filho, mas já o encontrou morto. Onhiamuaçabê, chorando e gritando sobre o cadáver do filho, disse:

- Está bem, meu filho. Foram os teus tios que mandaram te matar. Eles pensavam que tu ficarias um coitadinho, mas não ficarás.

Arrancou-lhe primeiro o olho esquerdo e plantou-o. A planta, porém, que nasceu desse olho não prestava: era o falso guaraná (uaraná-hôp). Arrancou-lhe, depois, o olho direito e o plantou. Desse olho nasceu o guaraná verdadeiro (uaraná-cécé). E, continuou a falar com o filho:

- Tu, meu filho, tu serás a maior força da Natureza (Hánêréá). Tu farás o bem a todos os homens. Tu serás grande. Tu livrarás os homens de umas moléstias e os curará de outras.

Em seguida juntou os pedaços do corpo do filho. Mascou as folhas de uma planta mágica (upip-aypoc) lavou o cadáver o do filho e o enterrou. Cercou-lhe a sepultura com estacas e deixou o Caraxué como guarda, vigiando-a. Passados alguns dias, Caraxué, ouvindo barulho na sepultura, correu, correu, e foi avisar Onhiamuaçabê. A mulher veio, abriu o buraco da sepultura e de dentro dele saiu um Quatá. Onhiamuaçabê soprou sobre o Cuatá e o amaldiçoou: andaria sem repouso pelos matos. Fechou de novo a sepultura e lançou-lhe em cima o sumo das folhas do upip-aypoc, que mastigara, lavando o cadáver. Dias depois, o Caraxué foi avisá-la de que ouvira um barulho na sepultura do menino. A moça veio, abriu o buraco da sepultura e dele saiu o Cachorro-do-mato, depois o Caiarara. Ela o soprou e o amaldiçoou, para que ninguém o comesse. (À proporção que saía um bicho da sepultura do menino e era expulso, a planta do guaraná ia crescendo, crescendo). Passados alguns

dias, o Caraxué ouviu o barulho na sepultura e foi avisar Onhiamuaçabê. Ela veio de novo, abriu a sepultura e dali saiu uma criança (seu filho, ressuscitado). Que foi o primeiro Maué, origem da tribo.

4.3 A cegueira ao longo da história²⁶.

A história da pessoa com deficiência varia de cultura para cultura e reflete crenças, valores e ideologias materializadas em práticas sociais. Apresenta-se como um fenômeno construído socialmente, em que ser ou estar *deficiente* é quase sempre relativo a outras pessoas que são consideradas sem *deficiências* (Amiralian, 1986; Higino, 1986; Amaral, 1994; Bruns, 1997; Dall'Acqua, 1997). A ocorrência da cegueira e seus diferentes significados inserem-se na própria história da humanidade, e as atitudes para com as pessoas cegas variam em função da organização social à qual estão submetidas. A pessoa cega tem sido excluída do meio social e os estigmas fazem-se presentes nos grupos minoritários (Goffman, 1982; Amiralian, 1986; Amaral, 1994; Anache, 1994; Brasil, 1994b). Em grande parte das sociedades primitivas pessoas enfermas e com deficiência eram mortas ou expostas a riscos de confronto com animais ferozes ou tribos inimigas, e o infanticídio das crianças que nasciam cegas e o abandono dos que haviam perdido a visão na idade adulta eram procedimentos freqüentes. (Lowenfeld, 1974; Mecloy, 1974; Vash 1988; Amaral, 1994). Acreditava-se que as pessoas cegas eram possuídas por espíritos malignos e manter relação com elas convertia-se em temor religioso, significava se relacionar com um espírito mau que a pessoa cega levava em si, o estigma do pecado cometido por ela, por seus pais, avós ou por algum membro da tribo. (Mecloy, 1974).

Nos tempos atuais, em Moçambique, Martins (2011) recolheu entendimentos assemelhados ao dessas comunidades tradicionais. Numa série de entrevistas com pessoas providas dos mais diversos recantos do território moçambicano, ficou expressa a existência de uma heurística dominante segundo a qual a causalidade da cegueira invariavelmente remete para a feitiçaria, para dinâmicas sócio-espirituais. Pode dizer que das cerca de 100 histórias de vida que recolheu junto de pessoas cegas durante a sua permanência em Moçambique, mais de 90% dão conta de interpretações sócio-

²⁶FRANCO, J. R. e DIAS, T.R A Cegueira ao longo da História. 2008. (Síntese) Este artigo foi encontrado, a partir de uma busca casual sobre o tema da cegueira, no site “Sobre a Deficiência Visual”, onde estão catalogados 414 títulos, seleções de fragmentos de textos - de literatura e produção científica - que envolvem o tema da cegueira. Acessado em 31 de julho de 2020.

espirituais na origem da cegueira. São instrutivas acerca das gramáticas de entendimento da cegueira, percebida como o resultado de dinâmicas sócio-espirituais definidas por uma compreensão em relação ao papel desempenhado pela intervenção dos espíritos no mundo dos vivos. Esta percepção acerca das causas da cegueira surge tanto nas heurísticas sociais e familiares (quando se trata da cegueira de uma criança), como nas convicções do indivíduo vitimado pela cegueira. Assim, a pessoa cega pode herdar as convicções de causalidade que lhe foram transmitidas pelos pais, ou constituir as suas próprias hermenêuticas da suspeita acerca das razões da cegueira, mediação interpretativa normalmente efetuada com o recurso à medicina tradicional.

Retornando à dinâmica da história, nos povos hebreus o homem de qualquer família, fosse este coxo, cego, corcunda, ou tivesse um pé ou mão quebrada, era considerado indigno, detentor de poderes oriundos dos demônios, cujas impurezas e pecados se expressavam pelas *marcas*, sinais corporais que cristalizariam a evidência de maus espíritos (Rocha, 1987; Carmo, 1989; Amaral, 1994; Bruns, 1997). Na Grécia Antiga os recém-nascidos com deficiência eram colocados em uma vasilha de argila e abandonados. Em Esparta, onde o cidadão pertencia ao Estado, os pais tinham o dever de apresentar seus filhos perante os magistrados em praça pública; as crianças com deficiências eram consideradas sub-humanas, o que legitimava sua eliminação ou abandono, assim como em Roma. (Lowenfeld, 1974; Mecloy, 1974; Pessoti, 1984; Amiralian, 1986; Rocha, 1987; Amaral, 1994; Amaral, 1995; Bruns, 1997).

Durante a Idade Média, a cegueira foi utilizada como castigo ou como um ato de vingança. No século XI, Basílio II, imperador de Constantinopla, depois de ter vencido os búlgaros em Belasitza, ordenou que fossem retirados os olhos de seus quinze mil prisioneiros e os fez regressar à sua pátria. Porém um, em cada cem homens, teve um olho conservado para que pudesse servir de guia aos outros noventa e nove (Mecloy, 1974). Em 1260, Luís XIII fundou, em Paris, o asilo de *Quinze-Vingts (Trezentos)*, a instituição mais importante da Idade Média destinada exclusivamente a cegos, com o objetivo de atender trezentos soldados franceses que tiveram seus olhos arrancados pelos sarracenos durante as Cruzadas, mas que ofereceu atendimento também a outros cegos franceses. (Lowenfeld, 1974; Mecloy, 1974; Veiga, 1983; Rocha, 1987).

Com o fortalecimento do Cristianismo elevou-se a pessoa humana à categoria de valor absoluto e todos os homens passaram a ser considerados filhos de Deus. O

Evangelho dignifica o cego e a cegueira deixa de ser um estigma de culpa, de indignidade e transforma-se num meio de ganhar o céu, tanto para a pessoa cega quanto para o homem que tem piedade dessa pessoa (Mecloy, 1974; Pessoti, 1984; Amiralian, 1986; Silva, 1986; Rocha, 1987; Amaral, 1995). A pessoa com deficiência, com o status de ser humano, de criatura de Deus, tem significado teológico paradoxal: era uma eleita de Deus ou uma espécie de expiadora de culpas alheias? Era uma aplacadora da cólera divina a receber a vingança celeste, como um pára-raios de uma aldeia? Se tinha uma alma, mas não tinha virtudes, como podia ser salva do inferno? Era mesmo uma cristã? (Pessotti, 1984; Amaral, 1995). A Inquisição sacrificou como hereges ou endemoninhados milhares de pessoas, entre elas, pessoas com deficiência (Kamen, 1966; Dall'Acqua, 1997).

4.4. Cegos e Cegueira em Tempos Modernos

O estado de desatenção e menosprezo a que eram relegadas pessoas cegas e com deficiência começou a modificar-se com o advento do mercantilismo e do capitalismo comercial, no século XVI. A revolução copernicana e galilaica deslocaram a Terra e colocara o Sol como o centro do nosso universo planetário, enquanto o homem passou a ser a medida de todas as coisas, advindo daí uma postura humanista, a abalar os dogmas divinos ciosamente guardados pela Igreja. O desejo de mudança e de ruptura com a tradição provocou cisões na base doutrinária do cristianismo e, no campo político, a constituição dos Estados Nacionais, que reivindicaram autonomia religiosa, política, cultural e econômica. As correntes filosóficas do Racionalismo (*penso, logo existo*) e do Empirismo (vem da experiência sensível a origem do conhecimento humano) irão fundamentar epistemologicamente o modo de fazer ciência, questionar a origem do conhecimento e como é possível conhecer. No campo literário surgem obras que irão consolidar os idiomas nacionais, como *A Divina Comédia*, *Os Lusíadas*, *Don Quixote*, *Gargântua e Pantagruel*, *Hamlet...*, e não mais em latim, que permanece na linguagem do universo das ciências.

O período renascentista representou um revisar dos preconceitos, normas, estatutos, crenças e práticas sociais no que diz respeito ao modo de se relacionar com a pessoa com deficiência, até então explicada como obra do demônio e/ou do divino

(Amiralian, 1986; Bruns, 1997; Dall'Acqua, 1997). Na passagem de uma visão supersticiosa para uma visão organicista, a partir do século XVIII, o entendimento a respeito da deficiência visual tornou-se mais aprofundado (Mazzotta, 1996; Dall'Acqua, 1997, Sanchez (1992) Surgiram os primeiros conhecimentos anatomo-fisiológicos importantes para o posterior desenvolvimento de uma compreensão científica sobre o funcionamento do olho, do cérebro e de suas respectivas estruturas. As pesquisas médicas sobre a deficiência resultaram de iniciativas filantrópicas e ações de governos criaram métodos e técnicas que possibilitavam a educação de surdos e o acesso à leitura para cegos e surgiram instituições públicas e particulares que prestavam assistência à saúde e instrução formal. Santos (2018, 66) cita Caiado, que “denomina esse período de *biológico ingênuo*, pois vigorava a idéia de compensação. No caso particular dos cegos, a ausência de visão deveria ser compensada a partir do aprimoramento dos sentidos remanescentes, influência da filosofia empirista”.

O século XVIII e o XIX marcaram uma mudança e um avanço na história das pessoas com deficiência visual. Em 1784, Valentin Haüy inaugurou, na França, o Instituto Real dos Jovens Cegos de Paris, a primeira escola do mundo destinada à educação de pessoas cegas, e, em 1829, Louis Braille, então aluno desse instituto, inventou o Sistema Braille - processo de leitura e escrita em relevo, tendo como base a signografia. Inventada por Charles Barbier, a signografia consistia num código secreto militar denominado *escrita noturna*, composto da disposição de doze pontos em relevo, cujas combinações formavam os símbolos fonéticos (Lowenfeld, 1974; Mecloy, 1974; Higino, 1986; Rocha, 1987; Cerqueira & Lemos, 1996; Kirk & Gallagher, 1996; Mazzotta, 1996; Dall'Acqua, 1997).

Louis Braille inventou seu código com uma combinação de seis pontos, dispostos em duas filas verticais de três pontos cada uma que, combinados de acordo com o número e a posição, geravam sessenta e três símbolos, suficientes para todo o alfabeto, números, símbolos matemáticos, químicos, físicos e notas musicais. Tal invenção abriu um novo horizonte para os cegos: a utilização de um mecanismo concreto de instrução e de integração social. A partir de 1825, seu autor desenvolveu estudos que resultaram, em 1837, na proposta que definiu sua estrutura básica. No ano de 1878, foi realizado, em Paris, um Congresso Internacional com a presença de onze países europeus e os Estados Unidos, que estabeleceu o Sistema Braille como método

universal de ensino para pessoas cegas, (Mecloy, 1974; Cerqueira & Lemos, 1996). No final do século XVIII e início do século XIX foram fundadas escolas para pessoas cegas em outros países da Europa, como Alemanha e Grã-Bretanha, baseadas no modelo do Instituto Real dos Jovens Cegos de Paris (Silva, 1986). Em 1829, foi instalado, na América do Norte, o primeiro instituto para cegos. De acordo com Mazzotta (1996), a fundação desse instituto foi muito importante, pois despertou a sociedade norte-americana para uma reflexão em relação à obrigação do Estado para com a educação das pessoas com deficiência.

A *Carta sobre os cegos para uso dos que vêem*, (publicada clandestinamente em 1749), revela a intenção de Denis Diderot em demonstrar o modo de ser cego, destoando das concepções então vigentes, ao ressaltar o desenvolvimento dos sentidos remanescentes e as possibilidades de aprender sem ver. Os escritos de Diderot culminaram na inauguração de um campo cognitivo, a educação especial, impulsionando pesquisas, criação de métodos e técnicas para inserção das pessoas cegas na cultura escrita. Seus escritos influenciaram diretamente as intenções e trabalhos de Valentin Haüy, que elaborou e sistematizou projetos educativos no campo da educação especial e fundou o pioneiro Instituto Real dos Jovens Cegos de Paris, em 1829.

4.5. A Cegueira no Brasil Imperial e no Republicano

Para dar continuidade à trajetória histórica, mudaremos a geografia, deslocando o tema da cegueira da Europa para o Brasil, referenciados em Santos²⁷(2018 pp. 76-81).

No Brasil, o Imperial Instituto dos Meninos Cegos é a primeira escola voltada para cegos, inaugurado em 17 de setembro de 1854 pelo Imperador Pedro II. Tinha por fim ministrar a instrução primária, a educação moral e religiosa, o ensino de música e alguns ramos de instrução secundária e de ofícios fabris. Admitia alunos reconhecidamente pobres para o preenchimento de 1/3 das vagas e o ingresso tinha

²⁷ SANTOS, Robenilson Nascimento. *Ser-sendo-cego-no-mundo-com: descrição fenomenológica compreensiva-interpretativa sobre percepções e vivências cognitivas do ler, escrever, pesquisar e produzir conhecimento de intelectuais que não dispõem do sentido da visão*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2018. O autor, um professor pesquisador cego do ensino superior, entrevistou treze outros professores pesquisadores também cegos. Faz um mergulho no mundo do aprendizado da leitura e da aquisição de conhecimento a partir das tecnologias desenvolvidas para a inscrição dos cegos no mundo simbólico, desde a criação do Código Braille, passando pelo áudio livro, e pela relevância do leitor de livros científicos para os cegos pesquisadores, culminando nas tecnologias digitais que possuem leitores de tela. Faz uma elucidativa discussão teórica dos meandros da fenomenologia heideggeriana e do modo como os cegos-pesquisadores fazem a leitura do mundo e enfrentam os desafios da vida acadêmica.

como pré-requisito a comprovação de cegueira total. Era vedada a admissão de menores de seis anos, maiores de 14 anos e dos escravos. O acervo do Instituto foi constituído na oficina tipográfica da escola, com importação de obras em Braille da França e por meio de cópia por estudantes bem treinados ou com o auxílio de um leitor que ditava obras em tinta para que o copista transcrevesse para o Braille. Com a Proclamação da República passou a ser nomeado Instituto Benjamin Constant. Há o registro de que entre 1854 a 1895 o Instituto matriculou 184 alunos. *Uma quantidade pífia considerando a população de cegos no país que necessitavam de atendimento*, avalia Santos (p. 83). No século XX foram criadas instituições para o atendimento de cegos e pessoas com baixa visão – União dos Cegos do Brasil (RJ) em 1924 e, em 1929, o Instituto Padre Chico e Sodalício da Sagrada Família (SP). Destaca a Fundação para o Livro do Cego no Brasil, criada em 1946, atualmente nomeada Fundação Dorina Nowill para Cegos, com ações de abrangência nacional, que atua nos campos da reabilitação, produção e distribuição de livros em Braille, livros falados e formação de professores.

O papel protagonista das instituições especializadas em educação especial, realçado por Santos (2018), ficou demonstrado com a expressiva participação de professores e professoras no 1º e 2º Congressos Brasileiros de Educação de Deficientes Visuais, ocorridos em 1964 e 1968. As instituições especializadas atuam como facilitadoras do acesso das pessoas cegas aos espaços educacionais, particularmente ao ambiente acadêmico, possibilitando que se constituam como intelectuais e pesquisadores de notório respeito. A tecnologia também cumpre um papel importante no processo de inclusão de pessoas cegas. A utilização de máquinas de datilografia em Braille, a partir do início do século XX, proporcionou maior velocidade na produção de livros. A invenção do código Braille representou um gigantesco passo no processo de letramento e progressão educacional e intelectual de quem não dispõe do sentido da visão. Observam-se as conquistas do acesso ao Braille na implantação pelo poder público de sala de recursos nas escolas e na atuação de professores itinerantes para a assistência ao processo de integração do aluno cego. Nota-se também a inscrição em Braille em portas de banheiro, indicando o gênero, na embalagem de medicamentos e cosméticos, em painéis de elevadores e em urnas eletrônicas.

Para as pessoas que não dispõem do sentido da visão, o texto lido em voz alta possui um profundo significado, acessar a cultura escrita, sobretudo para fins escolares

acadêmicos. A relação tecida entre leitor (o cego) e ledor (o que lê) implica em procedimentos que viabilizem a apropriação do que está sendo lido, como a imitação e timbre de voz adequados e a anotação de dados, o que marca o caráter técnico da ação do ledor, acrescido de conhecimentos que permitam o entendimento por parte de quem lê e de quem ouve. A acessibilidade das pessoas com deficiência visual ao computador e ao mundo digital está centrada na tecnologia assistiva: computadores com softwares ampliadores e leitores de tela minimizam as barreiras de acesso à informação, à comunicação e ao conhecimento. O aperfeiçoamento dos programas leitores de tela com síntese de voz produz a sensação da leitura humana e facilita sobremaneira a inserção das pessoas cegas, com autonomia, no mundo digital, contribuindo para o desenvolvimento profissional, social e, sobretudo, educativo dos indivíduos cegos e com baixa visão.

4.6. Novos Entendimentos da Cegueira no Ocidente

Retornando à dinâmica da história da cegueira (Franco, 2008), no início do século XX a escola segregada havia-se expandido e consolidado como modelo de atendimento à pessoa cega, mas só depois da Segunda Guerra Mundial e da Declaração Universal dos Direitos Humanos se passou a pensar na possibilidade de atendimento à pessoa cega na escola regular. O movimento de integração na Europa surgiu como decorrência histórica de três fatores: das duas guerras mundiais, do fortalecimento do movimento pelos direitos humanos e do avanço científico. Em virtude dos mutilados da segunda guerra, as organizações dos direitos humanos criaram programas sociais para garantir que essas pessoas, depois de reabilitadas, pudessem se reintegrar à sociedade. (Silva, 1986; Rocha, 1987; Santos, 1995). A partir dos anos 1960, a demanda em relação aos deficientes, segundo Santos (1995, p. 22) *se dará no sentido de integrá-los com base em seus direitos enquanto seres humanos e indivíduos nascidos em dada sociedade*. O princípio filosófico/ideológico que norteou a definição e as práticas de integração foi o da normalização: oferecer às pessoas com necessidades especiais condições de vida diária semelhantes às da sociedade de um modo geral (Brasil, 1994b).

Durante a década de 1970 estruturaram-se leis e programas de atendimento educacional que favoreceram a integração da pessoa cega na escola regular e no mercado de trabalho. A integração baseava-se principalmente no modelo médico de

deficiência, com o objetivo de adaptação da pessoa com deficiência às exigências ou necessidades da sociedade (Sassaki, 1998; Santos, 1995, 2000). Até os anos 1980 pesaram questões como igualdade e direito de oportunidades e durante a década de oitenta consolidou-se a integração da pessoa cega. Em 1981, a Organização das Nações Unidas (ONU) instituiu o Ano e a Década da Pessoa Portadora de Deficiência, abrindo espaço nos meios de comunicação para uma maior consciencialização da sociedade (Silva, 1986; Canziani, 1994; Santos, 1995). A partir da década de 1990, com a realização da Conferência Mundial de Educação para Todos (1990) e com a Declaração de Salamanca de Princípios, Política e Prática para as Necessidades Educativas Especiais (1994), passou a vigorar a era da *inclusão* em que as exigências não se referem apenas ao direito da pessoa com deficiência à integração social, mas ao dever da sociedade de se adaptar às diferenças individuais (Brasil, 1994a; Sassaki, 1998; Santos, 2000).

Para Sassaki *a inclusão social é um processo que contribui para a construção de um novo tipo de sociedade através de transformações, pequenas e grandes, nos ambientes físicos e na mentalidade de todas as pessoas, portanto também do próprio portador de necessidades especiais* (p. 42). Acredita-se que o processo de integração, que busca normalizar a pessoa com deficiência e atribuir-lhe a responsabilidade de adequação ao meio social, não propõe, conforme constata Mantoan (1998), nenhuma mudança na estrutura social vigente, cabendo ao indivíduo a responsabilidade de se *adequar* ao sistema. O processo de inclusão vai muito além da inserção dos alunos na escola, exige uma mudança na estrutura social vigente, no sentido de se organizar uma sociedade que atenda aos interesses de todas as pessoas, indiscriminadamente.

Mota²⁸ (2013) assinala que a inscrição tardia dos estudos sobre a deficiência no campo das Ciências Sociais, como legatário dos estudos antirracistas, feministas e de gênero, fez com que os teóricos do modelo social de deficiência gerassem uma nova significação no habitar um corpo que foi considerado, por muito tempo, anormal. A deficiência traduz a opressão ao corpo com impedimentos: o conceito de *corpo deficiente* ou *pessoa com deficiência* deve ser entendido em termos políticos e não mais estritamente biomédicos. Não é mais apenas o que o olhar do médico descreve, mas principalmente a restrição à participação plena gerada pelas barreiras sociais. O modelo

²⁸ MOTA, Marina. cit, p. 65/66. O SEGUINTE OLHAR. 2013

biomédico de deficiência afirma que há uma relação de causalidade e dependência entre os impedimentos corporais e as desvantagens sociais vivenciadas pelas pessoas com deficiência. O modelo social contestou essa tese e desafiou não apenas o poder médico sobre os impedimentos corporais, mas demonstrou o quanto o corpo não é um destino de exclusão para as pessoas com deficiência. Os movimentos sociais colaboraram para legitimar o cumprimento de direitos e obrigações da pessoa deficiente na sociedade.

O que prevalecia até este período era a visão de deficiência entendida como uma visão patológica do corpo, na qual prevaleciam as doenças do indivíduo em detrimento de suas capacidades. O modelo social de deficiência vai além da definição do sujeito por suas lesões corporais e constitui uma representação política, baseada num sistema de opressão/intervenção sobre o corpo deficiente. Assim, ofereceu novos instrumentos para a mudança social e a garantia de direitos. Não era a natureza da deficiência o que oprimia, e sim a cultura da normalidade, que apresentava alguns corpos como indesejáveis. O advento do modelo social trouxe a compreensão da deficiência como uma experiência de desigualdade compartilhada por pessoas com diferentes tipos de impedimentos: não são cegos, surdos ou deficientes físicos, em suas particularidades corporais, mas pessoas com impedimentos, oprimidas e discriminadas pela cultura da normalidade. O modelo social de deficiência colocou em xeque as narrativas do infortúnio, da tragédia pessoal e do drama familiar, que confinaram o corpo com algum tipo de impedimento ao espaço doméstico do segredo e da culpa. Ao trazer as propostas de igualdade forneceu não apenas um novo conceito de deficiência, em diálogo com as teorias sobre opressão e desigualdade; possibilitou, também, a revolução na forma de identificação do corpo com impedimentos e sua relação com as sociedades.

Mianes²⁹ (2019), ao analisar representações literárias de pessoas com deficiência visual, em narrativas autobiográficas ou ficcionais, verifica que a cegueira além de um defeito é representada como forma singular de ser e estar no mundo. Nas narrativas autobiográficas fica patente a consideração da deficiência visual não como um defeito, mas como possibilidade de ver o mundo de modo diferente, o que há de positivo no fato

²⁹Representações de personagens cegos na literatura contemporânea. Mianes, Felipe Leão; Karnopp, Lodenir Becker. Pro-posições Nov. 2019, vol 30.

de não enxergar. Cada narrador constrói seu personagem e escolhe o que dizer ou não sobre si, relata fatos oriundos de sua vida ou cria uma *ficção de si mesmo*, uma tensão existencial entre o Mesmo e o Outro, que atravessa a experiência vivencial. O sujeito que conta sua vida o faz de acordo com seu próprio ponto de vista, é ele quem dita sua existência e escolhe o que deve ser dito, calado ou lembrado, depende da memória e do direcionamento dado aos fatos vividos, numa trama discursiva. A emergência de diferentes formas de representação, enquanto obra coletiva, mostra que deficiência é um conceito construído por discursos e idéias pertencentes a espaços e tempos específicos.

Entre diferentes formas de *ver* a cegueira, apresentadas nas obras analisadas, o foco que permanece é a noção da norma vidente, tratada como *videntismo*, parte dos discursos hegemônicos que reduzem a deficiência a problemas causados pelos acontecimentos físicos. Enquadra as pessoas com deficiência como *olhos que não enxergam*, um modo de significar a cegueira como impossibilidade de desfrutar das belezas que existem no mundo. Há representações que geram risos, desconfortos, constrangimentos, animosidades, identidades. Através de interseções entre o modo como os cegos são vistos e como se vêem é gerado um processo que produz subjetividade e permite que assumam determinadas posições sociais, adesões temporárias que atuam em sua subjetividade e constroem suas práticas discursivas, inclusive muitos autores assumem uma posição *videntista*.

O objeto de investigação foram narrativas escritas por pessoas cegas e com baixa visão, publicadas no mercado editorial. As representações das personagens aparecem como incapazes, estranhas, defeituosas, heróis ou sujeitos com capacidades semelhantes às dos demais, tendo a deficiência apenas como marca em suas experiências de vida. A lente teórica é a dos estudos culturais em educação para investigar a relação entre cultura e representação. A centralidade da discussão é desnaturalizar estes comportamentos e reações que associam o sujeito à sua deficiência sensorial. O modelo social de deficiência trata a limitação ou diferença corporal como alternativa de vida, resistência ou contraposição ao discurso dos modelos médicos. Os autores analisados são todos cegos, de diferentes nacionalidades, tempos e contextos sociais. Cegueira aparece tanto como punição ou redenção, como dificuldade ou sublimação da bondade, como meio de reivindicar independência, direito à cultura, sexualidade, de ser o que se

é. O que há de comum entre essas possibilidades é o fato de que a maioria dos conflitos diz respeito à relação com videntes.

Estas recorrências apontam para a considerável força dessas representações no embate social entre os discursos *videntistas* e aqueles que se contrapõem a eles. Concluíram que muitos autores trazem a idéia de superação da deficiência, do seu heroísmo, ou de inconformidade com *a normalidade*. Essas representações são construídas discursivamente e têm implicações nas narrativas identitárias e no posicionamento dos sujeitos. Um dos autores convive com pessoas com deficiência visual e nota que muitos incorporam as baixas expectativas, estereótipos e estigmas *videntistas*.

4.7. Do Brasil rumando para Portugal: da ACIDE à ACAPO

Vamos a apresentar um trabalho etnográfico com o qual pretendemos dialogar e marcar as diferenças e similitudes na abordagem do tema da cegueira e no desvelamento desta forma de vivência. A pesquisa de Bruno Martins foi realizada em um instituto que colabora com a reinserção de pessoas cegas na vida cotidiana, a ACAPO³⁰, com atuação semelhante à da ACIDE. O artigo *A cegueira na carne; subjetividades corpóreas*³¹, após delinear os fundamentos teóricos e metodológicos, introduz o tema de investigação, na perspectiva da cegueira como *modo de ser na vida*.

Se o advento do Sistema Braille exprime aquilo que foi uma promessa de emancipação social moderna à cegueira, a invenção da deficiência coloca-nos perante uma reinvenção da exclusão social. Portanto, a modernidade reinventa a cegueira a partir de sentidos que perpetuam uma longa história de desqualificação simbólica e marginalização social, que nos segue há tanto tempo quanto a tragédia de Édipo. Bruno Martins analisa de que modo os constrangimentos à participação social das pessoas cegas, resultantes do modo como a cegueira foi historicamente definida, são contestados

³⁰ACAPO é a sigla da Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal, que “trabalha há mais de 25 anos rumo a um objetivo: promover a inclusão das pessoas com deficiência visual”. Amblíope é aquele que sofre um enfraquecimento da acuidade visual sem que haja lesão aparente no globo ocular, também chamado de olho vago ou olho preguiçoso.

³¹*A cegueira na carne; subjetividades corpóreas*³¹, de Bruno Sena Martins. Um excerto deste artigo foi encontrado no site “Sobre a Deficiência Visual” e remete à publicação *Lugares da Cegueira: Portugal e Moçambique no trânsito de sentidos*, Universidade de Coimbra, junho de 2011. Tese de doutorado orientada por Boaventura Sousa Santos.

pela ACAPO, seja pela capacitação identitária das pessoas cegas, seja na transformação dos quadros culturais e organizacionais que cristalizam lógicas de exclusão.

A história política dos movimentos de pessoas com deficiência constituiu uma narrativa contra-hegemônica da deficiência que a define enquanto uma forma particular de opressão social. Os mundos da experiência de pessoas cegas tendem a ser percebidos equivocadamente fora das narrativas de seus protagonistas, a partir de pessoas videntes, calcadas numa representação da dor e sofrimento advindos da cegueira como uma *resistência e sofrimento contra a perda sensorial*. O encontro com a pluralidade das narrativas da cegueira, obtidas a partir de depoimentos de pessoas cegas em Portugal e Moçambique, fez acentuar a distância entre a apreensão biográfica da cegueira, enquanto incorporação, e o modo como a idéia de perda trágica participa da vigência de uma meta-narrativa de tragédia pessoal culturalmente interposta na vida de pessoas cegas, a partir da perspectiva das pessoas videntes.

Até recentemente as leituras do corpo se detiveram no terreno da análise cultural e deixaram inexplorado o corpo natural, dominado por uma vertente que aplica mecanismos metodológicos e epistemológicos consagrados no estudo da natureza desde o século XVI. A vertente marginalizada é fundada na compreensão de que as ciências sociais deveriam reivindicar para si um estatuto epistêmico e metodológico próprios, com base na especificidade do ser humano e em sua distinção radical em relação à natureza. O exorcismo do corpo nas ciências sociais foi construído por Durkheim, ao explicar o social pelo social, e a conseqüente recusa dos condicionantes biológicos do comportamento humano mostra a dificuldade que as ciências sociais têm de abraçar o corpo, o que acarreta a divisão entre cultura e natureza, homem e ciências naturais.

Tanto em suas pesquisas em Portugal como em Moçambique, Martins encontrou várias pessoas referindo-se que, até certa altura de sua infância não tinham a noção de que eram cegas. Para quem é cego de nascença as diferenças implicadas pela cegueira apenas são conhecidas quando correlacionadas com as experiências de quem vê; a deficiência só se verifica diante de algumas realizações que lhes são vedadas. Isto faz com que a cegueira seja acolhida sem maior dramatismo, e verifica-se um maior ajustamento pessoal no reconhecimento e afirmação vivencial das capacidades que residem na cegueira. Fica ressaltada a inexistência de uma experiência de perda, e esta ausência conduziria a uma *incorporação* mais *natural* da cegueira enquanto marca da

existência. O corpo passa a ser visto como sede de uma relação com o mundo que biográfica e fenomenologicamente desconhece a visão, em que não está implicada a experiência da transgressão de um modo de vida ou de uma concepção de mundo fundada na visão, ou a transgressão do sentido da vida. As narrativas dominantes obtidas sugerem que a cegueira não se liga necessariamente à angústia da transgressão corporal, da *narrativa da tragédia pessoal*. Mesmo em histórias de vida em que há uma perda e ruptura profundas, as incorporações da cegueira aparecem vinculadas a idiosincrasias pessoais, como atesta o otimismo de Carolina, cega abruptamente aos 14 anos: “*fui operada em último grau, era operada ou morria, perdi a visão, do mal o menos*”.

Em muitos casos, a cegueira surge lentamente e permite um ajustamento gradual, lento e anunciado. Há várias doenças que provocam a degenerescência, muitas de caráter hereditário, que conduzem a uma lenta cegueira, como a que havia acometido o pai e a avó do escritor Jorge Luiz Borges. Apesar de dispor da visão durante grande parte de sua vida, Borges alude em vários momentos de sua obra à cegueira, que lhe sobreveio lentamente até lhe roubar a visão aos 55 anos. Suas memórias marcam o encontro dos diferentes tempos de uma vida em que profecias se cruzam e a cegueira é tranquilamente revelada pela voz do ancião³²:

Pedir que não me anoiteçam os olhos seria uma loucura; sei de milhares de pessoas que veem e que não são particularmente felizes, justas ou sábias. (...) Quando atingires a minha idade terás perdido quase por completo a vista. Verás a cor amarela e sombra e luzes. Não te preocupes. A cegueira gradual não é coisa trágica. É como um lento entardecer de verão”, “um lento crepúsculo que durou mais que meio século.

Martins evoca a narrativa de Borges porque ela é congruente com as ilações que extraiu e com as histórias pessoais a que acedeu durante o trabalho de campo. Os casos de cegueiras anunciadas e graduais tendem a favorecer uma conscientização da necessidade de se viver com a cegueira e o aprendizado de novas competências, embora não deixem de ser fontes de angústia, ansiedade e tensões. Martins constata que a

³²Borges, Jorge L. *O livro de Areia*. São Paulo: Mediafashion, 2012.

angústia da transgressão corporal está ausente de muitas das narrativas de cegueira, mas essa angústia toma parte em muitas das histórias da perda abrupta da visão.

É nas narrativas de perda de visão abruptas, nas histórias de cegueiras infligidas por um evento súbito, causadas por situações em que a perda da visão acontece sem aviso, que Martins vai se deter. Este é um sofrimento diretamente ligado a dimensões corpóreas da experiência, associado a experiências de profunda ruptura vivencial, em que a perda de visão surge como cataclismo, que os sujeitos recordam como profundamente traumáticos e tendem a desencadear um confronto com a possibilidade de uma vida sem visão, em que ser ou não ser, viver ou não viver, assoma como questão. Se a idéia de tragédia é fato nestas experiências, Martins percebeu que o impacto da perda se articula com um distanciamento pessoal e temporal em que sujeitos aprendem a começar de novo: *“A certa altura eu não passava de um gajo morto, então levantei-me, estiquei-me, fui à procura... (...) Comecei a trabalhar, refiz a minha vida e estou-me bem nas tintas para isso do “coitadinho”*. Nesta narrativa a tragédia que um dia a cegueira lhe trouxe é tão significativa como a identidade que refez para superar esta ruptura. O autor pretende expor como os mundos da experiência tendem a ser equivocadamente percebidos fora das narrativas de seus protagonistas.

As narrativas que Martins apresenta são representativas de uma capacidade de superação perante a perda que a cegueira poderá constituir. Se as narrativas pessoais são marcadas pela frustração, esta surge relacionada com a exclusão e os estigmas sociais a que as pessoas cegas estão sujeitas. O autor percebe um elemento que ficou patente nas histórias de vida e na convivência diária com as pessoas cegas: uma combatividade pessoal e um distanciamento narrativo que muitos sujeitos conseguem criar em relação a experiências de tragédia e desastre inapelável, produto de um processo de reconstrução pessoal em que, com novas referências, as pessoas se capacitam a *nascer de novo*. Do mesmo modo encontrou várias narrativas de pessoas que ainda viviam o luto pela perda da visão e que se recusavam a aceitar a cegueira como fatalidade.

Nas histórias de vida em que o surgimento da cegueira invoca o lugar de um sofrimento que é possível associar à angústia da transgressão corporal Martins percebeu que esse sofrimento surge como parte de um passado que se fez estranho. A diversidade das experiências da cegueira nos coloca diante da evidência da impossível generalização da relação entre a cegueira e a idéia de uma trágica privação. Contudo, nos contextos

em que a cegueira surgiu como trágica privação e como tragédia pessoal, pode haver o questionamento do sentido da existência, em confronto com a capacidade de ajustamento dos sujeitos e de ressignificação de suas existências. Ainda que as narrativas de superação a que teve acesso pudessem estar depuradas pelo meio onde as obteve (a ACAPO), a situação de liminaridade social a que permanecem submetidas substancia-se na permanência cultural dos referentes de perda, infortúnio, incapacidade e tragédia, com que a cegueira é culturalmente pensada à luz das concepções hegemônicas, o que remete para os termos da opressão social das pessoas cegas. E para as representações que fundam tal opressão.

Martins quer se deter nas implicações do modo como a cegueira é pensada a partir de experiências corpóreas fundadas na visão, o que implica mergulhar na experiência incorporada, reconhecendo o corpo como um relevante sujeito de conhecimento. Tornou-se importante perceber de que modo a relevância que a visão ocupa na vida de quem vê concorre para as representações dominantes da cegueira. A maioria das pessoas que não têm contato com as vivências das pessoas cegas, tende a presumir um *conhecimento* que lhes advém da experiência com o próprio corpo, elabora uma relação empática que leva a criar uma identificação errônea da experiência da cegueira. A projeção corpórea da cegueira permite supor a magnitude do impacto da perda da visão, assim como a angústia da privação implicada por esta experiência.

Assim, a incorporação imaginativa da cegueira presume que a transgressão está implicada nas experiências de cegueira abrupta, em que um corpo se move num mundo em que a visão é parte essencial e o eventual impacto da perda desse sentido. Mas fracassa em perceber como é que o mundo se constrói ou reconfigura sem a visão, após uma perda abrupta ou que foi lentamente conhecida. A cegueira, para os corpos de quem vê, é uma elaboração imaginativa que não pode ser experimentada corporalmente e a vinculação do tema do sofrimento à cegueira se constitui como o produto mais saliente da tentativa de superação empática dessa irreducibilidade.

Perseguir um corpo transgressor implicou em três movimentos: cruzar as fronteiras disciplinares em sua análise; reconhecer como a experiência corpórea da cegueira pode desestabilizar os termos da existência; perscrutar a relevância cultural da transgressão da cegueira como uma suposição advinda de uma projeção empática. Nos tempos de valorização pessoal e do visualismo, ganha relevância a consolidação de um

imaginário incapacitante e excludente, herdado de valores históricos na estigmatização da cegueira, que ratificam o silenciamento das experiências das pessoas cegas. A relevância do tema da experiência incorporada coloca os corpos em contexto, enunciando o imperativo do reconhecimento das perspectivas e reflexões das pessoas cegas. Na impossibilidade de vivermos as vidas dos outros devemos procurar ouvir o que eles têm a dizer sobre si.

Este itinerário abre a possibilidade de considerar outros elementos da experiência vivida. Martins pretende pensar as representações da cegueira a partir da transcendência imanente ao fato de sermos corpos, uma forma de *ser no outro*, por via de projeções imaginativas. Contra as teorias tradicionais do conhecimento humano, considera que os autores citados chamam a atenção para o fato de que a razão, longe de ser desincorporada, emerge das características de nosso cérebro, dos nossos corpos, da experiência corporal, da nossa estrutura neuronal e no meio em que estamos imersos. Ao assumir que os processos cognitivos estão implicados em nossa existência incorporada e com o nosso sistema sensorio motor os autores negam a tradicional divisão entre percepção e concepção e reconhecem a centralidade do corpo no processo de conhecimento e da percepção. É essa importância do corpo na formulação de idéias sobre o mundo e os outros corpos no mundo que possibilita acessar o modo como se forma e sustenta um conceito de cegueira estabelecido por corpos que vêem.

Martins pretende mostrar como a cegueira é pensada como uma projeção, como uma transgressão corporal indiciadora de sofrimento, a partir de experiências corpóreas fundadas em corpos que têm visão; salienta de que modo a relevância que a visão ocupa na vida de quem vê concorre para a formulação das representações dominantes da cegueira. É sobre uma espécie de *transcendência imanente* ao fato de sermos corpos que o autor pretende pensar as representações da cegueira: a *transcendência* é uma experiência de *sair fora de nossos corpos*, como quando nós imitamos alguém. Esta é a mais comum experiência da forma de *transcendência*, uma forma de ser no *outro* por via de projeções imaginativas, em que o próprio corpo é feito um *tubo de ensaio* da cegueira. Martins busca conceder relevância ao experimentalismo sensorial que a cegueira evoca nos corpos cognoscentes, cuja construção do mundo – cosmovisão ou mundividência – é eminentemente visual.

4.8. Como os cegos vêem e se vêem, em Lisboa

Ao jogar o jogo “*E se eu fosse cego*”, ao cabo de cinco minutos com os olhos fechados, os videntes chegam à conclusão de que a cegueira é, sem dúvida, uma terrível desgraça, uma infelicidade, relata Martins. Para testar esse jogo, a ACAPO propôs uma atividade na via pública, em que os transeuntes eram convidados a usar a bengala com uma venda nos olhos. As respostas obtidas foram: *Se eu fosse assim não sei o que faria; deve ser uma coisa terrível*. Isso mostra que as atitudes compassivas e paternalistas se articulam com uma suposição ansiosa de quão terrível deve ser a cegueira. Questiona Martins: como é que o mundo se constrói ou se reconfigura sem a visão como um campo de múltiplas possibilidades? Responde: a cegueira ansiosamente pulsada nos olhos de quem vê é uma elaboração imaginativa irreduzível à experiência corpórea.

A narrativa de tragédia pessoal é nutrida pela imaginação empática de quem não é cego. A vinculação do tema da cegueira ao sofrimento se constitui como o produto mais saliente da tentativa de superação empática. O sofrimento é uma das bases da experiência humana e tem um grande espectro que marca a existência: a dor física, a experiência da humilhação, a fome, a morte de um ente próximo, a solidão, a antecipação da própria morte, o fim de uma relação amorosa. Nas representações dominantes em nossa sociedade, a idéia de cegueira está vinculada ao tema do sofrimento e da tragédia e tende a ser pensada como infortúnio, incapacidade, como marca identitária das pessoas cegas. O apelo à *narrativa da tragédia pessoal* é um estigma que conflitua com as concepções positivas e os desejos de realização de quem é cego, obtidas em narrativas e vivências dos sujeitos e no discurso associativo. Isto não quer dizer que idéias de tragédia não surgissem na realidade estudada: “*depois de cegar só pensava que mais valia ter morrido a ficar assim; ficar assim sem ver de um momento para o outro é terrível*”.

O ajustamento das pessoas cegas à sua condição sensorial depende de sua realização profissional e do lugar que a cegueira ocupa como obstáculo a esse itinerário. As dificuldades aí implicadas são acolhidas por seus portadores e se revelam nas convivências cotidianas, nas reflexões e nas histórias de vida. Martins, assim como este autor, distinguem o fato da cegueira ser de nascença ou adquirida, o tempo da perda da visão e suas circunstâncias, se de um modo progressivo ou súbito. As pessoas cegas de

nascença tendem a mostrar uma maior adaptação a sua condição e aparecem menos sentimentos de inconformismo ou *revolta*, porque houve uma aprendizagem que lhes ensinou as competências e técnicas empregadas por quem não vê para realizar suas atividades. Mas é sobretudo porque não há uma experiência de ruptura, de perda de um mundo visível que passa a ser empobrecido em sua capacidade de apreensão, nem um constrangimento com as coisas que se tornaram impossíveis de fazer. Cegos de nascença têm uma noção do que os separa de quem vê em seu cotidiano embora nunca tenham visto: “...*Há muita coisa de que estamos privados. Agora não significa que não se possa viver sem elas tão bem como se as tivéssemos.... Não posso dizer o que sinto mais falta porque nunca conheci outra coisa, sempre fui cego, nunca vi... de uma certa forma habituas-te a fazer as coisas...*”.

4.9. Educação e autonomia

Nesta trajetória em que se buscou articular a fenomenologia com a educação, foi trazido como aporte a *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*³³, de Paulo Freire, para quem “*Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção*”. Nesta proposta pedagógica alunos e professores precisam ter uma relação amistosa, por meio de um diálogo político-pedagógico que possibilite a apropriação crítica do conhecimento e sua recriação. Mas para que seja gerada uma ação transformadora, os professores devem ensinar e estimular os alunos a “serem mais”. Para desenvolver as potencialidades e dimensões do sujeito é preciso garantir sua independência no processo de ensino-aprendizagem, para que possa adquirir e formular suas próprias leis, a partir de relações estabelecidas com os outros, no contexto em que está inserido. A autonomia vai se constituindo na experiência e nas decisões que vão sendo tomadas pelo sujeito e está centrada na experiência respeitosa da liberdade. A ênfase se dá em educar para alcançar a igualdade, promover a transformação e inclusão de todos os indivíduos da sociedade. A partir da vida cotidiana, busca promover uma educação contextualizada e crítica, ao reconhecer que o ato de se alimentar, escolher uma roupa, ir de um lugar para outro são atividades básicas de sobrevivência, com as quais aprendemos para ter

³³FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996/2019. 68ª edição.

autonomia pessoal. Esta postura possibilita a construção de uma personalidade saudável e o desenvolvimento da capacidade de resolver conflitos, assim como ajuda no processo da aprendizagem, ao proporcionar o reconhecimento do aluno em determinado contexto histórico e cultural e a comunicar-se de forma assertiva.

Uma das exigências da ação-educativa é a de testemunhar a disponibilidade à vida e aos seus chamamentos, em que o cotidiano é explorado como espaço de reafirmação, negação, criação e resolução de saberes que o constituem. É uma pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando, constituindo-se como um exercício permanente. Estimula a convivência amorosa com os alunos e uma postura curiosa e aberta e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócio-históricos e culturais do ato de conhecer, o que dá dignidade e autonomia ao educando. A amorosidade ajuda a construir um ambiente favorável à produção de conhecimento, em que é preciso aprender a ser coerente. De nada adianta ter discurso competente se a ação pedagógica é impermeável a mudanças, pois é necessária a coerência entre o “saber fazer e o saber ser pedagógicos”.

Freire adverte-nos a assumir uma postura vigilante contra as práticas de desumanização, em que o saber-fazer da auto-reflexão crítica e o saber-ser da sabedoria, exercitados no cotidiano, pode nos ajudar a fazer a leitura crítica das verdadeiras causas da degradação humana. Anuncia a solidariedade enquanto compromisso histórico de homens e mulheres, capaz de promover e instaurar a “ética universal do ser humano”. A sensibilidade com que problematiza e toca o educador aponta para a dimensão estética de sua prática, movida pelo desejo e vivida com alegria, sem abrir mão do sonho, do rigor, da seriedade e da simplicidade inerente ao saber da competência.

Paulo Freire entende que a ética universal do ser humano é indispensável à convivência humana, assim como é inseparável da prática educativa, e que a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática, no modo como lidamos com os conteúdos que ensinamos. O preparo científico do professor deve coincidir com sua retidão ética e a capacidade de viver e aprender com o diferente. É fundamental perceber o respeito e a lealdade com que o professor analisa e critica a postura dos outros. Mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma Presença no mundo, com o mundo e com os outros, uma Presença que reconhece outra Presença como um “não-eu”, e se reconhece como “si própria”. Presença que se pensa a si mesma, que

intervém, transforma, fala do que faz, mas também do que sonha, que decide, que rompe. É no domínio da decisão, de ruptura, que se instaura a necessidade ética e se impõe a responsabilidade. Ao assumir esta postura, a ética se torna inevitável e sua transgressão jamais uma virtude. Como presença consciente no mundo não se pode escapar à responsabilidade ética de mover-me no mundo. Cabe reconhecer que somos seres *condicionados*, mas não *determinados*. Reconhecer que a História é tempo de possibilidade e não de determinismo, que o futuro é *problemático*, mas não é inexorável. Esta pedagogia da autonomia traz subsídios pertinentes para fundamentar a discussão sobre a educação não formal inscrita nesta tese, além de mostrar a notável consonância com a perspectiva fenomenológica que a orienta.

Neste trabalho estou a acatar a sugestão do método de escrita utilizado por Walter Benjamin, citado por Hannah Arendt e inscrito por Becker³⁴: o uso de citações de outros autores, ou sua *redução*, como matriz condutora:

Desde o ensaio sobre Goethe, as citações estão no centro de todos os trabalhos de Benjamin. Esse próprio fato diferencia seus escritos de todas as outras espécies de trabalhos acadêmicos, onde a função das citações é verificar e documentar opiniões, e por isso podem ser relegadas com segurança às Notas. ... O trabalho principal [para Benjamin] consistia em destacar fragmentos de seu contexto e compô-los num novo arranjo, de tal forma que se ilustravam mutuamente e eram capazes de provar sua *raison d'être* num estado de livre flutuação, por assim dizer. Era definitivamente uma espécie de montagem surrealista. (Arendt 1969, p. 47)

³⁴BECKER, Howard S. **Truques da Escrita**: para começar e terminar teses, livros e artigos. Rio de Janeiro: Zahar, 2015. p.195.

5. Mutações fenomenológicas e a atualidade da fenomenologia

Em *A Crise da Humanidade Européia e a Filosofia* (1934-1937), Aquiles Guimarães (2012) identifica um Husserl mergulhado na vivência da crise da cultura ocidental, nas décadas de vinte e trinta, marcada pelo sentimento do fim da I Guerra Mundial (1914-1918) e a conjuntura que levaria à Segunda Guerra (1939-1945). A ambiência histórica vivida contribuiu para aguçar em seu espírito o embate com o do positivismo como fundamento das ciências, iniciado com a crise do final do século 19. O triunfalismo cientificista estava fundado na crença em uma cadeia causal na natureza, capaz de tudo explicar, na articulação das leis da natureza como razão de ser da própria natureza. Do outro lado estavam aqueles interessados em mostrar que distintas são as leis da natureza, as leis ideais ou do espírito, fundadas na causalidade. Nesta ambiência aparece o psicologismo como a absolutização do fato psicológico, em que tudo decorre da vida psíquica e a psique é a chave de decifração de todos os mistérios que envolvem a existência humana. Este teria sido o equívoco mais devastador para aqueles interessados na busca de fundamentos para a ciência e que afetou a crença de Freud e seus discípulos, com a ressalva de que estes proporcionaram extraordinárias contribuições ao pensamento contemporâneo.

Pode-se afirmar que o combate ao psicologismo inaugura o pensamento fenomenológico. O movimento fenomenológico desenvolve preocupações radicais com a estrutura da existência humana, para além do fato psíquico como fundamento de qualquer modo de saber. O suposto do psicologismo é que as leis do pensamento estão fundadas nas leis causais da mente, estariam soltas no campo da pura probabilidade. Husserl indagava: se as leis lógicas derivam do fato psíquico de pensar, como poderiam regular o próprio pensamento? Haveria um processo causal que pretenderia se constituir em regra? Como estas leis poderiam disciplinar o pensamento? Para o filósofo, o fato psicológico não pode ser considerado como *fundamento*, conforme o ponto de vista do naturalismo.

Com Husserl, a reflexão fenomenológica atribui primordialidade ao “vivido”, importa conhecer o “mundo vivido”, como o percebemos e como se manifesta à consciência. A percepção passa a ocupar um papel fundamental, uma vez que o mundo será sempre mundo percebido, cuja totalidade é de horizontes alcançados pela

percepção e não pela totalidade dos objetos. O conceito de mundo da vida está relacionado com a estrutura perceptiva da consciência humana. De um lado, a subjetividade, a consciência intencional *iluminadora* do mundo, como *lugar* absoluto da sua auto-evidenciação, do seu esclarecimento; do outro lado, a abertura infinita dos horizontes do mundo.

O mundo é constituído no seu carácter de horizonticidade, em que os horizontes do mundo abrangem a capacidade perceptiva da pessoa humana. Cada indivíduo tem a potencialidade intencional da consciência para “descobrir horizontes”. A vivência do mundo da vida será sempre a ocasião de descoberta de novos horizontes, percebidos a partir dos modos pelos quais os objetos se dão à intencionalidade intuitiva da consciência. Mundo total é totalidade de horizontes e não de objetos. Ver os objetos como fatos é papel das ciências positivas, ver os objetos como coisas do mundo da vida é papel da fenomenologia.

Em sua referencial introdução a *A Crise da Humanidade Européia e a Filosofia*, Urbano Zilles esclarece a profundidade e fecundidade dos conceitos husserlianos, assim como registra a mudança de orientação de seu pensamento fenomenológico durante o período crítico entre as guerras mundiais. Compreende que a crise que envolvia a Europa, em 1934, despertou em Husserl a discussão do papel da filosofia e das ciências para elucidar esta situação, pois avaliava que as nações européias estavam enfermas e se encontravam em crise. Ao voltar o olhar da corporeidade para a espiritualidade humana, com o olhar das ciências do espírito, dirigia-se exclusivamente aos homens como pessoas, que em seu agir orientavam-se por um horizonte comunitário. Entende vida como uma atividade que possui fins e origina formas espirituais criadoras de cultura. Questiona o porquê das ciências do espírito não prestarem o serviço que as ciências da natureza cumprem excelentemente em sua esfera, pois fizeram uma revolução na dominação técnica da natureza.

Já as ciências do espírito estão baseadas na *physis*, uma vez que toda a vida humana está fundada na corporeidade. Nesta perspectiva, só a natureza poderia ser tratada como um mundo fechado em si, em que pode se abstrair da dimensão espiritual e, assim, se deveria investigar a natureza puramente como natureza, sendo ela própria o suporte causal do espírito. Mas, e se a interpretação deste modo de pensar estivesse baseada em juízos funestos e suas repercussões fossem corresponsáveis pela

enfermidade européia? Faz parte de sua convicção que os cientistas modernos poderiam fundamentar uma ciência rigorosa e universal do espírito.

Husserl aborda os problemas que conduziram à crise, como a matematização das ciências, e quer mostrar como se dá o acesso ou o caminho à fenomenologia transcendental a partir do mundo da vida e da psicologia. Em 1933, quando os nazistas chegaram ao poder, houve a ascensão de um irracionalismo que provocou uma crise política e cultural e aí o filósofo detecta o perigo que ameaçava a humanidade européia. Responsabilizou os filósofos e os cientistas pela crise por terem se desviado da razão. Opõe-se ao racionalismo ingênuo dos séculos 17-18 e ao objetivismo das ciências positivas. Suas palavras ecoam como um manifesto, uma profissão de fé, e um testamento político: *“e, portanto, as idéias são mais fortes que todas as forças”*. Não compartilha a resignação e o pessimismo do existencialismo, pois crê no poder da razão humana e tenta um diagnóstico das causas dessa crise. Constata que há uma herança histórica e trágica do objetivismo científico, o esquecimento do *mundo da vida*, e entende que a fenomenologia pode encaminhar uma solução para superar esta crise..

Husserl busca um novo acesso à fenomenologia através da história e tematiza a historicidade da filosofia. Concebe a história da filosofia como um transcender da atitude natural, que permanece nos dados simples, para captar o ente em sua globalidade, e daí emerge a idéia de infinito, decisiva para a humanidade ocidental. Questiona qual a característica essencial dessa forma espiritual de ser, um modo de ser próprio, com uma nova atitude perante o mundo, que surgiu na Grécia. Dessa atitude emergiram novas formas do espírito, que constituíram um sistema cultural novo, a saber, a filosofia como “ciência universal, ciência do universo, da unidade total de todo ente”. Foi esse interesse pela totalidade que produziu o desenvolvimento das diferentes ciências particulares e a fenomenologia assume a ideia original da filosofia como saber fundamental, apodítico e transcendental.

A questão fundamental que Husserl coloca é: como o desenvolvimento gigantesco das ciências modernas pode conduzir a uma crise das ciências e da própria humanidade européia? A crise das ciências manifesta a crise da humanidade como projeto racional, como mostrou a guerra de 1914. Para superar essa crise é preciso restaurar a fé no projeto teórico, prático e político originário, corrigindo os erros implícitos na epistemologia. Dessa forma a fenomenologia recuperará uma concepção

de ser humano que tem como centro o sujeito racional, fundado na razão, não nos fatos. O ser humano não é um mero fato mundano, mas o lugar da razão e da verdade, da subjetividade transcendental.

Esta crise teria como causa principal o *objetivismo* científico, pois este esqueceu o mundo da vida e a subjetividade transcendental. As ciências tornaram-se puro conhecimento dos fatos, a redução objetivista desvinculou a atividade científica do mundo concreto do ser humano e reduziu o saber e o homem a meras coisas. Somente um racionalismo autêntico seria “capaz de compreender os problemas do espírito” e superar a crise, quando a filosofia e a ciência voltarem a se interessar de novo pelo ser humano e suas criações culturais, pela sociedade e seu sistema de valores. Husserl quer recuperar a instância transcendental para superar a crise das ciências e da civilização moderna.

Para tanto, é preciso desenvolver um saber que interprete a realidade como autoexegese do eu a partir das vivências originárias do sujeito, reconhecendo a razão e a liberdade como atributos da subjetividade. Ser humano é um processo constante em busca de maior ou menor aproximação de um ideal, regido pela razão, o *eidos* humano, pois todo ser humano encontra-se orientado pela racionalidade. Tomar consciência dessa orientação constitui outro processo histórico, em que o ser humano desenvolve sua orientação teleológica tomando consciência de sua enteléquia racional. Aqui, o sentido da história coincide com a realização da razão e isto significa que a vida é um vir-a-ser contínuo, penetrado por uma intencionalidade a desenvolver-se. O mundo da vida do sujeito é o lugar que dá sentido e finalidade ao agir e ser.

Husserl diagnostica a crise do objetivismo científico, criador de um mundo artificial e abstrato, ao apresentar a fenomenologia como método para superá-lo, buscando o saber fundamental no campo do “mundo da vida”, das experiências pré-científicas e originárias. Propõe-se a ser um método no qual todo conhecimento se constrói em referência à subjetividade, à subjetividade transcendental enquanto origem e raiz de toda intencionalidade e sentido, uma vez que a ciência é um produto humano, e de uma intuição pertencente ao mundo da vida, fundamento último das ciências. A fenomenologia assume o papel de um filosofar radical como um novo começo absoluto:

“O maior perigo que ameaça a Europa é o cansaço. Lutemos contra esse perigo como bons europeus com aquela valentia que não se rende nem ante uma luta infinita.

Então ressuscitará do incêndio destruidor da incredulidade, do fogo no qual se consome toda a esperança na missão humana do Ocidente, das cinzas do enorme cansaço, o fênix de uma nova interioridade de vida e de espiritualização, como garantia de um futuro humano grande e duradouro pois só o espírito é imortal”.

5.1. Conceitos Fundantes de Fenomenologia

5.1.1. Atitude fenomenológica e Atitude natural

Urbano Zilles esclarece que na *atitude fenomenológica* o objeto é constituído na consciência, daí a fenomenologia estudar a constituição do mundo na consciência. Constituir significa remontar pela intuição até a origem, na consciência, do sentido de tudo que é. E o próprio sujeito se constitui na reflexão sobre sua própria vida irrefletida, constitui-se continuamente, e assim faz uma “exegese de si próprio”. Esse sujeito é o *eu transcendental*, porque porta uma *atitude transcendental*, na qual é evidente o mundo enquanto consciente, ou transcendente, em que se observa o mundo com a consciência.

Fenomenologia é uma *atitude* ou *postura filosófica* e um movimento de ideias com um *método* próprio, em que se procura descrever acuradamente o mundo como aparece na consciência. Encerra o fenômeno no campo imanente da consciência e propõe a *volta às coisas mesmas*, em que só interessa o puro fenômeno, tal como se torna presente e se mostra à consciência. Pretende estudar o ser como se apresenta no fenômeno, tudo aquilo de que podemos ter consciência, e sua tarefa é desvendar a significação das *vivências* da consciência. Devemos orientar-nos para o mundo interior, ou *transcendental*, em que o ser transcendente é o ser real ou empírico. O método de análise intencional consiste no acesso ao campo da consciência para submetê-lo à análise, através da reflexão.

A *atitude fenomenológica* trata de ocupar-nos exclusivamente com o mundo da vida, de como tem lugar para nós a consciência do horizonte universal dos objetos reais. O objeto não é tanto o ser do mundo quanto seu sentido. O interesse teórico da atitude fenomenológica dirige-se ao universo da subjetividade no qual se dá a nós o mundo como existente. A ciência do mundo vivido é a da subjetividade, a do universal, da preexistência do mundo como fundamento de toda objetividade. E tem por objeto o

estudo da vida transcendental e de sua atividade constituinte. Contemplar o mundo significa vê-lo do modo como adquire sentido e validade em nossa vida de consciência, e em configurações sempre novas. É o mundo histórico-cultural concreto, sedimentado intersubjetivamente em usos e costumes, saberes e valores.

Entende a *fenomenologia* como a *análise descritiva das vivências da consciência depuradas de seus elementos empíricos para descobrir e apreender as essências diretamente da intuição*. O efeito da *epoché* é a redução à esfera transcendental, às vivências puras, para analisar esta esfera e aquilo que efetivamente se dá. Quer deixar claro que *o mundo é sempre conteúdo de meu saber, experienciar e pensar, conteúdo de minha consciência*. Neste ponto a atitude fenomenológica se distingue da atitude natural. É preciso passar de uma atitude ingênua a uma atitude transcendental, na qual a consciência constitui o mundo como fenômeno puro.

5.1.1.1. Atitude natural

Forghieri (2002) entende que, na vida cotidiana, temos uma atitude natural diante do que nos rodeia, acreditando que o mundo existe por si mesmo, independentemente da nossa presença. A atitude natural, não refletida, ignora a existência da consciência como a “doadora” de sentido a tudo que se apresenta a nós no mundo. Ao refletir sobre a vida cotidiana e como esta se revela à nossa consciência, suspendemos a nossa crença na existência do mundo em si e em todos os pré-conceitos e teorias. É preciso refletir sobre a vida cotidiana para que a consciência revele a sua existência. Redução é uma mudança da atitude natural à fenomenológica, em relação ao mundo e ao sujeito, que nos permite visualizá-los como constituintes de uma totalidade no seio da qual mundo e sujeito revelam-se reciprocamente como significações. A *epoché* própria à via do mundo da vida não é nem interrupção do curso da atitude natural nem inibição do interesse pelo mundo: a *epoché* tem por ofício desconstruir nossas elaborações mentais, ideais ou sociais.

Para Cerbone (2014), do mesmo modo que, para Husserl, a tendência da atitude natural é focar sobre as coisas experienciadas em vez da experiência das coisas. Para Merleau-Ponty existe uma tendência constante de usar os resultados da experiência para explicar essa experiência.

Para Andrade e Holanda (2010), o primeiro passo é a mudança de uma atitude natural para uma atitude fenomenológica, o que permite visualizar o mundo do sujeito como fenômeno constituinte de uma totalidade, em que mundo e sujeito revelam-se, reciprocamente, como significações. Mundo-da-vida significa o solo prévio de toda experiência, aquele em que o homem adentra simplesmente por estar no mundo pré-reflexivo, e está essencialmente vinculado à subjetividade.

O mundo da vida significa o solo prévio de toda experiência por se situar no mundo pré-reflexivo. Mas nesse mundo pré-reflexivo não se abraça a atitude natural, porque tem um sentido negativo, uma atitude de suposição ingênua de que as coisas que eu percebo existem independentes de minha percepção, de minha intencionalidade e que eu não tenho uma relação da consciência pró ativa sobre estas predisposições que vêm da própria atitude natural. Quando se fala em mundo da vida é pra enfatizar essa regência originária pre-reflexiva, deste mundo da vida, que me fornece percepções, crenças, afetos. A atitude natural se dá em meio ao mundo da vida, mas uma coisa necessariamente não se identifica com a outra, porque, do mundo da vida, eu jamais devo me separar, como assevera Merleau-Ponty, mas em relação à atitude natural devo relativizar ao atingir o nível da redução fenomenológica.

Para Zilles, na *atitude natural*, aquela que espontaneamente vivemos, o eu empírico, ou a consciência ingênua, acredita na existência de um mundo exterior e vê o objeto como exterior e real. Na *atitude fenomenológica* o objeto é constituído na consciência, daí a fenomenologia estudar a constituição do mundo na consciência.

5.1.2. Intencionalidade da consciência

Depraz nos mostra que consciência é *intencionalidade*, só existe como consciência de *algo*, abrangendo a descrição de como alguma “coisa” ideal ou real, o fenômeno como tal, se apresenta ou manifesta imediatamente à consciência. Prescinde do empírico para chegar às essências, ao objeto inteligível do fenômeno, captado numa visão imediata da intuição. Parte da vivência imediata da consciência de um ente, um isto-aqui, do qual não se duvida a existência. Propõe partir de uma situação sem pressupostos para esclarecer as condições das quais depende nosso conhecimento.

Viver consiste em comprometer-se com o mundo, que nos dá a experiência através do pensar, do agir e do valorar. Só a fenomenologia, através da intencionalidade radical, poderá ser a ciência das ciências, justamente por “perder o mundo” através da redução fenomenológica para encontrá-lo pela análise da intencionalidade da consciência. Intencionalidade é consciência de algo e de si mesmo. O objeto é intencional, está presente na consciência sem ser parte dela, e é esta “coisa” que interessa à fenomenologia. É preciso partir das “coisas mesmas”, da *macieira-enquanto-percebida*, do ato da percepção da macieira no jardim, pois essa é a vivência originária. Através da *epoqué* só atendemos à percepção como vivência, em que a única coisa que permanece é a percepção e o percebido.

A intencionalidade conduz à *redução fenomenológica*, à colocação entre parênteses da realidade como a recebe o senso comum, nomeada de *atitude natural*. Na *atitude fenomenológica* o mundo nada mais é do que ele o é para a consciência, ou seja, fenômeno. O problema da *epoqué*, ou *redução fenomenológica*, é o significado do mundo, e não a sua existência. Husserl propõe-se a analisar as vivências intencionais da consciência para aí perceber o sentido dos fenômenos, de modo a se descobrir, na consciência ou no sujeito, um objeto ou um fenômeno. A *redução* faz, assim, o mundo aparecer como fenômeno. (o “estalo!”)

5.1.3. *Fenômeno.*

Por *fenômeno* entenda-se tudo o que aparece, que se manifesta ou se revela à consciência. Husserl designa *fenômeno* ou *objeto intencional* tudo que intencionalmente está presente à consciência e tem uma significação. Ao conjunto destas significações chama de “mundo”. Reflete sobre como o ato de pensar manifesta a realidade, orientando-se por uma evidência destituída de contradição. Tal atitude exige que no fenômeno estejam implicadas tanto a realidade existencial do sujeito cognoscente como a realidade exterior.

Iraquitán Caminha (2019) expõe que a atitude fenomenológica se propõe a descrever o que é imediatamente, para nós, um fenômeno percebido e que é sempre o ser do fenômeno que ele visa. A fenomenologia contempla, ao mesmo tempo, a dimensão do fenômeno daquilo que se mostra e o pensamento que se constrói a partir

das manifestações fenomênicas do mundo. A percepção nos revela que não existe fenômeno desprovido de significação, mas também que não há significação sem estar encarnada na faticidade do mundo existente. É o exame desta problemática que nos levará a evocar a questão do poder de se mostrar, ou se fazer visível, do fenômeno perceptivo quando aparece ao nosso corpo. Toda percepção é movimentar-se em direção a alguma coisa que aparece ou se manifesta, em que perceber e mover-se são sempre duas faces do mesmo fenômeno. Neste contexto, constatamos que, para compreender o aparecer daquilo que percebemos, devemos nos interrogar sobre o aparecer do que aparece, ou seja, o aparecer do aparecer ou o fenômeno do próprio aparecer. Em outros termos, para ter acesso ao aparecer daquilo que aparece, convém, portanto, examinar o significado da expressão “fenômeno”.

Depraz adverte que é preciso distinguir a tomada de distância do fenômeno da avaliação crítica que se tem o direito de fazer. Segundo ela, assim como para Heidegger, em Merleau-Ponty o mundo desempenha um papel de receptáculo originário, mas, diferente de Heidegger, o mundo é apreendido como o próprio entrelace da carne, na imanência originária da carne a si própria, e faz da expressão um fenômeno cooriginário a seu sentido. Cita que, em 1967, com *A voz e o fenômeno*, Merleau-Ponty recusa a “hermenêutica do sentido”, a precedência do pensamento ou do sentido sobre sua atuação na escrita enquanto toma a escrita em situação. Propõe que cada um leve a descrição fenomenológica aos seus limites, colocando em evidência um fenômeno originário que fosse unificador do campo da fenomenalidade. Instiga a reflexão de que, se a fenomenologia quer assumir o problema do sentido do fenômeno, ela não pode deixar de lado a dimensão do aparecer do fenômeno, que não se reduz nem ao manifesto nem ao aparente, mas que, ao contrário, dá sentido a essas duas possibilidades do ser do fenômeno.

A *épouqué* filosófica deve consistir em nos abstermos por completo de julgar doutrinas de qualquer filosofia e levar a cabo todas as nossas descrições no âmbito desta abstenção. A única fonte do conhecimento, para o fenomenólogo, é a *evidência* que caracteriza os atos da consciência. Parte das “coisas mesmas” (não dos fatos) como se apresentam em sua pureza à consciência. Cabe a ele descrever a estrutura do fenômeno como fluxo imanente de vivências que constituem a consciência. O postulado é que o

fenômeno seja ao mesmo tempo *logos*, sentido do fenômeno que lhe é imanente e que pode ser percebido na consciência, e que todo fenômeno tem uma *essência*.

Para Moreira (cit.) a apreensão, análise e descrição do fenômeno que assim se mostra, que assim se dá à consciência, é o objeto primeiro da fenomenologia, serve como começo essencial de uma ciência que busca determinações válidas e abertas à verificação de qualquer um.

Por sua vez Moustakas entende que os fenômenos são os blocos básicos da ciência humana, a base para todo conhecimento e qualquer fenômeno representa o ponto de partida desejável. O que é dado em nossa percepção de uma coisa é seu aparecer, e este não é uma ilusão vazia. O fenômeno é algo físico ou intuído, julgado, imaginado, fantasiado ou temido, inclui todas as formas de estar consciente de algo, são sempre anteriores às nossas teorias e conceitos, são dados imediatos, alguma coisa que se mostra a si próprio, são primários e têm uma natureza própria. Fenômenos não são meras representações, são vivenciados nos atos da consciência, daí que o aparecer é igual ao fenômeno. Fenomenologia é a descrição e o estudo do modo como as coisas aparecem à consciência, das experiências, dos sentidos ou *essências*. O método fenomenológico trata da análise cuidadosa dos processos intelectuais dos quais somos introspectivamente conscientes. A experiência vivida no mundo da vida de todo dia, ou cotidiano, é o foco central da investigação fenomenológica.

Moreira cita Zilles, para quem a fenomenologia pretende ser a ciência das essências e não dos fatos, uma ciência da experiência, que descreve os universais que a consciência intui quando se lhe apresentam os fenômenos. As essências não existem apenas no interior do mundo perceptivo, também têm sua essência as recordações e os desejos, apresentando-se de modo típico à consciência.

5

5.1.4. Intuição e Fenomenologia

De acordo com Depraz o discurso filosófico deve manter contato com a *intuição* originária, fonte do verdadeiro conhecimento das coisas e dos problemas. Quando um fato se nos apresenta à consciência, junto com ele captamos uma essência, assim como verificamos numa melodia diferentes sons e neles reconhecemos algo em comum, uma *essência comum*. As essências são as maneiras características do aparecer dos

fenômenos, sem abstração ou comparação, mas através da *intuição*, são objetos ideais que nos permitem distinguir e classificar fatos

A intuição da essência é a visão do sentido ideal que atribuímos ao fato materialmente percebido e que nos permite identificá-lo, assim como identificamos um círculo desenhado por uma criança sem o uso do compasso. A essência persiste como necessidade que contrasta com o fato. O fato, em sua singularidade e em sua contingência, oportuniza a manifestação da universalidade necessária da essência. Por isso, há tantas essências quantas significações nosso espírito é capaz de produzir, como se fosse uma armadura inteligível do ser, com sua estrutura e leis próprias. Elas são o sentido *a priori* do mundo real e possível e assim pode-se obter a compreensão independente da experiência, porque a intuição das essências é intuição de possibilidades puras.

Alterives Maciel, em *O Todo Aberto*, entende que, para Bergson, como filósofo da palavra, Intuição é Visão, é Ver. O conhecimento imediato, de que a visão fala, é a visão do espírito, uma apreensão de si imediata. A ciência constrói proposições a partir de observações que possam ser demonstradas, observa com os sentidos para fora, em um laboratório ou com uma tecnologia ou uma técnica que possibilite essa visão; através de meios cada vez mais precisos, potencializa os sentidos, constrói suas proposições. Por sua vez o método intuitivo não é o da observação de fora, mas a observação de dentro, uma visão de dentro em que apreendo a mim mesmo, sem mediação nem representação; uma apreensão imediata pelo espírito, onde o espírito se vê. Maciel situa a Intuição entre a Sensibilidade e a Inteligência; uma faculdade intermediária, que não julga nem avalia. É uma visão direta, fenomenológica, uma suspensão da vivência, como disse Husserl. *Intuição é visão direta do espírito por ele mesmo*. Apesar de ressaltar a autonomia da vida, nossa visão particular não pode ser universalmente válida, uma vez que “toda reflexão produz um mundo”.

Para Depraz, a expressão ou o conceito de evidência intuitiva remete ao paradigma da visão como critério primeiro e último da verdade, em que ver as coisas de frente é a única prova de verdade. A atividade de conhecer é regida por uma “intuição doadora originária”, considerada como fonte para o conhecimento da realidade. Este “princípio dos princípios” nos indica que a intuição deve simplesmente ser recebida por aquele a quem se dá, em carne e osso, como dado puro, mas essa autodoação das coisas

e do mundo não deve ultrapassar os limites em que se dá. Diz que o mundo é constituído no ego transcendental, desde quando seu sentido me é dado, e eu alcanço assim uma visão da realidade externa existente em si, transformada em sentido dado a mim mesmo.

5.1.5. *Lebenswelt, o mundo da vida*

Lebenswelt ou mundo da vida é uma formulação husserlina que se opõe ao mundo das ciências, ao considerar que a ciência emerge de algo anterior a ela mesma, de um a priori concreto, que chama *mundo da vida*. É o âmbito de nossas originárias “formações de sentido”, do qual nascem as ciências objetivas, reconduzindo-se a ciência à sua origem no mundo da vida, fonte de todos os conceitos e fundamentos científicos. É como um novo ponto de partida rumo a uma fenomenologia transcendental e aparece como fundamento e fio condutor para o retorno da fenomenologia à subjetividade constitutiva do mundo. A redução ao mundo da vida quer dizer “colocar entre parênteses” o que se refere a ele, como método de acesso à experiência transcendental. A capacidade perceptiva está enraizada no mundo da vida, o que sugere algum transbordamento do mundo da vida face a essa capacidade perceptiva da consciência.

As teorias lógico-matemáticas substituíram o mundo da vida pela natureza idealizada na linguagem dos símbolos. Cabe à fenomenologia recuperar o mundo da vida, pois o humano, ao mesmo tempo em que pertence ao universo dos fatos objetivos, enquanto pessoas-*eus*, tem fins, perseguem metas, referem-se às normas da tradição e da verdade.

A ciência não só emerge do mundo da vida como o converte em um mundo impregnado cientificamente. Sujeito e objeto encontram-se englobados pelo mundo e pela história, no mundo da vida, fator mediador entre o que se dá no objeto e na consciência. É um mundo subjetivo do qual emerge toda atividade humana e em que o ser humano exerce sua função de criar fatos culturais.

Na fase de *Krisis* Husserl articula o *Lebenswelt*, o *mundo da vida*, enquanto conjunto estrutural da experiência imediata e fundamento originário de sentido. Nele a evidência surge quando há uma equação completa entre o pensado e o imediatamente dado, anterior a toda teoria, situado ao nível da vivência fenomenológica.

A evidência é esta consciência que efetivamente vê, que apreende o objeto no dar-se em si mesmo. Para chegar ao fenômeno puro, suspende o juízo em relação à existência do mundo exterior (transcendente) e descreve apenas o mundo como se apresenta na consciência, ou seja, reduzido à consciência, a qual denomina *epoché*. Não duvida da existência do mundo exterior, mas simplesmente o põe “entre parênteses”, o idealiza ou o reduz ao fenômeno, e alcança a *redução fenomenológica*. Uma vez no fenômeno, procede a sucessivas reduções em busca da essência: a *redução eidética*.

5.1.6. Horizonte

A categoria “horizonte” constitui uma totalidade aberta e viva, supõe que cada experiência, dado ou palavra se encontra num nexos global de sentido, proveniente da intencionalidade subjetiva. Estes dados e experiências singulares compartilham ser e sentido com a totalidade aberta e viva na qual se inserem. O mundo da vida representa a dimensão interior do sujeito e da história, um mundo que tem o ser humano como centro. *Ser sujeito transcendental significa um modo particular de existência do sujeito humano*, enquanto desenvolve, ao máximo, suas possibilidades reflexivas.

Para Zilles, é o mundo gerado anonimamente pela colaboração humana que se cristaliza em uma práxis convencionada, no qual as coisas e as palavras saem ao encontro imediato ao homem. Neste mundo seria possível restabelecer a conexão entre ciência, ética e vida, postula Husserl, ao descobrir que o erro do objetivismo começa onde a razão moderna esquece o mundo ordinário e cotidiano dos homens, e por trás das concretizações descobre a atividade e a criatividade intencional da subjetividade. Analisando o mundo da vida a filosofia conquista novos horizontes, porque detrás das concretizações descobre a atividade e a criatividade intencional da subjetividade.

5.1.7. Intersubjetividade e Alteridade

Urbano Zilles explicita a dimensão da intersubjetividade em Husserl. Se tudo o que eu posso entender como verdadeiro ser é um acontecimento intencional de minha própria vida cognoscente, isso não significa que a percepção individual é a única forma de conhecer a realidade. Outro modo válido é a experiência mediata, ou seja, através do

corpo animado do outro. O que se apresenta a mim através deste corpo animado é outra subjetividade. Assim, *o idealismo transcendental situa-se no plano da intersubjetividade transcendental, em que a minha vida e a do outro fundam-se reciprocamente, pois o oposto do eu só pode ser outro eu. Na experiência de meu corpo radica a experiência que tenho de corpos alheios e, por sua mediação, tenho experiência da subjetividade alheia. A síntese de todos os eus em recíproca autopercepção constitui o mundo, a natureza. Este nós é a subjetividade transcendental na qual se constitui o mundo como validade “objetiva” para todos.*

Na experiência transcendental os outros seres são *em-si e para-si* e para mim se dão no modo de “outro”, como alteridade. Partindo de mim descubro que a percepção de nossos corpos e a vivência da alteridade é recíproca e constitui a comunidade humana, e simultaneamente apercebo minha própria humanidade. E a comunidade humana está aberta à comunidade cósmica, numa intersubjetividade transcendental, que se constitui em mim, no *ego* que medita, a partir de minha intencionalidade, que modifica-se na relação com *outros*, portadora do mesmo mundo objetivo, constituído em mim e na interioridade psíquica de cada um dos homens em vivências intencionais que implicam um horizonte indefinidamente aberto.

Nelson Coelho Jr., no artigo *Da intersubjetividade à intercorporeidade: contribuições da filosofia fenomenológica ao estudo psicológico da alteridade*, aborda a noção de intersubjetividade nas teorias fenomenológicas de Husserl, Scheler e Merleau-Ponty. Traz uma contribuição para o estudo psicológico da alteridade e das formas de surgimento do outro para mim, de sua presença como elemento constitutivo do mundo ao qual pertenco e como elemento que me constitui. *Para que o outro possa ser reconhecido em sua radical alteridade, não posso “instituí-lo” por comparação comigo, por analogia, nem por projeção ou introjeção e nem por processos de fusão afetiva, porque excluem a possibilidade de reconhecimento do outro em sua diferença. Intersubjetividade também pode ser definida como o que é vivido simultaneamente por várias mentes, surgindo a denominação de experiência intersubjetiva. Sugere que a partir da experiência sensível perceptiva na esfera de um corpo vivido é possível o reconhecimento do outro como diferença, por meio de suas formas expressivas.* O autor propõe que a noção de intersubjetividade poderia ser substituída com vantagens pela de intercorporeidade.

A psicologia confronta-se com as exigências éticas colocadas pela necessidade de reconhecimento da alteridade como elemento constitutivo das subjetividades singulares. A filosofia fenomenológica caracteriza-se pelo estudo do conceito e da experiência da intersubjetividade, referente a uma concepção de ser humano que integre em sua constituição a experiência da alteridade. Husserl atribui fundamental importância à experiência subjetiva para toda e qualquer forma de conhecimento de si e do outro, assim como seus sucessores Scheler, Heidegger, Merleau-Ponty e Lévinas.

Com Husserl a intersubjetividade recobre uma dimensão essencial para a compreensão da fenomenologia, ocupando um lugar central na discussão sobre a possibilidade de se conhecer a experiência que temos de um outro, assim como do mundo objetivo em geral. Reconhece que o outro, uma outra consciência ou ego, existe independente de minha consciência. No entanto, só sei do outro, só conheço outra consciência ou ego a partir de minha consciência intencional, enquanto consciência de algo. O outro só me aparece através dessa mediação, só existe como experiência de meu ego. A partir daí é possível afirmar que, no plano da consciência intencional o mundo vivido é sempre o mundo vivido de cada um, singularmente considerado, embora sempre intencionalmente dirigido a um outro objeto ou a uma outra consciência. Mas haveria um problema: a experiência de um sujeito não teria como ser remetida a um mundo compartilhado com outros, a um mundo vivido em comum.

Husserl sugere que o corpo exterior de um outro, por analogia, seria percebido como percebo meu próprio corpo. Essa referência à importância do corpo na relação com as coisas e com os outros viabiliza o mundo objetivo através de uma co-constituição, um caminho aberto para as investigações de Scheler e Merleau-Ponty. Husserl reconhece que há uma razão para distinguir uma experiência da outra, pois a experiência que tenho de meu corpo eu a tenho imediatamente, e a experiência do outro, como um outro, eu não a tenho, a não ser a partir de uma experiência minha, portanto, através de uma mediação. Em outro momento de reflexão, Husserl sugere que o mundo que posso conhecer, que é dotado de sentido, se dá a partir de minha experiência egóica, concebida enquanto consciência de mundo. Este é um mundo de *carnes*, entre elas a minha, aquela sobre a qual eu reino de forma original, e as outras carnes, que eu compreendo como carnes, por meio de sua expressividade e, a partir disso, também são carnes de outros sujeitos egóicos.

Scheler critica o julgamento por analogia, a afirmação de Husserl de que reconheço a existência de um outro ego porque posso experimentar identificações ou fusões afetivas com ele, uma vez que, na maior parte do tempo, o que cada um percebe de si não coincide com o que percebe no outro. Como alternativa, propõe que a primeira coisa que percebemos de fato ao nosso redor são as expressões, como a manifestação de um bebê, primeiramente sensível a expressões dos corpos ao seu redor. Esta experiência precisaria ser reconhecida como pré-pessoal, porque só mais tarde o bebê seria capaz de perceber objetos particulares não animados e, assim, distinguir sua experiência de si da experiência que pode ter de um outro.

Para Merleau-Ponty, a contribuição essencial de Scheler é a noção de “expressão”: *não há consciência atrás das manifestações, estas são inerentes à consciência, elas são a consciência. É em virtude de o outro estar presente inteiro nas suas manifestações que posso pô-lo; por sua própria existência e não por um raciocínio analógico.* Assim, podemos conhecer o outro através de suas expressões manifestas, que nos fazem um com ele. Trata-se de compreender como a consciência de si e a do outro podem surgir sobre esse fundo de indeferenciação primitiva.

A investigação de como o *outro* surge para *mim*, o tema da intersubjetividade, é foco da atenção de Merleau-Ponty desde o início de sua obra, que se situa na transição entre o questionamento epistemológico sobre o conhecimento do outro e a busca por uma ética da alteridade, aspecto central nas filosofias “pós-modernas”. Promove o deslocamento do *outro reduzido* a uma questão epistemológica para o *outro concreto*, pensado e apreendido em seu lugar de radical alteridade. *O comportamento passa a ser visto como conjunto significativo ou estrutura que não pertence nem ao mundo exterior nem à vida interior.* Em *Fenomenologia da Percepção*, suas formulações sobre o tema da intersubjetividade, a maneira como compreendo outrem, começam a ganhar corpo. Postula que na percepção *“só tenho rastro de uma consciência que me escapa em sua atualidade e, quando meu olhar cruza com um outro olhar, eu re-efetuo a existência alheia em uma espécie de reflexão”*.

Em *O Primado da Percepção e suas conseqüências filosóficas* (pp. 52-53) aparece a concepção de intersubjetividade como uma experiência perceptiva comum, uma co-percepção, e explicita uma peculiar relação entre o mundo natural e o mundo humano. *A natureza é vista no centro da subjetividade, como algo que penetra em*

minha vida pessoal e entrelaça-se a ela, assim como os comportamentos que depositam-se nela sob a forma de um mundo cultural. Depois do mundo natural precisamos redescobrir o mundo social como um campo permanente ou dimensão da existência, em que nossa relação com o mundo e com o social é mais profunda que qualquer percepção explícita ou qualquer julgamento.

Em outro momento, Merleau-Ponty busca examinar como conceber o mundo para que o outro seja pensável e, para tanto, recorre à Psicologia da Gestalt para investigar o tema de como percebemos uma outra pessoa, diferente de como se faz com objetos físicos ou mesmo com uma pintura. A Gestalt demonstra que a percepção não é pura recepção de um conteúdo particular, mas envolve a co-existência e a apreensão de uma certa intenção de uma outra pessoa. A percepção de outras pessoas seria uma co-operação de fato, “como contato direto com o outro”. Merleau-Ponty pensa uma nova teoria da expressividade, em que a leitura de uma expressão só é possível em referência à situação completa, de modo a *perceber o outro é decifrar uma linguagem*, defendendo uma certa noção de estrutura.

Mas em seu ensaio de 1959, *O Filósofo e sua sombra*, Merleau-Ponty torna clara sua mudança de interesse com a introdução do conceito de *intercorporeidade*, a percepção no contexto da intersubjetividade, da relação com o outro.

Se o outro deve existir para mim, é preciso que seja primeiro abaixo da ordem do pensamento. (...) Meu mundo percebido, as coisas entreabertas diante de mim ... têm direito a mais testemunhas além de mim.. (...) Aquele que “põe” o outro homem é um sujeito perceptivo, o corpo do outro é coisa percebida, o próprio outro é “posto” como “perceptivo”. Trata-se sempre de uma co-percepção. Vejo que aquele homem vê, como toco minha mão esquerda que está tocando minha mão direita. (...) Minha mão direita assistia ao surgimento do tato ativo em minha mão esquerda. Não é de maneira diversa que o corpo do outro se anima diante de mim quando aperto a mão de um homem, ou quando o olho somente. Aprendendo que meu corpo é “coisa sentiente”, que é excitável – ele e não minha consciência – preparei-me para compreender que há outros *animália* e, possivelmente, outros homens. (...) Se, apertando a mão de outro homem tenho evidência de seu ser-aí, é porque ela se coloca no lugar de minha mão esquerda. No aperto de mãos, meu corpo anexa o corpo do outro numa “espécie de reflexão”, cuja sede é, paradoxalmente, ele próprio. Minhas duas mãos são “co-presentes” ou “co-existem”, porque são as mãos de um só corpo: o outro aparece por extensão dessa co-presença. Ele e eu somos

os órgãos de uma só intercorporeidade. (...) Percebo primeiro uma outra “sensibilidade” e somente a partir daí, um outro homem e um outro pensamento”. (pp. 212-213)

Em seu livro inacabado, *O Visível e o Invisível* (1964) há uma interrogação radical da origem das relações intersubjetivas, do contato do corpo com o mundo e com outros corpos, na direção de experiências intercorpóreas. Entende o sentir como uma despossessão de nós mesmos em proveito do que é sentido, uma abertura àquilo que em nós não temos necessidade de pensar para compreender. Procura apresentar o corpo vivido em sua dimensão porosa, como uma experiência reversível, de quase simultaneidade de ser sujeito e objeto de um ato sensível. Como se no plano do sensível, da mais radical relação intercorpórea, as particularidades que geram as diferenças *quase* fossem abolidas e nós tivéssemos que reconhecer que no princípio só há a unidade. A distância e, portanto, o nível das singularidades é próprio do corpo vivido em sua relação com o mundo e com outros corpos.

Para Coelho, a noção de *carne*, privilegiada neste seu último livro, é de fundamental importância para que seja possível apreender a real dimensão de sua *noção de intercorporeidade, em que o que vê e o que é visto se permutam reciprocamente e não se sabe mais quem vê e quem é visto*. É a essa Visibilidade do Sensível que Merleau-Ponty chama de *carne*, pois não é matéria, espírito ou substância, mas a designa pelo termo “elemento”, assim como era empregado para falar-se da água, do ar, da terra e do fogo, *no sentido de uma coisa geral, a meio caminho entre o indivíduo espaço-temporal e a ideia, espécie de princípio encarnado que importa um estilo de ser em todos os lugares onde se encontra uma parcela sua*. Esta noção de *carne* fornece o “estofa” comum para que seja possível falar em intercorporeidade, uma vez que traz em si *a mútua constituição das polaridades em um campo existencial, aquele da permanente reversibilidade entre um corpo que toca outro corpo e por ele é tocado*.

Se ver é tocar à distância e se busco com meu corpo tocar e ser tocado é porque a distância existe e a diferença é um fato. E o único meio que possuo para chegar ao âmago das coisas é fazendo-me mundo e fazendo as coisas carne. Assim, busca no campo das intensidades e das experiências expressivas, plano inaugural de nossas relações com o mundo e com os outros, os fundamentos para uma radical filosofia da alteridade. O problema filosófico da intersubjetividade, de como estabelecer “pontes”

ou “comunicação” entre os pólos eu-outro, consciência-mundo, fez emergir um problema epistemológico: como é possível conhecer o outro, uma outra consciência?

A primeira tentativa de superação da dualidade eu-outro foi por meio da concepção husserliana de uma consciência intencional, em que só posso conhecer o outro de forma mediatizada, através da minha consciência, que é sempre uma consciência de algo, aberta a mim e aos outros, *consciência intencional*. O *Eu*, e também a consciência, têm prevalência na tarefa de conhecimento do mundo e dos outros *eus*. Mas, principalmente com Merleau-Ponty, emerge uma segunda possibilidade para o problema epistemológico: *conceber a intersubjetividade como constituída a partir de experiências de compartilhamento da realidade, de busca de “união”, onde antes se reconhecia separação, em que ganham relevo as noções de corpo vivido, percepção e co-construção da realidade*.

Nelson Coelho Jr., ancorado em França Jr., defende o conceito de intercorporeidade como substitutivo de intersubjetividade, considerada um falso problema e tributária de uma concepção filosófica que parte da primazia do sujeito soberano da razão. Intercorporeidade expressaria as experiências vividas pré-subjetivas ou transubjetivas e remete à valorização de um plano existencial, que não pode ser tematizado a partir das filosofias do sujeito e das representações, e que exige um inevitável encontro com a radical alteridade do outro.

5.1.8. Existência e Essência

Com Serres (2001), *somos todos dotados de uma alma, depois de termos arriscado, salvo, nossa existência, na primeira passagem*.

Para Alvim (2017), nossa existência é engajada no mundo como um organismo, ou seja, somos uma totalidade mente-corpo. O que torna possível o movimento abstrato é um espaço livre onde aquilo que não existe naturalmente possa adquirir um semblante de existência. As utopias pós-humanistas sonham com uma existência pós-humana e pós-orgânica, em que uma mente pura, sem corpo, seria transferida para o virtual, enquanto o corpo é desprezado.

Caminha (2019) realça que, para Merleau-Ponty, o método fenomenológico pode ser usado para redefinir as essências, sempre a partir da existência, considerando nossas experiências vividas no mundo e, assim, busca compreender o corpo enquanto próprio ou vivido. Devemos primar pelo entrelaçamento da essência com a existência quando propomos um retorno à experiência do mundo percebido. O próprio corpo está sempre ancorado nas paisagens do mundo percebido como existência já presente no espaço. Para Merleau-Ponty, a experiência do corpo próprio nos ensina a nos enraizarmos no espaço da existência. Essa experiência de existir como seres corporais revela a existência de uma espacialidade primordial que se define como relação orgânica entre o sujeito que percebe e o mundo.

Caminha reafirma que voltar às próprias coisas é sinônimo de retorno à experiência perceptiva, em que a percepção é uma relação permanente com a existência no mundo. O corpo próprio é uma existência indivisa que vivemos como uma vida que sempre nos pertence. Mostra que a motricidade é um movimento de existência que nos coloca no ser, através do qual sensibilidade e significado estão inevitavelmente ligados.

Depraz, em *Compreender Husserl*, reafirma que a *epoché* concerne em definitivo ao mundo em sua integralidade: suspendo a realidade, a existência do universo, ao ponto de imaginar sua possível aniquilação. *As mais básicas descrições de nossa experiência perceptual envolvem referência à nossa existência corporal e ao corpo de um modo geral: olhos e ouvidos estão localizados na cabeça, as mãos nas extremidades dos braços, e assim por diante. O corpo-vivido está completamente entrelaçado com minha existência como um ser consciente.* O retorno à experiência perceptual nunca apaga o caráter mundano de nossa existência, nem cinde os “fios intencionais” que nos ligam ao mundo circundante. Para o filósofo, o materialismo “não é sensível à sua própria existência, e ao que reside nas coisas”; constitui um tipo de esquecimento que negligencia a experiência pela qual ele adquiriu a concepção do mundo material. *Ao se esforçar por nos redespertar para nossa própria experiência, para os fenômenos por meio dos quais nossa concepção de mundo é constituída, a fenomenologia busca nos despertar para nós mesmos: tornar-nos sensíveis à nossa própria existência, como sujeitos que portam um tipo de responsabilidade última por essa concepção.*

Husserl promove a reconstituição da Psicologia fenomenológica e, com isso, reafirma que a Fenomenologia tem a pretensão de encontrar uma ordem espontânea, um sentido e uma orientação da existência humana, retomando o rol da subjetividade transcendental. Isso acontece porque *toda vivência faz-se objeto de um puro ver e captar, cuja existência e sentido não se pode duvidar*.

Para a Fenomenologia, descrever é dizer aquilo que *vemos*, tentando ser o *mais completo possível*, indica Dupraz. Supõe que nos referimos a uma experiência singular, individualizada no tempo e no espaço, supõe muita autenticidade e transparência em relação a si mesmo. *Ir do fato à essência* é o caminho. Uma vivência não é própria a um indivíduo apenas, mas deve se tornar a mais universal e *necessária* possível. Como isolar a essência daquilo que vejo quando me encontro com um amigo? *Liberar a essência desse encontro é fazer variar todos esses encontros já vividos que apresentam traços similares: tal amigo, o ambiente emocional, o tema da discussão*. Trata-se de aprofundar na multiplicidade concreta dos encontros contingentes o teor essencial que lhe confere esse gosto singular, no qual os reconheço como similares para além dos precários traços que os distinguem. O ponto comum entre conversão reflexiva e variação eidética reside nesta atitude, que *a redução descobre em mim, de poder considerar a realidade de outra maneira, quer se trate de objetos ou de fatos*. O que está em jogo na operação concreta da redução é a experiência de uma modificação de nossa relação com aquilo que nos cerca e da nossa relação conosco mesmos. No livro que está a minha frente descubro-lhe a vivência, aquilo que ele representa para mim em um plano cognitivo e emocional. Dessa forma faço surgir uma relação-a-si, diante de todos esses encontros factuais se aloja sua essência, sua qualidade única de verdade: eu libero a intimidade do universal.

5.1.9. Vivências da consciência

Em Zilles, a radicalidade e universalidade do saber fenomenológico situam-se no plano da consciência, da subjetividade transcendental. Uma coisa é a indubitável existência real do mundo e outra coisa é compreender e fundamentar essa existência. O mundo existe *para nós* como produto intencional, e a única tarefa e função desta fenomenologia é salvar o *sentido* deste mundo para qualquer ser humano como

realmente existe. É uma radical tomada de consciência do que é o ser humano em si mesmo, a penetração do homem dentro de si mesmo.

A intencionalidade husserliana corresponde à correlação consciência-mundo, sujeito-objeto, mais originária que o sujeito ou o objeto, pois estes só se definem nessa relação. É *visada de consciência e produção de um sentido* que permite perceber os fenômenos humanos em seu teor vivido. Husserl entende consciência como um conjunto de todas as vivências, como percepção interna de vivências psíquicas e como *vivência intencional*. A consciência seria como “uma torrente de experiências vividas” num rio heraclítico, que se colhe a si mesma. A estrutura da consciência como intencionalidade é uma das grandes descobertas de Husserl e significa que “toda consciência é consciência de algo”. É uma atividade constituída por atos, como a percepção, a imaginação, a paixão, a volição ou livre escolha de suas decisões, com os quais visa algo. Significa que o modo de ser da consciência pode ser definido como um *transcender*, como o dirigir-se a outra coisa que não o próprio ato de consciência.

Vivência da consciência é tudo que encontramos na consciência. As vivências intencionais orientam ou impulsionam o sujeito para seu objeto. Intencionalidade é a particularidade que tem a consciência de ser consciência de algo e só poder existir como consciência de algo. Representa uma característica essencial da esfera das experiências vividas, porque todas as experiências têm uma intencionalidade, aquilo que caracteriza a consciência e indica a corrente da experiência vivida que faz o mundo aparecer como fenômeno. Consciência não é coisa, mas é aquilo que dá sentido às coisas. O sentido não se constata à maneira de uma coisa, mas se interpreta. O objeto só pode ser definido em sua relação com a consciência, só tem sentido para uma consciência que o visa, por ser sempre um objeto-para-um-sujeito. A fenomenologia busca a descrição dos atos intencionais da consciência e dos objetos por ela visados, e descreve a essência do ser humano como questão de sentido, como ser presente, capaz de integrar ciência e filosofia no mundo concreto da vida, sem desconhecer que a tomada de consciência crítica da realidade é pressuposto de sua transformação histórica.

Para alcançar as essências é preciso purificar o fenômeno de tudo que não é essencial, é preciso fazer a *redução eidética*. A essência se definirá como aquilo que é impossível à consciência pensar de outro modo, e identifica-se esse invariante através das diferenças. A essência é o sentido ideal do “objeto” produzido pela atividade da

consciência. Com a *redução* e a *epoché* Husserl coloca entre parênteses a existência do mundo, mas apenas suspende o juízo em relação a esta existência, para fazer uma depuração na procura das evidências apodíticas, incontestáveis. Quer encarar o mundo apenas sob o aspecto do fenômeno, ou seja, como se apresenta à consciência, é a redução à consciência. Para chegar à evidência apodítica é preciso colocar “entre parênteses” tudo que me é exterior: o mundo, outras pessoas e o próprio Deus. Devemos partir do mundo reduzido às vivências da consciência, num ato livre, inteiramente dependente da vontade.

Refletindo sobre esses fenômenos singulares posso sujeitá-los a uma série de variações arbitrárias em busca do invariante ou da essência. Dessa forma, pratico a redução eidética. Surge, então, um fenômeno novo, uma essência purificada. Mas, para se alcançar essa redução transcendental, coloca-se entre parênteses a própria existência do eu e dos seus atos. Só assim alcançarei o eu absoluto ou transcendental e com ele o âmbito da experiência genuinamente filosófica. Assim chegamos ao contato imediato com as “coisas” que se nos apresentam na sua evidência originária da consciência. Agora não possuímos simplesmente o mundo, mas apenas a consciência do mundo.

A fenomenologia consiste na tentativa de descrever o fundamento da filosofia na consciência, na qual a reflexão emerge. É um método derivado de uma atitude, sem pressupostos, e tem como objetivo fornecer bases sólidas de uma ciência de rigor. Analisa dados inerentes à consciência e funda-se na essência dos fenômenos e na subjetividade transcendental, a minha, uma vez que as essências só existem na consciência. É um método descritivo e conduz a resultados específicos e cumulativos. Como um conhecimento fundado nas essências, e não na experiência empírica, busca a raiz de toda atividade filosófica e científica, é uma doutrina das essências das estruturas imanentes da consciência. Seu objeto é a consciência como resíduo da *epoché* praticada. Questiona qualquer objetividade dada e a reduz à vivência em que se dá, para torná-la objeto de análise. É uma ciência da subjetividade pura, que tem por objeto a essência da vida da consciência, em que uma consciência atuante é o fundamento da objetividade. Como ciência rigorosa, exigirá uma postura que nos conduzirá às raízes últimas de todas as coisas. E Husserl busca esse fundamento no mundo da vida.

Para Lanz³⁵ (1924) Husserl é levado a considerar a intuição como a única solução do problema epistemológico. A *intuição epistemológica* é uma experiência, no sentido de que chegamos a ela através do contato imediato com as suas informações. A razão não produz conteúdo, este deve nos ser dado. A relação da consciência com seu objeto é que ele tem que ser *apresentado* à (tem que estar presente na) consciência. O intelecto é, em si mesmo, uma intuição, o que não significa que a fenomenologia seja uma ciência indutiva. Um único olhar para o círculo cromático é suficiente para convencer qualquer indivíduo de que a relação entre *laranja, vermelho e amarelo* é válida para todos os casos nos quais deva ser válida, isto é, é uma relação essencial e que não pode ser modificada, em que a evidência é completa. Assim, a relação é, ao mesmo tempo, *dada e a priori*: aqueles significados e proposições são fundamentados na evidência suprida pela intuição. Para alcançar o estado de *a priori* é necessário abandonar todas as crenças e teorias e se entregar ao conteúdo conforme intencionado pela consciência.

Um conteúdo é igualmente necessário tanto no mundo da *verdade científica* como nos contos de fada, e é chamado de *essência* pelos fenomenólogos, notadamente os que permanecem fiéis à matriz husserliana, pontua Lanz. Assim, a *essência* da vida deve ser dada mesmo sob a ilusão de que um objeto está vivo; a *essência* da lei deve estar presente tanto na constituição dos EUA como no reino de Lilliput. As essências não são necessariamente racionais, existem inúmeras formas de intencionalidade ou modos de consciência, todos com suas significações. Fé, dúvida, imaginação, investigação, apreciação, desejo, são nomes que se referem a diferentes *modos de consciência*, cada um com sua natureza específica ou essência geral, que transmite a si mesma para seus objetos. Um objeto de fé tem seu próprio sabor peculiar, o que o torna *essencialmente* diferente de qualquer outro objeto da consciência. Uma determinada consciência resulta num tipo peculiar de estrutura objetiva, conhecida como *valores*, os quais têm suas próprias relações e conexões, distintas daquelas de *verdade ou realidade*. Nosso contato com o valores não é de ordem física ou lógica, é de uma ordem diferente, uma '*logique du coeur*', para Blaise Pascal, ou *Ethos*, para Max Scheler. *Valor* é uma das formas alógicas da objetividade.

³⁵A NOVA FENOMENOLOGIA. Henry Lanz. 1924. (textos clássicos) Revista de Abordagem Gestáltica – Fenomenológica Estudos – XX (2): 231-236, jul-dez, 2014.

A fenomenologia investiga as condições e possibilidades do conhecimento e apresenta regras de funcionamento do pensamento (Menezes, 2019)³⁶. Ao formular uma teoria do conhecimento irá voltar-se à análise das essências: o que o fenômeno se torna quando apresentado à consciência. Essências são conteúdos que a consciência oferece a si mesma para dar sentido à realidade, se enriquecem e ampliam no tempo, mas não modificam em sua estrutura de sentido. É na consciência que se produz conhecimento, mas como se constitui o conhecimento? Parte-se da hipótese de que existe uma realidade espaço-temporal descontínua; que existe um sujeito, uma consciência que se movimenta, que busca aproximar-se dessa realidade; desse encontro entre a consciência e a coisa, nascem os fenômenos, que não podem ser tomados como dados em si mesmos. O fenômeno é aquilo que se oferece ao olhar da consciência, à observação pura, e a fenomenologia se apresenta como um estudo puramente descritivo dos fatos vivenciais do pensamento, assim como o conhecimento produzido por esta observação. O fenomenólogo apenas pergunta pelo *significado* que percebemos no espírito quando julgamos, afirmamos, vivemos. Orienta-se para a realidade da consciência, para os objetos enquanto intencionados por e na consciência, para as essências ideais, aquilo que se manifesta imediatamente na consciência, alcançado por uma intuição, antes da reflexão ou do juízo. Ao colocar-se entre parênteses toda existência substancial, está-se praticando uma redução fenomenológica: minha experiência se encontra *reduzida* ao que se manifesta autenticamente, ao que aparece, ao que me é dado, e eu me apreendo pensando em alguma coisa.

A intencionalidade da consciência revela o sentido do mundo para determinada consciência, que funciona como estrutura significativa e atribui sentido à existência. O conteúdo da vivência está na consciência. A fenomenologia procura acessar *objetos do mundo, intencionados pela consciência*, e assim conhecer os conteúdos das vivências. Vivência não tem qualquer referência à existência empírico-real, é tomada de um modo puramente fenomenológico. A aparição da coisa é fenomênica, nós a vivemos enquanto fenômeno; portanto, o conteúdo da consciência é um objeto fenomênico. A vivência intencional está no fluxo da consciência. Schutz tenta acessar a experiência significativa deste fluxo a partir de quatro princípios: 1. Para capturar a estrutura da experiência, é necessário que haja reflexão sobre ela, a fim de apreender o movimento que completou

³⁶Menezes, E. e Crusoé, N. Fenomenologia sociológica em Alfred Schutz: contribuições para a investigação qualitativa em prática educativa. Atas CIAIQ, 2019. Investigação Qualitativa em Educação. www.ciai.org

seu curso. 2. A experiência do fluxo da consciência é um contínuo vir a ser, pois ela tem liberdade de se mover. 3. Viver no fluxo da consciência é *viver um continuum*, numa multiplicidade de acontecimentos; 4. A rememoração e a retenção são fundamentais para preservar algo da experiência que passou. (Schutz, 2012)

A fenomenologia é um retorno à experiência do sujeito³⁷, instrui Depraz (2011). Aposta na força intuitiva do conhecimento, em que o objeto só é conhecido na vivência intuitiva, que resulte de uma atestação em primeira pessoa. A atividade de conhecer é regida por uma *intuição doadora originária*, o *princípio dos princípios*, em que tudo deve simplesmente ser recebido, na medida *daquilo que* se dá a mim em carne e osso, sem ultrapassar os limites em que se dá. A expressão evidência intuitiva remete ao paradigma da visão como critério primeiro e último da verdade, em que ver as coisas de frente é a única prova de verdade. Entretanto, enquanto a evidência corresponde a uma certeza inabalável que se impõe a mim, a *intuição* qualifica esta modalidade de certeza dotando-a de uma acuidade, de *observar atentamente*. À força da evidência, Husserl contrapõe o poder espontâneo de resistência das coisas. Sua verdade é apodítica, não faz nenhuma prova do real coisal: a intuição *eidética* resulta de uma variação perceptiva ou imaginativa dos fatos sensíveis.

5.2. Uma fenomenologia corporal

Volteando da mente ao corpo, permanece o viés fenomenológico. Martins³⁸(2011) entende que as ciências sociais negligenciaram o corpo *natural*, o corpo como condição ontológica da existência, e assim depreciaram as evidências etnográficas entre pessoa e corpo. Situa em Fenomenologia da Percepção (1999)³⁹ o corpo como realidade pré-objetiva que se estabelece como fundamento dos processos perceptivos que terminam na objetificação, como afirma Merleau-Ponty: *Embora eu veja ou toque o mundo, o meu corpo, no entanto, não pode ser visto ou tocado: o que o impede de ser alguma vez objeto, de estar alguma vez completamente constituído, é o fato de ele ser aquilo porque existem objetos* (136).

³⁷ Compreender Husserl. Natalie Depraz. Petrópolis: Vozes, 2011. Pp 34-40. (síntese)

³⁸ Martins, Bruno. *Cegueira na Carne*. Um excerto deste artigo foi encontrado no site “Sobre a Deficiência Visual” e remete à publicação *Lugares da Cegueira: Portugal e Moçambique no trânsito de sentidos*, Universidade de Coimbra, junho de 2011. Tese de doutorado orientada por Boaventura Sousa Santos.

³⁹ Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 2006 (1999).

O nosso corpo fenomenal é a nossa âncora existencial e não deve nem pode ser subsumido na análise dos itinerários de sua objetificação: *Não é nunca nosso corpo objetivo que movemos, mas nosso corpo fenomenal, e isso sem mistério* (idem, 153). A localização do corpo imerge assim como um apriorismo existencial numa relação com o mundo. No entanto, a asserção da existência de um corpo que *permite a existência* não poderia ser dissociada dos contextos de significado socialmente produzidos. Há a necessidade de contextualização cultural para se entender a experiência incorporada. O significado cultural deve ser reconhecido como intrínseco à existência incorporada, ao nível existencial de *ser-no-mundo*.

Varela (The Embodied Mind, 1991), na esteira de Merleau-Ponty considera o caráter incorporado de todo o conhecimento e questiona o modo como a mente vinha sendo dissociada do corpo à luz da metáfora computacional, como um modelo interpretativo da mente humana entre as ciências cognitivas. A consciência, longe de ser desincorporada, emerge das características do nosso cérebro, dos nossos corpos, da nossa experiência corporal, da nossa estrutura neuronal e do meio em que estamos imersos. Sua tese central vincula a razão com o corpo que a permite. Por sua vez, Lakoff & Johnson (1999) focalizam o corpo como sujeito do conhecimento, mas não negam que os significados variam culturalmente e que existe uma variabilidade e multiplicidade advindas da construção social. Defendem a imaginação projetiva como uma faculdade cognitiva, em que a imaginação e a incorporação articulam-se na possibilidade do conhecimento, fundando a própria possibilidade de ciência. O caráter imaginativo da razão e o vínculo que a liga à incorporação é expresso na projeção empática, o processo pelo qual o sujeito *sai de seu corpo* para vivenciar a experiência do corpo de outros. Assim são abalados alguns pilares que sustentavam as formas hegemônicas da modernidade, e se criam espaço para a articulação de questões cujas implicações sociais não podem mais ser negligenciadas.

Nóbrega⁴⁰ (2008) mostra que Merleau-Ponty interroga os postulados positivistas sobre a condução do impulso elétrico, baseado na relação estímulo-resposta, assim como o campo perceptivo, considerando insuficiente a correspondência entre o excitante, o mapa cerebral e a reação. Esta revisão conduz a uma compreensão nova da percepção, que se aproxima das ciências cognitivas contemporâneas, abre o diálogo

⁴⁰NÓBREGA, Terezinha P. *Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty*. Estudos de Psicologia. (Natal) vol. 13, nº 2, May/Aug. 2008.

com a arte e a ciência, e configura noções e conceitos em torno de uma fenomenologia do conhecimento. Para a autora, o filósofo postula que a obra de arte está colocada como campo de possibilidades para a experiência do sensível, não como pensamento de ver ou de sentir, mas como reflexão corporal. Utiliza imagens em câmera lenta do trabalho de Matisse para ilustrar esta reflexão corporal e percebe que a linguagem sensível configura possibilidades de outro arranjo para o conhecimento, expresso na dimensão estética.

5.3. O Corpo, o Movimento e o Ouvir

A pesquisa de Mota (2013) é um estudo de caso que busca analisar a construção cênica de um corpo, até então considerado incapaz para tal prática, de modo a possibilitar, na cena, outro olhar para novas possibilidades artísticas de movimento, criação, produção e recepção artística. A partir de Cazé e Oliveira (2008), compreende a dança como forma de conhecimento, uma ação corporal que ocorre em tempo real e é possível a qualquer ser humano. Entende que uma bailarina pode ser deficiente visual, pode ter uma limitação sensorial, mas o mundo do cego como forma de conhecimento não precisa ser restrito. Pessoas com limitações podem usufruir da dança, afinal são seres humanos constituídos de corpo, história, emoção, razão, sentimento, pensamentos e sonhos. A partir do uso mais constante do tato o deficiente visual estabelece a percepção do mundo que o rodeia.

Veiga (1983, 30) avalia que “habitado a servir-se dele constantemente, o cego tira do tato as informações mais sutis”. Explica que “a repetição transforma-se em treino, gerando o hábito, que por sua vez conduz ao aperfeiçoamento. Mas nem todos os cegos desenvolvem convenientemente os outros sentidos”. O corpo do deficiente visual possui uma história inscrita, formada por sentimentos, pensamentos, ações e desejos. O que diferencia os corpos dos cegos são as vias de acesso. Sacks (2006, 144-145) considera que a cegueira pode ser uma terrível perda e privação, mas pode atenuar-se com o passar do tempo, a partir de uma profunda adaptação ou reorientação, pela qual o cego reconstitui ou se reapropria do mundo em termos não visuais, com sua própria sensibilidade, coerência e sentimentos. Entende que cegueira propicia ao cego um mundo próprio dele e para ele, definindo o seu sentido visual. Para Mota o deficiente

visual, ao entrar em contato com o mundo cria e recria ações efetivas para experimentar as coisas; busca e encontra sua organização autônoma, coordenando-se com as outras pessoas, deficientes da visão ou não, e vive sua existência junto aos fenômenos que o circundam. David Le Breton (2011) diz que “a deficiência, quando é visível, é um poderoso atrativo de olhares e comentários, um operador de discursos e emoções”. Para Oliveira (2002), é comum que a pessoa deficiente sofra o estigma da incapacidade completa. Goffman (2008) considera que as pessoas veem a cegueira como uma deficiência que atinge o organismo como um todo.

Merleau-Ponty⁴¹ (2011, 122) entende que o movimento é aprendido quando compreendido pelo corpo e incorporado ao seu *mundo* e mover-se é deixar-se corresponder à solicitação do corpo. Diz que as coisas visíveis são apalpadas, envolvidas, desposadas pelo olhar.

O que eu olho e vejo são coisas que, ao serem interrogadas por mim, necessitam ser tocadas para a exploração, e as informações pertencentes a elas são transpostas para além do visível”(...) “nosso corpo não é apenas um espaço expressivo entre todos os outros. Este é apenas o corpo construído. Ele é origem de todos os outros, o próprio movimento de expressão, aquilo que projeta as significações do exterior dando-lhes um lugar, aquilo que faz com que elas comecem a existir como coisas, sob nossas mãos, sob nossos olhos.

Em *Fenomenologia da Percepção* Merleau-Ponty afirmara ser:

O corpo uma coisa – uma coisa onde resido. É o vínculo, entre eu e as coisas. É coisa que sente. É sujeito-objeto. É o ser na sua totalidade e o é no espaço. O corpo não é, para mim, uma somatória de partes estanques e dissociadas que faz parte do espaço universal, onde, no contato com outros, parece manter-se preso aos conceitos e explicações creditados pela ciência clássica. Ele é um todo, envolvido e envolvente, no espaço que lhe é próprio e único, pois, ao movimentar-se, vive – pela percepção de seu eu interior e exterior – sensações que só a ele pertencem e podem ser percebidas.

Como o corpo que não vê conhece e reconhece o mundo que o rodeia e seu próprio corpo neste mundo? Merleau-Ponty (2011, p. 122) diz que “o corpo é o veículo

⁴¹Merleau-Ponty. O Olho e o Espírito.

do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles”.

5.2. Comunicação corporal e Filosofia

Convocamos Ciro Marcondes Filho (2005) para contribuir como um amálgama na construção desta ponte pênsil entre a filosofia e a comunicação, ao realinhar o foco do filósofo Michel Serres (2001) em sua afirmação de que nosso conhecimento de mundo vem de nosso corpo, de nossa *carne*. O corpo, como o primeiro suporte da memória e da transmissão, nada deixa passar antes de ser percebido pelos sentidos, nosso primeiro *cogito*: primeiro eu sinto, vejo, saboreio, ouço, cheiro, toco, e daí eu falo. Mesmo que os sistemas de registro da civilização, como as tábuas de cera, os pergaminhos e a imprensa nos tivessem feito esquecer a prioridade do corpo, o filósofo afirma sua posição primeira e determinante. Entende o corpo como lugar de emissão, recepção, passagem, lugar onde se misturam matéria e vazio, algo que vem antes de qualquer posição e prepara o advento de todas elas. Assim, a bailarina não é nem viva, nem morta, mas *movimento*, porque tudo é móvel, tudo se agita numa circulação interminável e alucinante, num perpétuo escoamento.

O espaço do mundo seria o espaço da comunicação, uma vez que não dá pra não comunicar. Comunicação enquanto onda, comunicação do vento, do mar, da luz estelar, todos emissores e nós receptores de uma comunicação que passa por obstáculos e interpretações. A atuação dos intermediários/parasitos/mídias é mais perniciososa que uma mensagem com erro, pois este pode ser detectado. Como a figura do “inocente”, que, enquanto intermediário, “muda, inclina, torce” o canal. E o faz permanecendo invisível, pois só aparece para falar de outro, vez que, no mundo das comunicações, o poder pertence aos mesmos que o roubam. Em sua releitura de Serres (2001), Marcondes nota que, sem o tradutor, você olha mais no rosto do outro, amolda-se ao outro, funde-se numa transmissão imediata. Advém a impressão de compreender o incompreensível e de chegar a tocá-lo. Cita *Waking Life* para mostrar que, no cinema, a narrativa é tempo, como na música, e que o mote “Vamos fazer um momento sagrado?”, seria o convite do filme.

Marcondes (2005) entende a Comunicação como a produção de um terceiro, a partir da confluência de dois, um terceiro entre a primeira e a segunda pessoa, circulando entre as relações. E a Comunicação só se inicia quando de fato as pessoas *baixam a guarda*. Credita que o diálogo, em realidade, é praticado por quatro pessoas: as duas que falam, o terceiro excluído, que é o demônio delas, mais o terceiro incluído, sua esperança, um deus que nasce do meio delas. O mundo da comunicação seria antes o *mundo do tocar* do que o mundo do ver. Serres (2001) compreende que o mundo do ver (Platão, Aristóteles) repudia os sentidos/simulacros (*eidolon*) em nome do *eidos*, das coisas “como elas são”. E defende que *eidolon* é o que é verdadeiro. Assim, a teoria dos simulacros, dos envoltórios, de objeto em objeto, ou de emissores a receptores, é uma teoria da comunicação. As finas carapaças deslocam-se para emitir e o aparelho sensorial, a visão, o olfato, a audição, são toques, há um toque generalizado, o mundo torna-se tangível. A comunicação tem sua plenitude no contato direto, na experiência quase mística com o outro, em que o intermediário evapora-se. Entende que o rigor das ciências e os gigantescos investimentos na comunicação mediática criam relações únicas que fazem com que não amemos mais o amor.

No capítulo *O Êxodo e o Rodeio como Método* (11/15), Marcondes mostra que cada novo paradigma conceitual tem que produzir seu próprio caminho investigativo, pensando numa ciência do transitório. Engendra o conceito de *metáporos* como caminho que se desbrava a si mesmo, como uma embarcação que abre, enquanto segue, a própria rota. Lembra que Serres (2001) cita W. Benjamin em sua rota do *aprender a perder-se*, em que o filósofo que procura não dispõe de nenhum método, ele vagueia. Trata-se do método do êxodo, de *escolher errar*, como Ulisses na *Odisséia*, que busca inverter o saber intuitivo, a história aberta, o novo tempo. Em vez de um método, propõe um *rodeio*, os giros à própria sorte, como faz um animal perseguido para a escolha de uma direção e para entender o trecho percorrido. Ulisses faz uma varredura do espaço, com o risco de se perder ou a chance de se descobrir. Com o rodeio, divaga-se como um pensamento, faz-se o olho brilhar em todas as direções, improvisa-se. Apanha-se o gesto *durante* a ocorrência da relação e se o faz continuar como acontecimento único, encontro de linhas e vetores, produtor de efeitos e de situações efêmeras, que não comportam modelos explicativos padronizados. *A razão durante...*

busca uma espécie de “entre-ser”, que dá vida aos processos. O sentido está no durante, quer dizer, o pensamento exercita-se no tempo em que este mesmo se dá.

Marcondes (2005) chama Bergson para nos ajudar neste caminhar: a mudança é aquilo que pode haver de mais substancial e durável no mundo. Cada vez que realizamos um novo recomeço, somos levados à vertigem, à ilusão da mobilidade: “instale-se a mudança”. Indica que Serres (2001) desenha um mapa flutuante de relações e contatos, em que as relações são anteriores, são *preposições* que mudam a si mesmas, mas transformam também tudo que acontece em torno delas: as palavras, as coisas, as pessoas: *preposição* é igual a *durante*. As relações são *preposições*, elas geram objetos, seres, atos. Não há o objeto, estes só representam relações; há um mundo independente dos homens, afirma Serres (2001). As relações não se restringem às relações humanas, são atos da natureza como um todo, incluindo aí os seres vivos e não vivos. Este mundo vive por si e constitui relações que *preposicionam* os acontecimentos, gerando as coisas, seres vivos e os acontecimentos. As relações são um confluente móvel do fluxo e a forma de investigação atua como bricolagem, único procedimento capaz de realizar operações que se recusam a propor conclusões ou inferências no universal, atuando somente no específico.

Para Marcondes (2005), Serres trata de uma nova ciência que fala do saber da vida, de um saber não culpado, que canta a volúpia, a vitória sobre o instinto de morte. Trata-se de uma ciência inspirada em Vênus, com seu tom claro-escuro, contra o palco excessivamente iluminado da luz platônica, que nos permite ver os relevos por efeito de contraste. Finaliza com uma citação de Serres:

“Quando o verbo, assim, domina e ocupa a carne e a matéria, outrora inocente, sobre sonhar com o tempo paradisíaco em que o corpo, livre, poderia correr à vontade. A única revolta virá dos Cinco Sentidos” (1993, p. 60).

6. Hermenêutica e Fenomenologia

Lawrence Schmidt (2006) explica que Hermenêutica trata de teorias para interpretar textos corretamente, sejam romances, poemas, peças, filmes, ou livros sagrados, como a Bíblia, a Torá, o Alcorão, o Tao Te Ching e os Brahma-Sutras. Será que é possível fazer algo com os textos que não seja interpretá-los? Tradicionalmente, *a hermenêutica, enquanto conjunto de regras de interpretação*, era utilizada quando uma passagem não fazia sentido, e qualquer tentativa de interpretá-la seria um erro de interpretação. O tipo de texto a ser interpretado também condiciona a interpretação, uma vez que interpretar corretamente a Bíblia, para uma pessoa de fé, significaria pressupor que o que ela diz é verdade absoluta, assim como uma descrição de uma paisagem deve ser precisa. Na hermenêutica encontramos o princípio da caridade, ou da boa vontade, em que devemos inicialmente aceitar que aquilo que foi escrito realmente faz sentido.

Mas a linguagem muda e, por isso, aquilo que foi escrito pode não significar, para mim, o que significava quando foi escrito. Assim, o critério seria aquele que a platéia contemporânea entenderia. Mas as platéias são tão capazes de cometer erros quanto os autores. *O objetivo da hermenêutica é compreender o autor melhor do que ele compreendia, já que nós, enquanto intérpretes, podemos vir a conhecer motivações ocultas ou inconscientes.* Descobriremos que muitas das perguntas sobre a interpretação correta dependem de como compreendemos a própria linguagem. De modo geral, hermenêutica realmente significa interpretação, e provavelmente existe desde que os humanos começaram a falar.

A experiência hermenêutica começa quando o intérprete é questionado pela tradição sobre alguma coisa e busca encontrar uma resposta examinando um texto. O intérprete está inserido na tradição, já que herdou um conjunto de preconceitos que constitui seu horizonte de compreensão. A compreensão correta ocorre quando ele consegue legitimar seus preconceitos fundamentando-os nas coisas em si. Podem ser considerados legítimos os preconceitos que foram testados conscientemente e baseados nas coisas em si, enquanto os ilegítimos são baseados nas idéias ao acaso e concepções vulgarizadas. Afirma Gadamer: *“Como nós herdamos estruturas prévias de compreensão, chamadas preconceitos de nossa tradição, a tarefa epistemológica é descobrir os preconceitos positivos, aqueles que têm fundamento. A compreensão ocorre como uma fusão do assim chamado passado do texto com o horizonte presente daquele que compreende”.* Gadamer emprega a palavra *“preconceitos”* para designar

as estruturas prévias da compreensão herdadas, que incluem tudo que sabemos consciente ou inconscientemente, os significados das palavras, nossas preferências, os fatos que aceitamos, nossos valores e juízos estéticos, nossos juízos sobre a natureza humana e o divino. *“É por isso que são os preconceitos do indivíduo, muito mais do que seus juízos, que constituem a realidade histórica de seu ser”*

Gadamer sustenta que a palavra correta *“traz a coisa para a apresentação”*, *“A linguagem e o pensar sobre as coisas estão tão unidos que é uma abstração conceber o sistema de verdades como um sistema pré-dado...”*. Enquanto a experiência ocorre dentro da linguagem, *“Nós procuramos a palavra correta – a palavra que realmente pertença à coisa – para que nela a coisa venha para a linguagem”*. Quando a palavra correta é encontrada *“a coisa está então presente nela”*. As distinções entre o pensar e o falar formam uma unidade interna, em que o pensar ocorre na linguagem. A palavra como evento da revelação do mundo é exemplificado no conceito cristão de encarnação, onde a palavra é pensada como um verbo, e a palavra divina traz o ser nomeado para a existência.

Diferentes comunidades lingüísticas desenvolveram seus conceitos em relação a seu próprio modo de vida. Toda linguagem pode ser vista como uma visão particular de mundo e emerge da estrutura interna da faculdade lingüística humana. Apesar de todos os seres vivos existirem num ambiente que os afeta, apenas os seres humanos têm a liberdade de refletir sobre seu ambiente e compreendê-lo na linguagem.

Para Gadamer, a experiência hermenêutica é um evento na linguagem, revela que a linguagem pode ser vista da perspectiva do intérprete e do assunto expresso. O intérprete experiente está aberto a novas experiências e ao ser questionado pela tradição interpreta a resposta do texto ao assunto sob discussão. A tradição transfere aquilo que tem a dizer para o pensamento do intérprete, ao escutar o que a tradição tem a dizer. Como o modo de ser da tradição é a linguagem, é mais correto dizer que a linguagem nos fala, em vez de que nós a falamos. Herdamos nossos preconceitos da tradição e eles constituem nosso horizonte lingüístico de significado possível. O evento é o próprio ato da coisa e a linguagem é, ao mesmo tempo, o meio e o objeto da compreensão, é o modo de ser da tradição e a experiência que ocorre dentro da linguagem.

Na discussão sobre hermenêutica encontramos o *“círculo hermenêutico”*, uma expressão que *significa que as partes só podem ser compreendidas a partir de uma*

compreensão do todo, mas que o todo só pode ser compreendido a partir de uma compreensão das partes. Na maioria das vezes simplesmente lemos, as palavras são compreendidas e as sentenças fazem sentido. *Podemos quebrar o círculo obtendo primeiro uma impressão geral do todo, numa leitura preliminar, e então indo e vindo da parte para o todo para a parte até que tudo se encaixe.* Um historiador está incrustado na história, e isto significa dentro do círculo hermenêutico da compreensão, e ele não pode escapar deste círculo para obter um ponto de vista de reflexão que permitiria um conhecimento justificado metodologicamente. O círculo hermenêutico da compreensão implica que um intérprete não pode fugir do efeito da história para um ponto de vista objetivo. Toda compreensão inclui a aplicação do texto ao horizonte do intérprete, através da projeção do horizonte do texto para seu próprio horizonte, agora expandido. A compreensão é o evento da fusão destes dois horizontes onde os preconceitos são legitimados e descobrimos uma resposta à pergunta original.

A linguagem constitui tanto o meio quanto o objeto da experiência hermenêutica. A finalidade da atividade hermenêutica de interpretação ocorre na linguagem e temos de traduzi-la para a nossa própria linguagem. A fusão de horizontes ou a dialética da pergunta e da resposta ocorre através da linguagem. A compreensão correta do que o texto tem a dizer será afirmada em situações hermenêuticas diferentes. Ao fazer com que um texto fale, o intérprete entra numa conversa com o texto através da linguagem. Na tradução a tarefa do intérprete fazer o texto falar depende tanto da interpretação como da aplicação e transcende as circunstâncias de seu uso.

Hermenêutica busca definir com maior precisão o sentido de que o intérprete pertence à tradição e se é experiente encontra-se aberto a novas experiências, ao ser questionado pela tradição interpreta a resposta do texto ao assunto sob discussão. Ao se dirigir ao intérprete, a tradição transfere aquilo que tem a dizer para o pensamento do intérprete, e traz algo novo para a linguagem ao escutar o que a tradição tem a dizer. *“Nós herdamos nossos preconceitos da tradição e eles constituem nosso horizonte lingüístico de significado possível, e considero verdadeiro dizer que este evento não é nossa ação sobre a coisa, mas o próprio ato da coisa”*, afirma Gadamer.

Há duas diferenças importantes entre a teoria de Husserl das perspectivas da percepção e o conceito de Gadamer de “sombreados da linguagem”. Diferente da consciência intencional, que pode constituir o objeto intencional em si, a consciência

efetuada historicamente não consegue alcançar uma posição objetiva a partir da qual o assunto possa ser compreendido. A descrição ontológica da linguagem demonstra que não há uma linguagem perfeita, e que toda visão da linguagem é apenas uma visão limitada de mundo. Nossa consciência é sempre efetuada pelo passado e o que compreendemos através da linguagem ocorre através da fusão de horizontes. Tanto para Gadamer como para Heidegger, a linguagem é a revelação do mundo, “a linguagem é a linguagem da própria razão”.

6.1. Abordagens Biográficas em Educação e Hermenêutica

Na esteira da linguagem como evidenciação do aparecer da ‘coisa’, em *Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador*, Passegi (2021) compreende que as abordagens biográficas em educação têm como premissa o poder transformador da ação de narrar a experiência vivida. Interroga a emergência do eu e a hesitante entrada da subjetividade na pesquisa qualitativa, ao considerar inseparáveis os vínculos entre a vida, a experiência vivida e a ciência. A vitalidade do sujeito é estudada com base nas noções de sujeito empírico, sujeito epistêmico e sujeito autobiográfico enquanto dimensões da subjetividade, que se constituem pela reflexão narrativa nos processos de produção e recepção de narrativas da experiência.

As abordagens biográficas em educação têm dois pressupostos fundadores. Para o primeiro, a ação de narrar e de refletir sobre as experiências vividas permite dar sentido ao que ocorreu, ao que se pode mudar ou manter inalterável, mas também ao que poderia ter acontecido e por quais razões. Para o segundo, nesse ato de linguagem a pessoa que narra reconstitui uma versão de si, ao repensar suas relações com o outro e com o mundo da vida, o que envolve operações cognitivas, volitivas ou involuntárias, envolvidas na prática cotidiana de narrar e ouvir histórias, mas não percebemos a complexidade dessas atividades humanas.

Compreende que narrar as próprias experiências - autobiografiação - e a aprender com a história de outrem – biografização e heterobiografização – fazem parte de nossa humanidade, nos caracteriza como seres pensantes, capazes de sentir, inferir e expressar emoções, razões, desejos, intencionalidades. Toma como objeto de estudo a reflexividade narrativa, entendida como a capacidade do sujeito operar com diversas

linguagens para se constituir um si mesmo, ao tempo em que dá sentido às suas experiências, às suas aprendizagens e até mesmo reconhecer seus fracassos nessas tentativas. Essa capacidade humana e seu poder de formação ocupam um lugar central nos processos constitutivos da subjetividade. Examinar essa reflexividade narrativa como uma ação de linguagem é suscetível de gerar versões provisórias de si e da consciência histórica. Dela depende a atividade do sujeito, enquanto ser interpretante, de dar sentido à vida, reinventar a percepção de si, do outro e do mundo, do que é e do que poderia ter sido.

O que caracteriza a autobiografia é o desdobramento da pessoa que narra em instâncias discursivas: a de narradora, a de protagonista e a de autora da história narrada. Mas o que importa é que a história termine no presente, no *aqui e no agora*, fazendo coincidir protagonista, narrador e autor, o que caracteriza o ato de autobiografização, mas a autora prefere o termo *narrativa autobiográfica*, por ser mais amplo e incluir autobiografias literárias.

Compreende que toda narrativa é tributária de uma situação narrativa e que uma boa narrativa suscita o interesse, o espanto, ou qualquer outra emoção pelo acontecimento narrado. As narrativas autobiográficas se concluem quando o autor, o narrador e o personagem coincidem no final da história. O autobiográfico se enraíza na atitude fundamental do ser humano, que consiste em configurar narrativamente a sensação temporal de sua experiência. Trata-se de um trabalho de interpretação, que busca dar sentido às experiências vividas e narradas, e um trabalho de textualização, pelo qual se produz um texto, oral ou escrito, que organiza narrativamente os acontecimentos da própria história (autobiografização), da história que escreveu sobre outrem (biografização) e do que aprendeu com a narrativa de outrem (heterobiografização)

O *sujeito da experiência* será sempre o anverso (metáfora da moeda/papel) de cada uma das três dimensões, com o intuito de valorar a palavra de quem narra (o eu, auto, humano, biográfico), o *sujeito epistêmico* que busca responder indagações para dar coerência e sentido à vida, enquanto o *sujeito autobiográfico* integra os outros dois para constituir uma *identidade narrativa*, resultante de uma reflexividade narrativa que se reconstrói permanentemente, pois sempre provisória, como indica Ricoeur.

A autora entende que a *reflexividade autobiográfica*, subjacente ao paradigma compreensivo das ciências humanas e sociais, apresenta-se como um conceito-chave das pesquisas que recorrem às narrativas de si, ao dar conta da vitalidade do sujeito e do poder auto(trans)formador das narrativas em si, com potencial para o estudo da memória, do processo de aprendizagem e da construção identitária do ser humano. Entende que o sujeito, no ato de narrar, enlaça a razão, que quer dar sentido à experiência vivida, à emoção desta alegria e da dor corpórea, que anima o corpo e a consciência, no sentido de dar-lhe alma esse esforço cognitivo sobre o sensível. Isto evidencia que a reflexividade narrativa envolve linguagens naturais, racionais, poéticas, cinestésicas, e que o Eu necessita delas para existir, assim como *nós somos agulha, linha e o bordado* que fazemos sobre o tecido da vida.

Este parentesco teórico-metodológico da fenomenologia com a hermenêutica é um passo adiante da fenomenologia, motivado por uma sapiência fenomenológica, quando chega até a narrativa enquanto dimensão essencial para a compreensão do próprio sentido da temporalidade e da própria subjetividade, enquanto tecida pela temporalidade. O enlace entre realidade, temporalidade e subjetividade busca sua concreticidade na narratividade e em um lastro epistemológico coerente para adentrar nas próprias narrativas.

6.2. Em jeito de síntese

As *vivências* ocorrem no mundo da vida cotidiana de todas as pessoas, a partir de sua condição sensorial, mas o que norteou esta investigação foi perceber como se manifestam estas vivências no âmbito de sujeitos cegos ou com limitação visual, nomeadas “*outras vivências*”, a percepção do mundo, dos outros e da natureza a partir dos outros órgãos sensoriais. Foi notado que a dimensão da corporeidade, onde se localizam os sentidos, se constitui a partir de uma relação imediata do corpo com a consciência, para onde convergem as dimensões sensíveis percebidas pelos sentidos do tato, audição, olfato e paladar, abarcados pela noção de cinestesia, como articulação de todos estes sentidos, que orientam o cotidiano de pessoas cegas e sua localização no espaço e no tempo, assim como o contato com outros seres e coisas.

Na narrativa aqui desenvolvida pude compreender que o sujeito cego está apto para formular seus próprios modos de ser e estar no mundo com os outros, que sua autonomia foi se constituindo a partir de sua própria experiência e nas decisões tomadas no curso de sua vida cotidiana, como no ato de se alimentar, de escolher uma roupa, de se deslocar de um lugar para outro. Notei que esta postura contribuiu para a construção de uma personalidade saudável, com capacidade de resolver conflitos e de realizar aprendizagens. Seu cotidiano se constituiu como um espaço de afirmação, criação e resolução de saberes corporais, adquirido nesta instituição formadora, a ACIDE. A dimensão ética é parte inseparável de sua prática diária e a melhor maneira de lidar com ela é vivê-la de uma forma responsável em suas relações intersubjetivas, seja com enxergantes ou com não enxergantes.

Pude notar que o mundo vivido na dimensão subjetiva desta condição sensorial proporciona vislumbrar horizontes distintos daqueles alcançados pela percepção humana convencional, em relação aos objetos e seres do mundo da vida, lugar que dá sentido e finalidade ao agir e ao ser, penetrado por uma intencionalidade a desenvolver-se. Ao observar como o mundo aparece à consciência de pessoas cegas notou-se uma apropriação distinta e própria a cada um, constituída em sua subjetividade transcendental, ou em sua consciência. Contemplar o mundo, para os cegos, assim como para os videntes, significa vê-lo em sua vida da consciência, e em configurações sempre novas. A intencionalidade é manifestada em cada situação experienciada em seu dia-a-dia, mesmo que não seja percebida enquanto tal. Tanto em sua realidade existencial como na realidade exterior, o que conta para a fenomenologia é aquilo que se mostra à consciência, e não apenas aos sentidos corporais. O que é dado na percepção é o aparecer da coisa, vivenciada nos atos de consciência e na intuição, como uma apreensão imediata, uma evidência surgida entre o pensado e o imediatamente dado, que necessariamente nem precisa ser imagem, como no caso dos cegos, mas apenas um relance perceptivo.

Percebi que ir do fato à essência é o caminho que confere à experiência, particularmente do ser humano cego, um gosto singular, propício ao desvendamento de *outras vidências*. O que se apresenta a mim através do corpo animado de um cego é outra subjetividade, uma experiência que tenho a partir de corpos alheios. Partindo de

mim, descobri que a percepção de nossos corpos e a vivência da alteridade é recíproca, porque nela percebo minha própria humanidade, enquanto minha intencionalidade modifica-se na relação com os outros.

Experiências intersubjetivas se manifestavam nos encontros ocorridos na ACIDE, vividos simultaneamente por vários corpos e mentes. A partir da experiência sensível perceptiva na esfera de um corpo vivido tornou-se possível o reconhecimento do outro como diferença, por meio de suas formas expressivas. A maneira como compreendo o outro, em um contato direto, pode me fazer percebê-lo do mesmo modo com que decifro uma linguagem. Eu e o outro somos órgãos de uma só intercorporeidade, em que percebo, primeiro, uma outra sensibilidade e, somente a partir daí, um outro ser humano e um outro pensamento.

Aprendi que o contato do corpo de um ser humano cego com o mundo e com outros corpos caminha na direção de experiências intercorpóreas, que se dão em proveito do que é sentido, sem necessidade de refletir para compreender, numa quase simultaneidade de ser sujeito e objeto de um ato sensível, em que as diferenças são *quase* abolidas e se reconhece que no princípio só há unidade entre os seres. O nível das singularidades se manifesta no próprio corpo vivido, em sua relação com o mundo e com outros corpos. O que *vê/sente* e o que é *visto/sentido* se permutam reciprocamente, ao ponto de não se saber mais o que é visto e quem vê, pois há uma permanente reversibilidade entre um corpo que toca outro corpo e por ele é tocado.

Notei que a vivência intersubjetiva experienciada com os associados da ACIDE se situa na esfera de um compartilhamento da realidade, de busca da ‘união’, onde antes se reconhecia a separação, quando seus associados estavam imersos no mundo da rua. Nesta condição existencial compartilhada passaram a ganhar relevo as noções de corpo vivido, percepção e co-construção da realidade, porque somos uma totalidade mente-corpo. O corpo sempre está ancorado na paisagem do mundo percebido como existência e já presente no espaço, em que percepção é uma relação permanente com a existência no mundo, e a motricidade é um movimento de existência que nos coloca em contato com o ser que nos habita. O corpo vivido está entrelaçado com minha existência como ser consciente e me redesperta para minha própria experiência.

Compreendi que o mundo existe para todos nós, cegos e videntes, como produto intencional, como uma visada da consciência e uma produção de um sentido, que nos permite perceber os fenômenos humanos em seu teor vivido. O ser da consciência é transcender, dirigir-se a outra coisa que não o próprio ato da consciência, enquanto as vivências intencionais orientam ou impulsionam o sujeito para seu objeto, e ao sentido deste ato cabe uma interpretação.

Com a hermenêutica descobri que o uso de uma palavra correta traz a “coisa”, o mundo vivido, para sua apresentação em narrativas, uma das poucas formas de se apreender o tempo, em sua historicidade ou em sua mundanidade passageira. A linguagem e o pensar sobre as coisas estão tão unidos que a palavra correta, que realmente pertence à coisa, é encontrada quando a coisa está presente nela, e assim traz o ser nomeado para a existência.

7. Descrição estrutural do fenômeno da cegueira a partir da narrativa dos entrevistados

O mundo da vida dos cegos, objeto desta investigação, foi sendo delineado ao longo deste percurso investigativo e está se clarificando para que possa ser apresentado e discutido nesta defesa de tese. Ao longo deste processo, foram sendo agregadas séries de informações e buscadas orientações teóricas e metodológicas que tratassem de diferentes aspectos e abordagens da vida de pessoas cegas, para que emergisse uma diretriz a ser seguida.

Tem como propósito situar na ambiência do mundo da vida as pessoas com cegueira congênita, adquirida ou com baixa visão. Numa dimensão intra-subjetiva, busca saber como ocorrem as lembranças, como sonham, como se orientam quando se locomovem. Na perspectiva intersubjetiva, quer saber como aprendem a ressignificar sua vida a partir de sua inserção em uma entidade de educação não formal, em que passam a interagir com seus pares e com os professores/as, como as tecnologias assistivas contribuem para sua ação no cotidiano, como superam as barreiras que encontram em seu processo formativo e existencial junto às pessoas videntes. Essa interação e aprendizado ocorrem tanto com os pares e os professores/as, como com as psicólogas, a cozinheira, o porteiro e com os demais entes mundanos presentes na entidade.

Como observador participante, fui aos poucos me tornando uma presença familiar neste ambiente acolhedor, que promove uma educação especializada, proporciona uma alimentação coletiva, um atendimento psicológico individualizado e em grupo, contribui para a construção da identidade de deficientes visuais e realiza festas animadas, com a presença de familiares, de musicistas, de políticos. Com distanciamento temporal, observo que guiado pela intuição e pela experiência prática e teórica com documentários o que estava realizando na ACIDE era uma pesquisa com metodologia qualitativa, em que as filmagens se tratavam de incursões etnográficas não planejadas, numa entidade em que minha presença era reconhecida facilmente a partir do som de minha voz.

Os depoentes que concederam entrevistas foram indicados por Fernando, um dos fundadores da ACIDE. Dos doze depoentes, apenas um era cego de nascença, nos demais a cegueira ou baixa visão foi adquirida por doença ou trauma. A partir destas entrevistas percebi que a singularidade deste grupo se manifestava no modo como eles ‘veem’ o mundo, através das percepções corporais e das orientações da consciência, de lembranças biográficas guardadas na memória, e não imediatamente através dos olhos. Apenas têm lembranças visuais aqueles cegos que um dia enxergaram as coisas do mundo, suas formas e cores, mesmo que de forma imperfeita. Já o cego de nascença, no caso, um entre os doze entrevistados, não possuía memórias visuais, mas somente auditivas, táteis, olfativas e gustativas inscritas na mente. Os demais sentidos colaboram para a inserção do deficiente visual no mundo da vida cotidiana. Mas o que situava a maioria e os ajudava em sua locomoção parece que eram os *olhos da mente*, que fenomenologicamente se denomina a intencionalidade da consciência. Outra descoberta da ordem da perplexidade é que, no sonho, vários deles não se apresentavam como cegos, mas enxergavam os caminhos percorridos em suas formas e cores. O que auxilia os cegos em seu deslocamento no mundo da vida diária parece que são os *olhos da mente*, percebem o mundo a partir de *outras vidências*, proporcionadas pelos demais órgãos sensoriais e da intencionalidade de uma consciência situada no mundo da vida.

O ato de *ver*, para os intervenientes, não se encontra apenas na visão, mas é compartilhado com os demais sentidos do corpo, que informam a presença de coisas e seres, numa interface com a linguagem. O ato de *ver* é compreendido como sinônimo do ato de conhecer enquanto o conhecimento se encontra no fazer. Cada participante estabelece uma imagem diferente em relação a um mesmo objeto ou pessoa, criada com a ajuda da imaginação e das lembranças. A capacidade imagética do ser humano não se restringe ao órgão da visão e se distribui entre as demais formas de percepção, e as memórias, lembranças e sonhos não são constituídos apenas por imagens visuais. Se fosse assim, as pessoas cegas não imaginariam nem criariam sonhos e devaneios. Mas os voluntários cegos, que um dia enxergaram, mesmo que de forma imperfeita, relataram conteúdos visuais em seus sonhos. Poderíamos pensar que alguém que não pode enxergar não conseguiria criar imagens nem compreender os elementos de sua cultura. Mas se entendermos a criação de imagens como uma capacidade do ser-aí no

mundo, reconhecemos que mesmo sem a visão, a pessoa pode imaginar e significar e promover seu acesso à realidade fenomênica.

Passey (2021) compreende a memória autobiográfica como disposição humana a preservar na memória gestos, sons, sabores, perfumes, constitui arquivos de experiências vividas, projetadas, sonhos e impressões, que constituem nosso capital biográfico, e podem ser acessados voluntária ou involuntariamente. Cita Leher (2011) por este ter notado, na obra de Michel Proust, como as lembranças da infância se dão com base nas sensações experienciadas, revelações que as neurociências levaram anos para constatar.

A busca de Proust é estabelecer relações entre suas sensações gustativas e olfativas, a memória e a consciência de si. Percebe que dos cinco sentidos, o paladar e o olfato são os que têm memória mais prolongada, que a flutuação da memória opera entre a impressão do vivido e o sentido que queremos, podemos ou sabemos atribuir, e que o “ato de rememoração nos transforma”. Estes pontos nos ajudam a pensar que a memória, a experiência vivida e a consciência de si estão intrinsecamente vinculadas à reflexividade narrativa, ou que é ela que opera tal vinculação entre o ato de narrar ou de escutar, ler suas próprias experiências ou as de outrem.

7.1. Descrição e análise das entrevistas com associados da ACIDE

Esta etapa consiste na descrição e análise fenomenológica das entrevistas realizadas, a partir de leituras, vivências e experiências. Fiquei gratamente surpreso ao constatar que, ao dar a primazia à fala do *outro*, na realização de documentários, inadvertidamente, estava utilizando um método qualitativo, que une prática e teoria num mesmo propósito. Numa perspectiva fenomenológica-interpretativa o sentido é atribuído pelo entrevistado/*outro* e o campo empírico comporta a problematização, e não a verificação. Na realização de pesquisa há um mundo compartilhado pelo pesquisado e pelo pesquisador, em que horizontaliza-se a relação e minimiza-se a relação hierárquica. A tarefa do pesquisador consiste em “olhar em lupa”, imbuído de teoria e método, para que possa numa atitude de alteridade ver pelo olhar do *outro* e no processo de análise se ater ao conteúdo manifesto. A melhor pergunta/hipótese deve ser impulsionada pela “vida cotidiana”, compartilhada pelos sujeitos presentes na prática

educativa. Vai-se ater, neste momento às leituras ou fundamentações teórico metodológicas.

A Metodologia Qualitativa, para Holanda (2006)⁴² envolve *fenômenos humanos*, destaca elementos característicos da natureza humana, une a capacidade de empatia com uma inteligência indutiva e generalizante, propõe-se a elucidar os complexos processos de constituição da subjetividade, em busca de criar uma *codificação*, mínima que seja, para o fato humano. O método fenomenológico é um modelo compreensivo com significativa relação com o fenômeno psicológico. Estudos Qualitativos em Psicologia buscam a explicação de processos que não estão acessíveis à experiência, a partir da unidade indissolúvel entre o metodológico e o epistemológico, ou entre a produção e elaboração do conhecimento.

Para Bogdan⁴³ (1994), na pesquisa qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, porque o investigador se preocupa com o contexto da história das instituições e sabe que o comportamento humano é significativamente influenciado pelo contexto em que ocorre. Uma boa interpretação dos dados, recolhidos em forma de palavras ou imagens, conduz ao coração daquilo que se pretende interpretar. O investigador tenta analisar os dados em toda sua riqueza, o que inclui gestos, piadas, decoração, palavras especiais, tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita compreender nosso objeto. A descrição opera no método de recolha de dados e de detalhes em que o processo tem mais importância que os resultados. Interessa saber como as pessoas negociam os significados, como usam certos termos e rótulos, como determinadas noções começaram a fazer parte do senso comum, qual a história natural da atividade e conhecimentos que se pretende estudar.

Para Bogdan (1994, 135-138), as boas entrevistas caracterizam-se pelo fato de as pessoas estarem à vontade, falarem livremente sobre seus pontos de vista e produzirem uma riqueza de dados. Um bom entrevistador comunica ao sujeito o seu interesse pessoal e põe ênfase na importância da autorrevelação. Ouvir cuidadosamente é o mais importante, como se fosse desvendar o mistério, que é o modo como cada sujeito olha para o mundo. As transcrições devem estar repletas de detalhes e de exemplos, recheada

⁴² Holanda, Adriano. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. Revista Análise Psicológica 3 (XXIV) pp 363-372.

⁴³ Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Robert Bogdan e Sari Biklen. Porto Editora: Portugal, 1994.

de palavras que revelam as perspectivas dos respondentes. O que conta é o que se retira do estudo completo. Há uma preocupação com um registro tão rigoroso quanto possível, questionar continuamente com o objetivo de perceber aquilo que experimentam e o modo como estruturam o mundo em que vivem. A investigação qualitativa estabelece as estratégias e procedimentos que lhe permitam tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador, uma espécie de diálogo entre o investigador e os sujeitos, que são abordados de forma neutra.

Passegi (2021) esclarece que as noções de biografização e de heterobiografização são pertinentes a um trabalho biográfico da pessoa que narra. O processo de *biografização* corresponde ao ato de narrar a vida de outrem, utilizada nas pesquisas que utilizam como fonte as narrativas de si, obtidas mediante entrevistas narrativas, escritos pessoais, depoimentos, relatos de pessoas que convivem com a pessoa biografada. Interessa uma comunicação interpessoal complexa e recíproca entre o narrador e o observador. A noção de *heterobiografização* pergunta sobre o efeito da escrita e da leitura de narrativas de outrem sobre nossa própria vida, de como captamos os sentidos que alguém atribui às experiências vividas. O ser pensante aprende sobre si com a história contada pelo outro (heterobiografização), com a história que ele conta sobre outrem (biografização) e com a história que ele conta sobre si mesmo (autobiografização). A volatilidade e o poder de formação do sujeito, mediante a elaboração ou a escuta de narrativas, colocam em jogo a reflexividade narrativa, focalizam seu poder (auto)transformador e de emancipação, o que implica a noção de consciência histórica e possibilita poder-saber-refletir-querer-emancipar-se.

Para constituir os procedimentos realizados nesta pesquisa e sua interpretação foi agregado o aporte metodológico da Hermenêutica, na perspectiva de Gadamer, que como teoria filosófica do conhecimento envolve tanto a interpretação quanto a aplicação do texto ou entrevista a ser trabalhado. A tarefa necessária da *aplicação* trata de como o texto é levado a falar no horizonte do intérprete. A *compreensão* é como uma conversa onde o intérprete precisa ouvir e respeitar as opiniões da outra pessoa. Nesta conversa, a compreensão correta é obtida quando todos concordam sobre uma posição. Para explicar como isso ocorre, investiga o conceito ontológico da linguagem, ao afirmar que “o Ser que pode ser compreendido é a linguagem”, em que a linguagem, em seu ser

especulativo, tem a habilidade de brilhar e convencer os parceiros da conversa de sua verdade.

Para a hermenêutica, a linguagem é um meio no qual as conversas ocorrem e cada orador deve escutar o outro se quiser que a conversa termine num acordo, guiado pelo assunto em discussão. Nós reformulamos o que foi dito para conferir se interpretamos e aplicamos corretamente o que foi dito. A linguagem também é o meio pelo qual compreendemos textos. Diferente de uma conversa, o intérprete deve fazer com que o texto fale. Portanto, compreender um texto não é recriar como ele surgiu, mas compreender o que o texto tem a dizer. Usar os pensamentos do intérprete para redespertar o significado do texto é o próprio processo de aplicação. O caráter lingüístico significa que a compreensão ocorre por meio da linguagem.

7.2. A Fenomenologia do Ouvir

Amatuzzi ⁴⁴ pretende trazer uma fenomenologia do ouvir nos aspectos que mais interessam a uma relação terapêutica e educativa, em que o ouvir se abre para o mundo significado pelo falante e para o contexto no qual este mundo ganha um sentido. Comenta textos de Rogers, a partir das posições de Merleau-Ponty, Paul Ricoeur e Martin Buber. Rogers fala em *ouvir realmente* porque quer separar esta atitude de outra, que é um *não ouvir*, apenas escutar. Diz que Merleau-Ponty percebe a palavra sob a roupagem contingente do pensamento, é sua efetuação, e manifesta-se pela linguagem empírica, mas ser ouvida significa ser plenamente pronunciada. Para Ricoeur, o ouvir vem antes do falar “... a prioridade da escuta estabelece a relação fundamental da palavra com a abertura ao mundo e ao outro”. Buber dirá que é o ouvir que nos abre para o mundo e para os outros, e não o falar. E o que ouvimos é um dizer que nos remete a um mundo. A palavra verdadeira é a palavra dirigida, e é por isso que recebê-la me afeta de alguma forma: “Aquilo que me acontece é palavra que me é dirigida”. Por sua vez, Paulo Freire diz que o educador popular precisa acreditar nas massas populares para que “já não apenas fale a elas ou sobre elas, mas as ouça, para poder falar com elas”. Para estes autores, ouvir é mais que observar, é estar em relação, é tornar-se presente.

⁴⁴AMATUZZI, Mauro. O que é ouvir. Estudos de Psicologia, n. 2, ago/dez/1990, PUCCAMP/SP.

Para Ricoeur, o universal do texto é também muito pessoal, constatamos o ser-homem, revela o humano presente, e faz apelo a um posicionamento do leitor ou do ouvinte.

Compreender é **compreender-se diante do texto**. Não se trata de impor ao texto sua própria capacidade finita de compreender, mas de **expor-se ao texto e receber dele um si mais amplo**, que seria a proposição de existência respondendo, da maneira mais apropriada possível, à proposição do mundo” (Ricoeur 1977, p. 58)(grifo do autor)

Para AmatuZZi, o ouvir é um abrir-se ao outro, pré-verbal, experiencial. É a vivência desse nível pré-verbal que instaura a relação, o contato e a necessidade de resposta. O momento de ouvir está implicado no momento de responder, e o simples ato de ouvir tem efeitos transformadores surpreendentes, para quem esta teria sido a grande intuição de Rogers.

8. O Método Fenomenológico de Investigação de Giorgi e Souza

As narrativas autobiográficas dos acidianos encontraram no Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia, desenvolvido por Amedeo Giorgi e Daniel Sousa (2010), o caminho teórico-metodológico mais pertinente para fazer aflorar a vida pulsante narrada pelos depoentes.

O método empírico fenomenológico tem início com a construção dos protocolos, momento de preparação para a interpretação dos dados, em que se constrói o Sentido do Todo. O primeiro passo, Buscar o Sentido do Todo, implica em descrever, sem julgar nem interpretar cada depoimento, para obter o sentido geral, o que implica em pegar cada depoimento e extrair o Sentido do Todo, o que cada depoente quer dizer, e analisá-lo. Para tanto, foi preciso ler todos os depoimentos com o olhar fenomenológico de análise: tentar guardar um distanciamento crítico dapaixão, ver o sentido de cada um e extrair o sentido geral do todo, a partir de cada um e de todos os depoimentos. Esta etapa, denominada de apreensão do sentido do todo, permite ao leitor conhecer os eventos significativos nas experiências vivenciadas no processo de perda da visão dos entrevistados, os processos de mudança elaborados no corpo e na subjetividade dos sujeitos em processo de perda, gradual ou imediata, da visão. Também permite compreender o mundo perspectivado de quem desenvolve outras vidências, através do tato, da audição, do gosto e do cheiro, assim como da intuição.

O segundo passo estabelece a construção das Unidades de Sentido, operacionalizada a partir de uma nova leitura do protocolo, com o objetivo de dividi-lo em partes denominadas Unidades de Significado, que serão analisadas, uma a uma, pelo investigador. Como o método é orientado para captar o sentido da experiência vivida, a constituição das Unidades de Significado segue o *critério da transição de sentido*, em que o pesquisador sinaliza cada mudança de sentido que identifica, fazendo uso da *époché*. Como o sentido se encontra no texto, observar se a fala era congruente com o que sentia, e verificar os sentidos que ficaram de cada entrevista. Deste modo, foram destacadas as frases/falas mais significativas de cada um e constituídas as Unidades de Sentido. Os temas destacados nas Unidades de Sentido que mais apareceram foram organizados em blocos, e dessas unidades buscou-se extrair o sentido explícito, sem

colocar ou tirar nada, pois o sentido vem à luz a partir do que o entrevistado disse, é um exercício sobre a materialidade do dito.

O terceiro passo é considerado pelos autores como uma etapa crucial do método, pois consiste na “transformação das unidades de significado em expressões de caráter psicológico”, em que a linguagem espontânea do sujeito é transformada pelo pesquisador para que o sentido psicológico implícito na narrativa seja revelado. É exigido ao investigador desvelar o sentido psicológico vivido pelo participante em relação ao objeto de estudo, expressando-o descritivamente. A idéia não é reformular o discurso original num novo formato ou com outras palavras, mas sim compreender e explorar o que a pessoa manifesta sobre a sua experiência, sem interpretar.

O quarto passo consiste na “determinação da estrutura geral de significados psicológicos”, em que as partes essenciais dos diferentes protocolos são identificadas e a relação entre elas se esclarece. Neste momento a descrição dos sentidos mais invariantes, chamados “constituintes essenciais” ou “constituintes-chaves”, dá origem a uma estrutura final que mostra sua interdependência entre os vários fatores identificados, revelando finalmente a descoberta da pesquisa. Os dados contingenciais ou específicos captados a partir das experiências não fazem parte da estrutura geral, mas apenas os dados constantes nos diferentes protocolos diretamente associados ao fenômeno em estudo. Esta estrutura tem como objetivo transmitir o que é verdadeiramente essencial, em termos psicológicos, no conjunto das experiências analisadas em relação ao tema de estudo. Tal estrutura não pressupõe uma validade universal, mas encontra-se associada ao fenômeno investigado. Ainda que o quarto passo seja o último da análise de dados, a investigação fenomenológica não termina nele. *Após a aplicação do método, o investigador deve aprofundar a sua compreensão da estrutura geral e fazer uma “análise estrutural”, na qual realiza uma descrição de cada constiuinte-chave, tendo em conta o modo como este se revelou na experiência dos diferentes participantes do estudo.*

O terceiro e quarto passos se interpuseram, e os procedimentos adotados incluíram fazer a articulação teórica, teorizar o que a Unidade de Sentido do sujeito quis dizer e analisar fenomenologicamente os depoimentos. A partir dos referenciais teóricos pesquisados, buscou-se fazer a ligação com as experiências vivenciadas pelos sujeitos da investigação e destacar as palavras-chave. Para Giorgi (2010), o método apresentado

tem como objetivo mediar exigências epistemológicas da Fenomenologia, enquanto teoria do conhecimento, e articular os dados em um conjunto metodológico no âmbito da psicologia científica, vista como conhecimento dos fenômenos humanos, e passível de ser aplicado por diferentes pesquisadores. Nos passos 3 e 4 o investigador procura estabelecer a “essência” do objeto de estudo, através da variação livre imaginativa, na qual a análise eidética é enquadrada pela perspectiva fenomenológica do investigador, que define sínteses de significados fenomenológicos sobre o tema. Este método científico inicia-se com a recolha de descrições de senso comum de outros sujeitos e tem como resultado uma descrição da estrutura fenomenológica essencial do fenômeno em estudo pelo pesquisador.

Para Holanda (2006), o método fenomenológico é um modelo compreensivo que estabelece relações significativas com fenômenos experienciais. Parte da descrição de experiências vividas, fornecidas por sujeitos que participam de um dado fenômeno, com o intuito de identificar os elementos “invariantes”, o significado central desse mesmo fenômeno. A investigação fenomenológica não pretende testar hipóteses ou provar teorias, é uma abordagem descritiva-exploratória orientada para a descoberta (Giorgi & Sousa, 2010), que *pretende compreender o que determinada experiência significa para as pessoas que a vivenciam e que estão, assim, aptas a fornecer uma descrição compreensiva de tais vivências. A partir de várias descrições individuais consegue-se alcançar significados essenciais, que dão origem a uma estrutura geral do fenômeno investigado* (Holanda, 2006).

A Fenomenologia Filosófica tem como primado fundamental a intencionalidade da consciência, que permite ao investigador iniciar as diferentes reduções (eidética, fenomenológica, transcendental) para alcançar a essência de um determinado fenômeno de estudo e descrevê-lo minuciosamente, com o objetivo de obter conhecimentos tão apodíticos quanto seja possível. Ao seguir estes passos, exatamente como foram descritos, se desenvolve uma análise filosófica, no sentido fenomenológico do termo.

A pergunta de pesquisa desta investigação, *Quais as vivências e “outras vivências” experimentadas em corpos privados do sentido da visão* segue a perspectiva fenomenológica husserliana, ao mostrar que há uma estrutura de aprendizagem no mundo do cego a ser apreendida pelo eu transcendental que necessita ser acessado através de densas descrições concretas e detalhadas das vivências desses sujeitos,

buscando acessar os eventos que saltam a vista, que possuem a função de mostraçã dessa estrutura.

Em linguagem husserliana, Giorgi (2010) esclarece que o objetivo é analisar a descrição da experiência vivida na “atitude natural” de senso comum. Esta opção pretende conciliar dois aspectos: valorizar as das experiências vividas como estas se apresentam à consciência do sujeito e manter os passos metodológicos considerados válidos pela comunidade científica. O resultado final da análise dos protocolos deve refletir uma *descrição em síntese dos significados fenomenológicos essenciais da experiência do sujeito*. Depois de usar a variação imaginativa livre, o investigador apresenta os constituintes-chave, o que são e como se articulam na estrutura da experiência.

A *Redução Fenomenológica-Psicológica* considera o uso da *epoché*, a suspensão da atitude natural. Primeiro, o investigador recolhe descrições de experiências de outros sujeitos, para em seguida realizar a redução fenomenológica, momento em que os objetos e situações que surgem à consciência dos sujeitos investigados passam pela redução, que alcança apenas os objetos que surgiram à consciência. A exigência de realizar a redução fenomenológica com rigor é feita ao investigador e não aos participantes. Os “dados brutos” são descrições do mundo da vida, das experiências humanas comuns aos colaboradores em atitude natural. (Giorgi, 2010, p.76)

Ao aplicar a *Análise Eidética* ou *Variação Livre Imaginativa*, o investigador centra-se no objeto de estudo, nos fenômenos cuja essência deve ser determinada, assim como na estrutura de seu significado fenomenológico para obter a síntese do sentido da experiência vivida pelos sujeitos. Os resultados eidéticos se apresentam a partir do número de vezes que o fenômeno – o objeto de estudo da pesquisa – se repete ao longo dos protocolos de investigação. Procurar alcançar a análise eidética é procurar a essência psicológica. (Giorgi, 2010, p.77)

Para a Recolha de Dados, é preciso estabelecer uma pergunta de investigação adequada ao método fenomenológico. A investigação tem início com a obtenção de descrições das experiências, detalhadas e concretas, das experiências dos sujeitos, que gerem diferentes estruturas de significado, relacionadas com sua *subjetividade incorporada*, tal como é experimentada em sua vida cotidiana. Os dados da investigação

podem ser recolhidos através de depoimentos diretos escritos, entrevistas ou pela combinação de ambos. As entrevistas são mais espontâneas e nelas deve ser dito com clareza o que se pretende e o tema. (Giorgi, 2010, p. 79)

A entrevista fenomenológica reflete uma concepção diferente de produção de conhecimento, de construção de significado sobre a ação humana, ao tornar-se um espaço inter-relacional, dialético e de conversação entre sujeitos. Assim, promove um contexto empático que proporciona condições adequadas para que os entrevistados descrevam e clarifiquem os significados do mundo cotidiano, ao manter uma dialética entre a “subjetividade do conhecer e a objetividade do conteúdo do conhecimento”. O objetivo é obter descrições do mundo da vida dos entrevistados e explicitar os significados dos fenômenos descritos. (Giorgi, 2010, p. 80)

Por sua vez, Andrade (2010) compreende que o primeiro passo metodológico é a mudança de uma *atitude natural* para uma *atitude fenomenológica*, o que permite visualizar o mundo do sujeito como fenômeno constituinte de uma totalidade, em que mundo e sujeito revelam-se, reciprocamente, como significações. *Mundo-da-vida* significa o solo prévio de toda experiência, aquele em que o homem adentra simplesmente por viver uma atitude natural, e está essencialmente vinculado à subjetividade. *A participação ativa do pesquisador, sua história e seu contexto cultural devem ser compreendidas como elementos de grande significado na pesquisa, pois marcam a riqueza e a plasticidade do fenômeno subjetivo. O foco se dá na experiência da totalidade, na busca de significados e essências da experiência, e o comprometimento do pesquisador e do pesquisado na expectativa de atingir o sentido do fenômeno.*

A consciência intencional possibilita que o mundo apareça como fenômeno, como significação, e evidencia que a saída de si para um mundo tem uma significação. A *redução* é um recurso usado para chegar à essência do fenômeno a fim de torná-lo compreensível e legitimá-lo cientificamente, mas também se entende que esta *redução* nunca será completa, pois o pesquisador não consegue deixar de lado integralmente suas hipóteses ao pesquisar o fenômeno. O pesquisador somente alcançaria o fenômeno em si se conseguisse *pôr fora do circuito* o conhecimento do mundo previamente adquirido, o que não é de todo possível, conforme ensina o conceito gadameriano de

círculo hermenêutico. Este método pretende apreender o que acontece por meio do aclaramento do fenômeno, construindo, assim, a compreensão de algo.

Para Andrade (2010), o método deve buscar acessar a essência do fenômeno estudado, a partir de três elementos fundamentais: 1. a *redução fenomenológica*, que possibilita acessar a verdade do sujeito; 2. a *intersubjetividade* estabelecida entre o *sujeito-pesquisador* e *sujeito-pesquisado* (duas histórias que se encontram para compreender um fenômeno); 3. O *retorno ao vivido* no qual o sujeito pesquisado retoma sua história. O método fenomenológico apresenta-se à psicologia como um recurso apropriado para pesquisar o mundo vivido do sujeito com a finalidade de investigar o sentido ou o significado da vivência para a pessoa em determinada situação, com o intuito de buscar a estrutura essencial ou invariante do fenômeno.

O desafio do pesquisador consiste em possibilitar, além de uma consistente base teórica, que os colaboradores do estudo sejam cuidadosamente escolhidos como indivíduos que experienciam o fenômeno, enquanto o pesquisador deve suspender as experiências pessoais e decidir como suas experiências pessoais serão introduzidas no estudo. Para tanto, deve-se realizar uma descrição exaustiva do fenômeno, assim como um jornalista que investiga a natureza de um acontecimento significativo. A premissa é interrogar o fenômeno como se ele estivesse sendo observado pela primeira vez, colocar “entre parênteses” os conhecimentos anteriores, o que direciona o modo como o pesquisador irá inserir-se na pesquisa.

Entrevista é um recurso amplamente utilizado para alcançar a compreensão do fenômeno, pois permite explorar a experiência vivida, o sentido que o mundo vivido tem para os entrevistados e perceber como os diferentes sujeitos experienciam certa condição comum a eles. O primeiro passo é a descrição da entrevista, que deve ser feita como se o pesquisador tivesse acesso ao fenômeno pela primeira vez, suspendendo o que já é conhecido e interrogando o objeto (redução). A interpretação atua como indicação de possibilidades e não como generalização de achados do fenômeno investigado. Nela o pesquisador articula os dados relativos ao fenômeno em estudo, os dados da eidética universal e os da eidética individualizante e determinante do objeto, e compara o novo conhecimento com os conhecimentos antecedentes.

Este modelo é descrito como uma *fenomenologia empírica* ou *fenomenologia experimental*, uma vez que lida com as transcrições dos depoimentos, relatos ou

entrevistas sobre experiências vividas em relação a um determinado fenômeno, e segue alguns passos: a transformação das expressões cotidianas do sujeito em linguagem psicológica, com ênfase no fenômeno que está sendo estudado; com base em uma perspectiva psicológica e focada no fenômeno que é pesquisado, é necessário fazer uma releitura do texto com o objetivo de discriminar as Unidades Significativas na perspectiva psicológica, focalizando o fenômeno pesquisado: transformar as expressões cotidianas do sujeito em linguagem psicológica, com ênfase no fenômeno que está sendo investigado. Aí ocorre a transformação da linguagem que o sujeito usa em seu dia-a-dia em linguagem psicológica apropriada, com ênfase no fenômeno. Para realizar esta tarefa, o pesquisador deve reagrupar todas (ao menos implícitas) as Unidades de Significado para chegar a uma análise da estrutura do fenômeno e realizar uma descrição geral. No processo de construção desses novos modos de pesquisa – que visam a realidade subjetiva –, a proposta da fenomenologia surge como uma excepcional perspectiva de olhar o fenômeno humano no sentido da descoberta e desvelamento desse particular fenômeno da realidade.

Na *Discussão e Comunicação dos Resultados*, Giorgi (2010) orienta que, ao desenvolver a abordagem sobre os dados, podem ser salientados os diferentes constituintes e como se relacionam entre si, como estão ligados aos dados brutos, ou seja, aos protocolos, que poderão servir para sustentar os constituintes-chave e que variações empíricas se podem encontrar. O investigador verifica se os dados estão de acordo com as teorias existentes, se apresentam algo de novo que possa conduzir a novas questões de investigação. Nesta *discussão* aprofunda-se a análise dos resultados, estabelece-se um diálogo com a literatura da área, comunicam-se os resultados aos pares. O método é descritivo até o quarto passo. A partir daí, o investigador é livre para elaborar os resultados da investigação, discutir reflexivamente os dados e estabelecer conexões ou paradoxos em relação ao afirmado por outras investigações. Por último, deverá ser realizada uma síntese das conclusões.

8.1. Metodologia aplicada – Método Fenomenológico Empírico

A partir das entrevistas, buscou-se um instrumental que favorecesse a emergência de categorias mais frequentes, dos temas que mais aparecem espontaneamente na fala dos entrevistados, e assim se mantém imerso no método

fenomenológico, em que o aparecer do sentido é trazido pelos próprios entrevistados. Isto remete à dimensão da empiria, em que as categorias são originadas a partir das falas dos entrevistados, que espontaneamente as manifestaram, sem necessariamente se ter consciência clara daquela expressão, pois tais falas eram apenas um relato de experiência, de uma vivência, de uma forma de ser e estar no mundo. As categorias de cada fala estariam empiricamente dadas através das palavras e frases, que se constituem como subtemas. Não se pretende contar uma história, apenas que a história seja narrada pelos seus vivenciadores, uma narrativa que expresse, num viés fenomenológico, as vivências dos entrevistados no mundo da vida dos cegos.

O movimento dos procedimentos metodológicos parte das expressões de Caráter Psicológico/ Categorias, retorna às Unidades de Sentido, em que estão registradas as falas relativas a determinado tema, para então buscar os elementos teóricos e com eles dialogar. Tem a estrutura de uma tríade, em que o dado empírico está arrolado em uma categoria que dialoga com o referencial teórico, em interação dinâmica promovida pelo investigador, que as junta, articula e comenta. O que dá o prumo, o rumo da investigação, são as Categorias/Enquadramentos, e será aferido se as Categorias contribuem para responder as perguntas de pesquisa.

Pode-se trazer como aporte metodológico a noção de Enquadramento, aplicada às investigações no campo do Jornalismo, para colaborar no processamento desta categorização. Por Enquadramento ou *framing*, entenda-se a criação de um espaço categorial que abarque acontecimentos correlacionados e, eventualmente, ainda incriados, devido a não ocorrência de fenômenos daquela natureza. Cite-se, como exemplo, uma ocorrência inusitada, no dia “11 de setembro de 2001”, quando o mundo assistia pela televisão, atônito, ao choque de um avião com uma das torres gêmeas do World Trade Center, em New York. Ninguém sabia ao certo do que se tratava, nos primeiros momentos, até quando foi compreendida a natureza do evento e este pode ser incluído, pelo jornalismo, em um “enquadramento”: “ataque terrorista praticado com aviões de passageiros”, algo nunca ocorrido antes.⁴⁵

Continuando esta possível correlação, a “notícia” principal, a manchete ou o lide, seria Outras Vidências de pessoas invisíveis; como desdobramento, viriam as outras

⁴⁵ <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/atentados-de-11-de-setembro/noticia/atentados-de-11-de-setembro-1.ghtml>

“notícias”, referentes ao Corpo como Potência, aquilo que se quer investigar, referente às vivências e à intersubjetividade entre invisuais e a relação destes com enxergantes. Como exemplo, a Categoria/Enquadramento Ajustamento Criativo pretende mostrar como os pesquisados se ajustaram criativamente à perda da visão, e como se deu esta vivência. Outra categoria foi depreendida de uma fala relativa a um momento de intensa vivência de uma doença, traduzida com o Sentido Fenomenológico de “Mente atenta sustenta”, e depois como uma Categoria que poderá ser remetida a outras vivências, intercambiáveis entre os agentes.

O investigador atua como um apresentador do mundo da vida dos cegos, ou dos invisuais, mostra o que ouviu deles, atua como um porta-voz, um divulgador, um buscador de elementos que possam contribuir para uma percepção fenomenológica de como *Outras Vidências* originárias das percepções corporais e sensoriais podem emergir das vivências narradas por este grupo de pessoas com diferentes graus de invisualidade. O objetivo é aplicar o método de análise de dados, decompostos em Unidades Significativas, as quais ocorrem a partir da alteração de uma situação narrada na entrevista, serão descritas e relacionadas com as fundamentações fenomenológicas, particularmente referenciadas em Merleau-Ponty e seus seguidores. (Anexo 1).

8.2. Protocolo de procedimentos do método fenomenológico de investigação

Para revelar os sentidos fenomenológicos contidos nas falas, foi inscrita uma tabela com os Cinco Passos elencados acima. No Passo 1, Discriminação das Unidades de Sentido (US), todas as vezes em que acontecia uma mudança de assunto, era realizado um corte no fluxo das falas e colocado em outro retângulo (anexo). O Sentido do Todo é o Passo 1, em que se extrai o Sentido do Todo e de cada entrevista; Escuta e transcreve as entrevistas em estado bruto; Lê calmamente a transcrição completa para apreender o sentido geral; Coloca-se na atitude de redução fenomenológica; Lê sem ser dominado pela paixão e descreve sem julgar, para obter o sentido geral de cada depoimento; Busca compreender a linguagem de quem descreve; Mostra o conteúdo e a forma em que as palavras são manifestadas, intrínsecos ao sujeito que as pronunciou. O objetivo é obter um *sentido da experiência na sua globalidade*; a finalidade é captar o sentido geral da transcrição. Verifica-se uma permanente inter-relação entre as partes e o todo. Nada mais é realizado neste passo.

O Passo 2 promove a Discriminação das Unidades de Sentido Significativas (US). Tem um caráter prático e seu objetivo é a quebra do texto em partes menores para a análise psicológica e explicitação de significados. Mostra que a *Transição de sentido* nas descrições dos sujeitos é critério para a constituição das US, em que o pesquisador: assinala significados concentrados naquela US; Discrimina o que está contido nas frases; Destaca as falas mais significativas; Assinala a presença do outro; Entra no mundo do sujeito em cada frase; e Singulariza a experiência vivida. Mostra que o sentido se encontra no texto de cada entrevista, que há processos semelhantes, mas cada um o percebe de forma diferente. Desta forma, se obtém *dados imanes, uma vez que pertencem ao mesmo fluxo de consciência de quem os experienciou, se aceita o que surge à consciência dos sujeitos como fenômeno considerado válido* e se organiza em blocos as Unidades de Sentido que mais aparecem.

O Passo 3 transforma as Unidades de Significado em expressões de caráter psicológico, com ênfase no fenômeno investigado. O investigador: *intui e descreve essencialmente os significados fenomenológicos* contidos nas descrições dos sujeitos (US); clarifica a estrutura essencial dos significados fenomenológicos sobre o tema; retira os aspectos contingentes e particulares com a ajuda da redução fenomenológica e da variação imaginativa livre; expressa e traz à luz significados implícitos nas descrições originais dos sujeitos: *o que ele quis dizer com isso?* Ter o sentido geral das descrições permite ao investigador clarificar e explicitar sentidos às vezes implícitos nas Unidades de Significado. Os sentidos retirados das descrições devem ser reveladores em relação ao tema de estudo, e não ao participante.

No Passo 3, ao transformar as Unidades de Sentido em Expressões de Caráter Psicológico, foram elencados 69 Enquadramentos a partir destas falas; ao quantificar quantas vezes apareciam tais Categorias, foram feitas junções de Enquadramentos correlatos e obtidos os quantitativos: Diagnóstico: aparece 34 vezes; Limites, potências e metáforas da visualidade: 39; Heterocuidado: 50; Perda da Visão: 15; Autocuidado: 2; Autoanálise: 21; Ajustamento criativo: 44; Outras Vidências/Percepções: 110; Poder da mente: 38 (apenas dois tocaram forte no tema); Aprendizado/ACIDE: 34; Tecnologias assistivas: 23; Lembranças: 24; Memórias: 19; Limites e possibilidades do corpo: 4; Conflito x conforto: 1; Relacionamento afetivo entre cegos: 19; Relacionamento afetivo com enxergantes: 9; Experiência compartilhada com cegos: 12; Experiência

compartilhada com enxergantes; 4; Eu e outro: 3; Renascimento: 2; Imagens imaginadas: 1; Vivência igual pessoa normal: 1. A Expressão de Caráter Psicológico que mais se sobressaiu foi: Outras Vidências/Percepções: 189, que englobam Percepções visuais, táteis, sonoras, olfativas, gustativas, associação de imagens, mapa mental, corpo emocional, sonhos em diferentes sentidos, percepção espacial, cinestesia e tecnologias assistivas. (Anexo 2)

O Passo 4 busca a síntese das unidades de sentido/significativas transformadas em declaração consistente da estrutura do aprendizado/da experiência. O pesquisador reagrupa todas as Unidades de Sentido para chegar a uma análise da estrutura do fenômeno e realiza uma descrição geral. A partir dos referenciais teóricos pesquisados, faz a ligação com as experiências vivenciadas pelos sujeitos da investigação e destaca as palavras-chave, para captar o modo de viver e de vivenciar o cotidiano no viés da fenomenologia. Todos os dados devem ser considerados neste passo, mas nem todas as Unidades de Significado têm igual valor. O importante é que a estrutura resultante expresse a rede essencial de relações entre as partes, de modo que o significado fenomenológico total possa sobressair, ao envolver uma *síntese das unidades de significado* fenomenológico. Tão ou mais importante que as partes, os constituintes essenciais, é a *interdependência* existente entre estes. As partes não são fins em si mesmas, mas representam uma tendência central, expressam como os dados da investigação convergem. O método é descritivo até o quarto passo. A partir daí, o investigador é livre para elaborar os resultados da investigação, discutir reflexivamente os dados e estabelecer conexões ou paradoxos em relação a outras investigações. Por último, deverá ser realizada uma síntese das conclusões.

No Passo 5 ocorre a transmutação das expressões de caráter psicológico em categorias jornalísticas/ enquadramentos, com ênfase no fenômeno investigado. A partir de nomenclaturas de viés psicológico, foram adaptadas ou criadas categorias ou *enquadramentos* próximos ao viés do jornalismo ou do documentário, mais afeitos ao pesquisador. *Estes enquadramentos buscam: intuir e descrever essencialmente os significados fenomenológicos contidos nas descrições dos sujeitos (US); clarificar a estrutura essencial dos significados fenomenológicos sobre o tema; retirar os aspectos contingentes e particulares com a ajuda da redução fenomenológica e da variação imaginativa livre.*

8.3. Articulação de segmentos empíricos com teóricos

Neste momento, entrou em cena meu segundo co-orientador, o filósofo, professor doutor e amigo Gilson Monteiro, devidamente aceito pelo orientador Luciano Santos. No procedimento desenvolvido com o co-orientador Sérgio Lísias Costa, os dados e suas relações com as categorias foram buscados de forma analógica, cotejando as falas contidas nas entrevistas, devidamente Enquadradas em sub-temas, com os referenciais teóricos da fenomenologia. Monteiro, de posse desse material, apresentou a proposta de utilizar outro instrumento metodológico, este em formato digital, nomeado MaxQDA, que colabora para a articulação dos dados qualitativos com os referenciais teóricos trabalhados e indica as correlações a serem feitas. MAXQDA é um software para análise de dados qualitativos e métodos mistos em pesquisas acadêmicas, científicas e comerciais.

De posse dos dados – entrevistas editadas e referenciais teóricos fichados –, Monteiro contribuiu com a elaboração de um quadro que discrimina uma Lista de Códigos, inicialmente de referências filosóficas próprias à Fenomenologia: Alteridade; Fenômeno; Intuição eidética; Redução fenomenológica; Atitude natural; Vivência humana; Existência. E a seguir relaciona, a partir de cruzamentos, estes referenciais com uma dimensão ampliada do conceito de Aprendizagem, com foco em pessoas com deficiência visual: Aprendizagem visão; A. relacional; A. olfato; A. audição; A. tato; A. imagem mental e imagem real; A.: o papel da imaginação; A.: resquícios da memória; A.: associação. Estas duas referências se articulam e contribuem para fazer brotar as falas referentes a cada tema e sua localização no rol dos fichamentos de leituras constantes nestes arquivos.

Estas “Outras Vidências” se constituem no cerne desta investigação, por insistência acadêmica do orientador de fato deste percurso acadêmico, o professor e amigo Dr. Luciano Santos. Com sua autorização e beneplácito, foi possível realizar esta “suruba epistemológica”, segundo seus próprios termos, misturando no mesmo balaio um professor/jornalista/documentarista, um professor/psicólogo e um professor/filósofo. “Outras Vidências” concerne às formas de percepção próprias às pessoas com deficiência visual percebidas nesta investigação. Este é o propósito!

8.4. Aplicação do Protocolo de Procedimentos do Método Fenomenológico Empírico (MFE) às entrevistas com os associados da ACIDE

8.4.1. Passo 1. O sentido do todo: extrai o Sentido do Todo e de cada entrevista. Para tanto, é necessário apenas compreender a linguagem de quem descreve.

8.4.1.1. Fernando. (entrevista filmada: 27'18'')

Fernando veste uma blusa branca com detalhes pretos na gola e nos braços, com a inscrição “Eu faço Judô” e um desenho de tipo oriental representando um golpe marcial. Tem os cabelos grisalhos, encontra-se sentado em uma cadeira e apoiando o braço direito sobre uma mesa quadrada, enquanto seu rosto está voltado para a fonte sonora representada pelo entrevistador, que está ao seu lado. Esta entrevista foi registrada em audiovisual por uma câmera postada sobre um tripé, que se encontra do outro lado da mesa. O enquadramento é em plano médio, mostra seu braço direito, seu tórax e o topo da cabeça. Atrás dele vê-se a porta de entrada da sala de aula da ACIDE, localizada no primeiro andar. Fernando fala de forma clara e ligeira. Gesticula, com ênfase, para acentuar o sentido das palavras que pronuncia, principalmente na parte final da entrevista. Foi o primeiro aluno cego a se graduar em Pedagogia pela UESB.

Diagnóstico: primeiro, processual e fechamento. A doença ocular foi percebida por seus pais com um ano e meio de idade, porque caminhava de forma diferente de seus irmãos e caía muito, enquanto a perda completa da visão ocorreu aos 22 anos. Nesse período, a partir de diagnósticos emitidos por especialistas, procurou as formas de tratamento disponíveis em hospitais e centros especializados no tratamento de doenças oculares. Quando foi informado que nada mais havia a ser feito e que a perda da visão era irreversível, começou seu aprendizado para utilizar tecnologias assistivas, como a bengala e o braile. Do período em que ainda enxergava guardou em imagens mentais a lembrança daquilo que via. Como a cegueira não era total, manteve uma visão parcial, em que as imagens eram assemelhadas *ao negativo de uma fotografia*, ou seja, criou uma metáfora, uma alegoria, para representar a pouca nitidez e contraste deste resquício visual. Estas imagens são acionadas, voluntária ou involuntariamente, quando está fazendo atividades domésticas ou caminhando pela rua. Este procedimento pode ser

Enquadrado em categorias, como: Ajustamento Criativo ou Associação; Diagnóstico; Tratamento; Visão pouco nítida; Perda da visão; Lembranças da visualidade; Acionamento de imagens mentais.

8.4.1.2. Silvaneide. (12'54")

Silvaneide está com os cabelos presos e mostra um brinco na orelha direita. Veste uma blusa de manga comprida roxa com detalhes coloridos. Está sentada à direita do entrevistador e à esquerda da câmera. Fala com a voz clara e pausada, mas às vezes baixa demais o tom da voz, o que dificulta a compreensão, exigindo escutar várias vezes determinado trecho para precisar o sentido da palavra empregada. Concluiu o curso de graduação em Pedagogia na UESB.

Diagnóstico: primeiro, processual e fechamento. Nasceu sem enxergar de um olho, mas apenas percebeu isso quando começou a estudar, aos 10 anos, e aos 12 perdeu o olho direito. Ao iniciar o tratamento, foi diagnosticado um tumor no cérebro e alertado o risco de vida. Após a cirurgia, foi constatado que a veia ocular havia secado e não havia solução. Hoje sua visão é de dois e meio por cento. Não consegue visualizar borboletas ou pássaros, mas lembra-se como eram as formas e cores destas imagens no tempo em que enxergava. Considera as memórias da visualidade um presente, pois lembram vivências e ajudam a compor imagens a partir de sons e falas. Dos sonhos poucas imagens são lembradas e neles não manifesta a percepção de cores.

Antes de ser diagnosticada de que enxergava apenas por um olho, aos 12 anos, relata que em sua infância percebia as cores de pássaros, flores e borboletas. Reteve estas imagens na memória quando perdeu a capacidade de enxergar e se refere a elas como coloridas. Estas lembranças são acionadas quando alguém pronuncia o nome de um pássaro que ela conheceu em sua infância ou se refere às borboletas, o que remete àquelas com as quais brincava na beira de um rio. Estas imagens carregam uma dimensão afetiva expressa em sorrisos. Considera a memória como um presente que recebeu, por possibilitar estabelecer a relação entre o que alguém diz e as imagens que guarda na lembrança. Para descrever a sua capacidade de visão, estacionada em dois e meio por cento, recorre à metáfora crística da cura de um cego, que, ao voltar a enxergar, descreveu as pessoas que via como se fossem *árvores andando*.

A utilização de tecnologias assistivas favoreceu sua caminhada educativa até sua graduação em Pedagogia pela UESB, com a colaboração da ACIDE na impressão de textos em braile. Protegida pelos cuidados da mãe, inserida na categoria heterocuidado, adquiriu a capacidade de autonomia nos afazeres domésticos com a redescoberta dos outros sentidos, e considera a audição e o tato os que mais colaboram. Utiliza estes mesmos sentidos para se mover e localizar no espaço da rua, onde pode contar com a colaboração de outras pessoas quando precisa.

8.4.1.3.Marcelo. (12'45'')

O colaborador veste uma camisa com gola pólo, listrada em branco e cinza-chumbo. Esta entrevista ocorre em uma sala diferente das duas anteriores, mas o posicionamento diante da câmera se mantém; esta fica à esquerda do depoente, que está sentado à esquerda do entrevistador. Ele sabe que gosta de “falar com as mãos”. Utilizou tecnologias assistivas eletrônicas para concluir o curso de jornalismo na UESB.

Diagnóstico: primeiro, processual e fechamento. Tem 10% de visão devido a uma doença congênita e, visualmente, nem sempre consegue captar o rosto de uma pessoa mais distante. O resquício da visão ajuda muito, pois, quando aproxima os olhos, consegue ver realmente a coisa ou a pessoa. Mas considera a audição o sentido principal, é ela que lhe dá o norte para se orientar em diferentes ambientes. Considera que, com a pouca visão e com poucos sons, dá pra criar atalhos perceptivos. A voz ajuda a identificar quem é a pessoa, principalmente se estiver em um lugar de convivência freqüente. Se a pessoa está em outro lugar e com roupas diferentes, a identificação torna-se mais difícil, e só ocorre quando ela falar algo. O olfato é desenvolvido e pegou a mania de cheirar tudo que lhe vem às mãos, o que faz lembrar uma fruta, um perfume ou uma comida saborosa. Se alguém descreve alguma coisa que não está vendo, constrói uma imagem mental desse objeto. Durante os sonhos, consegue visualizar bem o que aparece.

Lembra que, na época de sua alfabetização, não enxergava o quadro negro, mas queria esconder esta deficiência e, para tanto, procurava enganar a professora quando ela “tomava a lição”: sentava-se no fundo da sala e lá ia memorizando a leitura que os colegas faziam, assim, quando chegava sua vez de falar, estava com tudo decorado. Mas

um dia a professora resolveu começar por ele, e então foi identificado o problema visual. Ele já havia memorizado os sons das letras do alfabeto, mas não as conhecia visualmente. Passou a conhecê-las com o uso de uma cartilha, que indicava as letras, e sua mãe o ajudava a relacionar letras e sons.

8.4.1.4. Arcanjo. (27'15")

Sala de Braille. Arcanjo está sentado na diagonal da câmera e ao lado do entrevistador, com intervalo de uma cadeira. Veste camisa pólo clara com listras azul e amarela. Apóia a mão esquerda e a desliza sobre um livro escrito em Braille, mas diz que não está lendo, apenas passando os dedos, porque gosta.

Diagnóstico: primeiro, processual e fechamento. Nasceu com 10% de visão devido a uma lesão na retina e conviveu com esse resquício visual até os 12 anos. Para estimular a percepção visual, sua mãe avivava as linhas do caderno para que ele pudesse ver e aprender as primeiras letras. Via com dificuldade as formas e as cores, mas estes resquícios foram guardados em sua memória e emergem como lembranças de sua infância. Como as imagens se formam na mente, às vezes se cansa de estar sempre imaginando. Desenvolveu outras formas de visualidade, como a auditiva, tátil, olfativa, gustativa, mental e a emocional. Tem um grande envolvimento com as tecnologias assistivas, da qual é professor na ACIDE, e gosta de contar como se aproximou dessas tecnologias. Realizou ajustamentos criativos para fazer a transposição da experiência analógica para a digital, em que demonstra uma memória treinada e disposição para o aprendizado. Como perdeu quase toda a visão, percebe indícios de claridade e não consegue definir cores. Desconhece a cor cinza e visualiza a vermelhidão que aparece nas pálpebras com os olhos fechados. Mostra ser um entusiasta do Braille e da experiência da taticidade, e revela uma aguçada memória tátil e espacial. Graduiu-se em Pedagogia pela UESB, logo após Fernando.

8.4.1.5. Eliab. (25' 26")

Eliab está com as mãos espalmadas sobre o rosto e os cotovelos apoiados numa mesa de fórmica azul. Está num ângulo de 45° em relação à câmera. Ocorreu alguma

situação anterior que não foi filmada, e o entrevistador e entrevistado comentam algo a respeito. É outra sala, com menos objetos de papel, o que faz o som se propagar e rebater, reverberando o áudio. Veste uma blusa pólo branca com listras cor de rosa.

Diagnóstico: primeiro, processual e fechamento. Nasceu com catarata congênita, mas no princípio conseguia enxergar formas e cores. Perdeu o olho esquerdo devido a um acidente, e com o avanço da doença perdeu o olho direito e ficou cego, passando a perceber apenas a claridade. Não conseguiu aceitar essa condição e passou a utilizar drogas. A dimensão religiosa lhe ajudou a aceitar a cegueira, mas foi na ACIDE que conquistou autonomia para caminhar sozinho, a partir do aprendizado e das relações intersubjetivas mantidas neste local. Tem Fernando como referência nesse processo. Considera a mente como grande aliada na busca da superação, e que a limitação limita a si mesma, e não a ele.

8.4.1.6. Karol. (40')

Entrevista realizada na sala de ensino de Braille, andar térreo da ACIDE. Como é um casal que vai ser entrevistado conjuntamente, a câmera se afastou um pouco para ampliar o campo de abrangência da imagem. Enfoca Karol à direita e Herbert à esquerda. À frente deles estão duas máquinas *reglete*, que possibilitam a escrita em Braille, semelhante à máquina de datilografia. Ao fundo, uma estante com livros impressos em Braille. Karol está com os cabelos tingidos de loiro, batom rosavermelho nos lábios e esmalte vermelho nas unhas das mãos. Veste um casaco jeans azul, com as mangas e gola em malha de moletom, sobre uma blusa azul com botões na gola. Herbert veste um moletom azul piscina fechado com zíper à altura do pescoço. À sua frente, uma caneca de plástico verde com água. Eles se posicionam atrás das *regletes*.

Diagnóstico: primeiro, processual e fechamento. Karol, aos três anos, foi diagnosticada com retinose pigmentar congênita, uma doença visual degenerativa. Todos os anos fazia consulta oftalmológica, usava remédios para retardar o desenvolvimento da doença, e aos doze anos começou a perder a visão de forma gradual. Aos vinte e seis, só tinha a percepção de claro ou escuro, se era dia ou noite, se tinha uma luz ou a tela da TV ligada, pois só restava a visão central e a imagem era

meio distorcida. Já conseguiu, mas não consegue mais guardar fisionomias ou reconhecer cores, embora goste de cores fortes, como o vermelho e o preto.

8.4.1.7. Herbert. (40')

Diagnóstico: primeiro, processual e fechamento. Herbert passou boa parte de sua vida achando que tinha glaucoma, seu primeiro diagnóstico. Relata que em sua infância enxergava *até* bem, andava de bicicleta, mas com uns treze ou catorze anos perdeu o olho esquerdo. Apenas aos dezoito anos foi diagnosticado como tendo retinose pigmentar, uma doença congênita degenerativa. Atualmente, guarda um resíduo no olho direito e ainda consegue identificar algumas coisas.

Nessa condição, reaprendeu as percepções do corpo e passou a associar os sentidos. Foi o primeiro neto e, quando o avô morreu, era muito pequeno, mas a lembrança dele permanece no toque do pandeiro e no canto das músicas de Nelson Gonçalves, pois tinha a voz parecida. Quando escuta ou toca uma destas músicas, lembra-se de seu avô, não de seu rosto, mas associa com o rosto de um tio que a família considera parecido com o avô. A partir daí, imagina o avô a partir do rosto do tio, que ainda consegue ver.

Consegue ver os traços de Karol quando dela se aproxima, percebe qual o formato do rosto, a boca pequena, a cor do cabelo. O que mais o atraiu foi ela gostar de movimentos sociais e ser muito inteligente, sabe conversar vários assuntos. Como ele também gosta de conversar, ou bater uma resenha com a galera da ACIDE, isto ajudou na aproximação. Mas o principal fator foi a música, o fato de ela cantar desde pequena e gostar de MPB. (aparecem vários “motivos principais”). Assim como Karol, foi incompreendido quando se relacionou com uma pessoa enxergante. Gostava de sair de casa com a bengala, para se sentir mais autônomo e seguro, mas a namorada vidente não queria, sentia vergonha de andar com ele assim. Com Karol, percebeu que as mulheres cegas são mais sensíveis, principalmente na questão da pele.

Nos sonhos, muitas vezes, nem é cego e anda sem a bengala. Tem um sonho recorrente, dirigir um Opala numa pista reta: ele se imagina entrando no carro, ligando o motor, ouvindo o ronco dos seis cilindros e dirigindo em uma pista reta. Considera que

consegue ver nos sonhos porque tem um resquício visual, e que no sonho, às vezes, consegue ver mais nítido que na visão real.

Reteve os cheiros e gostos da casa da avó e o movimento da criançada ajudando a passar o milho no moinho para fazer pamonha e paçoca de gengibre. Passava muito tempo na casa dos avós e lembra-se de muita coisa daquela época.

Lembra-se de que, quando Thiago chegou na ACIDE, ficava parado num canto, falando com tristeza, paradinho, a cabecinha baixa, percebia que não estava confortável. Depois se enturmou, a partir do contato com os parceiros. Inclusão/Intersubjetividade. Inclusão é vivenciar os dois pólos existenciais do diálogo, em que se respeita, confirma e aceita a existência do outro.

8.4.1.8.O Sentido do Todo – Thiago (14’)

Esta entrevista ocorreu na sala de aulas de Braille. Há uma máquina de escrever para cegos, chamada reglete, sobre uma mesa de fórmica azul. Atrás desta máquina está Thiago, um jovem de 18 anos vestindo uma camisa pólo branco-cinza. Ao fundo dele tem uma estante com equipamentos de som e outros instrumentos nesta sala de aula. Está sentado à direita do entrevistador e de frente para a câmera; focados em plano médio, aparecem a reglete, ele e uma porta ao fundo.

Diagnóstico: primeiro, processual e fechamento. Nasceu com glaucoma congênito e, como tinha dificuldade de enxergar, sua mãe o levou ao hospital, onde foi diagnosticado e submetido a seis cirurgias. Thiago passou muito tempo isolado, até que passou a frequentar uma escola de educação especial, e aí foi descobrindo como levar uma vida normal, se adaptando de acordo com aquilo que era possível.

8.4.1.9. Joilson. (16’24”)

Joilson está vestido com uma camiseta preta comemorativa dos 20 anos da ACIDE, e encontra-se na sala de aula de Tecnologias Assistivas da entidade. Aparenta serenidade e pouco se movimenta.

Diagnóstico: primeiro, processual e fechamento. Dos doze entrevistados, é o único que nasceu cego, mas avalia que tinha um resto de visão, o que lhe possibilitava

distinguir o preto e o branco. Passou um período difícil, em que não tinha motivação para participar do convívio social, mas, depois que passou a frequentar a escola especial, se adaptou. Diz que as imagens não tiveram influência em sua vida, que é mais destacada a audição na relação com outras pessoas, e depois vêm o tato e o olfato. Tem lembranças espaciais dos lugares em que morou, lembra-se de brincar com a terra molhada pela chuva e recorda o cheiro das flores. É casado com uma pessoa com baixa visão, e cursou Psicologia na UESB. Reconhece que a família queria ajudar mais em seu crescimento, mas, como tinha pouca cultura, desconhecia o que fazer nesta condição.

8.4.1.10. Ildes. (19'49")

Ildes está na sala de Tecnologias Assistivas, tem os cabelos pretos, mas exhibe alguns fios brancos esparsos. As sobrancelhas estão depiladas e os lábios pintados com batom rosavermelho. Veste blusa de renda preta sobre tecido branco e os ombros estão à mostra. Nesta primeira cena encontra-se com os olhos fechados. Respira fundo, no início da entrevista, notado pela elevação dos ombros.

Diagnóstico: primeiro, processual e fechamento. Nasceu com problemas em um dos olhos, que sua mãe percebeu ao amamentar, porque virava muito o rosto e não conseguia sugar, e a partir daí passou a cobrir seu rosto. Não a levaram a um posto de saúde porque, quando a irmã mais velha foi a uma consulta, o médico queria arrancar os olhos com os dedos, sem cirurgia, porque quem nasce com glaucoma tem o olho grande, e o pai a retirou toda roxa dos braços dele e prometeu não levar mais nenhum filho ao hospital, para fazer exame nenhum.

8.4.1.11. Joselito.(21'46")

Joselito veste camiseta verde com gola verde clara, alusiva a um evento da Associação Jequieense dos Cegos. Neste período estava presidente da ACIDE.

Diagnóstico: primeiro, processual e fechamento. Sua família tem um quadro hereditário de perda da visão, uma degeneração da retina que compromete a percepção visual, e as imagens aparecem distorcidas. Começou a perceber de forma mais severa a partir dos 13 anos, quando teve que sair da escola regular e, em seguida, filiou-se a uma

associação que trabalhava com pessoas com deficiência, em Jequié. Tem uma percepção visual entre 5 e 7%, o que lhe permite distinguir formas e cores.

8.4.1.12. Lucimar. (9'16'')

Veste blusa vermelha com mangas compridas, um par de brincos enfeita suas orelhas, tem cabelos castanhos compridos, usa batom nos lábios e tem a sobrancelha feita.

Diagnóstico: primeiro, processual e fechamento. Começou a ter dificuldade de visão aos 14 anos e foi diagnosticada como tendo degeneração da retina, devido à falta de vitaminas em seu desenvolvimento corporal.

8.5. Passo 2: Constituição das Unidades de Sentido/Significação: sinaliza o critério de transição de sentido identificada no discurso. (anexo1) (verificar pag. 188)

8.6. Passos 3 e 4. Articulação de elementos empíricos com referenciais teóricos

O terceiro e quarto passos se interpuseram, e os procedimentos adotados incluíram fazer uma articulação teórica, teorizar o que a Unidade de Sentido do sujeito quis dizer e analisar fenomenologicamente os depoimentos. A partir dos referenciais teóricos pesquisados, buscou-se fazer a ligação com as experiências vivenciadas pelos sujeitos da investigação e destacar as palavras-chave. O modo de articulação aqui realizado pode ser comparado à edição de um documentário, em que se dispõe de imagens brutas que serão selecionadas e inseridas em um roteiro que busca narrar determinada situação. Ou pode-se considerar que o texto está organizado em forma de bricolagem, uma espécie de “*colagem*”, um texto constituído a partir de fragmentos de outros textos, um tipo de intertextualidade muito utilizado na música e na pintura.

O método fenomenológico desenvolvido por Di Giorgi e Sousa (2010) e aplicado nesta investigação dá ênfase ao fenômeno relatado e foi reinserido nesta etapa para ilustrar o caminho percorrido e, assim, contribuir com a dinâmica da leitura e compreensão desta investigação. Eventualmente, alguns passos ainda estão sendo percorridos e poderão ser apresentados de uma forma parcial.

Invoco Caminha (2010), que convoca Merleau-Ponty para reafirmar que o nosso corpo é ele mesmo uma obra de arte, em que significamos e ressignificamos nossa vida, um corpo que é capaz de narrar e se fazer história de maneira criativa, que tem o poder de se expressar e se singularizar pela biografia, fazendo da vida uma expressão criativa. Indica que Merleau-Ponty toma como ponto de partida o nosso corpo, o que nos faz estar no mundo sem nenhuma ideia preconcebida. É por meio da percepção que temos um contato direto com o mundo factual, a partir de uma perspectiva primordial que busca recuperar a percepção como contato originário com o mundo por meio do poder de sentir e se movimentar no corpo. Em *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty afirma que “a verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo”. Agora, o corpo é um modo de ser no mundo e aquele que primeiro interroga o mundo, e o método fenomenológico dá a possibilidade de examinar a percepção de mundo sem separá-la da experiência de perceber. Merleau-Ponty quer nos mostrar que o elemento primordial de nossa existência é a percepção, e se esforça em pensar o primado da percepção e suas consequências filosóficas. Por este caminho, só podemos alcançar a essência da percepção na condição existencial de ser um corpo que percebe, em que a vida é revelada como sendo originalmente de natureza perceptiva e o sujeito da percepção é o corpo situado no “mundo-da-vida”. O jovem Merleau-Ponty reconhece que aquele que pensa não pode ser refém de idealizações distanciadas do horizonte de suas próprias vivências e das vivências do outro, nascidas da sensibilidade e da motricidade do corpo.

Neste viés filosófico, Michel Serres (2001) provoca uma reflexão carregada de corporeidade, ao afirmar:

(...) A sensação nos guia e nos defende, sem ela morreríamos, corpos explodidos, decepados pelas forças físicas, pelo poder do social e pelas dores íntimas. A sensação tem o estatuto da música. (...) A sensação, o sensível, permitem o sentido e o condicionam, preservando sua doçura. A linguagem fica no exterior da esfera unitária da estética. As artes da língua devem sua beleza à vizinhança do que está fora da linguagem. (p. 127)

Nesta investigação foi evidenciado que, através dos sentidos do tato, da audição, do cheiro e do gosto, a pessoa com deficiência conhece o universo que a rodeia, reconhece a diferença entre os seres e percebe as nuances existentes no espaço. Associa o olfato, o paladar, o tato e a audição e vai montando um quebra-cabeça, e com essas informações vai construindo uma imagem. Assim, vai perceber em seu cotidiano como

o uso da audição, do tato, do olfato e até mesmo do paladar tem o poder de situá-la no mundo com mais firmeza. Sua experiência vivida revela a necessidade de adensamento do fenômeno da intersubjetividade entre pessoas cegas e seu entorno, e como lidam com sua diferença.

Pretende-se mostrar como as pessoas cegas aprendem pela ausência da visão ocular, compreendendo também que há uma visão como percepção sensível da totalidade que abarca todos os sentidos. Procura-se saber como ressignificam sua vida por participarem de uma entidade de educação não formal, em que aprendem em novas interrelações outras formas de *vidência*, e o exigente trabalho cognitivo que este aprendizado requer. O foco está no processo ser/sendo do aprendiz e não no conteúdo da aprendizagem em si mesmo, mas em apreender os processos de escolhas e decisões. Aprender que as escolhas mobilizam riscos de se tornar o que ainda não somos, o risco de irmos nos criando, de irmos ser/sendo.

Segundo Diniz (2007) afirmar a deficiência (cegueira) como um modo de vida é reconhecer seu caráter trivial para a vida humana. Ser cego é apenas uma das muitas formas corporais de estar no mundo. Mas, como qualquer estilo de vida, um cego necessita de condições sociais favoráveis para levar adiante seu modo de viver a vida. A deficiência visual não significa isolamento ou sofrimento, pois não há sentença biológica de fracasso por alguém não enxergar. O que existe são contextos sociais pouco sensíveis à compreensão da diversidade corporal como diferentes estilos de vida.

A experiência encarnada no corpo é própria aos sujeitos humanos em sua generalidade e não cabe ficar circunscrita a corpos cegos, surdos, ou sem mobilidade, uma vez que o mundo da vida dos cegos faz parte do próprio mundo da vida dos sujeitos humanos. A distinção se dá apenas na diferenciação dos modos perceptivos, uma vez que a própria experiência perceptiva humana é variada e diversa, constituída de videntes e não videntes.

8.6.1. Olfato – Outras vidências

Serres (2001, p. 20) evidencia que:

... a abstração recorta o corpo que sente, suprime o gosto, o olfato e o tato, conserva apenas a vista e o ouvido, intuição e entendimento.(...) O olfato e o paladar exaltam a relação natureza-cultura: o homem degusta os alimentos, sente os odores das coisas ao seu redor e lhes atribui significados, e a cultura é a responsável pelo refinamento do gosto, pela preferência por certos cheiros, sabores e alimentos.

Para Fernando, o olfato ajuda a perceber se está passando diante de um restaurante, uma peixaria ou um açougue, os cheiros o auxiliam saber onde está.

Marcelo aprendeu a desenvolver o sentido do olfato, tanto que cheira tudo o que pega, o que pode lhe trazer a lembrança de uma fruta, de uma comida saborosa, ou lhe fazer reconhecer uma pessoa que viu recentemente, simplesmente pelo cheiro. Uma de suas referências era o cheiro do *Pinicão*, lago de decantação de esgoto, atualmente desativado, próximo da sede da ACIDE. Considera a audição e o olfato, assim como a voz, fundamentais para ter mais desenvoltura em seu dia-a-dia, como no reconhecimento das pessoas, e avalia que não usa tanto o tato devido ao resquício de visão que mantém.

Deprez (p. 59) afirma que “sensações internas caracterizam a propriocepção”, no mesmo momento em que se observa uma cerejeira, pode-se sentir seu próprio corpo, seus músculos e nervos, o sangue que pulsa nas têmporas, o calor em seu rosto. Essas *sensações internas chamadas proprioceptivas* podem ser despertadas pelo exterior, como, ao inalar o perfume de uma ameixa, o estômago se pôr a “roncar”. Husserl chama essas *vivências de sensações, ligadas ao objeto percebido, de vivências hilépticas*, porque são dotadas de uma consciência material própria.

Para Joselito, a lembrança vai depender de como ela foi formada. Credita ao cérebro fazer a comparação da sensação de fome com algo gostoso que experimentou anteriormente. Utiliza o olfato para distinguir o cheiro do arroz para identificar se está cozido ou no início da fermentação, para não se deixar confundir apenas pelo tato o frasco do açúcar com o da farinha. Afirma que o olfato vai lhe permitir isso, assim como o paladar. Se a lembrança for olfativa, sempre que sentir um cheiro, quando está com fome, será de uma comida que gosta, como um cheiro de lasanha, mesmo se alguém naquele perímetro não estiver fazendo esta receita.

Para Arcanjo, ouvir música pode trazer à lembrança um gosto de comida e assim despertar o cheiro da comida da roça, o que ativa o paladar, e aí a boca saliva. Ou pode evocar o cheiro de um perfume, o que remete a situações menos palpáveis.

Karol, assim como outros acidianos, associa o olfato, o paladar, o tato e a audição para chegar a qualquer lugar de Conquista. Imagina que está vendo, rememorando e chamando para um acordo as funções mentais. Pela audição sabe o barulho de cada rua, se está agitada ou não. Ao se lembrar de um comercial da *Bobs*,

“com aquele hamburgão”, começa a sentir o cheiro daquele negócio e pensa que deve ser bom. A imagem olfativa que ela consegue associar à sua avó é o cheirinho do biscoito que fazia com frequência, ou o cheirinho de sua sobrinha quando bebê.

Jorge de Lima (2007) entende que, num movimento de compensação, a energia psíquica é redistribuída a outros aspectos sensoriais, como o olfato, tato, audição e paladar, tornando-se mais aguçados, assim como a intuição, para o reconhecimento do mundo.

Herbert gosta de se lembrar do cheiro da paçoca e da pamonha que sua avó fazia, numa casa cheia de crianças, em que ela colocava todos os netos pra passar o milho da pamonha. Toda vez que come pamonha, se remete àquelas cenas da época, vai se lembrando do cheiro e do gosto, dos sabores que sentia.

Lucimar sente um cheiro e sabe identificar o que é aquilo, se for uma coisa conhecida, mas não remete ao passado como lembrança.

Silvaneide relata que, depois que ficou cega, conseguiu desenvolver o olfato.

Eliab, quando se tornou cego, desenvolveu uma boa percepção do sentido da audição e do olfato e conseguia perceber se um carro estava perto ou longe, conforme ia andando pelas ruas.

Joílson adquiriu a habilidade de sentir as pessoas pela voz, pelo cheiro e pelo toque. Como nasceu na zona rural, lembra-se do cheiro das plantas e das frutas, e sente as pessoas pela voz, pelo cheiro e pela música.

Para Serres (2001):

Essa idéia tão difundida de que tudo deve ser dito e resolvido pela linguagem, de que todo verdadeiro problema dá assunto para debate, de que a filosofia se reduz a perguntas e respostas, de que só podemos nos tratar pela fala, e que o ensinamento passa exclusivamente pelo discurso, essa idéia falastrona, teatral, publicitária, sem vergonha nem pudor, ignora a presença real do vinho e do pão, seu gosto ácido, seu odor, esquece o ensino pelos gestos, apenas esboçados... Esta idéia verdadeira esquece a física e a vida, a ciência e a literatura, a modéstia e a beleza.

Para Oliveira (2019), Merleau-Ponty admite um poder criador em nossas experiências e acredita que a capacidade criadora que está esperando na imaginação e na ideação está em germe na primeira percepção humana.

8.6.2. Tato – Outras Vidências

Cerbone (2014) entende que, no domínio das sensações táteis, Husserl coloca ênfase no fenômeno do “duplo tato”: o corpo é algo que toca coisas, tem sensações táteis localizadas, e pode ele próprio ser tocado. Remete a uma afirmação provocativa de Husserl, quando afirma: “um sujeito cujo único sentido fosse o sentido da visão não poderia em absoluto ter um Corpo aparente” (Ideias 2, § 37), pois faltaria a esse sujeito sensações cinestésicas; ele não sentiria o movimento de seu braço, pois nenhum contato é requerido pela experiência visual. Falta à experiência visual esse tipo de “localização”. Embora veja com meus olhos, isto não é experienciado como sendo aí, não localizo a experiência em meus olhos, ela me concede um mundo “exterior”, para além dos limites de meu corpo. Já o sentido do tato é localizado: quando coisas entram em contato com meu corpo, experiencio as sensações nos pontos em que sou tocado. Um corpo vivido é “um campo localizado de sensações”, um lugar no qual essas sensações ocorrem, um corpo-vivido completamente entrelaçado com minha existência como um ser consciente. O corpo serve como o “ponto-zero” de orientação, o que permite ater uma perspectiva sobre o mundo.

Invocamos Serres (2001, p. 17) para metaforizar suas sensações experienciadas do “duplo tato”.

Toco meus lábios com meu dedo, meus lábios, agora, conscientes deles mesmos. Posso, então, beijar meu dedo e, quase indiferentemente, tocar meus lábios com meu dedo. O eu vibra de um lado e de outro do contato, alternativo, e devolve de repente a outra face ao mundo. No gesto de fazer calar, o corpo, localmente, joga bola com a alma. Os que não sabem onde se encontra sua alma tocam a boca e não a encontram. A boca que toca a si mesma faz sua alma e sabe dá-la à mão, a mão que aperta a si mesma sabe formar sua alma pálida, pode dá-la, ao bel prazer, à boca que já a possui. Meras contingências. O corpo nem sempre, nem em toda parte, sabe jogar bola. Existem dois lugares onde esta contingência não entra. Toco meu ombro com minha mão, e não posso fazer que meu ombro toque a minha mão, o ombro ainda é um objeto do mundo. (...) O ombro não tem alma, salvo em relação ao que tem lugar fora do corpo. Decidam agora onde se encontra a alma enfiando os cotovelos nos joelhos, colocando uma parte do corpo sobre a outra.

Serres (2001) continua manifestando esta percepção tátil ao narrar sua vivência:

A pele historiada faz e mostra a própria história; ou visível: desgastes, cicatrizes, placas endurecidas pelo trabalho, rugas e sulcos de velhas esperanças, manchas, espinhas, eczemas, psoríases, desejos, aí se imprime a memória; por que procurá-la em outro lugar; ou invisível: traços imprecisos de carícias, lembranças de seda, ou de lã, veludos, pelúcias, grãos de rocha,

cascas rugosas, cristais de gelo, chamas, timidez do tato sutil, audácias do contato pugnaz (p. 18).

O mapa da epiderme exprime certamente mais que o toque, mergulha profundamente no sentido interno, mas começa no tato. Assim, o visível diz mais que o invisível. (...) A alma intacta encanta o tato, como o invisível de topologia povoa e ilumina o visível da experiência, do interior (p. 20).

Karol associa o olfato, o paladar, o tato e a audição, e a partir da textura, seja da pele ou do tecido que está tocando, configura uma imagem, como num quebra-cabeças.

Continua Serres (2001):

Pela cosmética a pele verdadeira torna-se visível, como que vivida por si; pelo enfeite, a lei singular do corpo aparece, ..., como cores ou curvas do mapa-múndi, o mundo em sua ordem mostra suas paisagens (p. 28).

O pintor com a ponta dos dedos, acaricia ou agride a tela, o escritor arranha ou marca o papel, aplica sobre ele, pressiona-o, imprime-o, momento em que o olhar se perde, diante do nariz, visão anulada pelo contato: dois cegos que só vêem com a bengala ou o bastão (p. 30).

Ildes conta que *“o tato eu desenvolvi rápido, comecei a andar pelos cantos da parede, comecei a sentir a casa, comecei a me adaptar à casa. Meus pais não tinham muita cultura, nem minhas irmãs e irmãos mais velhos, então, assim, geralmente eu batia muito nas coisas, me machucava, andava com as pernas todas machucadas. Porque encontrava coisas pelo caminho, né!”*. Em relação a tocar outra pessoa, diz que é muito tímida, e só se for alguém que conhece bem para ela ficar mais próxima, mas não é muito de ficar tocando para estar conhecendo através do tato.

Fernando acha gostoso estar lendo e vivenciando o que acontece em um livro ou em um filme, como perceber o balanço de um barco com o sentido do tato, em uma audiodescrição. Costuma dizer que, no dia a dia, sua visão é o tato. Quando se levanta da cama é o tato que vai auxiliar mais, e o mesmo acontece quando vai tomar seu banho, preparar seu café, vestir sua roupa e sair para o trabalho. O som auxilia esse deslocamento, junto com o tato, para ir sentindo onde está tocando. Sempre é um conjunto de coisas que o auxiliam no deslocamento: a imagem mental, o som e o tato (cinestesia). Considera o tato mais limitado que a audição quando está andando na rua, embora indique o caminho por onde está indo, e perceba se tem declividade, aclividade, degraus, se está subindo ou descendo.

Caminha (2019) ensina que, quando se lança o olhar para ver alguma coisa, a visão que nasce desse olhar é sempre a partir do lugar em que o corpo está situado. O corpo próprio está no mundo assim como o coração no organismo: ele mantém continuamente, em vida, o espetáculo visível, anima-o e alimenta-o interiormente, e forma com ele um sistema. Para compreendermos como as coisas existem originariamente para nós, o que sabemos é a partir de uma visão minha, ou de uma experiência que eu vivi. É o exame desta problemática que nos levará a evocar a questão do poder de se mostrar, ou se fazer visível, do fenômeno perceptivo quando aparece ao nosso corpo. O corpo próprio ou o corpo-sujeito é concebido como “massa interiormente trabalhada” (Merleau-Ponty, 1991b), que não estabelece uma fronteira nítida entre o dentro e o fora ou entre sujeito e objeto

Para Silvaneide, a audição e tato são fundamentais, *“porque ver é o essencial de nossa vida”*. Para fazer comida diz não ter dificuldade e, quando está limpando a casa, fica descalça para sentir com os pés se o chão está limpo ou não. Na vida acadêmica o uso do computador foi essencial, assim como o tátil braile, porque, apesar da tecnologia do computador ser mais prática, se deixar de usar o braile vai perdendo a prática. Ela tentava usar os dois, pois, apesar de ser mais lento, gostava de ler livros em braile. Como o curso de Pedagogia não tinha disponível nenhum livro em braile, ela pedia ao setor de apoio da universidade ou à ACIDE para transcrever em braile, que considerou fundamental para o seu processo de formação.

Marcelo tem 10% de visão e avalia que dá para criar alguns atalhos com a audição e o tato, mas considera que o seu tato não é tão apurado como em uma pessoa com cegueira total. Além do uso da visão parcial, reconhece as pessoas mais pela voz e pelo cheiro.

Joílson só distingue claro e escuro, não percebe a imagem da mesma forma que os videntes, mas forma um tipo de imagem adquirida pelos outros sentidos. Assim como os demais, sua mobilidade é orientada pelo tato, a audição e o olfato, mas considera o tato como o principal. Sabe movimentar-se nos espaços que conhece, porque conviveu ali e consegue se localizar. Ele pode não ver, mas sente as pessoas, pela voz, pelo cheiro, pelo toque. Mas, para tocar ou dar um abraço, só se for em um amigo, ou em alguém por quem tenha uma afetividade maior.

Caminha (2019) afirma que o mundo como manifestação fenomenal irredutível e nunca saturada nos dá o aparecer do que aparece, enquanto trânsito de um porvir visível que nunca se realiza totalmente. É enquanto expressão de uma estrutura não acabada que o mundo perceptivo se mostra sob a tensão do visível e do invisível, tornando inesgotável o aparecer do que aparece, e está na origem da ontologia da carne de Merleau-Ponty.

A membrura do mundo significa uma estrutura comum a todas as coisas, no sentido de que aquilo que é visível como a unidade percebida está sempre já ligada à situação em que ela se encontra no mundo. ... Assim, perceber é aquilo que nos abre ao ser, no sentido de que “a visão é o encontro como um cruzamento de todos os aspectos do ser” (Merleau-Ponty, 1992b, p. 86).

Depraz corrobora esta percepção de que, em *O visível e o invisível*, Merleau-Ponty radicaliza o acento sobre a corporeidade para além do individual, estendendo-a às nervuras do mundo, dotado de uma textura carnal.

Herbert considera o toque fundamental no relacionamento entre duas pessoas com deficiência visual, porque parecem usar mais ainda a sua sensibilidade, em todos os sentidos.

Para Joselito as pessoas cegas passam a perceber mais os outros sentidos, inclusive o paladar, para a identificação de alimentos. Usa o tato para locomoção e a audição para identificar os parceiros.

Cerbone (2014) postula que, embora a pessoa veja com os olhos, isso não é experienciado como se dando aí, uma vez quando não consegue localizar a experiência em seus olhos, mas esta lhe concede um mundo “exterior”, para além dos limites de seu corpo. Já o sentido do tato é localizado, pois, quando coisas entram em contato com meu corpo, experiencio as sensações nos pontos em que sou tocado. Assim, Um corpo vivido é “um campo localizado de sensações”, um lugar no qual essas sensações ocorrem.

Arcanjo se recorda de que, no período em que perdeu a visão, passou a usar muito o tato, pois, na época de sua infância, se vendia um alfabeto em relevo e, através dele, aprendeu a visualizar as letras e os números. Considera que a escrita em braile, feita através do toque dos dedos das mãos em símbolos em relevo, tem importância para o aprendizado e a alfabetização das crianças ou adultos cegos, porque, através dela, há o toque nas palavras. Parafraseando Paulo Freire, se poderia dizer que, ao aprender a ler com as mãos, a pessoa pode fazer com que as palavras falem. Mas, para conteúdos mais

densos, Arcanjo prefere usar o aplicativo DOSVOX, considerado uma janela sem precedentes para a inclusão de pessoas cegas. Guarda também na memória a lembrança de ter pisado, de ter estado naquele lugar. Pelo tato, vivencia o lugar onde esteve, pois fica como que registrado, numa memória tátil, ter apalpado aquela superfície através da planta dos pés.

Joílson considera o tato como o sentido principal e que, junto com os outros sentidos, dá a possibilidade de sentir e perceber as outras formas do mundo. Quando criança, quando chovia, gostava de brincar com o barro que se formava, junto com seus irmãos. Identificava cada um pelo tato e, assim, percebia os que são mais gordinhos, os mais altos ou com estatura menor.

Continua Cerbone (2014), com Merleau-Ponty em *Fenomenologia da Percepção*, chamando a atenção para a “presença permanente” do corpo em nossa experiência perceptual, como o “fundamento” para a aparição de outros objetos. Inicia, assim, um retorno aos próprios fenômenos, de “redespertar”, recuperar e recordar nossa sensibilidade: “Devemos começar por redespertar a experiência básica do Mundo” (p.15); “Retornar às coisas mesmas é retornar a esse mundo anterior ao conhecimento”. “É necessário reencontrar, como anterior às idéias de sujeito e objeto, o fato de minha subjetividade e o objeto em estado nascente, a camada primordial na qual nascem tanto as idéias como as coisas” (p. 219).

8.6.3. Audição – Outras Vidências

Fernando, quando está andando pela rua, nota que audição é o sentido mais destacado. Explicou que, quando joga *futebol de cinco*, adaptado para cegos, o principal sentido é a audição, porque tem que ouvir o som da bola, que tem um sino interno. Caso esteja indo em uma direção e o companheiro em outra, pela voz percebe que precisa se voltar em sua direção para chutar a bola. E, pelo som da voz – “eu”, “eu” –, vai saber se é um jogador de sua equipe ou não. Pondera que sempre tem o som auxiliando, mas é preciso construir uma imagem da quadra, ter uma noção espacial de onde esteja para saber se está próximo do gol ou não, qual a distância, se o chute vai ser mais forte ou mais fraco. Esclarece que também há pessoas que enxergam no jogo, além do goleiro:

são os *chamadores*, que ficam atrás do gol e, assim, indicam a posição para onde chutar. Conta que um dia estava jogando *futebol de cinco* quando um dos companheiros da ACIDE pegou em seu braço achando que estava tocando no braço de outra pessoa, e este engano só foi desfeito depois que ele falou algo e teve sua voz reconhecida.

Joílson gostava quando criança de ouvir música sertaneja e, passado tanto tempo, vai adquirindo outros gostos musicais.

Ildes conhece e reconhece as pessoas a partir da voz; quando ouve uma voz, vai ao encontro e já fala o nome da pessoa. Afirmo que prefere mais conhecer pela voz que pelo tato, e gosta de praticar karatê.

Silvaneide, quando se encontrava internada no hospital, diz que conseguia identificar quando sua mãe ou sua irmã chegavam para visitar. Como sua irmã era gordinha, tinha problema de alergia e fungava bastante, reconhecia pela audição. Quando era a outra irmã que ficava com ela, também sabia, porque era mais quietinha, e só percebia que ela estava perto.

Lucimar escaneava os textos e, assim, podia ouvir os conteúdos enviados por professores, mesmo que ela sentisse uma maior dificuldade de compreensão pela escuta, “porque, quando você lê, tem mais facilidade do que só ouvir”.

Marcelo considera a audição como seu sentido principal. É ela que lhe dá o norte em seu cotidiano, indica o caminho e a direção, pois, pelo som, é capaz de identificar uma pessoa. Percebe que está amanhecendo porque os passarinhos começam a cantar, se está chovendo ou parou de chover, pelo som da chuva no chão. Considera que a audição é o sentido principal para um deficiente visual, assim como o tato. No seu caso, o olfato é bem desenvolvido e contribui para identificar as pessoas.

Para Arcanjo o som e a música remetem a lembranças; quando ouve a voz de sua mãe, as lembranças vão voltando. Como um encadeamento de ideias, a voz e a música o transportam para outros momentos, trazem lembranças boas, românticas ou saudosas. A música tem o poder de nos transportar no tempo e de nos deslocar para outros lugares. Como professor de Tecnologias Assistivas da ACIDE, foi um dos pioneiros a implantar o aplicativo Dos-Vox, que possibilitou que mais de uma dezena de alunos entrassem na universidade, pois transforma texto em som, e assim amplia a possibilidade de acesso ao conhecimento.

Serres (2001, p. 84) sugere que, “quando o organismo não está calado, que voz ele faz ouvir? Ouvido encostado na terra, num eixo vertical, que tenta ouvir a harmonia do mundo.”

8.6.4. Imagem / mapa mental / imaginação– Outras Vidências

Em *A Percepção originária como primária e fundante*, Oliveira mostra que Merleau-Ponty admite um poder criador em nossas experiências, e acredita que a capacidade criadora que está esperando na imaginação e na ideação está em germe na primeira percepção humana. Compreender a percepção como a principal modalidade da consciência tem como consequência a reconquista do mundo percebido, através de um retorno reflexivo às origens da percepção, etapa fundante de toda experiência científica, ética e racional, em que a veracidade da realidade se dá através da comunicação objetivante daquilo que é percebido.

Esta percepção primária, eventualmente, pode não corresponder ao que ocorre no cotidiano, como narra o deficiente visual Marcelo, ao citar que a imagem criada por pessoas que enxergam, ao conversar ao telefone com outra pessoa, pode corresponder ou não à imagem real.

Caminha (2019), em *O olhar filosófico de Merleau-Ponty e a vida como expressão criativa*, postula que o corpo é um modo de ser no mundo e aquele que primeiro interroga o mundo, que só podemos alcançar a essência da percepção na condição existencial de ser um corpo que percebe, e que o sujeito da percepção é o corpo situado no mundo da vida. As atitudes e sentidos inventados pelo corpo são provenientes da percepção, e a atitude fenomenológica propõe descrever o que é imediatamente percebido como fenômeno pelo corpo, para que se possa perceber a textura das coisas sensíveis. O sentido da existência é percebido pelo corpo quando lança o olhar para ver alguma coisa do mundo e o que vislumbra se dá sempre a partir do lugar em que o corpo está situado, constatando que toda forma de subjetividade é originariamente corporal.

No mundo da vida dos cegos, o entrevistado Fernando às vezes imagina que está conversando com uma pessoa alta, gorda, pois, para ele, numa pessoa gorda a voz é mais presa, diferente, e cria uma imagem que pode corresponder ou não à imagem real. Ao conhecer a namorada de um parente, construiu uma imagem de pessoa com mais

idade, uns dez anos a mais. Observa que, neste caso, a voz não correspondeu à realidade, mas talvez a feição dela corresponda à imagem que ele faça a partir da voz. Perguntado se, ao assistir a um filme uma segunda vez, se uma pessoa comentar, facilita compor uma imagem mental, afirma que facilita sim, na medida em que vai ter uma visão mais próxima do real, do que está acontecendo na tela, e não uma visão mental. Ao assistir a um filme sozinho, há momentos em que não há falas ou que dependem da visão, então, a partir do som, cria uma imagem, que pode corresponder ou não à da tela.

Em sua vida diária, em casa, sempre é um conjunto de percepções que o auxiliam a orientar-se no deslocamento, particularmente o som e o tato. Cria uma imagem mental onde visualiza o fogão, a pia, sem detalhes, mas se vê direcionando de um lugar a outro, “enxergando” aquele local para o qual está indo. Sempre é uma sucessão de coisas: uma imagem orienta esse deslocamento, auxiliado pelo som obtido neste percurso e pelo tato, para ir sentido onde está tocando. Quando está caminhando pela rua, costuma imaginar que está vendo o percurso, sem nitidez, mas percebe o caminho por onde está indo. Em sonhos, enxerga do mesmo modo, como se fosse o negativo de uma fotografia: tem a silhueta das pessoas, a imagem é como que sombreada, nada aparece com nitidez, mas acha que não tem importância se a imagem não é nítida.

Caminha (2019) reitera que a percepção a partir do corpo é responsável pela gênese do pensar a existência, e que isso corresponde a um “eu posso”, a uma subjetividade conectada a um corpo marcado pelo sentir e pelos movimentos, um eu corporal que sente e se movimenta no mundo sensível e transforma a percepção em expressão de vida.

Ildes considera que, com o tato e com a mente, foi conseguindo se adaptar a esta vida sem visão. Começou a andar pelos cantos da casa e sentir as paredes, e assim foi se adaptando aos lugares por onde passava. Relata que, para se deslocar na rua sozinha e levar e buscar os filhos na escola, constrói um desenho mental, imagina a rua como se estivesse enxergando: para se guiar, presta atenção nas curvas e nas retas, nos paralelepípedos, na volta que o ônibus dá, em cada detalhe. Reconhece quando chega a um lugar devido ao trajeto que faz todos os dias. Quando se trata de um trajeto diferente, tem que adaptar tudo de novo em sua imaginação, conhecer cada local, cada buraco que tiver pelo caminho para fazer o trajeto com tranquilidade. Costuma dizer que

a professora de Orientação e Mobilidade faz como que uma cirurgia para que a pessoa mentalmente enxergue: começa a andar e fazer um trajeto por um bairro que desconhece e repete aquele percurso umas cinco vezes, até que começa a enxergar aquele local com a sua mente, com a sua imaginação, a visualizar com sua mente.

Caminha (2019) mostra que *o corpo instaura tanto uma vida perceptiva como uma vida expressiva, ao elevar a fala como expressão inesgotável do corpo, que reinventa a vida cotidianamente na busca de expressar uma intencionalidade vivida pelo corpo. O corpo se transforma em gestos para comunicar sua presença singular no mundo. A emergência de um sentido novo e renovado da vida possibilita ao corpo se pronunciar e, no coração dos atos perceptivos do corpo, nasce uma gestualidade, reveladora de nossa condição de um corpo que se expressa de maneira falante, enquanto expressão criativa vivida por um corpo produtor de gestos. A vida do corpo se manifesta ao perceber o mundo e o outro, expressando suas condutas, o que mostra o vínculo entre percepção e expressão, em que o corpo produz vivências perceptivas e falas falantes, criativas. Reaprender o mundo como expressão criativa revela que a força da vida está nas possibilidades de elaboração criativa.*

Thiago, depois que perdeu a visão, passou muito tempo isolado, até que passou a frequentar uma escola de educação especial. A partir daí, foi se adaptando, do modo que era possível, e descobriu como levar uma vida normal.

Caminha (2019), ancorado em Merleau-Ponty, reafirma que a percepção e a fala são produtos de um corpo que vive e expressa sua vida em um mundo produzido pela percepção e pela fala. A vida é, antes de tudo, uma vivência sentida e comunicada, realizada a partir da interação com outros seres humanos, e efetivada em função de nosso desamparo primordial, na medida em que dependemos do cuidado do outro para superar a condição original de vulnerabilidade. (Heterocuidado)

Joselito relata que sua memória espacial lembra o percurso de uma calçada que percorre todo dia, e percebe se alguém fez alteração neste caminho, se deixou um carro, uma moto ou um saco de lixo no trajeto. Se alguém conta uma história, vai guardando as informações e comparando com fatos que ocorreram em sua vida e, desse modo, tem uma tendência a lembrar de modo mais fácil e de forma mais linear a história que ouviu. Porém, se esta história não tem a ver com aquela que viveu, as outras partes vão se juntar por conta de sua criatividade. Conta que, *“às vezes você está ouvindo uma*

partida de futebol pelo rádio, então você vai criando aquelas imagens que os atletas estão correndo na hora do gol, se a bola saiu. Então você constrói suas próprias imagens, você pega uma informação que vem pela parte sensorial, como a audição, e você começa a criar suas próprias imagens”.

A seu modo, Herbert vai na mesma direção: *“quando eu comecei a tocar violão usei muito essa coisa da mente, também. Porque na época que eu comecei a aprender não tinha acesso a essas vídeo-aulas, a partitura ou cifra em braile, né. Mas eu pegava esse violão e botei na cabeça que eu ia aprender a tocar. Mas tudo isso foi força da mente, porque se eu fosse me abater pelos desafios que eu encontrei para aprender a tocar, não tinha aprendido não! Era bem difícil naquela época”.*

Para Caminha (2019), Merleau-Ponty compreende o nosso corpo como uma obra de arte em que significamos e ressignificamos nossa vida; somos um corpo capaz de narrar e fazer história de maneira criativa e que tem o poder de se expressar e se singularizar pela biografia, fazendo da vida uma expressão criativa, em que uma inesperada originalidade entra em ação, como um chamado para que a vida nunca pareça vã e meramente repetitiva.

Claudinei da Silva, em *Merleau-Ponty e o fenômeno da vida: registros concêntricos* (2019, p.99), busca mostrar que o autor trabalha seus conceitos concentricamente, como se seu conceito de vida assumisse certo aspecto gestáltico: ora aparece como fundo, ora como fundo interrogativo, em que a vida é mais interrogada do que definida. Nessa perspectiva, no “espetáculo concreto” do “mundo sensível”, os objetos construídos são sempre feixes de relações.

Karol lembra-se do cheiro da comida da mãe. *“Então, depois que eu fiquei cega eu consegui desenvolver o olfato também, né. Em relação às cores, eu imaginava uma cor que eu já sabia. (...) Então, se colocasse uma colher em minha mão, se fosse aquela colherzinha de plástico, né, aí eu perguntava logo: “qual é a cor?”. A cor que eu mais amava quando enxergava era a cor vermelha. Eu ficava perguntando. E quando me falavam eu ficava imaginando, aquela cor que eu conhecia antes”.*

8.6.5. Memória e Lembrança – Outras Vidências

Paul Ricoeur (2007, p. 24), em *A Fenomenologia da memória*, formula duas perguntas: *de que* há lembrança?, numa abordagem cognitiva; *de quem* é a memória?, numa abordagem pragmática da memória, tratando-se de uma experiência mnemônica que abarca o lado egológico, em que lembrar-se é fazer alguma coisa. Num viés fenomenológico, toda consciência é consciência de alguma coisa. Já a lembrança aparece passivamente, como “padecimento”, como objeto de busca, uma recordação. Lembrar é ter uma lembrança ou ir em busca de uma lembrança. O estatuto de verdade da memória será confrontado com o da história. A abordagem pragmática da memória, ao abordar *o que?* se lembra, investiga os recursos cognitivos da lembrança; a presença do passado aparenta ser a de uma imagem, visual ou auditiva. Enquanto *quem?* está centrado na apropriação da lembrança por um sujeito capaz de se lembrar de si. A memória, reduzida à rememoração, opera na esteira da imaginação. A memória como educação e memorização de textos adquiriu má reputação. A Imaginação ficou voltada para o fantástico, a ficção, o irreal, o impossível, o utópico, enquanto a Memória tornou-se voltada para a realidade anterior, a marca temporal da “coisa lembrada”. O mito de Fedro narra a invenção da escrita, transporta o modelo tipográfico da interioridade da alma à exterioridade da escrita pública. Fedro contrapõe a inscrição na alma às marcas externas, como um pintor que desenhasse na alma as imagens que correspondem às palavras.

Maciel (2017), a partir de Bergson, entende que, na natureza, a experiência é suja, confunde, tem tudo embaralhado: decepção, afetos, lembrança e memória. Homem é matéria e é memória, vai da imagem à lembrança e da lembrança à lembrança pura, e aí encontra o virtual. Virtual é o passado puro, atual é o presente puro. É separar o que difere por natureza, intuição e memória; é perceber a intuição do instante, como já postularam Heráclito e Nietzsche. Sensibilidade está de acordo com a imaginação, que está de acordo com a memória, e o entendimento ocorre com a linguagem. É o acordo das faculdades: memória, entendimento, linguagem, inteligência. Quem fundamenta o acordo é a memória, ao relembrar de ontem para trazer ao agora.

Joílson nunca viu cores, mas, como alguém já lhe falou delas, tenta imaginar como sejam, através de alguma imagem guardada no arquivo da memória. Como não

pode ver a cor como ela se manifesta na natureza, constrói a sua a partir daquela que seu irmão falou, e tenta imaginar como as cores sejam.

Maciel (2017) retorna, pensando que, quando não reconhecemos o imediato, este provoca um desacordo entre as faculdades do sentido, inteligência e memória. Quando se descreve uma experiência, fala-se de uma memória involuntária. A memória voluntária está no reconhecimento, evoca o passado para reconhecer o presente. Na memória involuntária, a memória é forçada a apreender alguma coisa que só vem da memória; não é uma lembrança vivida, que entra em contato com o ser do passado; é uma sensação que dispara um processo involuntário. O mesmo que mergulha Proust numa cidade onde nunca viveu, Combré, ou nunca foi vista e vivida daquela maneira; parece nascer do saber, das sensações, é puramente virtual. Memória involuntária é passado puro.

Herbert recorda de quando acompanhava Karol nas sessões de diálise, antes dela fazer o transplante de rim: *“Aí, até hoje, tem horas que quando passo ali em frente à clínica e o ônibus passa direto, eu lembro: ‘Ué, Mô, você não vai descer na clínica?’*. (Karol sorri e Herbert também). *Até hoje, assim, parece que ficou até... encaixar de novo”*.

Para Maciel (2017), o senso comum reduz o tempo ao presente, ao reconhecimento das coisas, acredita que a lembrança se forma depois da percepção, mas as coisas acontecem em paralelo, como num cristal do tempo. Lembranças de 1 ano, 2, 10, 50 anos, todas são evocadas na memória. No cone da memória invertido, o passado se conserva em sua totalidade, em níveis diferenciados do passado. O instante está sempre passando, e nós somos memória. Que memória é essa que coexiste com o tempo que passa? 1) Tempo é sucessão no presente, é conservação, é memória. 2) Ninguém vive só na sucessão: retemos na memória as coisas que passam. 3) Ninguém entende aula sem memória, voluntária ou involuntária. Vida é memória da espécie. Memória é tempo puro, é virtual, é coexistência. Não é uma força psíquica; só penso o tempo que passa, são as experiências vividas; o passado não passa, fica na lembrança. O ser humano tem acesso ao passado através de sua memória psíquica. A memória não se reduz ao ser humano nem ao cérebro, a ameba também tem memória. Memória é contração como aspecto mais profundo; não é apenas uma dimensão do tempo, é uma dimensão coextensiva a todos os tempos, ao cosmo, poistudo partilha de uma memória

cósmica. Memória é o grau mais distendido do passado, e cada nível de memória é povoado de singularidades.

Marcelo se recorda de como iludia a professora em sala de aula na hora de ler em voz alta as frases escritas no quadro. Ele memorizava e apenas reproduzia o que havia escutado e a professora entendia que ele estava lendo. Até e que um dia ela inverteu a ordem de leitura, e foi percebida sua deficiência visual. Com seu resquício de visão, vê vultos e nem sempre consegue captar o rosto de uma pessoa, mas consegue identificar quem é pela memorização da voz, de traços do rosto e do corpo. Avalia que, por mais que os vultosse pareçam, o cérebro consegue processar bem a diferença e ligar a voz ao nome, associando a imagem com o som da voz.

Depraz mostra que Husserl relaciona a experiência de outrem com as experiências internas de bipartição do ego suscitadas pela lembrança (eu presente/eu passado) e pela reflexão (eu natural/ eu transcendental).

Ildes guarda do período em que enxergava imagens mentais das lembranças do que via, lembra que a cor vermelha era a que mais amava e, quando lhe falam dela no presente, fica imaginando aquela cor que havia conhecido antes. A memória que tem da ACIDE é apenas a atual, porque está lá todos os dias, porém nunca conheceu a ACIDE antes, é como se a conhecesse através da mente, não através da visão.

O vivido, uma vez vivido, somente retorna pela memória – por meio de uma resignificação ou resgate –, que é viver novamente no presente (Holanda, 2002, 2003a, 2003b).

Silvaneide lembra-se de passarinhos ou das cores das borboletas que vislumbrou quando envergava, através de imagens que vêm à memória. Sorri, porque os olhos parece que estão vendo, e considera um presente quando pode ver uma coisa que tem na memória. Considera que, quando a pessoa não vê uma coisa e só ouve o outro lhe contar, não vai saber como realmente é!

Fernando diz que, às vezes, tem que retroceder um pouquinho a memória para tentar recordar onde está alguma coisa, e, só quando se força a pensar, a rememorar, aparece a noção de cor.

Depraz ilustra tal situação em uma passagem:

Conheço uma pessoa e nos falamos longamente, depois nos deixamos e me surpreendo porque não consigo encontrar em imagem os traços de seu rosto, mas guardo na memória a candura de seu sorriso, a expressão intensa de seu olhar, sem esgotar a profundidade infinita da emoção. (p. 97)

Karol lembra que, em sua infância, pelo fato de ainda enxergar vinte por cento e usar um óculos multifocal, ela via: *“eu sabia de cores, eu sabia que um rosa era rosa. O que eu via corolia, eu tinha uma caixa de lápis de cor com 24 cores”*. Depois que ficou cega, conseguiu desenvolver o olfato. Em relação a como ela percebe o pesquisador, diz que, se o tivesse conhecido em outros tempos, quando enxergava, a lembrança seria a sua imagem daquela época. *“Não costumo trabalhar muito esse processo de lembrança, mas quando me lembro de alguém ou de algo é com aquela imagem do passado, não de hoje”*.

Afirma Maciel (2017) que, para Bergson, é o uso involuntário da memória que dá acesso ao ser do passado, o qual real, é extra-psíquico, e recebe o nome de virtual. A imagem do Cone da Memória aponta que a memória real não é psíquica: todos os acontecimentos psicológicos que vivi se conservam no virtual, que é o ser do passado. Lembranças se conservam no virtual; quando quero relembrar, opero o reconhecimento e a lembrança vem, como no senso comum e no bom senso. Virtual é história; os sonhadores viajam na memória. Como capto essa lembrança? A literatura, romance, cinema são artes da memória, narram acontecimentos de uma vida, é mais que uma biografia, é paramnésia, pois a lembrança do passado nunca foi presente.

Para Arcanjo a maioria das lembranças fica guardada em sua mente como em um filme. Quando voltou a Caatiba, muitos anos depois, *“formei tudo na memória”*, aquelas imagens que teve da época de criança, e foi descrevendo para o pessoal que estava no carro. Quando emergiu o tema da memória, mostrou-se inquieto e relacionou-a com uma lembrança meio sem controle, como um instrumento para guardar um número de telefone em alto relevo ou uma resposta de uma prova.

Serres (2001) revela o sentido desvelado:

Ainda guardo na memória alguns suplícios que indicam, para viver ou sobreviver, uma certa relação com os sentidos. (p. 28) ... Pinta a pele do rosto, pinta uma máscara ou sobre uma máscara, a pele torna-se véu, depois tela, como se o tecido cosmético houvesse recebido a impressão da face,... A cosmética tende para a estética no sentido da teoria das Belas-Artes, ... a maquiagem das mulheres às vezes tão bem harmonizada com a natureza delas que perdemos o fôlego, como diante do mundo; a mulher nua no espelho tatua sua pele, na boa ordem e segundo as leis, segue caminhos muito precisos: reforça o olho e o olhar, realça com a cor o lugar do beijo, coroa a zona da palavra e do gosto, sublinha a orelha com um pingente, um brinco, traça pontos ou ligações entre as cavidades ou as proeminências dos sentidos, desenha o mapa de sua própria receptividade (p.29). Antes de qualquer

forma, antes da cor, do tom, é preciso tocar bem o suporte. (p.32). A pele, cera dura e branda, recebe essas impressões variáveis segundo a força das coisas e a suavidade da região, daí essas tatuagens, traços e marcas, nossa memória e nossa história, pergaminho de nossas experiências. (...) Nossa veste cutânea expõe nossas lembranças, ... as da pessoa, a cada um sua máscara, sua memória exteriorizada. (p.71). Não procurem fora nem dentro da memória: a pele é toda gravada, tanto quanto a superfície do cérebro, toda escrita também, talvez da mesma maneira.

8.6.6. Visão –mente – (tato/corpo) – intuição - Outras Vidências

Retomamos Cerbone (2014), que invoca Merleau-Ponty para chamar atenção à “presença permanente” do corpo em nossa experiência perceptual, como o “fundamento” para a aparição de outros objetos. Inicia um retorno aos próprios fenômenos, de “redespertar”, recuperar e recordar nossa sensibilidade: “Devemos começar por redespertar a experiência básica do Mundo” (...); “Retornar às coisas mesmas é retornar a esse mundo anterior ao conhecimento” (PP: ix); “É necessário reencontrar, como anterior às idéias de sujeito e objeto, o fato de minha subjetividade e o objeto em estado nascente, a camada primordial na qual nascem tanto as idéias como as coisas” (PP: 219) (160).

A tarefa da fenomenologia é descrever nossa experiência perceptual “pré-objetiva” que precede e torna possível uma concepção objetiva do mundo. Retornar aos fenômenos, à camada primária da existência sensível, requer que nossa atenção seja “conduzida para trás”, às origens perceptuais da nossa concepção de mundo. Coloca fora do jogo a concepção objetiva do mundo, entendido como um reino de objetos e relações determinado e já-pronto. Merleau-Ponty observa que, “Quando volto a mim, após uma excursão no reino do senso comum dogmático ou da ciência, encontro não uma fonte de verdade intrínseca, mas um sujeito destinado ao mundo” (PP: xi). Somos sujeitos da experiência, “destinados ao mundo”, estamos abertos ao mundo, e a tarefa da fenomenologia é recuperar e preservar esse sentido de abertura, sem falsificá-lo. Tanto para Husserl como Merleau-Ponty, a tendência da atitude natural é focar nas coisas experienciadas em vez de na experiência das coisas. Uma atitude natural busca perceber as coisas do mundo como são dadas pelos sentidos. Usar os resultados para explicar a experiência distorce a natureza da experiência, pois envolve uma concepção determinada.

Entende-se por dados imanentes aqueles que pertencem ao mesmo fluxo da consciência que os experienciam, como no caso de Fernando, ao narrar como sua visão foi objeto de diferentes diagnósticos enquanto paulatinamente ia decrescendo seu campo visual. Teve miopia aos 9 anos, catarata aos 16, pigmentação de córnea, problemas que foram limitando a visão cada vez mais. Perdeu a visão aos 22 anos, não enxergava mais nada e, só depois da perda da visão, percebeu o quanto os outros sentidos o auxiliavam. Costuma dizer que, no dia adia, sua visão é o tato. Quando saiu de Conquista para São Paulo, foi pra fazer um tratamento para recuperar a visão que estava perdendo, e aprendeu uma série de procedimentos para se situar no mundo de uma forma nova. De volta a Vitória da Conquista, participou da fundação da ACIDE (1989) e avalia que foi algo maravilhoso compartilhar essa experiência e observar tantas pessoas com deficiência, da cidade quanto de cidades circunvizinhas, poderem adquirir independência depois de uma perda de visão, por diabetes ou por qualquer coisa que seja, poderem andar sozinhas, terem autonomia para resolver seus problemas, alguns indo para o mercado de trabalho, muitos indo para a universidade, se graduando. Então, o que acontece quando alguém perde a visão ou adquire qualquer outra deficiência depois de uma certa idade, é chegar na ACIDE choroso, sem expectativa de vida. Depois, vai trocando experiências com os colegas que ali estão e vê que, na vida, a visão ou qualquer outra parte do corpo é mais um detalhe.

Marcelo Baiano teve baixa visão a vida inteira, mas nunca deixou de ter imagens. Para pegar ônibus no terminal, vê a cor da placa na lateral do ônibus; se é vermelha, sabe que sai de um determinado bairro até o centro; se for verde, ela vai sair de um bairro para outro bairro e passar pelo centro da cidade; e se a placa for azul, ela vai de um bairro a outro mas não passa pelo centro da cidade.

Thiago relata que, até os sete anos, conseguia ver, daí perdeu toda a visão. E agora, como vê? *“É preto, preto, preto! Sabe o preto de quando você está na escuridão, escuro, escuro, pois é! A princípio dá um medo, depois você se adapta a ele. No começo pra mim foi difícil, quando eu era pequeno quase entrei em depressão e tudo, mas fui me adaptando.”*

Iraquitan Caminha (2019) ensina que, quando se lança o olhar para ver alguma coisa, a visão que nasce desse olhar é sempre a partir do lugar em que o corpo está situado. O corpo próprio está no mundo assim como o coração no organismo: ele

mantém continuamente, em vida, o espetáculo visível, anima-o e alimenta-o interiormente, e forma com ele um sistema. O conceito de evidência intuitiva remete ao paradigma da visão: ver as coisas de frente é a única prova de verdade. Para compreendermos como as coisas existem originariamente para nós, o que eu sei é a partir de uma visão minha, ou de uma experiência que eu vivi. É o exame desta problemática que nos levará a evocar a questão do poder de se mostrar, ou se fazer visível, do fenômeno perceptivo quando aparece ao nosso corpo.

Arcanjo nasceu com baixa visão, só percebe a claridade: se está olhando para a esquerda, nota a claridade da janela; se olha para a frente, já é uma claridade diferente, mas não dá pra ver a cor. Às vezes, sente uma claridade boa, quando o ambiente não está muito claro. Como professor de Tecnologias Assistivas da ACIDE, tem o prazer de passar e multiplicar o conhecimento de informática adaptada para cegos para outras pessoas iguais a ele. Conta que estava observando um aluno, trabalhador manual, e lhe disse que ele ficou cego mas ganhou um outro tipo de visão: “Você teve acesso à cultura, à Bíblia, a uma revista”. Entende que estes recursos facilitam a aquisição de conteúdos de educação, porque o que está no livro pode ser escaneado, pode ser transformado, digitalizado para o computador, e aí acaba a barreira entre escrita e a visão.

Depraz (p. 29) defende que o conceito de evidência intuitiva remete ao paradigma da visão, em que ver as coisas de frente é a única prova de verdade, o que (p. 32) indica que a atividade de conhecer é regida por uma “intuição doadora originária”, considerada como fonte para o conhecimento da realidade. Este “princípio dos princípios” mostra que a intuição deve simplesmente ser recebida por aquele a quem se dá, em carne e osso, como dado puro, mas essa autodoação das coisas e do mundo não deve ultrapassar os limites em que se dá. Continua (p. 120) dizendo que o mundo é constituído no ego transcendental, quando seu sentido me é dado, e que eu alcanço assim uma visão da realidade externa existente em si, transformada em sentido dado a mim mesmo. Entende (p. 91) que Merleau-Ponty, em *O visível e o invisível*, radicaliza o acento sobre a corporeidade para além do individual, estendendo-a às nervuras do mundo, dotado de uma textura carnal.

Karol começou a perder a visão de forma gradual. Hoje consegue perceber a claridade, que está lá fora, e forma uma imagem meio distorcida das coisas, porque só tem visão central, o que lhe permite perceber cores fortes como o vermelho e o preto. Quando sua sobrinha Laurinha nasceu, estava com 15 anos e tinha perdido mais de 30% da visão. Avalia que, quando se perde a visão, passa-se a associá-la aos cinco sentidos.

Michel Serres (2001) envolve os nossos sentidos no campo sensível da percepção:

... A visão sofre com a mistura e sua evidência. (p. 63) Brumas. Gosto de viver na obscuridade, no sentido material como no moral – o homem de visão não goza de liberdade –, eu me exercito em ver no escuro. A escuridão acorda os membros, eles correm, por si, em socorro dos olhos, intensamente presentes quando a visão se vela. (p. 65). Escuridão global, bruma local. A escuridão acorda os membros, eles correm, por si, em socorro dos olhos, intensamente presentes quando a visão se vela (p. 64). ... E o véu melhor que o sólido. E a pele melhor que a visão. E o corpo melhor que a língua. ... O organismo forma um gigantesco nó em quantas dimensões quisermos. ... o corpo dobra-se, curva-se, adapta-se (p. 76). Mistura, desvelamento. Teoria ou intuição ficam na ordem da visão, chegou-se a dizer, e com rigor, que elas ficavam no sólido.... Acabamos de sair da teoria clássica, subordinada ao sólido e à visão (77). O velho problema de Molyneux – pergunta-se se um cego de nascença que acaba de ser operado saberia reconhecer, com sua visão nova, um cubo e uma esfera que sabia distinguir com os dedos. (...) Quem já viu alguma vez um cubo ou uma esfera? Nunca os concebemos a não ser na língua. Que deem ao cego uma bola e um tijolo e ele saberá apreciar pelo tato as deformações contínuas, as rupturas e as singularidades, perguntará logo se vocês conhecem pela visão a diferença entre uma bola e uma esfera, entre um cubo e um paralelepípedo. Ele rirá delicadamente do fracasso de vocês. (p. 80).

A intuição da essência é “a visão do sentido ideal que atribuímos ao fato materialmente percebido e que nos permite identificá-lo”. (Dartigues, 2003, p. 15).

8.6.7. Sonhos – Imaginação - Outras Vidências

Vivemos na imaginação, contexto bem mais simbólico que concreto, postula Bogdan (1994).

Para Giorgi (2010), a legitimidade da fenomenologia advém do uso do método, em que os dados procedem da experiência, em que o espaço, o tempo, a imaginação e a empatia se dão a nós como eventos de nossa consciência. No caso, é a consciência do outro que se manifesta a nós.

Joselito credita ao resquício de percepção luminosa perceber cores quando sonha. Lembra de um sonho em que sua mãe estava presente, mas não conseguia visualizar o rosto dela, com as características que tem hoje. Sabia que era sua mãe por causa da voz e ao associar informações. Seria como pegar algo que conhece e comparar com um filme que estava assistindo, pois compara o sonho a um filme. Toma como exemplo assistir a um filme com audiodescrição, em que vai ter uma compreensão mais ampla do que se fosse um filme comum. Às vezes, ouve vozes e reconhece o cenário onde está, mas não consegue ver com nitidez. Se aquele sonho está se passando na ACIDE, identifica quem está presente, se forem pessoas que ele conhece. Concorde com Karol de que a pessoa é livre no sonho, de fato. Diz que já sonhou *n* vezes voando, correndo, descendo uma ladeira asfaltada que terminava no mar, e sentia “*eu vou cair, eu vou cair*”. Porém, quando chegava na borda, abria os braços (abre os braços como se estivesse voando) e saía voando para o outro lado do mar. Posteriormente, notou que esses sonhos estavam atrelados a uma viagem de avião, experiência que não havia tido, e, depois que andou de avião, parou de ter esse sonho. Considera que, na mente, a pessoa é livre, porque na realidade o problema dos cegos é outro, como encontrar obstáculos reais em seu caminho cotidiano.

Para Maciel (2017), o virtual se dá na passagem da imagem à lembrança e da lembrança à lembrança pura – o encontro do virtual; virtual é o passado puro; atual é o presente puro, a memória. Virtual não é especulação, é intuição, é atualização, vem da nuvem e se transforma em imagem, e não pela construção lógica. Indica um processo mental: uma coisa é a imagem vista, outra é a imagem reproduzida em minha mente, presente na minha imaginação [:]... Uma é a imagem, outra é o signo linguístico. É a sensibilidade de acordo com a imaginação, que está de acordo com a memória, e o entendimento ocorre com a linguagem. Todo Aberto é Élan Vital, é Imaginação Criadora. O sujeito se encaminha para um universo abstrato, um lugar do significado e da abstração, para onde se vai com o pensamento e a imaginação. O imaginário nos permite considerar possibilidades que jamais havíamos vivido, que excedem a realidade efetiva, e a imaginação desempenha um papel metódico.

Fernando considera que seus sonhos não têm muita nitidez, mas tem noção do que está acontecendo. Se estiver em um carro, percebe que circulou, se desceu ou não, o que estava em sua volta. Utiliza regularmente a metáfora do negativo da fotografia para

indicar que não percebe os contornos com muita nitidez, que a imagem era meio sombreada, mas nota as pessoas e as roupas e se estavam usando algo que chamou sua atenção. Consegue perceber as circunstâncias, mas, quando acorda, não consegue recordar com nitidez.

Para Lanz (2014), fé, dúvida, imaginação, investigação, apreciação, desejo, são nomes que se referem a diferentes *modos de consciência*, cada um com sua natureza específica ou essência geral, que transmite a si mesma para seus objetos.

Ildes revela que sonha enxergando, que no sonho é cega, porém consegue ver, e que, em alguns momentos, sente-se do mesmo jeito como está conversando com o pesquisador, normalmente.

Silvaneide relata que algumas vezes, em seus sonhos, parece que está vendo imagens de coisas, mas, quando acorda e tenta lembrar as imagens, não consegue.

Karol lembra que já sonhou dirigindo um carro. Quando seu pai comprou um *Focus*, ela era doida para dirigir, e adorava a cor vermelha, diz com alegria. Sonhou que abria o portão da garagem, pegava a chave, ligava, tirava da garagem, voltava e fechava o portão. Rindo, diz que era um sonho de pobre, não tinha portão automático. Daí ela voltou, entrou no carro e foi para a rua, dirigir. Via tudo no sonho, e estava louca, de óculos, num carro vermelho andando pelas ruas da cidade. Percebia o centro da cidade certinho, fazia a curvinha em S de uma praça e chegava ao terminal de ônibus, o mesmo percurso que faz quando está no ônibus ou no carro com seu pai. Diz que dava para vislumbrar tudo no sonho, mesmo as árvores da praça, através da imaginação, e que nos sonhos nunca foi cega. Mas, se alguém perguntasse o que ela queria que acontecesse, um sonho no campo virtual, “*eu queria enxergar, é óbvio!*”. No campo do real, quando tem um sonho, este vai repercutir em sua mente e no que ela é. Agora deseja concluir o curso de Direito e passar no exame da OAB para exercer a magistratura – ela e sua mente querem isso. Diz que segue essa vertente, de que a mente não é cega; os olhos são, mas a mente, não.

Marcelo considera o sonho semelhante à lembrança, e tem como referência um lugar. Se o sonho ocorre na ACIDE, consegue visualizar bem; e, se tiver uma relação de convivência com a pessoa, fica mais fácil identificar visualmente.

Arcanjo, em seus sonhos, percebe *imagens imaginadas*, a mesma imaginação remanescente da vida quando enxergava; sente as imagens diminutas, reduzidas devido à baixa visão, e relata que, às vezes, se cansa de tanto imaginar.

Mônica Alvim (2017), em *O corpo entre virtualidade e produtividade*, sugere que o sujeito se encaminha para um universo abstrato, um lugar do significado e da abstração, para onde se vai com o pensamento e a imaginação. Criar uma imagem consiste em ir retirando do objeto todas as suas dimensões, o peso, o relevo, o volume, o perfume, a profundidade, o tempo, a continuidade e, é claro, o sentido. Na era tecnológica, importa a imagem do corpo produzindo uma estética massificada. As imagens são clichês, objetos consumidos passivamente, padrões idealizados que se aproximam da imagem de simulacro, que controla e programa sujeitos e produz subjetividades. A questão da imagem expressa um dilema entre ser e parecer, e a criação do *selfing*, a criação de imagens-clichê ficcionais.

Herbert relata que, “*quando eu sonho, muitas vezes eu nem sou cego no sonho. Eu dirijo, ando sem a bengala, é muito difícil eu sonhar... com a bengala. Eu tenho um sonho particular, que a minha deficiência visual impede, e eu já sonhei várias vezes fazendo isso: dirigir um Opala. Simplesmente dirigir um Opala, assim, numa pista reta. E eu sonhei (sorri) com isso várias vezes, eu entrando, ligando o Opala e ouvindo aquele barulhão de motor seis cilindros. Na verdade, eu saía normalmente, eu sonho sempre assim. É um sonho que eu tenho. E como eu acho que tá ali, no subconsciente, eu acabo sonhando aquilo sempre. Às vezes no sonho eu consigo ver mais nítido!*”

Eliab faz um muxoxo, sorri, e diz que não sabe o que ocorre com pessoas que nasceram com deficiência visual, acha que quem nasceu cego não tem como formar imagens. No seu caso, de alguém que já enxergou, considera que consegue ver como as pessoas que enxergam, porque já viu tantas imagens quando enxergava, que, no sonho, consegue distinguir quem está naquele sonho. Teve vários sonhos com sua mãe em que estava vendo o rosto dela, então, considera que enxerga no sonho pelo fato de já ter visto. Quando o pesquisador relata que Herbert sonha dirigindo um *Opala*, sorri, e diz que também se lembra de ter sonhado dirigindo uma moto, e nessas ocasiões parece que

nunca foi cego. Tem vontade de andar na garupa de uma moto para sentir como é, assim como de pilotar com alguém do lado. Garante que, se pegar um carro, consegue dirigir, porque aprendeu os comandos da moto, e que a única diferença é que, na moto, você vai acelerar com a mão, e no carro é com o pé, que tem a questão da embreagem e do freio, mas acredita que consegue sair. De bicicleta também andaria, numa boa, se não tiver perigo, e vibraria muito se conseguisse dirigir um caminhão, nem que fosse por cem metros: *deve ser uma sensação bem gostosa, nossa!*

Para Lima (2007), existem várias descrições do fenômeno em que cegos de nascença podem sonhar que estão enxergando, bem como deficientes físicos sonhar que estão andando.

Serres (2001) descerra uma cortina imaginária:

Uma mulher nua, de sapatos de salto alto, vista de três quartos por trás, olha-se no espelho. Sua imagem não é vista de frente.... Na mistura dos matizes, no caos das marcas e toques, reconheceram a Belle noiseuse (A bela provocadora), que Balzac dizia inimaginável: de fato sua imagem não está nos espelhos, ela não é representada. ... Então o efeito do espelho, em frente, espelho que só é visto pela metade, então a imagem da mulher no espelho são reduzidos a uma espécie de cortina, ... a pele tem por imagem a cortina, tem por reflexo uma tela, por fantasia uma toalha. (p. 29). A imagem se forma sobre uma variedade desdobrada.

Thiago diz que, no sonho, é como se enxergasse, consegue ver tudo, porque tem uma noção de imagem, daí não encontrar dificuldade. Lembra das cores e das formas, que associa quando sonha, e consegue enxergar, mesmo que seja de outro jeito. Considera que, no sonho, é como se enxergasse normal.

Lucimar não tem construída uma imagem percebida através do sentido da visão, mas tem uma imagem adquirida pelos outros sentidos, através do toque, do tato, do cheiro.

Joselito considera que sua visão costumeiramente o trai, então precisa perceber se os outros sentidos estão ativos na mesma proporção que a visão, inclusive a imaginação.

Para Depraz,

descrever é necessariamente integrar à descrição da experiência singular traços que dependem da minha memória de outros eventos, de minha imaginação de outras situações, do testemunho de outros perante uma experiência que eu não fiz, e que talvez nunca faça; (p. 31). Nós temos diferentes tipos de experiência e de atos da consciência, como a percepção, a rememoração, a imaginação ou a empatia. Husserl em **Lições sobre o tempo** se interessa em descrever a consciência da imagem como tal. O imaginário nos permite considerar possibilidades que jamais havíamos vivido, que excedem a realidade efetiva e a imaginação desempenha um papel metódico em três formas. A variação é imaginária porque ela revela que as possibilidades da imaginação excedem em muito aquilo que o empírico permite. A imaginação tem aqui a função metódica de nos arrancar da empiria e fazer aparecer a estrutura de possibilidades que nos habita enquanto sujeitos conscientes. Époche e ato de imaginação cumprem o mesmo gesto de arrancamento da efetividade e da atualidade da realidade. (p.78). A imaginação como ato de deslocar mentalmente ao lugar ocupado por outrem corresponde ao método imanente do próprio ato empático. (p. 79). “A função metódica da imaginação consiste em permitir me distorcer ao extremo em minha unidade egóica para ir, em ficção, ao lugar ocupado por outrem, sem, entretanto, me tornar outrem nem destruir minha unidade. ... Agindo assim, aprendo pela imaginação a me descentrar, a alargar meu ego até ser capaz, por instantes, de me esquecer”.

8.6.8. Alteridade - Relacionamento afetivo entre cegos e com enxergantes

A tarefa do pesquisador consiste em “olhar em lupa”, imbuído de teoria e método, para que possa, numa atitude de alteridade, ver pelo olhar do outro e, no processo de análise, se ater ao conteúdo manifesto. Bogdan (1994) entende que, ao definir o seu *self*, as pessoas tentam ver-se como os outros as vêem, interpretando os gestos e as ações que lhes são dirigidos e colocando-se no papel de outra pessoa.

E Santos postula que não há experiência da alteridade quando a existência do outro depende do poder de constituição do eu. (Santos, 2017).

Joílson é casado com uma pessoa que tem baixa visão (mexe-se na cadeira ao fazer esta observação). Considera engraçado que, apesar dela enxergar um pouco, há coisas que consegue fazer melhor do que ela, e possui mais habilidade, mesmo não podendo enxergar. Cita como exemplos uma porta que apresente algum problema, e que ele tem mais jeito para abrir, ou colocar o pino em uma tomada num lugar que não está muito acessível.

Ildes, quando teve seu primeiro filho, tinha um relacionamento afetivo com um enxergante, mas, como não dispunha de sua ajuda, fazia tudo sozinha. Quando teve sua segunda filha, o menino tinha dois anos e foi morar apenas com os dois filhos, pois o

relacionamento estava desfeito. Esta foi uma experiência muito grande, porque, antes, cuidava de uma criança e morava com o pai dela e, de repente, estava morando sozinha e com as duas crianças. Nesse momento não tinha ninguém, só Deus. Avalia que superar esse momento foi muito importante, e *hoje se sente como uma... heroína*. (muito emocionada).

Karol experienciou relacionamentos afetivos com um enxergante e com um cego “disfarçado”, como ela caracteriza Herbert. Seu primeiro relacionamento com uma pessoa enxergante era *um pouco conflituoso*, porque havia falta de compreensão por parte dele. Nesta época, ela não sabia fazer as coisas *direitinho*, e ele não tinha paciência de esperá-la se virar de seu jeito. Havia também o medo de andar em determinados locais, porque não sabia o que ia encontrar. O fato de estarem sempre em discordância acabou repercutindo de formas variadas no relacionamento, o que levou ao término. Mas, não é contra uma deficiente namorar um enxergante. Quando terminou este relacionamento, nunca pensou em namorar um cego, achava que ia ser complicado – *como ia ser isso, e se a gente se casar?*

Quando começou a se interessar por Herbert, as pessoas falavam: “*Ah, como é que um cego vai se relacionar com outro? Como é que vai saber se ele é bonito ou feio?*” E havia outros que falavam assim: “*Ele tem a voz bonita. Mas e se a voz for bonita e o cara for feio, mal acabado?*”. Ou vice-versa, “*e se a menina tiver uma voz linda e for horrorosa, gorda, com tudo caindo?*”. Avalia que tem muito disso, muita indagação, e conta com a cumplicidade de Herbert. O que primeiro a atraiu nele foi o violão, porque sempre gostou de música. Começou a fazer aulas de violão com ele e, quando ouvia uma música da MPB ou um dedilhado, associava a ele. Como considera a mãe seu “olho de confiança”, pediu sua avaliação de Herbert e ela o descreveu como bonito, com um furinho no queixo, moreno com o cabelo enrolado, estatura média. A mãe ia descrevendo e ela ia formando uma imagem, juntando com o que antes já imaginava como ele fosse.

O namoro deu certo e estão juntos faz um ano e meio, mas o contato físico só aconteceu quando estavam namorando de fato. Considera que compartilhar é crescer juntos, que a troca de experiências é fundamental e que, ao namorar Herbert, aprendeu muita coisa, pois ele tem passado muitas informações de como fazer as coisas, com muito carinho. Avalia que é igual a outros relacionamentos, tem briga, tem D.R, tem

TPM, e que a mulher cega parece mais sensível na dimensão da pele, avaliação que Herbert compartilha. Descreve-o como independente, e que, em sua vivência diária, encara o mundo sem papai e sem mamãe, e está o tempo todo dando as coordenadas. (o “norte” do afeto e da autonomia) (ajustamento criativo) (o corpo do cego como lugar de reaprendizado do mundo). Avalia que estar com Herbert é uma experiência mútua, ele é independente, já foi casado e teve uma vivência a dois, sabe se virar muito bem e mora sozinho. Ela estava experimentando conquistar essa autonomia quando foi feita esta entrevista.

Para Depraz (2011, p. 79):

A função metódica da imaginação consiste em permitir-me distorcer ao extremo em minha unidade egóica para ir, em ficção, ao lugar ocupado por outrem, sem, entretanto, me tornar outrem nem destruir minha unidade. ... Agindo assim, aprendo pela imaginação a me descentrar, a alargar meu ego até ser capaz, por instantes, de me esquecer.

Fernando considera muito legal os membros do grupo da ACIDE conseguirem perceber o que o outro pensa, qual a concepção das coisas que o outro tem, como ele vivencia o dia-a-dia. Karol aprendeu com Fernando que, quando se convive com outra pessoa que não enxerga, aprende-se coisas que não se sabia.

Para Eliab, é muito importante compartilhar experiências com outra pessoa que não enxerga.

8.6.9. Heterocuidado (cuidado com o outro) + diagnósticos

Caminha (2019) invoca Winnicott, para quem somos definidos por uma vida que manifesta uma carência radical, o que nos faz estar ligados ao outro por relações de cuidar. Uma tarefa difícil é encontrar a justa medida do cuidar, em que uma mãe criadora vai criar um mundo para o bebê para que ele possa um dia tornar-se um “criador de mundos”, e poder lançar um olhar próprio para a realidade, com a percepção associada à fala. No estágio de viver a vida como expressão criativa, nos tornamos capazes de contribuir para a existência de um mundo habitado por corpos que interagem. Percepção e fala só se tornam efetivos na vida de um corpo por causa do outro, que se manifesta, originalmente, como cuidador.

Fernando relata que, logo que começou a andar, seus pais perceberam que era diferente no modo de andar dos irmãos, pois caía com facilidade. Tinha um ano e meio de idade quando foi constatada a miopia e, aos 16 anos, foi diagnosticada a catarata, o que limitou bastante sua visão. A família o levou para São Paulo e ficou na casa de um tio, que o levou a Campinas, centro de referência em oftalmologia, onde foi constatado que, além da miopia e catarata, tinha pigmentação córnea, o que podia levar à cegueira. Por três anos e meio fez tratamento, a base de cirurgias, de raio laser, experimentou uma série de procedimentos tentando recuperar a visão, até o momento em que os médicos viram que não havia nada mais a ser feito. Iniciou o tratamento no Hospital das Clínicas, de lá foi encaminhado ao Hospital São Paulo e, por fim, a um centro de reabilitação, onde aprendeu a desenvolver uma série de atividades, como andar com a bengala e o alfabeto Braille. Retornou a Vitória da Conquista e a visão só foi diminuindo, até que, aos 22 anos, não enxergava mais nada. A aprendizagem que teve em São Paulo o incentivou a participar da criação da ACIDE, em 1989, e o ajudou a ter a independência que tem hoje. (+Ajustamento Criativo). Foi o primeiro aluno cego a se graduar em Pedagogia, pela UESB.

Joselito revela que, em sua família, há um quadro hereditário de perda da visão, uma degeneração da retina que acaba comprometendo a percepção visual, uma vez que as imagens aparecem distorcidas e, quando está em movimento, ocorrem lapsos de visão. Desse modo, percebia o que acontecia ao seu redor, mas a visão não correspondia ao que era de fato. Percebeu este quadro de forma mais severa a partir dos 13 anos, quando estava na quinta série do ensino fundamental e teve que sair da escola. Hoje tem um percentual entre 5 e 7% da visão. É graduado em Direito pela UESB e foi aprovado no exame da OAB.

Joílson, desde seu nascimento, só conseguia identificar as cores branco e preto, até que perdeu totalmente a visão. Morava na roça e avalia que a família não estava preparada para conviver com uma pessoa com deficiência, não sabia como se comportar com ele. Procuravam ajudar, mas a forma como agiam não o ajudava a se preparar para essa dificuldade. É graduado em Psicologia pela UESB.

Ildes nasceu com um problema em um dos olhos e não conseguia sugar o peito da mãe, apenas chorava e virava o rosto para os lados. Como tinha uma filha mais velha a quem amamentou, a mãe achou que podia ser um problema de visão e, para conseguir

amamentar, cobria seu rosto com um pano. Enquanto crescia, se batia nos móveis da casa e nas paredes, e foi constatado que enxergava apenas de um olho. Mas os pais não a levaram a um centro de saúde porque tiveram uma decepção muito grande com a filha anterior: o médico queria arrancar os olhos dela com os dedos, sem cirurgia nem nada, momento em que o pai a arrancou toda roxa dos braços dele, saiu correndo, desesperado, e prometeu não levar mais nenhum filho ao hospital para fazer exames. As filhas estavam acometidas com glaucoma, patologia que torna os olhos grandes, e causa muita dor, e ela teve que sentir estas dores em casa. Aos cinco anos, brincava com seu irmão com um banco servindo de cavalinho, quando o banco virou e bateu no olho que enxergava. Perdeu na hora a vista que tinha do olho esquerdo, e aí o sofrimento foi maior, porque passou a ter visão nenhuma. Esta ocorrência desesperou seus pais e ela passou 12 dias debaixo do cobertor, pois não suportava a claridade. Nesse período, sua mãe lhe dava banho com uma toalha molhada.

Iraquitán Caminha (2019) evidencia que Merleau-Ponty toma como ponto de partida o nosso corpo, que nos faz estar no mundo sem nenhuma ideia preconcebida. É por meio da percepção que temos um contato direto com o mundo factual, numa perspectiva primordial, numa busca de recuperar a percepção como contato originário com o mundo por meio do poder do corpo de sentir e se movimentar. No tópico *A vida como expressão criativa*, seguindo o viés merleau-pontiano, reforça que a percepção e a fala são produtos de um corpo que vive e expressa sua vida, situado em um mundo produzido, sobretudo, pela percepção e pela fala. *A vida é antes de tudo uma vivência sentida e comunicada*, realizada a partir da interação com outras formas de vida, e, no caso dos seres humanos, esta interação é efetivada em função de nosso desamparo primordial, na medida em que sempre dependemos do cuidado do outro para superar a condição original de vulnerabilidade.

Silvaneide nasceu sem enxergar de um olho, mas apenas quando começou a estudar, aos 10 anos, foi constatado que não enxergava do olho direito. Ao buscar tratamento, foi verificado que estava perdendo também o olho esquerdo, devido a um tumor no cérebro, e que a veia ocular havia secado. Aos 15 anos, fez uma cirurgia e ficou alguns dias sem enxergar nada, até que a visão foi voltando, aos poucos, mas estacionou em dois e meio por cento. É graduada em Psicologia pela UESB.

Karol foi diagnosticada com retinose pigmentar, uma doença visual degenerativa, aos 3 anos de idade. Todos os anos fazia consulta oftalmológica e usava remédios para retardar o desenvolvimento da doença. Aos 12 anos, começou a perder a visão de forma gradual; aos 26 anos, só tinha a percepção de claro ou escuro, se era dia ou noite, se tinha uma luz ou a TV estava ligada, pois só restava a visão central e a imagem aparecia distorcida. Já conseguiu, mas não consegue mais guardar fisionomias ou reconhecer cores. É graduada em Direito pela UESB.

Lucimar começou a ter dificuldades na visão com 14 anos de idade e começou o tratamento em Sorocaba, SP, onde foi diagnosticada a degeneração da retina, devido à falta de vitaminas em seu desenvolvimento corporal. O médico indicou o uso de vitaminas para estabilizar a visão. Perdeu a visão central, mas manteve 10% de visão lateral, o que lhe permite ver bem de pertinho, mas não a longa distância, e distinguir cores ou imagens, mas sente dificuldade em ambientes com muita claridade. É graduada em Pedagogia pela UESB.

Marcelo nasceu com uma doença congênita que lhe possibilitava ter 10% de visão, mas a família não notava tal dificuldade. Esta deficiência visual apenas foi constatada em seu processo de alfabetização, por uma professora, ao “tirar a lição”. A “descoberta”, a partir do cuidado de outro, se deu casualmente, no dia em que resolveu começar a leitura por ele. Até então ele tinha conseguido enganar a professora memorizando a leitura oral feita pelos colegas. A partir desta “descoberta”, sua mãe o ajudou a visualizar pela cartilha as letras do alfabeto e, assim, teve continuidade seu processo de alfabetização. É graduado em Comunicação / Jornalismo pela UESB.

Caminha (2019) postula que viver de forma criativa exige que a percepção esteja associada à ilusão, a parir de Merleau-Ponty, que nos propõe a percepção como abertura primordial para o mundo por um corpo que afeta e é afetado. A experiência perceptiva nos coloca em contato com o outro, o que nos exige comunicação, realizada por uma fala falada, automatizada, ou uma fala falante. Uma fala criativa está associada a uma fala falante, a uma criatividade capaz de inventar um estilo de vida, num movimento em direção à liberdade. Uma vida relativamente livre consiste em conquistar a liberdade como manifestação de um estilo, em que se possa afirmar que a vida vale a pena ser vivida. A valorização de experiências culturais criativas pode gerar dinâmicas que alimentem a percepção e a fala. O viver criativo é um modo de existir ou de ser no

mundo, que diz respeito a tudo aquilo que fazemos para fortalecer a percepção de que estamos vivos e de que somos nós mesmos.

Arcanjo nasceu com 10% de visão devido a uma lesão na retina, e conviveu com esse resquício visual até os 12 anos. No início, sua mãe e sua avó perceberam que ele não encarava os brinquedos, não conseguia fixar os olhos. Aí começou sua peregrinação de Caatiba para Vitória da Conquista, em busca de tratamento. Foi constatada lesão na retina, o que comprometia mais de 90% do campo visual. Quando criança, para estimular a percepção visual, sua mãe avivava as cores do caderno para que pudesse ver as linhas e aprender as primeiras letras. Avalia que esse resquício visual o ajudou muito nesse período, o que lhe permitiu observar a cartilha dos animais e estabelecer o primeiro contato com a leitura e a escrita. É formado em Pedagogia pela UESB.

Eliab nasceu com catarata congênita, mas conseguia enxergar formas e cores, com os dois olhos. Em 2007 teve um comprometimento da retina devido a um acidente: estava brincando com colegas, num dia de chuva, quando um deles jogou uma bola de barro que bateu no olho esquerdo, o que o tornou cego deste olho em dois dias. Manteve a visão do olho direito até 2011, quando ficou cego e passou a perceber apenas a claridade. Não aceitou a perda da visão e se aprofundou no uso de drogas, das quais se libertou com o auxílio de parentes e amigos.

Thiago não conseguia enxergar sua mãe, que o levou a um hospital onde foi diagnosticado com glaucoma congênito. Foi submetido a 6 cirurgias, mas quando tinha 7 anos perdeu a visão totalmente.

Herbert nasceu com retinose pigmentar, mas passou boa parte de sua vida achando que era glaucoma. Durante sua infância enxergava “até bem”, andava de bicicleta e brincava com seus primos. Com 13 ou 14 anos, perdeu o olho esquerdo e tem um resíduo visual no olho direito, o que lhe permite identificar algumas coisas. Já estava com 18 anos e era associado da ACIDE quando foi diagnosticado com glaucoma.

8.6.10. Ajustamento criativo – Outras Vidências

Ponciano Ribeiro (2019) trabalha, com base no método fenomenológico, o conceito de campo, de círculo, de ciclo, de mecanismo de cura e bloqueio e de self, e entende que esse conjunto de construtos forma o que chama de *Teoria do Ciclo do Contato*, o modo como os humanos fazem o ciclo por meio do contato como um jeito de existir, e que somos o resultado dos *com-tatos* que nos fascinaram. Fizemos ajustamentos criativos, escolhas de como vivemos e experienciamos o espaço e o tempo, dimensões humanas ora visíveis, ora invisíveis. Entende contato como a realidade primeira além do toque, que espelha a experiência humana como fruto de diálogos entre a evidência e o mistério, na busca de uma indivisibilidade entre sujeito e objeto. Contato é a busca de uma ontologia operacionalizável, a experiência de uma visada além das partes constitutivas de uma totalidade, e só desse modo uma configuração é uma Gestalt e uma Gestalt é uma configuração. Ribeiro (2019) cita Merleau-Ponty para se referenciar: “O que há de profundo na Gestalt, nosso ponto de partida, não é a idéia de significação, mas a de estrutura, junção de uma idéia e de uma existência indiscerníveis, arranjo contingente por cujo intermédio os materiais se põem a ter sentido para nós, a inteligibilidade em estado nascente”. (Merleau-Ponty, 1960, p. 223).

Lucimar encontrou dificuldade com a metodologia empregada por professores em sala de aula, uma vez que não sabiam como atender a um deficiente visual, mas conseguiu vencer quando houve um processo de adaptação ao material, um ajustamento criativo. Preferia digitalizar o material didático e ouvir o conteúdo com os aplicativos Dos-Vox e Jaws, tipos de Tecnologias Assistivas, assim como o Braille e a bengala. Fazia o escaneamento dos textos e os ouvia, mas sentia uma dificuldade de compreensão, porque, “*quando você lê tem mais facilidade de aprender do que só ouvir*”. Na dimensão do aprendizado emergiu a dimensão intersubjetiva, pois contou com o apoio de colegas e professores para poder concluir seu curso.

Ribeiro (2019) se referencia em Perls, para quem

[...] Todo contato é ajustamento criativo do organismo e ambiente. Resposta consciente no campo (como orientação e como manipulação) é o instrumento de crescimento no campo. Crescimento é a função da fronteira de contato no campo organismo/ambiente: é por meio do ajustamento criativo, mudança e crescimento que as unidades orgânicas complicadas persistem na unidade

maior do campo. [...] Contato, o trabalho que resulta em assimilação e crescimento, é a formação de uma figura de interesse contra um fundo ou contexto do campo organismo/ambiente. (Perls, Hefferline e Goodman, 1997, p. 45).

Ribeiro (2019) compreende que contato supõe um movimento dinâmico de orientação e manipulação, de mudança e crescimento, como formas de ajustamento criativo na relação organismo/ambiente, como experiência de fronteira, pela qual me dou conta de que sou corpo-ambiente, de que sou o mundo e o mundo sou eu, e isto me constitui como uma presença espaçotemporal. O crescimento se dá através de um processo de assimilação entre meu organismo e o ambiente, como um processo de ajustamento criativo. Ao conhecer o modo como alguém fez contato, conhece-se também o nível do encontro e separação com que se aproxima das coisas ou pessoas, e assim posso pensar minha existência e a do outro, uma vez que o contato pleno envolve intencionalidade e responsabilidade. Por meio do contato encontro-me com minha coragem, meus medos, minha esperança, me reconheço possível e viável.

Contato é um ato de autoconsciência totalizante, envolvendo um processo no qual as funções sensoriais, motoras e cognitivas se unem, em complexa interdependência dinâmica, para produzir mudanças, crescimento, ajustamento criativo nas pessoas e na sua relação com o mundo, por meio da energia de transformação que opera em total interação na relação sujeito-mundo, organismo/ambiente.

Joílson apenas se lembra e consegue identificar as cores preta e branca, uma vez que nunca viu cores e formas. Essa dificuldade o levou a criar imagens adquiridas por outros sentidos, que abriam a possibilidade de perceber o mundo e as formas que tinha diante de si. Antes, havia passado um período difícil, sem motivação para participar da vida cotidiana, até que começou a frequentar uma escola de Educação Especial e, a partir daí, foi se adaptando ao convívio social. Lembra dos amigos de infância e do gosto de brincar na chuva, de sentir a água e a lama, de amassar o barro com as mãos. Se recorda da casa onde morava, porque convivia naquele espaço e ali se localizava, pelo tato. Como nasceu na zona rural, carrega consigo o cheiro das plantas e o gosto das frutas, assim como a sonoridade das melodias das músicas sertanejas. Sente a presença de pessoas e as identifica pela voz e cheiro, e, se tocar, vai saber o formato do rosto, se o cabelo é liso ou alisado; entre seus familiares usa mais o tato, e assim reconhece o irmão que é mais magro, o mais gordo, o mais baixo e o mais alto. Ele não pode ver,

mas imagina uma imagem ou uma cor a partir da descrição que alguém lhe disse, que fica guardada na memória.

Para Ribeiro (2019), o contato ocorre sempre na fronteira, lugar de encontro das diferenças, pois estamos sempre em contato com nosso mundo interior e exterior: me encontro dividido entre o observador que observa a mim mesmo, assim como a realidade externa, que por sua vez me observa e influencia.

O contato é fruto da relação de diferença eu-mundo, eu no mundo. Síntese harmoniosa de diferenças, torna-se uma força transformadora porque traz, no seu processo, elementos buscados na semelhança existente entre seres diferentes e cujas energias confluem na produção de um terceiro elemento unificador.

Carol, em sua infância, enxergava vinte por cento e usava óculos multifocal, o que possibilitava conhecer cores e pintar com lápis de cor, permitindo identificar o azul independente da cor do céu. Teve uma época em que vislumbrou cores e formas, só que isso foi se perdendo, e a lembrança que tem de sua sobrinha é o cheirinho que ela tinha, o chorinho dela e as graças que fazia, mas não se lembra do rosto dela. Sabia que usava laço e brinco porque tocava nela e colocava o macacãozinho. Quanto ao sobrinho, ela criou uma imagem própria, porque uns falaram que parecia com o pai, outros com a mãe, e ela criou uma imagem mental juntando estas duas referências. Avalia que teve um tempo em que a imagem não era tão interessante, justamente o período em que começou a ficar cega.

Ribeiro (2019) entende que, quando um contato pleno ocorre, os elementos anteriores componentes do contato se modificam, porque absorvem processos de outra realidade. O contato é uma totalidade diferente das partes que o compõem, e as partes que o compõem são diferentes da totalidade que lhe dá origem. Em um processo de síntese, quanto maiores forem as diferenças, tanto maior será a energia de mudança e transformação ali presente, salvaguardada a questão da intencionalidade entre diferentes pessoas. Quanto mais a energia fluir desse encontro de diferenças, tanto mais intenso o contato se fará. A energia fluirá também na medida em que duas ou mais pessoas se encontrem, movidas pelo engajamento de suas funções sensoriais, motoras e cognitivas, na consecução de um mesmo objetivo. Quanto mais as pessoas se encontrarem como totalidades vivas, tanto mais o contato ocorrerá e a transformação seguirá o seu curso. O eu, que age como uma função do organismo, está mais atento quando, no seu processo decisório, depara com diferenças, isto é, vive a experiência de fronteira entre o

organismo e o ambiente, pois é o diferente que aciona o eu. Diante do risco, da ameaça, do imprevisto, o eu dispara todos os seus alarmes à procura da solução mais rápida e econômica. O encontro entre diferentes pode, normalmente, ser mais nutritivo e criativo que entre iguais.

Ildes, depois que perdeu a visão, passou por um processo adaptativo a esta nova condição. *“Com o tato e a mente eu fui conseguindo”* identificar flores e plantas, porque, ao redor da casa na roça, tinha um enorme jardim em que ela ficava olhando as borboletas, as flores, as cores diferentes que as plantas tinham. Avalia que foi um processo difícil, mas conseguia identificar uma flor porque já havia conhecido antes. A cor que mais amava, quando enxergava, era a cor vermelha e, quando lhe falavam dela, ficava imaginando aquela cor que conhecera antes. Aos 5 anos, já cega total, aprendeu a ir ao tanque para pegar água sozinha, e no pomar conseguia identificar se a melancia já estava madura e se já podia tirar. Sua mãe havia lhe ensinado a cozinhar, a fritar ovos no fogão a lenha, a lavar louça e suas próprias coisas, a passar roupa e fazer roupa de boneca, assim como a higiene da vida diária, o que foi de muita valia quando tornou-se mãe de dois filhos.

Com Ribeiro (2019), aprendemos que Contato é um processo de autorregulação organísmica, é ajustamento criativo que ocorre, sobretudo, na experiência de diferenciação organismo/ambiente. Quando diz organismo, não está se referindo a este como sinônimo de corpo, como tal, mas como o corpo no mundo, feito de terra, de carne, de ossos, corpo em relação, em negociação com a realidade com a qual ele se confronta. O conceito de *awareness*, em Gestalt-terapia, refere-se à tomada de consciência do sujeito de forma global, no momento presente, ou seja, resulta de um conjunto de percepções pessoal, emocional, interior e ambiental. Esse gancho entre *awareness*, diálogo e contato, pode nos remeter à verdadeira natureza da saúde e da doença, quer tendamos a ver esses dois fenômenos como realidades fenomênicas separadas, quer como um contínuo, no qual, com base em um ponto de equilíbrio, a realidade da relação eu-mundo começa a modificar-se.

O ciclo de contato é um sistema em movimento; nele tudo se move, pois o processo humano de crescimento é automovente, caminha de espaço a espaço, de etapa a etapa, que é o lugar onde a realidade acontece. “Contato final” é, ao mesmo tempo, fim e começo de um movimento novo e de um novo movimento, isto é, a percepção de que a “retroflexão” ficou para trás, está resolvida, e isso se chama “satisfação”. (...) é o lugar da voz média, nem se retirando, nem retirando, simplesmente se deixando acontecer. Voz média,

mais que um movimento representa uma forma de contato, um estado de estar “parado”. Ele registra o instante. ... Trata-se de uma forma absoluta de contato. A pessoa está absolutamente com ela sem deixar de estar absolutamente com o outro... ela simplesmente se deixa acontecer na direção do outro.

8.6.11. Cinestesia e o dia-a-dia de cegos – Outras Vidências

Para Janzen (2013) a primazia da Cinestesia como dimensão constitutiva da própria consciência e da produção de sentido no mundo possibilita formas consteladas de percepção que ajudam a sedimentar a articulação com a trama central deste trabalho, a percepção destas “Outras Vidências”.

Fernando, ao se levantar da cama, faz uso da cinestesia, utiliza a percepção de seus órgãos sensoriais para guiar seu rumo em casa e na rua. Utiliza o sentido do tato para se deslocar e se organizar para tomar seu banho, preparar o café e sair para trabalhar. Cria uma imagem mental onde visualiza o fogão, a pia, sem detalhes, mas se vê direcionando de um lugar a outro, “enxergando” aquele local para o qual está indo. Sempre é uma sucessão de coisas: uma imagem orienta esse deslocamento, auxiliado pelo som obtido neste percurso e pelo tato, para ir sentido onde está tocando.

O foco central deste artigo de Janzen (2013) é mostrar a *ação corporal e as reversões entre consciência e movimento*, ao ressaltar o corpo como referencial ao movimento e à ação na constituição da autoconsciência, e tomar o corpo situado interagindo com um mundo real, para demonstrar que parte da apreensão fenomenal é concreta e situada. Considera que um dos aspectos da corporeidade e da ação é a consciência do movimento, sendo a consciência o movimento intencionado. Refere-se à *consciência como manifestação encarnada*, apoiado em Merleau-Ponty, para quem o *corpo e seus movimentos desempenham papel importante no dado pré-reflexivo*. De Husserl, recorre ao termo *cinestesia*, para designar a *experiência viva da postura e da orientação motora dos órgãos da percepção e do movimento*. Como a fenomenologia não é nem pura subjetividade nem pura objetividade, de acordo com Merleau-Ponty, a *cinestesia informa o fluxo constitutivo temporal que é a consciência*. *A experiência consciente abrange o cérebro, o corpo e o mundo, por ser holística, e a experiência consciente é um aspecto genuíno do sistema corpo-ambiente*. Por meio da cinestesia

pode-se ter acesso a uma experiência subjetivamente vivida, que mantém o organismo constantemente informado da quase localidade do corpo, e ocorre somente por meio da autoconsciência do sujeito na ação. A cinestesia é uma vigília concomitante ao ato consciente e à consciência de desempenhar este ato, pois focaliza a consciência no corpo e seus movimentos. Trata-se de um sentido que não pode ser desligado, como pode ocorrer com os outros sentidos, pois a sensação de movimento (ou permanência) está sempre presente. Esta condição pressupõe o realismo da presença carnal e concreta do agente em um mundo que o envolve permanentemente e sem o qual ele não existiria.

Karol aprendeu a associar os quatro sentidos ativos de que dispõe e através deles chega aonde quiser, em Conquista, principalmente pela audição, em que reconhece cada barulho, que pode ser o de um veículo, ou perceber se está em uma rua agitada, ou não, se está entrando num corredor mais estreito, tudo associado à percepção sonora. Entretanto, quando está caminhando e sente o cheiro de biscoito de polvilho, outros sentidos são acionados e trazem à memória *aquela cheirinho* de biscoito assado da casa das avós, onde o forno ficava o dia todo aceso no período de festas. Se pegar o biscoito com as mãos reconhece de forma tátil o formato do biscoito *xirinha*, ou *avoador*, compridinho e em forma de S, ou *essezinho*, e toda vez que vê um biscoito em forma de S, lembra-se ó, *o biscoitinho da vó*, e consegue associar a uma imagem mental, *o cheirinho do biscoito, rapaz, bate assim oh, o cheirinho de vó. Isso tudo se associa, né!*

Para Jansen, o ser humano se movimenta livre e deliberadamente pelo mundo e a experiência diária inclui pensar no movimento, como ao se levantar da cama, ao se erguer uma xícara de café apenas com a força necessária ou calcular o tempo para atravessar uma rua. Esta habilidade de pensar no movimento está baseada em conceitos humanos de espaço, tempo, energia e força, que por sua vez derivam da cinestesia. O movimento acompanha o ser humano desde o período pré-natal, com o desenvolvimento gradativo da capacidade de percepção e de resposta corporal às demandas interna e externas do organismo, o que permite a um organismo ser autoconstitutivo. Chegamos ao mundo nos movendo e a partir do movimento vivemos e fazemos sentido ao mundo, e isto não ocorre com um controle do corpo, mas com a descoberta do corpo a partir do próprio movimento. Crescemos cinética e cinestesicamente para dentro de nosso corpo, nos descobrimos por meio do movimento, fomos aprendizes de nossos corpos, descobrimos braços que esticam, joelhos que

dobram, boca que abre e fecha e que mastiga. O descobrimento das possibilidades corporais é resultado de termos nos movido anteriormente, e isto implica que a cognição humana começa a partir do movimento.

Joselito acredita que a pessoa constrói suas próprias imagens, através de informações que vêm da parte sensorial, como a audição, se está ouvindo rádio, ou criando cenários do que está sendo descrito, se está lendo um livro ou assistindo a um filme, ou recorrendo ao vasto acervo de audiobooks disponível atualmente. Quando assiste a um filme com audiodescrição vai ter uma compreensão bem mais ampla do que se assistisse a um filme comum. Conta que a primeira vez que teve contato com “Vidas Secas” foi na preparação para o vestibular, em que amigos ou profissionais das instituições de que sempre fez parte liam para ele. Pondera que quando uma pessoa cega procura ter acesso ao conhecimento, percebe a necessidade de utilizar os outros sentidos, porque tem certas situações em que não consegue ver com clareza e os olhos podem enganar: *Se você apenas enxergasse e não tivesse os outros quatro sentidos, provavelmente a sua visão de mundo seria bastante distorcida.* Considera que desde pequenas as crianças são estimuladas a utilizar mais a visão, *olha a mamãe, olha o papai*, os ambientes são coloridos, porém os outros sentidos também estão se desenvolvendo na mesma proporção, particularmente no caso das pessoas cegas, que precisam ativar os outros sentidos na mesma proporção em que perdem a visão.

Para Janzen, conceitos espaço-temporais são constituídos por meio de nossa experiência de automovimento, que incluem chutar, esticar, alcançar, sorrir, engolir... . Nesse sentido, *cinestesia é uma consciência de tempo e espaço, a partir da experiência do movimento nos provê dados imediatos desta dinâmica, elevando ao centro experiencial da consciência.* A consciência cinestésica traz qualidades que são experienciadas e incorporadas, nos dando a consciência de tempo e espaço. Ações de virar, andar, engatinhar, pular, bater, tremer são experiências que ensinam a diferença espacial entre o aqui e o ali, entre o anterior e o agora, entre o que vivo hoje e o que virá depois. São experiências comuns a todos os seres humanos que compartilham o mesmo passado, o mesmo solo, que não é feito originariamente de palavras, mas de um repertório de gestos e movimentos. O movimento envolve tanto a percepção da dinâmica exigida quanto a dimensão afetiva do controle voluntário.

Como Joselito identificou um aparelho celular pela primeira vez? Quando alguém lhe apresentou, achou estranho, mas sua convivência com o equipamento fez com que toda vez que visse esse formato iria comparar essa imagem com a imagem anterior, arquivada como informação, e então poderia dizer *é um celular*. Entende que o cérebro trabalha por comparações e por isso tende a rejeitar o novo, porque é algo que não sabe como funciona e ainda não tem outro elemento comparativo. Ao pegar uma informação nova, arquiva como se fosse numa gaveta, e quando está diante de uma situação vai abrir uma ou um monte de gavetas, para verificar se tem algo parecido. Se não tem, vai dizer *“isso eu não conheço”*.

Com Janzen a relação bidirecional entre consciência e ação do movimento coordena a ação em que agentes interagem com objetos e se movem entre eles, percebem as relações espaciais e aprendem sobre essas relações, agindo sobre elas ou armazenando informações para uso posterior, para uso próprio ou para comunicar a outros, para conseguir agir de forma mais adequada ao momento. Os seres animados são sensitivos ao seu próprio movimento e aos movimentos que ocorrem no mundo, e isto confere ao movimento a condição de língua materna de todas as formas animadas, assim como o gesto é a origem da fala humana e suas linguagens, como postula Merleau-Ponty. Temos no movimento tanto um fato primordial como uma possibilidade perceptual primordial da vida animada e falante.

Joílson não tem as imagens percebidas pelo sentido da visão, mas pelos outros sentidos, pelo cheiro ou pelo tato, o principal, que oferecem a possibilidade de sentir, de perceber o mundo através de outras formas sensíveis.

Esta análise de Janzen teve como objetivo demonstrar como um ato pré-reflexivo e involuntário torna-se reflexivo e voluntário, para vir a se expressar mais adiante como pré-reflexivo e voluntário, como ocorre em atividades esportivas de alta performance. Isto se dá porque a relação entre movimento e ação se apresenta como condição primordial à consciência de nós mesmos, ou seja, de como eu sei que sou eu.

Primeiro, ressaltou a contribuição da psicologia fenomenológica em experimentos que focalizavam a percepção com interesse em manifestações pré-reflexivas ou espontâneas, ou experiência consciente. Estudos da relação entre movimento e ação na constituição da consciência apontam para a evidência de que nossa ação imediata no mundo é, sobretudo, direta.

Segundo, reconheceu que os movimentos antecedem e determinam a experiência consciente, e só posteriormente vem a ser reconhecidos e controlados pela consciência da experiência. Ou seja, *a experiência consciente constitui-se na ação corporal, o momento vivido de se movimentar*. Em seguida transforma-se progressivamente em consciência da experiência, momento do controle voluntário do fluxo encadeado dos movimentos. *A passagem da experiência consciente para a consciência da experiência pode ser exemplificada no aprendizado de tarefas manuais e esportivas*. (E, por extensão, no aprendizado do alfabeto Braille, da linguagem dos sinais, Libras, da orientação e mobilidade com o uso da bengala, do aplicativo Dos Vox,...)

Terceiro, concluiu que o domínio dos movimentos ocorre em situações em que a pré-reflexividade e o controle voluntário são determinados pela percepção imediata, que vai determinar de que maneira ações de grande destreza devem ser realizadas. Aqui, a proficiência da consciência da experiência reverte para a agilidade espontânea e o estado de prontidão pré-reflexivo, habilitando o organismo para responder a ações inesperadas, como no esporte, na defesa corporal em situações inesperadas ou a criatividade estética nos movimentos de uma dança.

Fernando levanta a questão do autocuidado, que embora não seja uma tecnologia assistiva, no sentido de um equipamento externo ao ser humano, perfaz uma estratégia de acionamento tátil e cinestésico que o protege de obstáculos que eventualmente possa encontrar em seu caminho. Para se sentir seguro precisa ter um domínio do espaço onde está atuando, e utiliza o tato para tocar as coisas e sentir o que está fazendo. Considera importante o aprendizado do autocuidado e demonstra como se dá a proteção superior, ao levantar o braço direito na altura da cabeça; ao abaixar o braço na altura da barriga mostra a posição da proteção média, com o braço à frente para que possa ir tocando as coisas e seguir caminhando ... *porque eu costumo fazer as coisas rápidas, eu sou meio ligeirinho nas coisas que faço*.

Esta análise encontra-se engajada na relação real e cotidiana dos atos da vida, das vicissitudes mundanas e das situações existenciais, sustenta Janzen. *A nossa ação corporal frente ao mundo depende de nossa presteza e sensibilidade frente às ações de destreza que devem ser realizadas ou da clareza de como estes desafios podem nos sinalizar pistas inteligentes e seguras ao nosso bem estar, segurança e qualidade de vida*. Trata-se de uma fenomenologia prática sensível a situações concretas e reais no

sentido de promover pedagogias mais eficientes, planejamento ambiental ergonômico e políticas de prevenção de acidentes e segurança pública. O autor compreende que esta fenomenologia prática é capaz de revitalizar as ciências cognitivas com evidências empíricas de uma consciência naturalizada, mas não materializada, e de revigorar a existência com políticas públicas e sustentáveis, ergonômicas e solidárias.

8.7. História que gosta de contar

Fernando gosta de contar uma história para demonstrar o potencial que nós, seres humanos, temos dentro de nós e que, às vezes, não exploramos. Conta que um amigo ficou paraplégico após um acidente de carro, em que fraturou as vértebras na altura do peito e perdeu a sensibilidade daí pra baixo. Ficou mais de dois meses deitado numa espécie de cocho de gesso, o que impossibilitava o movimento do corpo, enquanto os olhos olhavam sempre para o teto. Depois de um período, desenvolveu a percepção de quem estava vindo pelo corredor do hospital a partir do ritmo dos passos. Passou a associar a audição com os passos de quem vinha andando, e assim identificava a pessoa que estava se aproximando, fosse o pai, a mãe, o médico ou a enfermeira. Para tanto, criou uma memória auditiva, no momento em que teve a necessidade de utilizar outro sentido por causa da limitação da visão. Como a visão estava limitada, ele desenvolveu outra forma de percepção.

Joselito costuma dizer que você é o seu próprio milagre, que depende apenas de você para que ele se manifeste. Como temos duas mãos, precisamos ter o problema em uma das mãos e na outra a solução. Você só vai precisar encontrar o encaixe perfeito para que as duas se juntem.

Joílson agradece o convite para participar deste trabalho e espera que possa trazer alguma contribuição para ter uma sociedade mais preparada, e que as pessoas com deficiência não encontrem tantas dificuldades como as que têm enfrentado até agora.

Ildes conta que sempre tem passado a mensagem de que nunca devemos ter preconceitos, pois estamos sujeitos a qualquer coisa neste mundo. O conselho que passa a seus dois filhos todos os dias é que podemos sempre amar e perdoar.

Karol conta que viveu uma fase complicada de saúde, aos 24 anos, pois, se não bastasse a cegueira, veio o problema renal, e durante dois anos e três meses teve que fazer hemodiálise. Durante esse tempo, ela nunca se deixou deprecicar, se entregar ao problema, mesmo quando chegava à clínica muito mal. No dia seguinte, acordava, tomava banho e ia para a faculdade ou para a ACIDE. Agradece a Deus nunca ter se depreciado por ser crônica renal. Os médicos diziam que, por conta da influência de sua mente, de seu astral, nunca precisou ser internada ou ir para a UTI durante o período da diálise. Um dos médicos explicava que, quando se tem bom humor, quando se ri, quando se briga, as células não morrem com facilidade, pois ficam mais oxigenadas. E ela se considera desse jeito, tagarela, falante, como alguém que chegava à clínica e perturbava um, pirraçava outro. Durante a diálise era *terrível*, falava com os 36 pacientes, pois era apenas um balcãozinho que separava o lado A do lado B da sala, e “zoava” com o pessoal todinho. Assim, saía da diálise do mesmo jeito que tinha entrado, pois eram 4 horas de resenha, perturbando todo mundo.

Tinha dias em que ficavam 5 pessoas ao redor de sua máquina, junto com o médico e o enfermeiro, e alguns pacientes achavam que estava passando mal, mas era o tempo todo *batendo resenha*. Mas, teve um dia em que passou mal a diálise toda, e, quando passava a mão no catéter, a sensação era muito estranha, parecia que o corpo ia entrar em falência, parecia que os órgãos seretorciam internamente, e ela sentia uma agonia tão grande que dava vontade de gritar. Só que ela não gritava, apenas ria, descontava rindo, mas, quando a sensação estava muito intensa, parava de falar e ficava apenas respirando. Mas nunca gritou, nunca reclamou ou xingou alguém, embora os outros pacientes gritassem, chorassem, maldissem. E o médico dizia: “*Gente, se eu tivesse duas pacientes iguais a ela eu vinha trabalhar com muita satisfação!*”. Acredita que a mente tem o poder de estar sempre em um grau superior de evolução, basta a pessoa estar aberta e deixar a mente fluir.

Entende que a mente não é deficiente, que são as pessoas que deixam a mente fechada, que se limitam, e que o “posso” ou “não posso” é cada um que faz. Segue a vertente de que a sua mente não é cega, apenas os olhos são, e que a explicação é você se entregar, se doar para aquilo. Se ela não tivesse aquela mente focada para compreender o problema que estava enfrentando e aguardar o transplante de rim, talvez não estivesse mais aqui. Quando concedeu esta entrevista, fazia 5 meses que havia

passado por um transplante de rim, doado por sua mãe, e considera que foi um momento em que nasceu de novo.

Eliab compreende que a cegueira não é uma limitação para si, mas que a limitação está limitada a ele, porque ele pode fazer o que quiser. A cegueira está limitada aos seus olhos, mas todos os seus membros e sentidos estão ativos. Costuma dizer que é a limitação que se limita a ele, e não é ele que se limita a ela.

Manguel (2000) revela que o tema central do mestre Borges era o labirinto,

... mas muito mais que o labirinto, é a idéia de um objeto, um lugar, pessoa ou momento que é todos os objetos, lugares, pessoas ou momentos, que aparece difusa em todos os seus escritos. (p.73). Borges então conta a história. No alto do monte Purgatório, Dante perde Virgílio de vista. Conduzido por Beatriz, cuja beleza aumenta à medida que eles atravessam cada novo céu, chega ao Empíreo. Nessa região infinita, as coisas muito distantes não são menos visíveis que as próximas (“como uma tela pré-rafaelita”, observa Borges). Dante vê, bem no alto, um rio de luz, congregações de anjos e a Rosa feita com as almas dos justos, dispostos em fileiras organizadas. Dante vira-se para ouvir Beatriz falar do que ele viu, mas sua dama desapareceu. Em seu lugar vê a figura de um velho venerável. “Onde ela está?”, grita Dante. O ancião o instrui erguer os olhos, e lá, coroada de glória, Dante a vê muito acima, em um dos círculos da Rosa, e lhe oferece sua oração de agradecimento. Diz então o texto: *Assim orei, e ela, tão distante / quão parecia, sorriu e olhou para mim / e à Eterna Fonte volveu seu semblante*. Borges (sempre o artífice) observou que “parecia” se refere à distância longínqua, mas também contamina horivelmente o sorriso de Beatriz. Como podemos explicar estes versos?, pergunta Borges. (p.76). “Sempre disse que o objetivo duradouro da literatura é expor nossos destinos”. (p.77). ... para que a ficção funcione, o milagre deve acontecer entre mortais cegos e indignos, inclusive o narrador.

8.8. O Quinto Passo do Método Fenomenológico Empírico.

Ainda que o quarto passo do Método Fenomenológico Empírico seja o último da análise de dados, a investigação fenomenológica não termina nele. No Passo 5 ocorre a transmutação das expressões de caráter psicológico em categorias jornalísticas/enquadramentos, com ênfase no fenômeno investigado. A partir de nomenclaturas de viés psicológico, foram adaptadas ou criadas categorias ou *enquadramentos* próximos ao viés do jornalismo ou do documentário, mais afeitos ao universo experiencial do pesquisador. *Estes enquadramentos buscam: intuir e descrever essencialmente os*

significados fenomenológicos contidos nas descrições dos sujeitos (US); clarificar a estrutura essencial dos significados fenomenológicos sobre o tema; retirar os aspectos contingentes e particulares com a ajuda da redução fenomenológica e da variação imaginativa livre.

Nesta abordagem em que buscou-se aplicar o Quinto Passo Método Empírico Fenomenológico foram selecionados duas das doze narrativas autobiográficas, a de Fernando e a de Karol, e buscados os constituintes-chave com as quais se dialogou. Às demais falas podem-se aplicar os mesmos procedimentos.

8.8.1. Dialogando com Fernando

Haveria uma *intencionalidade*, mais ou menos explícita por parte do colaborador Fernando, ao acionar com frequência o recurso à imaginação para compor imagens, em forma de *negativo de foto*, lembradas do tempo em que enxergava, mesmo que com pouca nitidez? Utilizaria este recurso para não encarar uma cor que não aprecia, no caso, a cor cinza, considerada por ele “uma cor meio morta”? Este recurso de visualizar na mente esta alegoria parece estar associado ao desgosto com a tonalidade da cor cinza, que aparece em sua percepção visual atual. Parece que há uma *intencionalidade* que atualiza esta ação e sua percepção, e toma parte na condução a um caminho construído, a cada passo, a partir de sua orientação sensorial.

A partir da descoberta, pelos pais, da doença que o acometia, foram acionados os profissionais e os tratamentos então disponíveis para atenuar, corrigir ou minorar o sofrimento físico e emocional decorrentes da enfermidade. Esta narrativa cabe no enquadramento fenomenológico de *heterocuidado*, cuidado a partir de outros, no caso, a família e os profissionais da área médica: daí decorre o aprendizado, ajustado ao cuidado criativo. Os pais dele perceberam um diferencial logo que ele começou a andar, pois caía com facilidade quando comparado aos outros irmãos. Foi levado para São Paulo onde ficou hospedado na casa de um tio, que o levou para tratamento em centros de referência no tratamento em oftalmologia no país. Lá, foi a um centro de reabilitação onde fez vários aprendizados, entre eles como andar com a bengala e aprender a leitura do alfabeto Braille.

Esgotados todos os recursos médicos disponíveis, acompanhou sua gradativa perda da visão, até o dia em que “zerou tudo”. A aprendizagem que teve em centros de reabilitação de São Paulo contribuiu com este processo de transição da perda da visão.

Nesse percurso, praticou *ajustamentos criativos* para se adequar à perda da visão. Precisou desenvolver outra forma de se relacionar com o mundo e com as pessoas. Até então, não tinha a percepção de quanto os demais sentidos o auxiliavam em sua vida cotidiana. A re-descoberta dos sentidos do tato, audição e olfato (cinestesia) fez parte destes *ajustamentos criativos* em relação aos ambientes moradia, mundano e associativo, locais de novos aprendizados, de compartilhamento de experiências e de vivências entre pessoas com condição sensorial assemelhada, ou não.

Relações Intersubjetivas/ experiência compartilhada/ o tato e o toque no outro. Só toca outra pessoa se tiver muita aproximação, se for muito íntima, senão não toca. Avalia que é fruto da criação que teve e da própria sociedade, pois, se alguém está pesquisando o rosto de um homem, pode ser mal visto, as pessoas olham, falam, comentam. Ele diz que percebe isso em si e nos outros acidianos, pois poucos são mais soltos ou desinibidos para tocar o rosto de outra pessoa, às vezes por curiosidade, para saber como o outro é. Quando não se tem muita aproximação, o toque fica limitado, mas se é uma pessoa que veio para a associação e tem uma convivência diária, mais próxima, aí é comum se tocarem para perceber como essa pessoa é. Foi o primeiro cego graduado em Pedagogia pela UESB, período em que batalhou para ter uma maior acessibilidade no campus e contribuiu com a criação de um setor específico para atender as demandas de pessoas com baixa visão ou cegas. Arcanjo seguiu o mesmo trajeto. Considera muito legal os membros do grupo perceberem o que o outro pensa, qual a concepção das coisas que o outro tem, como ele vivencia o dia-a-dia.

Imaginação/ Ajustamento Criativo/ Associação/ Outras Vivências. Fernando entende que pode perceber através da sonoridade da voz a diferença de peso, a altura e idade das pessoas. Às vezes imagina que está com uma pessoa alta, gorda, a partir de uma imagem mental, construída, pois, para ele, uma pessoa gorda tem a voz mais presa, diferente, e cria uma imagem que vai corresponder ou não à imagem real. Para ele a voz de Arcanjo é mais abafada, de uma pessoa com corpo mais volumoso, com mais peso, mas, quando está junto de Eliab, que é mais alto, talvez uns 15 cm, dá para perceber que ele é mais alto. Em outro momento, jogando futebol de cinco, um

parceiro apertou seu braço e imaginou que fosse o de outra pessoa; quando percebeu que era ele, exclamou: "Fernando está com o braço forte!". Daí considera que, às vezes, imaginamos a pessoa de uma maneira e ela é de outra.

Quando está em casa, tem as imagens mentais de onde se encontra, sai de seu quarto e em frente está o banheiro, por exemplo. Sempre se desloca com uma imagem criada: vê o fogão, a pia, sem detalhes, mas se percebe direcionando de um lugar para outro, *enxergando* aquele local para o qual está indo. Está envolto numa percepção cinestésica, em que sempre é um conjunto de sensações que auxiliam o deslocamento: a imagem, o som e o tato. Para ele essas imagens aparecem naturalmente, pela força do hábito de imaginar. Considera que é legal ter imagens para não ficar pensando: "*Ah! Tá tudo cinza!*". Essas imagens vêm sem esforço e contribuem para ter a noção de onde está localizado, das experiências por que está passando. Assim se dá conta de determinados detalhes de algumas coisas, das pessoas com quem está, e consegue criar a sua imagem a partir de uma imagem prévia de outro. Ao tentar reconstruir uma imagem guardada na memória, recorre ao período em que enxergava, mas essas imagens não são muito nítidas.

8.8.2. Dialogando com Karol. Aos três anos, foi diagnosticada com retinose pigmentar congênita, uma doença visual degenerativa. Todos os anos fazia consulta oftalmológica, usava remédios para retardar o desenvolvimento da doença, e aos doze anos começou a perder a visão de forma gradual. Aos vinte e seis, só tinha a percepção de claro ou escuro, se era dia ou noite, se tinha uma luz ou a tela da TV ligada, pois só tinha a visão central e a imagem era meio distorcida. Já conseguiu, mas não consegue mais, guardar fisionomias ou reconhecer cores. Não consegue se lembrar do rosto de uma sobrinha, mas recorda do chorinho, das risadas, das graças (ajustamento criativo/audição). Sabia que a sobrinha tinha o rosto redondo e usava laço no cabelo e brinco porque tocava nela (ajustamento criativo/tato). Como não consegue reter imagens visuais, associa a pessoa a uma imagem já conhecida e coloca os traços, assim consegue vislumbrar uma imagem, criada por ela. Assim criou uma imagem do bebê que se parecia com ela (ajustamento criativo/bricolagem, quebra-cabeça gestalt: associa imagens e formas e cria um todo).

Quando perdeu a visão, reaprendeu a associar os quatro sentidos restantes para vivenciar seu cotidiano (cinestesia/aprendizado). Consegue transformar a imagem mental numa sensação ou numa textura: *“O que é bonito pra você pela imagem pode ser bonito para mim pela textura”* – a textura, combinada com a avaliação da mãe, é o critério de escolha de roupas. Em sua vivência cotidiana, não se identifica como uma pessoa anormal. (vivência cotidiana).

Experienciou relacionamentos afetivos com um enxergante e, depois, com Herbert, um cego “disfarçado”, no dizer dela. O que primeiro a atraiu em Herbert foi o violão, porque sempre gostou de música. Começou a fazer aulas de violão com ele e, quando ouvia uma música da MPB ou um dedilhado, associava a ele (relacional). Como considera a mãe seu “olho de confiança” (relacional – referência de confiança), pediu sua avaliação de Herbert e ela o descreveu como bonito, com um furinho no queixo, moreno com o cabelo enrolado, estatura média. A mãe ia descrevendo e ela ia formando uma imagem dele, mas a principal associação permanece com o violão. O namoro deu certo e estavam juntos há um ano e meio, mas o contato físico só veio a ocorrer quando estavam namorando de fato (experiência afetiva tátil entre cegos). Considera que compartilhar é crescer juntos, que a troca de experiências é fundamental e que, namorando Herbert, aprendeu muita coisa, ele tem passado muitas informações de como fazer as coisas, com muito carinho (aprendizado intersubjetivo). Avalia que o relacionamento entre cegos é igual a outros relacionamentos, tem briga, tem D.R, tem TPM, e que a mulher cega parece ser mais sensível na dimensão da pele, impressão que Herbert compartilha. Descreve-o como uma pessoa independente, que, na vivência dele, encarou o mundo sem papai e sem mamãe, e está o tempo todo dando as coordenadas. Com uma pessoa enxergante teve um relacionamento “um pouco conflituoso”, pois havia uma falta de compreensão, uma vez que ele queria que ela fizesse coisas que só um enxergante faria, e não esperava ela fazer do seu jeito. (o “norte” do afeto e da autonomia) (ajustamento criativo) (reaprendizado da percepção) (o corpo do cego como lugar de reaprendizado do mundo).

Considera-se *“uma ceguinha invocadinha”* (autoanálise), e conseguiu maior autonomia depois que veio morar em Conquista apenas com seu pai, que sai para o trabalho de manhã e só retorna à noite. Quando ele chega, encontra a mesa posta e o café pronto. Neste momento fazia a faculdade, tinha outras ocupações e se virava

sozinha. Reconhece que ela é que tem que se adaptar às coisas ao invés das coisas se adaptarem a ela, e que a família lhe ensinou a como se comportar em diferentes lugares (afeto redistributivo). Passou a comprar roupa sozinho e a escolher o que vestir, que para pegar ônibus certo precisa identificar o trajeto pelo barulho da freada, assim como aprendeu a chegar ao ponto de ônibus a partir da elevação na calçada.

Antes, a mãe não a deixava fazer nada, porque tinha medo de que ela se queimasse ou queimasse a roupa ao acender o fogo. Como é a única cega na família, avalia que foi muito protegida (heterocuidado excessivo), o que prejudicou sua formação: não podia brincar nem correr porque era cega; não podiam gritar com ela porque era cega. Diz que já fez coisas que a mãe não gostava e não levou bronca porque não enxergava. Avalia que isso repercutiu em sua personalidade, pois cresceu achando que podia fazer tudo que quisesse por não enxergar. (heterocuidado excessivo).

Já sonhou dirigindo um carro e que, neste sonho, via tudo: pegava as chaves, ligava, tirava da garagem e dirigia pelas ruas de Conquista, fazendo o mesmo percurso que normalmente faz de ônibus ou no carro do pai. No sonho via tudo certinho, as árvores, o terminal de ônibus, a curva em “S” de uma praça. Afirmo que nunca foi cega num sonho.

Avalia que a mente do cego não é deficiente, que está no subconsciente o que ele realmente queria fazer, e que, se pudesse escolher, dentro do campo visual, é claro que queria poder enxergar. Entende que sua mente não acompanha seus olhos, ela é muito maior. Isso pode ser notado quando viveu por dois anos e três meses “*uma fase complicada na saúde*”, com a realização regular de sessões de hemodiálise. Diz que a mente foi evolutiva o tempo todo, nunca se deixou depreciar, se entregar ao problema, por causa da diálise; que, às vezes, chegava na clínica muito mal, mas no dia seguinte cumpria com as rotinas de estudo.

Acredita que a mente tem esse poder, de estar num grau superior, e basta deixar ela ir (mente atenta sustenta). O astral influencia para que isso aconteça, tanto que nunca foi internada na UTI nesse período. Compreende que a mente não é deficiente, que somos nós que tornamos a mente fechada, que são as pessoas que se delimitam. (intencionalidade). Ela desejava concluir o curso de Direito, passar no exame da Ordem e fazer magistratura. Afirmo que sua mente não é cega, os olhos são, mas a mente não é. Explica que é para se doar àquilo: se não compreendesse que estava enfrentando um

problema de saúde e aguardava um transplante de rim, se não seguisse direitinho este caminho através da sua mente, talvez não estivesse mais aqui.

Quando o médico manifestou-se dizendo que, se tivesse duas ou três pacientes como ela, trabalharia com satisfação, avalia que a mente faz simplificar o problema.
(poder da mente)

9. Considerações finais

... Ou considerações provisórias, advindas deste percurso acadêmico desafiador e gratificante. Mergulhar intensamente no mundo da vida de pessoas com cegueira total ou parcial desafiou-me a penetrar em um universo a ser conhecido e desvendado pelas lentes da sensibilidade, a partir de uma escuta atenta, acoplada a uma orientação teórico-metodológica fenomenológica, que me revelou a suma importância da dimensão do método, que agora busco aplicar em diferentes momentos de minha vida cotidiana. Com o aporte teórico aprendi a perceber e identificar a visada fenomenológica, ao observar o mundo como aparece à consciência, constituída em minha subjetividade transcendental, a partir da intencionalidade manifestada em cada situação experienciada.

Este olhar fenomenológico já estava presente em germe enquanto realizava documentários, em que aplicava o exercício da escuta atenta e o reconhecimento de que a fala do outro era o que efetivamente importava, na constituição desta forma de conhecimento de mundo, no suporte audiovisual. Um dos maiores desafios na realização de documentários é o processo de edição, em que muitos relatos têm que ser suprimidos, para dar lugar aos momentos mais significativos e reveladores do tema em apreço, algo como uma essência, assim como a articulação destes segmentos para compor uma visão do todo que se mostre satisfatória.

Um procedimento assemelhado foi utilizado na articulação de textos, falas e referenciais teóricos fenomenológicos inscritos nesta tese. O processo de construção foi realizado na perspectiva de selecionar os elementos mais significativos acerca da cegueira, tanto na dimensão de sua historicidade como na mostra de dados clínicos e estatísticos, assim como no diálogo com artigos, livros e teses que abordam o tema, com uma orientação teórico-metodológica fenomenológica ou assemelhada. Mas o cerne desta investigação foi estruturado a partir das falas dos sujeitos de pesquisa, emergindo sob um olhar fenomenológico, a partir de entrevistas filmadas na entidade.

Registre-se que o início da aproximação com a ACIDE e com o tema da cegueira deve-se àquela primeira visada fenomenal, a constituição de uma imagem na consciência, a de um cego empurrando um cadeirante, que motivou a realização do documentário *Me empurra que eu te guio*. A partir daí foi estabelecida, ocasionalmente,

uma parceria, quando era chamado para registrar momentos significativos, como os 25 e os 30 anos de existência da entidade. Até que, ao me dispor a fazer o processo seletivo para um doutorado, pela décima vez, precisava encontrar um objeto de estudo, e emergiu o tema da cegueira, a partir desta aproximação com os associados. Esta proposta foi acolhida pela direção da entidade que, a partir de então, indicou aqueles que iriam ser entrevistados. Comecei as filmagens trazendo questionamentos oriundos da esfera do senso comum, procurando conhecer como utilizavam os sentidos em sua vida cotidiana, como se constituíam suas lembranças e memórias, como sonhavam, como conviviam com outras pessoas.

A confecção deste projeto de pesquisa, em seus primeiros momentos, tinha outros referenciais teóricos, que não o método fenomenológico. Esse tema, incomum no mundo acadêmico, acabou sendo direcionado para a orientação do professor Dr. Luciano Santos, que se tornou meu mentor, influenciador, parceiro e amigo de jornada, e me propôs a orientação fenomenológica, por mim quase desconhecida. Cursar o DINTER no campus da UESB de Vitória da Conquista facilitou sobremaneira esta trajetória, uma vez que não precisávamos nos deslocar ou morar em outra localidade. A convivência com os professores e colegas, no período formativo das disciplinas, foi produtiva e afetiva, envolvente e promotora de novos conhecimentos.

Após este percurso formativo, cheguei à Primeira Qualificação. A banca examinadora entrou em cena e proporcionou indicações que em muito contribuíram. Primeiro, me alertou sobre um procedimento inadequado, a utilização do recurso de análise de conteúdo, alheio à fenomenologia, para selecionar e nomear os tópicos retirados das entrevistas. A partir daí fui redirecionado a buscar a orientação no Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia, elaborado por Giorgi e Souza. Foi um quebra-cabeça que tive de montar, uma vez que minha formação não era nem em Filosofia, nem em Psicologia. Com alguma incerteza, apliquei os cinco passos elencados neste método, procedimentos que proporcionam a emergência dos temas originados da própria fala dos entrevistados, desvelando suas dimensões essenciais, ou imanescentes, elencadas em *categorias*. Este movimento foi apreendido e apresentado na Segunda Qualificação, mas, como ainda estava me familiarizando com este procedimento metodológico, surgiram questionamentos para esclarecer o que estava

impreciso. Os membros da banca contribuíram com subsídios que clarificaram aspectos desta metodologia, que tem um caráter operacional relevante e inovador, e estima-se que nesta defesa de tese se apresente de forma mais elaborada e precisa. A aplicação desta metodologia pode ser considerada um dos pontos altos desta investigação, por possibilitar a emergência de *enquadramentos* ou *categorias* a partir daquilo que foi narrado pelos entrevistados, que revelaram momentos significativos das vivências de cada um/a. Isto permite inferir que estas subjetividades puderam se manifestar com fluência diante do entrevistador, postado numa postura de escuta atenta e compreensiva, o que possibilitou firmar uma descrição e análise destas *outras vidências*. Outro momento significativo e criativo foi o de articular as falas contidas nos *enquadramentos* com os referenciais teóricos, um exercício exigente e desafiador, um aprendizado, uma edição cuidadosa a mesclar o dito e o compreendido, o explicativo e o sensitivo, o vivenciado e o teórico, selecionando trechos e entretrechos, constituindo um mosaico, uma bricolagem, um cruzamento de elementos que se inter-relacionam, de uma forma não aleatória nem impositiva, mas criativa.

Outra sugestão da banca que foi acatada concernia às poucas referências à dimensão educacional, que procurei contemplar, trazendo a abordagem da autonomia freiriana do educando, similar à conquista de autonomia por pessoas cegas, e a inclusão de abordagens biográficas em educação, em que os entrevistados narram suas próprias experiências formativas, assim como aprendem com as histórias de outrem, em um ambiente de educação não formal, como aquele promovido pela ACIDE.

Acatou-se também a indicação da necessidade de reforço das dimensões teóricas da fenomenologia, o que motivou a inclusão do tópico *Conceitos Fundantes da Fenomenologia*, nesta última versão, em que se busca compreender melhor esta fascinante abordagem filosófica, assim como a inclusão da hermenêutica, como subsídio para a interpretação das falas. Estes tópicos se propõem a ser facilitadores da incursão dos não filósofos nestas densas paragens, que embora tratem de “coisas” de nosso cotidiano, nem sempre são percebidas, pela ausência de uma intencionalidade que as oriente. Cite-se a sinergia permanente entre mente e corpo, presente em uma consciência atenta, assim como a narração e compreensão do mundo a partir da

linguagem, proposta pela hermenêutica, entendida como instrumento com que nomeamos o mundo e o tornamos inteligível.

Dessa postura fenomenológica de perceber as “coisas” e seres do mundo como vivências da consciência, emergiu a problemática que orienta esta tese, a experimentação de *outras vidências*, no mundo da vida cotidiana, por pessoas cegas ou com visão parcial. O percurso do ajustamento criativo destas *outras vidências* ao corpo da tese foi se construindo a partir dos envolvimento teóricos, da aplicação do método fenomenológico às entrevistas e da adequação à perspectiva programática do PPGEduC, na busca de articular a dimensão educativa com a imersão nas problemáticas da contemporaneidade. Assim foi constituído o título *Vivências e “Outras Vidências” em corpos privados do sentido da visão*.

Gostei de me enamorar com a fenomenologia, mais intensamente, porque meu espírito já era, embora não o soubesse, fenomenológico, entretanto manifestava-se na feitura de documentários, o que implicava na audição cuidadosa do outro, com uma intencionalidade manifesta, produto realizado em colaboração com os intervenientes, que constroem juntos, senão não vale.

Percebi que esta postura pode ser despertada em cada um de nós, a partir de uma singela mudança de olhar, de uma atenção mais acurada à sua percepção sensorial, que um leitor mais atento pode, eventualmente, experimentar e aplicar em seu cotidiano, assim como fazem as pessoas cegas. Trata-se de outra forma de perceber o mundo, simples assim, na prática, mas tremendamente denso, na teoria.

Um aspecto que se tornou parte de minha prática e reflexão cotidianas foi aplicar o método fenomenológico em meu ambiente doméstico, público e em sala de aula, uma atitude de provocar um redimensionamento do olhar e uma outra forma de perceber as coisas e os seres. E foi a partir da aplicação deste método que pude fazer emergir uma série de categorias que viabilizaram trazer esta pequena contribuição para a compreensão do mundo da vida de pessoas videntes e não videntes, estas “Outras Vidências”. Esta formulação foi o grande “achado” fenomenológico, surgido neste processo de busca de entendimento e compartilhamento de um modo de ser e viver distinto daquele percebido por mim, uma imersão no mundo da vida de pessoas cegas

ou com baixa visão e o reconhecimento de sua alteridade, de um modo diverso de ser e estar no mundo, que muito me ensinaram.

A convivência com este desafio, ao longo destes quatro anos e mais, foi me tornando mais consciente de mim mesmo e do mundo à minha volta, das coisas e seres com quem compartilho a existência. Quando quero estar comigo mesmo, nada como uma boa caminhada, para liberar a mente de outros afazeres, e ficar focada em sentir o corpo próprio, pés tocando o chão, vento batendo no rosto, sol incidindo sobre pele, cheiro de mato (ou de mar imaginário) penetrando narinas, olhar navegante atenciosamente desatento, mente flutuando em um devir presente, nenhures, e outrem quiçá a meu lado. Pipocam fenômenos na mente nesse andar desinteressado, centrado na dimensão corporal, a mente encontra-se mais liberta que aprisionada, flutua, flui, como um rio heraclítico, a cada instante algo novo sucede e não se repete... pele... Serres...

Espera-se, com esta investigação, trazer uma contribuição para o afloramento da percepção e para a nomeação da existência de *outras vidências*, no mundo da vida de pessoas cegas. Para onde vamos de agora em diante? Publicar artigos científicos, quiçá um livro, com certeza realizar um documentário com meus parceiros da ACIDE. Já temos a cumplicidade da entidade e a intencionalidade manifesta de nos dirigirmos ao litoral, para registrar em vídeo uma interação mais sensível dos sentidos das pessoas cegas com os elementos da natureza. Sentir os grãos de areia nas mãos, o vento marinho com cheiro de sal empurrando os cabelos, um peixe frito saboreado na beira do mar tem gosto de maresia, afinal são frutos do mar, e o marulhar das ondas embala a audição numa contemplação infinita, em que o mar nunca para de marulhar. Odoiá! Eu, meus parceiros acidianos, um cinegrafista e um editor de imagens, com essa formação nós temos um documentário à vista! Opa, uma contradição, em termos. Apenas um projeto de documentário. E o suporte operacional de nossa instituição, UESB, é almejado, para que este propósito seja realizado a partir de um projeto de pesquisa ou extensão.

Saindo da beira-mar e da zona do cacau, de Jorge Amado e Adonias Filho, subimos a serra e adentramos no Planalto da Conquista e na terra do café, de Glauber Rocha e Elomar Figueira, e da ACIDE. Saibam os desavisados que Conquista também possui um tipo de orla, a *orlivia*, corruptela de Olívia Flores, avenida dos caminhantes, corredores, ciclistas, cachorros sós ou acompanhados, diuturnamente ocupada por

algum ser vivente, do nascer ao arrebol do por-do-sol deslumbrante. Pois bem, intenciona-se fazer um documentário, nesta via de intenso fluxo e de gentes diversas, a partir do jogo “*E se seu fosse cego*”, em moldes semelhantes àquele que a ACAPO, associação de cegos de Lisboa, realizou, mas com um propósito e orientação teórico-metodológica diversos. Lá, ao jogar o jogo “*E se eu fosse cego*”, ao cabo de cinco minutos com os olhos fechados, os videntes chegavam à conclusão de que a cegueira era uma terrível desgraça, uma infelicidade. Para testar esse jogo, a ACAPO propôs uma atividade na via pública, em que os transeuntes eram convidados a usar a bengala com uma venda nos olhos. As respostas obtidas foram: *Se eu fosse assim não sei o que faria; deve ser uma coisa terrível*, em que a narrativa de tragédia pessoal é nutrida pela imaginação empática de quem não é cego, percebida como um estigma. Nesse trabalho se propõe um segundo momento nesta atividade: no primeiro, mantém-se a pessoa/transeunte com os olhos vendados e caminhando em um piso tátil, e em seguida colhe-se a percepção vivenciada; no segundo movimento aqui proposto, ainda vendada e com a bengala, a mesma pessoa será acompanhada da professora de Orientação e Mobilidade, que a instrui a como caminhar no piso tátil com o auxílio da bengala. Pretende-se colher as diferentes percepções oriundas destes dois estados distintos de vivência da consciência, uma como um “cego” sem orientação, e outra como um “cego instruído”, e como se diferenciam estes dois estados perceptivos.

Num golpe de ousadia, e com um olhar fenomenológico e documentarista, pretende-se filmar esta defesa de tese e torná-la um documentário, conjugando um momento, único, o da exposição deste trabalho, com a possibilidade de sua própria divulgação e compartilhamento, em eventos culturais e científicos, acerca do tema da cegueira e da inclusão. A partir de um olhar fenomenológico, será registrado este momento, em que deverão estar presentes, no mesmo ambiente empático, os principais personagens que constituíram esta investigação, os associados da ACIDE que concordaram em ser entrevistados e os membros da banca examinadora, os quais serão convidados a manifestar-se diante de uma câmera para emitir seus juízos. Também poderão se manifestar meus familiares, colegas do Dinter, do Colegiado de Comunicação e do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, enfim, quem quiser se envolver com o registro deste momento, dependendo, por óbvio, da anuência dos membros da banca e dos demais presentes. E, mais adiante, fazer a edição deste material

e transformá-lo em um documentário, pronto para ser exibido em diferentes ambientes e situações.

No viés acadêmico, o ensino de jornalismo é meu campo de atuação profissional. Jornalistas percebem os fatos do cotidiano e os transformam em notícias, a partir de critérios de noticiabilidade. Pressupõe-se que uma apuração correta de um fato seja pautada pela noção de objetividade, mas de qual paradigma teórico emerge esta noção de notícia e de fato tratados com objetividade? Intenciona-se produzir um artigo que flerte com as Teorias do Jornalismo existentes e, eventualmente, proponha uma abordagem teórico-metodológica diferenciada da tradicional postura liberal da imprensa, calcada no modelo hegemônico norte-americano. Invocaria outros referenciais teóricos, para que possa, eventualmente, contribuir para a constituição de um paradigma alternativo para as teorias da notícia e do jornalismo.

A conclusão deste doutorado, nesta fase de minha existência, pessoal, familiar e profissional, pode ser considerada como uma bênção espiritual que me foi ofertada. E só foi possível sua realização graças a todos os suportes que encontrei nesta trajetória, elencados na dedicatória e nos agradecimentos.

Mais uma vez, grato, Luciano, Gil, Juca, Tom, Mona e demais parceiros desta caminhada.

10. Referências

ACIDE, Associação Conquistense de Integração do Deficiente. Entidade fundada em 1998, na cidade de Vitória da Conquista, Bahia, por um grupo de cegos e de cadeirantes. Uma entidade de educação não formal que favorece a interação, a auto-estima, a inserção no ambiente acadêmico, no meio social e no mercado de trabalho. Entidade que viabilizou a realização desta pesquisa.

ALVIM, M. **O corpo entre virtualidade e produtividade: experiência e contato na situação contemporânea.** In: Questões do humano na contemporaneidade, 2017. Frazão, L. M., São Paulo: Summus Editorial; 1ª edição.

AMATUZZI, Mauro. **O que é ouvir.** Estudos de Psicologia, n. 2, ago/dez/1990, PUCCAMP/SP.

ANDRADE, C; HOLANDA, A. **Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírica.** Estudos de Psicologia. Campinas, SP, vol.27 no. 2, abr./jun. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000200013>

BOGDAN, R; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação.** Porto, Portugal; Porto Editora, 1994.

ARAÚJO, Sandra S. M. **Narradores do Sensível: estudo sobre o imaginário e a cegueira na cidade do Recife.** 2006. Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Antropologia.

BECKER, Howard S. **Truques da Escrita: para começar e terminar teses, livros e artigos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2015. p.195.

BOGDAN, R. e BLIKEN, S.K. **Investigação Qualitativa em Educação.** Porto: Porto Editora, 1994

BORGES, Jorge L. **O livro de Areia.** São Paulo: Mediafashion, 2012.

BRANCO, P.C.C. Diálogo entre análise de conteúdo e método fenomenológico empírico: percursos históricos e metodológicos. **Revista de abordagem gestáltica; phenomenologicalstudies:** XX(2): 189-197, jul-dez, 2014.

CAMINHA, I. O. **10 lições sobre Merleau-Ponty.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2019a.

_____. O olhar filosófico de Merleau-Ponty e a vida como expressão criativa. (71-81) in Falabretti, E. e Oliveira, J. (orgs.). **Fenomenologia da Vida.** Caxias do Sul, RS: Educ, 2019b.

CERBONE, D. R. **Fenomenologia.** Petrópolis, RJ; Vozes, 2014.

COELHO, Nelson. **Da intersubjetividade à corporeidade: contribuições da filosofia fenomenológica ao estudo psicológico da alteridade**. USP. [HTTPS://doi.org/10.1590/S0103-65642003](https://doi.org/10.1590/S0103-65642003)

DEPRAZ, N. **Compreender Husserl**. Petrópolis: Vozes, 2011.

DUARTE, J. C., FONTES, J. R., DOURADO, E. **Entrevista com Paulo Freire: o partido político como pedagogo**. Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos, (UNEB), v. 5, nº 9. (2007).

FALABRETTI, E. e OLIVEIRA, J. (orgs.). **Fenomenologia da Vida**. Caxias do Sul, RS: Educ, 2019.

FORGHIERI, Y. **Psicologia Fenomenológica**. São Paulo: Pioneira – Thompson, 2002.

FRANCO, J. R. e DIAS, T.R. **A Cegueira ao longo da História**. 2008. (Este artigo foi encontrado a partir de uma busca casual sobre o tema da cegueira, no site “*Sobre a Deficiência Visual*”, onde estão catalogados 414 títulos, seleções de fragmentos de textos - de literatura e produção científica - que envolvem o tema da cegueira). Acessado em 31 de julho de 2020.

Fundação Dorina Nowill. (1946- SP). Instituição sem fins lucrativos que atua em programas de avaliação, diagnóstico, educação, reabilitação e inclusão social de deficientes visuais. Entrega milhões de páginas em Braille e digitalizadas por ano.

GIORGI, A.; SOUSA, D. (2010). **Método fenomenológico de investigação em psicologia**. Lisboa: Fim de Século, 2010.

GOTO, T. A. **A (re)constituição da psicologia fenomenológica em Husserl**. Campinas, SP: PUC-Campinas, 2007.

GUIMARÃES, A. **O conceito de mundo da vida**. Cadernos da EMARF, Fenomenologia e Direito, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 1-150, abr./set./2012

HOLANDA, Adriano. **Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica**. Revista Análise Psicológica 3 (XXIV) pp 363-372.

JANZEN, A. **Ação corporal e as reversões entre consciência e movimento: o realismo fenomenológico**, Revista da Abordagem Gestáltica 19.1, 76-84. 2013. DOI: 10.18065/ RAG, 2013, V. 19, N.1

LAKOFF; JOHNSON. **Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought**. Nova Iorque: Basic Books, 1999.

LANZ, H. **A nova fenomenologia**. Henry Lanz. 1924. (textos clássicos) Revista de Abordagem Gestáltica – Fenomenológico Estudos – XX (2): 231-236, jul-dez, 2014.

LIMA, J. A. M. **Sonhos arquetípicos em portadores de deficiência visual**, 2007. Disponível em:

https://www.portaldomarketing.com.br/Artigos_Psicologia/Sonhos%20Arquetipicos%20em%20portadores%20de%20deficiencia%20visual.htm

LUCENA, L. C. **Como fazer documentários**. São Paulo: Summus, 2012.

MACIEL Jr., A. **O todo aberto: duração e subjetividade em Bergson**. Rio de Janeiro, RJ: Arquimedes Edições, 2017.

_____. Anotações feitas pelo autor a partir das exposições proferidas por Maciel nos dias 4, 5 e 10/10/2017, para discentes e agregados do Programa de Pós-Graduação em Memória e Linguagem – UESB.

MANGUEL, A. **No bosque do espelho**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

MARCONDES F., C. **Michel Serres e os cinco sentidos da comunicação**. São Paulo: Novos olhares, 2005, edição 16, 2º sem.

MARTINS, B. **Cegueira na Carne. Lugares da Cegueira: Portugal e Moçambique no trânsito de sentidos**. Universidade de Coimbra, junho de 2011. Tese de doutorado, orientada por Boaventura Sousa Santos.

MENEZES, E. & CRUSOÉ, N. **Fenomenologia sociológica em Alfred Schutz**: contribuições para a investigação qualitativa em prática educativa. Atas CIAIQ, 2019. Investigação Qualitativa em Educação. www.ciai.org

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006 (1999).

_____. **O cinema e a nova psicologia**. (pp.105-116) In: Xavier, Ismail (org.). A Experiência do Cinema. Graal, 1983. Edisciplinas.usp.br

MIANES, F.; KARNOPP, L. **Representações de personagens cegos na literatura contemporânea**. Pro-posições Nov. 2019, vol 30.

MOREIRA, D. A. **O Método fenomenológico de Pesquisa**. São Paulo: Pioneira & Thomson, 2002

MOURÃO, M.D. & LABAKI, A. **O cinema do Real**. São Paulo: Cosac: Naify, 2005.

MOTA, M.. **O seguinte olhar: estudo de caso de um processo criativo em dança com uma bailarina deficiente visual**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará. Belém. PA. 2013.

NÓBREGA, Terezinha P. **Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty**. Estudos de Psicologia. (Natal) vol. 13, nº 2, May/Aug. 2008.

PASSEGI, M. C. **Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador**. Revista Práxis Educacional, v.17, n. 44, p. 93-113, jan./mar./2021.

PENAFRIA, M. **O ponto de vista no filme documentário**. Manuela Penafria. Universidade da Beira Interior. 2001. www.bocc.ubi.pt pp 1-9.

PORTAL G1: Ciência e Saúde (16/06/2019) **Cegueira afeta 39 milhões de pessoas no mundo**. Fonte BBC News. Acessado em 10/10/2020.

RIBEIRO, J. P. **O ciclo do contato: temas básicos da abordagem gestáltica**. São Paulo: Summus, 2019.

SANTOS, R. **O quiasma do mundo: a questão da alteridade em Merleau-Ponty**. Ed. CRV, Curitiba, 2017.

SANTOS, R. N. **Ser-sendo-cego-no-mundo-com**: descrição fenomenológica compreensiva-interpretativa sobre percepções e vivências cognitivas do ler, escrever, pesquisar e produzir conhecimento de intelectuais que não dispõem do sentido da visão. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Doutorado Multi-Intitucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2018.

SCHMIDT, L. K. **Hermenêutica**. Petrópolis: Vozes, 2006.

SERRES, M. **Os cinco sentidos**: filosofia dos corpos misturados. Bertrand Brasil, 2001.

SOUSA, Joana Belarmino. **O que percebemos quando não vemos?** Colóquio “Ver e Não-Ver”, Instituto Benjamin Constant. Rio de Janeiro, 2008. pp. 179-184

VIEGAS, Susana (2010). **Olhar e memória na percepção cinematográfica**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)

ANEXO 1

Protocolo de Procedimentos do Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia
VIVÊNCIAS E “OUTRAS VIDÊNCIAS” EM CORPOS PRIVADOS DO SENTIDO DA VISÃO

Pergunta de pesquisa: **Quais as vivências e “outras vidências” experimentadas em corpos privados do sentido da visão?**

DEPOIMENTOS colhidos de 03 a 05/11/ 2017. Transcrição literal, em observação ao método fenomenológico de elaboração de informações.

Local: ACIDE – Associação Conquistense de Integração do Deficiente. Vitória da Conquista, BA.

O SENTIDO DO TODO Passo 1 Extraí O Sentido do Todo e de cada entrevista Escuta e transcreve as entrevistas em estado bruto Lê calmamente a transcrição completa para apreender o sentido geral Coloca-se na atitude de redução fenomenológica Lê sem paixão e descreve sem julgar para obter o sentido geral de cada depoimento Basta compreender a linguagem de quem descreve Mostra o conteúdo e a forma em que as palavras são manifestadas, intrínsecos ao sujeito que as pronunciou O objetivo é obter um <i>sentido da experiência na sua globalidade</i> A finalidade é captar o sentido geral da transcrição Verifica-se uma permanente inter-relação entre as partes e o todo Nada mais é realizado neste passo	
Passo 2 DISCRIMINAÇÃO DAS UNIDADES DE SENTIDO / SIGNIFICATIVAS (US) Objetivo de caráter prático: quebra do texto em partes menores para análise fenomenológica e explicitação de significados <i>Transição de sentido</i> nas descrições dos sujeitos é critério para a constituição das US Pesquisador assinala significados concentrados naquela US Discrimina o que está contido nas frases Destaca as falas mais significativas Assinala a presença do outro Entra no mundo do sujeito em cada frase Singulariza a experiência vivida	Passo 3. TRANSFORMAÇÃO DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO EM EXPRESSÕES DE CARÁTER PSICOLÓGICO, com ênfase no fenômeno investigado <i>Intui e descreve essencialmente os significados</i> fenomenológicos contidos nas descrições dos sujeitos (US) Clarifica a estrutura essencial dos significados fenomenológicos sobre o tema Retira os aspectos contingentes e particulares com a ajuda da redução fenomenológica psicológica e da variação imaginativa livre Expressa e traz à luz significados fenomenológicos implícitos nas descrições originais dos sujeitos: <i>o que ele</i>

O sentido se encontra no texto de cada entrevista Há processos semelhantes, mas cada um o percebe de forma diferente Dados imanentes: pertencem ao mesmo fluxo de consciência de quem os experiencia Aceita o que surge à consciência dos sujeitos como fenômeno considerado válido Organiza em blocos as US que mais aparecem	<i>quis dizer com isso?</i> Ter o sentido geral das descrições permite ao investigador clarificar e explicitar sentidos às vezes implícitos nas Unidades de Significado. Os sentidos retirados das descrições devem ser reveladores em relação ao tema de estudo, e não ao participante.
---	--

Passo 4. BUSCA SÍNTESE DAS UNIDADES DE SENTIDO/SIGNIFICATIVAS TRANSFORMADAS EM DECLARAÇÃO CONSISTENTE DA ESTRUTURA DO APRENDIZADO/DA EXPERIÊNCIA

Pesquisador reagrupa todas as US para chegar a uma análise da estrutura do fenômeno e realiza uma descrição geral. A partir dos referenciais teóricos pesquisados, faz a ligação com as experiências vivenciadas pelos sujeitos da investigação e destaca as palavras-chave, para captar o modo de viver e de vivenciar o cotidiano no viés da fenomenologia. Todos os dados devem ser considerados neste passo, mas nem todas as Unidades de Significado têm igual valor. O importante é que a estrutura resultante expresse a rede essencial de relações entre as partes, de modo que o significado fenomenológico total possa sobressair, ao envolver uma *síntese das unidades de significado* fenomenológico. Tão ou mais importante que as partes, os constituintes essenciais, é a *interdependência* existente entre estes. As partes não são fins em si mesmas, representam uma tendência central, expressam como os dados da investigação convergem. O método é descritivo até o quarto passo. A partir daí, o investigador é livre para elaborar os resultados da investigação, discutir reflexivamente os dados e estabelecer conexões ou paradoxos em relação a outras investigações. Por último, deverá ser realizada uma síntese das conclusões.

Passo 5. TRANSMUTAÇÃO DAS EXPRESSÕES DE CARÁTER PSICOLÓGICO EM CATEGORIAS (JORNALÍSTICAS), COM ÊNFASE NO FENÔMENO INVESTIGADO.

Intui e descreve essencialmente os significados fenomenológicos contidos nas descrições dos sujeitos (US). Clarifica a estrutura essencial dos significados fenomenológicos sobre o tema.

Retira os aspectos contingentes e particulares com a ajuda da redução fenomenológica psicológica e da variação imaginativa livre.

Expressa e traz à luz significados fenomenológicos implícitos nas descrições originais dos sujeitos: *o que ele quis dizer com isso?*

Ter o sentido geral das descrições permite ao investigador clarificar e explicitar sentidos às vezes implícitos nas Unidades de Significado.

Os sentidos retirados das descrições devem ser reveladores em relação ao tema de estudo, e não ao participante.

ANEXO 2

Relacionamento Afetivo entre Cegos (RAC) (RAC) estética						x	xx	x		x			5
(RAC)/afinidades/musicais							x						1
(RAC)Conflitos/alegrias							xxx	x					4
(RAC) o toque							xxxx	x		xx			7
Relação Afetiva c/ Enxergantes						x		x					2
	fernando	silvaneide	marcelo	thiago	arcanjo	eliab	karol	herbert	lucimar	joilson	ildes	joseito	5
Conflitos /alegrias c/ enxergantes						x	xx	x					4
Valoriza visão de outro cego						x	x						2
Experiência compartilhada com cegos			xxxx			x	x	x			xxx		10
Experiência compartilhada enxergantes						x	xx	x					4
O Eu e o Outro Inclusão							x						1
O Eu e o Outro autoestima							x						1
O Eu e o Outro autoestima gerada por outrem							x						1
intersubjetivas Acide													
(TA)Tecnologias assistivas					xxxxx			x					6
(TA) História pessoal	x		x	xxxxx	xxxxxxx	x	x	x					17
História que gosta de contar	x				xxx	x	xxx	x			x	x	11
Lembranças aprendizado			xx	x							x	x	5
Lembranças imaginadas							x						5
Lembranças de quando enxergava	xx			x	xx	xx	x						8
Lembranças afetivas					xx			x		x	xx		6
Memórias de quando enxergava	x				x		x	x					4
Memória espacial					xxx		x					X	5
Memória tátil					xxx		x						4
Memória fugaz						xxx				x			4
Memória oral			x									x	2
Limites e possibilidades do corpo						x	xx				x		4
Mérito: conflito x conforto							x						1

sem nitidez (OV) sonhos reais /desejo						xxxx	xx		x			xxxx	11
(OV) P. espacial	xxxxx			xxxx						x	x		11
(OV) Cinestesia	xxxxxxxx		xx	x	xx		xxx			xx		xxxxxx	24
O.V./Tecnologias Assistivas	x				xxx				x				5
Poder da Mente /Mente atenta sustenta						xxx	xxxxxxxx					x	11
PM/influencia astral espiritual emocional						x	xxxx	xx			x	xxxxxxxx	16
PM/ Mente não é deficiente							xx						2
PM/ mente fechada adoece							xx						2
PM/ intencionalidade orienta	xx						xx	x				xx	7
	fernando	silvaneide	marcelo	thiago	arcanjo	eliab	karol	herbert	lucimar	joilson	ildes	joselito	
Conquista da autonomia/ aprendizado	x		x			xxxxx	xxxxxxxx		x	xxx	xx		20
Papel da ACIDE/ aprendizado				x	xxx	x			xx		x	x	9
Relações						x	x		x		xx		5
visão													
Autocuidado/ proteção	x											x	2
Autoanálise	xx		x	xxxx			xxxxxxxx			xx	xxx		21
Ajustamento criativo	x	xx	xxxxxxxx	xx	xx	xxxxx	xxxxxxxx xxxxxxxx		xx	x	xxxxx		44
	fernando	silvaneide	marcelo	thiago	arcanjo	eliab	karol	herbert	lucimar	joilson	ildes	joselito	
Outras Vidências (OV) Percepções visuais			xx						xx			x	5
(OV) Percepções táteis	xxxxx	x		x	xxx	x	xxxx	xx	x	xxxx	xx	x	25
(OV)/Percepções sonoras	xxxxxxxx	xx	xxx	xx	xxxx	xx	x	xx	x	x	xx	xx	29
(OV)/Percepções olfativas			x	xx	x	x	xxxx	xx	x	xx	x	xx	17
(OV)/Percepções gustativas													
(OV)/associação de imagens	xxxxx				xxx	xx	xxx			x		xx	16
(OV)/ descrição /mapa mental	xxxxxx		x			x	x			x	xxx	x	14
(OV) corpo emocional/ lembranças					x		x	xx					4
(OV) sonhos / desejos realizados						xxx	xx	xxx					8
(OV) sonhos	xxx		x	xxxx		xx				xxx	x	x	15
(OV)Sonhos/	x				xx							xx	5

Passo 5 Enquadramento US em sub-temas Dá relevância ao que é dito Comenta cada uma destes subtemas	Fernando 27'28"	Silvaneide 12'54"	Marcelo 12'45"	Thiago 13'28"	Arcanjo 27'15"	Eliab 25'26"	Karol 27'02' +18'11"	Herbert 27'02" +18'11"	Lucimar 9'16"	Joilson 16'24"	Ildes 19'48"	Joselito 21'46"	
Diagnóstico Primeiro	x	x	x	x	xx	x	x	x	x	x	x	x	13
Diagnóstico processual	x	xx cirurgia		x		x	x	x	xx		x	xx	12
Diagnóstico fechamento	x	x		x	x	x	x	x	x			x	9
Limites da visualidade	x	x	x	xx	xxxxxx	xx	xxxxxx		x			X	21
Potências da visualidade			xxxxxx			x		x	x				9
Metáforas da visualidade	xxxx	xx					xx					x	9
Heterocuidado indícios	xxx	x		x	x		x	x		x	x		10
Heterocuidado aprendizado	x		x	xxx	xx		xx	x					10
Heterocuidado criativo		xxx		x		xxx	xxxxxx				xxx		16
Heterocuidado excessivo		x					xxxxxxxx				xxx	x	14
Degradação gradativa da visão		x					x		x		xx	x	6
Consciência da perda da visão							x			xx	x	x	5
Reação à perda da				x		xxx							4

ANEXO 3. Passo 1

Discriminação das Unidades Significativas

ACIDE. DEPOIMENTOS colhidos de 03 a 05/11/ 2017

Transcrição literal, em observação ao Método fenomenológico de elaboração de informações.

Fernando Couto. (27'18'')

O SENTIDO DO TODO Entrevistas em estado bruto Extrair o Sentido do Todo e de cada entrevista Ler sem paixão e Descrever sem julgar para obter o sentido geral de cada depoimento (Fernando Couto)	UNIDADES DE SENTIDO/SIGNIFICATIVAS US O sentido se encontra no texto de cada entrevista Discriminar o que está contido nas frases Destacar as falas mais significativas Organizar em blocos as US que mais aparecem
“Logo que eu comecei a andar, meus pais perceberam que eu tinha um diferencial no modo de andar, caía com facilidade, isso se comparar com os outros irmãos”.	Heterocuidado: indícios (cuidado de outros)
“... tinha um ano e meio de idade... e foi constatada a miopia”.	Primeiro Diagnóstico
“Aos 16 anos de idade veio uma catarata que limitou bastante a minha visão	Diagnóstico processual
(...). Aí fui para São Paulo, fui para a casa de um tio e lá ele me levou até Campinas que, na época (1976), era referência em oftalmologia aqui no Brasil	Heterocuidado: indícios
eu fui pra lá e os médicos deram o diagnóstico de que, além da miopia e da catarata, eu tinha pigmentação de córnea e o glaucoma, que poderia me levar à cegueira.	Diagnóstico processual
Aí eu fiz tratamento por uns três anos, três anos e meio, cirurgias, aplicações de raio laser, uma série de procedimentos, e aí os médicos tentando recuperar a visão, mas isso não foi possível, até o momento em que eles viram que não tinha mais nada a ser feito”.	Fechamento do diagnóstico
“Esse tratamento eu fiz no Hospital das Clínicas e de lá fui encaminhado ao Hospital São Paulo.	Heterocuidado
(...) Aí lá em São Paulo eu fui para o centro de reabilitação. Aí aprendi a andar com a bengala, aprendi o Braille, fiz uma série de atividades lá, tive uma série de	Heterocuidado/ aprendizado

aprendizados...	
Depois retornei pra Conquista e aí a visão só foi diminuindo e, aos 22 anos, pronto, zerou tudo e não enxergava mais nada.	Degradação gradativa da visão
Mas a aprendizagem que eu tinha tido em São Paulo me auxiliou bastante e me ajudou muito a ter essa independência que tenho, e foi muito por ter estado em São Paulo e ter feito o treinamento lá, ter tido a aprendizagem no centro de reabilitação	Ajustamento criativo
“Olha, eu nunca fui muito de me dar conta do quanto os sentidos estavam me ajudando. Eu não tinha essa percepção até que a visão diminuiu bastante e foi ali que passei a ter essa percepção. Mas inicialmente, quando eu enxergava pouco, mesmo com a limitação por causa da miopia, não me recordo ... de quanto os outros sentidos estariam me ajudando	Autoanálise
.... Depois da perda da visão, que foi se dando aos poucos, eu fui percebendo o quanto os outros sentidos estariam me auxiliando.	Cinestesia
“... se tenho que lembrar de alguma coisa, se eu tenho que construir uma imagem, é a do tempo em que enxerguei ... E essas imagens não são muito nítidas...	Lembranças de quando enxergava
se eu estou lendo um livro..., eu vivencio de certa forma aquilo que estou lendo ... como se estivesse fazendo parte da história. Eu vivencio isso, com limitações, nada muito nítido, as imagens não são nítidas, mas eu imagino. ... se isto é descrito no livro, então eu vivencio estas coisas....	Outras vidências – associação de imagens
Vêm essas memórias acompanhando assim conforme eu vou fazendo a leitura.	Memórias de quando enxergava
Consigo ter essa percepção, ... não com muita nitidez, mas eu consigo vivenciar aquilo que estou lendo. Realmente é gostoso estar lendo e vivenciando aquilo ali. ...	O. V. - associação de imagens
Eu me sinto melhor com essa leitura em braile, por eu gostar muito. ... eu não sou muito de assistir filmes”.	O. V. - Tecnologias assistivas
Às vezes tem essa coisa de eu estar imaginando ... pra dar um exemplo, para você e as pessoas que enxergam: pode	Metáforas da visualidade

estar conversando ao telefone mas não conhece a pessoa. Então é criada uma imagem a partir da voz da pessoa, que pode corresponder ou não quando se vai conhecer a pessoa, se combina ou não com a imagem feita. ...	
Uma pessoa, assim, gorda, que tenha certa obesidade, a voz é uma voz mais presa, é uma voz diferente, e você realmente imagina a pessoa gorda. "A voz de Arcanjo é mais abafada, de uma pessoa com corpo mais volumoso, tem mais peso. Quando estou próximo de Eliab, ele é mais alto que eu, talvez uns 15 cm, dá pra perceber que a voz dele está mais alta. No caso de Arcanjo, ele é mais baixo que eu e também a voz é diferenciada por causa do peso e também da idade.	O. V. - Percepções sonoras
<i>A gente constrói uma imagem através da voz.... Mas eu crio uma imagem e essa imagem vai corresponder ou não, quantas vezes isso se confirme. (...)</i>	Metáforas da visualidade
“Olha, só se tiver muita aproximação com a pessoa, se for muito íntima eu faço isso, senão não faço. É por questão da criação que tive, da própria sociedade. Se estou pesquisando o rosto de um homem, a sociedade olha e a gente fica meio limitado neste aspecto, ser mal visto. Por mais que a gente não queira, as pessoas falam, olham, comentam, então a gente se limita nesta questão.	Relações intersubjetivas / experiência compartilhada com cegos O tato e o toque no outro
Estou dizendo isso não só por mim, mas eu também percebo isso nos outros. Poucos os que são mais soltos, mais desinibidos, independente de qualquer coisa toda para perceber o rosto da pessoa, o corpo. (...)	Relações intersubjetivas / experiência compartilhada O tato e o toque no outro
Às vezes é essa questão da curiosidade. Nós conhecemos uma pessoa e essa coisa de querer saber como é que o outro é. Então é assim: quando é uma pessoa que não tem muita aproximação isto fica limitado. Quando é uma pessoa que vem para a associação, que tem deficiência e tem uma convivência diária, mais próxima, é comum nós tocarmos e	Relações intersubjetivas / experiência compartilhada O tato e o toque no outro

percebermos como é essa pessoa.	
Estávamos jogando futebol de cinco numa quadra e um dos companheiros nossos da Acide pegou no meu braço achando que estava tocando no braço de outra pessoa.	O. V. - Percepções táteis
Depois quando eu falei algo aí a pessoa: “Ah é Fernando! Está com o braço forte!”, então ele percebeu assim, achando que eu era Thiago...	O. V. - Percepções sonoras
Então assim... Às vezes a gente imagina a pessoa de uma maneira e quando a gente toca a gente percebe que não é.	O. V. – Cinestesia
(No futebol de cinco usamos) principalmente a audição, porque nós temos que ouvir o som da bola para seguir esse som.	O. V. - Percepções sonoras
Tem uma noção espacial, de domínio da quadra, você tem uma noção de onde você esteja,	O. V. - Percepção espacial
se bem que tem umas pessoas que enxergam, que nós chamamos de videntes, como o goleiro, e também tem outra pessoa atrás do gol ou mesmo dentro da quadra orientando. Eles são chamados “chamadores” mesmo, porque eles chamam para que tenhamos essa noção, então tem toda uma técnica para se jogar bola. (...) tem um treinamento que nos auxilia.	O. V. - Percepção sonora
A professora que está conosco ela coloca para que corramos na quadra, procurando correr em linha reta. Em alguns momentos a gente vai correndo em linha reta, paramos, e dizemos “para a direita”, “para a esquerda”, porque na situação de jogo isto acontece.	O. V. – Percepção espacial
Estou indo numa direção mas o companheiro está numa outra direção, que eu tenho que voltar pra ele e chutar a bola na direção em que ele está. E pela voz me chamando, ele vai chamando “eu”, “eu”, e pela voz vou saber que é um jogador de minha equipe e vou então direcionar a bola para ele. Sempre tem o som auxiliando e a gente tem mesmo que construir essa imagem mesmo da quadra, tem que ter essa noção, se está perto do gol ou não está, qual a distância, se o	O. V. - Percepção sonora

chute vai ser mais forte ou mais fraco, tem que ter um pouco esta noção.	
O sonho... também é uma coisa que não tem muita nitidez... Eu consigo ter uma noção. Vamos dizer que eu sonhei com um carro: eu tenho a noção de estar no carro, do que aconteceu no momento em que circulei naquele carro, se desci, se não desci, o que estava a minha volta. ...	O. V. – Sonhos
Anos atrás a fotografia era tirada e fazia uma negativa da foto, não é isso?! Nela tem as silhuetas das pessoas, os contornos de objetos, coisas assim, mas nada com muita nitidez. Eu recordo destas imagens.	Metáforas da visualidade Sonhos sem nitidez
Então, a minha imagem é assim, meio que sombreada, ela não é uma coisa muito clara.	O. V. - sonhos Sonhos sem nitidez
Eu consigo ver se há todas as circunstâncias, mas quando eu acordo não consigo recordar com muita nitidez. Não é uma coisa muito clara para mim, em termos de imagens, mas eu sei tudo o que aconteceu. Consigo perceber as pessoas como elas estão. Se tem uma roupa que a pessoa está usando e aquilo me chamou a atenção, aquilo fica registrado, senão é uma coisa que não fica muito clara, não!	O. V. - sonhos Retenção onírica do que o atrai
Eu costumo dizer que no próximo, no imediato, no dia-a-dia, a minha visão é o tato, essa coisa do toque (bate nas palmas das mãos e na mesa), é o perceber.	O. V. – P. tátil - o perceber; tato como principal sentido no cotidiano
Se eu estou andando pela rua aí a audição é que ... fica mais destacada.	O. V – P. Sonora
Mas assim, eu levantei, vai ser muito essa coisa do tato, que vai me auxiliar mais, porque eu vou precisar ...	O. V. – P. Tátil
Eu levanto e vou organizar as coisas pra tomar meu banho; tomo meu banho e vou preparar meu café. Depois é a hora de estar saindo para o trabalho. Esse levantamento ele é muito tátil, a coisa do toque, claro que com imagens mentais do espaço em que estou.	O. V. – mapa mental/toque Cinestesia no dia-a-dia de um cego
Eu saio de meu quarto, em frente vai estar o banheiro, onde eu vou estar indo... Quando eu vou fazer minha refeição, aí o espaço onde está a mesa, onde está o	O. V. – mapa mental

armário, onde está o fogão... Então eu me desloco sempre com essa imagem, como se eu estivesse vendo a mesa, o fogão, a pia... Essas imagens vêm, sem nitidez, sem detalhes, mas eu me vejo direcionando de um lugar para outro e eu “enxergando” aquele local onde estou indo.	
Se é a pia, onde está a torneira, vou apalpar para achar a torneira, porque nem sempre a mão vai na direção exata. Então eu vou pesquisando para achar a torneira, se eu lavei uma louça vou colocar no escorredor e saber onde ela está.	O. V. – P. Tátil; o tato como condutor
É ter um domínio daquele espaço onde estou trabalhando. É sempre uma sucessão de coisas: as imagens, mental, por causa desse deslocamento, o som que vai estar me auxiliando, a estar me deslocando e sabendo se estou próximo da parede ou não estou.	O. V. – Cinestesia ; imagem mental, o som, o tato como condutores
E o tato para estar tocando as coisas estar sentindo mesmo o que vou estar fazendo.	O. V. – Percepção tátil
E, claro, aí entra uma questão que nós aprendemos e que é muito importante (levanta o braço direito na altura da cabeça) a proteção superior (abaixa o braço), a proteção média, mais ou menos na altura da barriga, que é o braço a frente para eu ir colocando ali porque ... eu costumo fazer as coisas rápidas, eu sou meio ligeirinho nas coisas que faço.	Autocuidado – proteção
... Então é assim, o som me auxilia, mas nem sempre. ... é um conjunto de coisas que acontecem: é a imagem, é o som, é o tato – para estar tocando e percebendo as coisas.	O. V. - Cinestesia
Se eu peguei uma faca e acho que coloquei naquele local, às vezes passo a mão e não está ali, então vou procurar em outro local para ver onde coloquei.	O. V. - Percepção espacial
Então é assim, recordar os passos anteriores àquele momento para ver o que eu fiz, onde que eu andei, onde posso ter deixado aquela faca! Se eu deixei na mesa lá na copa, se está na cozinha, se está em cima da pia, se está no fogão.	O. V. – mapa mental
Às vezes eu tenho que retroceder um	Protocolo de mapa mental/cinestesia

pouquinho a memória para tentar recordar aquilo que estou precisando onde vai estar. Então é um constante vai-e-vem, de um conjunto de coisas que vai estar acontecendo.	
Na rua o tato é meio limitado, porque é mais o caminho que estou seguindo, se vai ter aclividade e declividade, degrau subindo e descendo, se vai ter obstáculo na frente ou não. E a audição vai me dando a noção de onde eu estou. O olfato também ajuda: se estou passando diante de um açougue, que tem cheiro característico, uma peixaria, um restaurante, os cheiros também vão me dizendo onde eu estou.	O. V.- cinestesia O espaço da rua A relativização do tato A audição dominante O subsídio odorífero
E eu faço sempre, não uma coisa que eu faça questão de acontecer, uma coisa que vem natural; eu estou andando pela rua é como se eu estivesse enxergando as casas comerciais, no centro da cidade.	Poder da Mente – intencionalidade orienta Construção de imagens conforta
Se é numa rua mais residencial e que mais ou menos eu conheço onde tem o portão da casa, se é de madeira ou se é de metal, como é que, se o portão está fechado, se é gradeado, eu vou imaginando estes locais. Eu vou andando... e as imagens... é como se eu estivesse enxergando.. as imagens não são nítidas nem ricas de detalhes, mas de qualquer forma ela acontecem. Estou sempre imaginando.	O. V. – mapa mental Imagens imaginadas
E às vezes as pessoas perguntam: “Como é que você enxerga, Fernando, como é isso?”. Eu tenho dificuldade de dizer como é que eu enxergo; se é tudo preto, se é tudo cinza.	Limites da visualidade
Quando eu paro para pensar é uma coisa mais acinzentada, uma coisa sem cor definida, mas acinzentada. Assim, só quando eu paro para pensar é que eu tenho essa noção de cor.	O. V. – descrição/mapa mental Cor só com o pensar Perceber com imagens
Senão, eu estou andando pela rua e me reporta àquela questão da negativa da foto: eu estou vendo as coisas, mas sem nitidez, mas estou percebendo o caminho que estou percorrendo e tenho aquelas imagens.	Metáfora da visualidade
Se é no centro da cidade, se eu sei como é	O. V. – mapa mental

aquele comércio... Se é uma loja de departamentos, lojas maiores, então é como se eu estivesse vendo dentro da loja televisores expostos, ventiladores, microondas, guarda-roupa, cama, uma coisa assim.	
Não é que eu queira construir essa imagem, ela vem naturalmente, assim. Acho que isso é que é legal de eu ter essa imagem para eu não ficar pensando: “Ah! Tá tudo cinza!”. E se eu estou pensando no cinza, o cinza é uma cor que não me agrada, porque eu acho uma cor meio morta.	Poder da mente – intencionalidade orienta? O assalto das imagens Construção de imagens conforta Cinza não agrada
Até posso estar usando uma roupa cinza e a depender da combinação da roupa, o cinza com outra cor fica legal, então eu uso uma roupa cinza. Mas a cor cinza em si é uma cor meio apagada. Se eu penso nessa cor cinza eu veria um mundo acinzentado, que para mim não é legal. E eu não fico pensando nessa questão da cor.	Autoanálise
Apesar de não serem nítidas as cores, eu fico sempre construindo imagens e não fico pensando muito nessa se está feio se está bonito, se está assim, não penso muito em detalhes.	O. V. – associação de imagens
Se eu estou passando em frente a uma loja de calçados eu imagino vitrines com um monte de calçados lá expostos. E eu tenho essa construção por conta de já ter enxergado. ...	Lembranças de quando enxergava
Então eu vou imaginando tudo aquilo ali, como se estivesse vendo aquelas imagens ali. Se estou na área de alimentos, vem a imagem de pacotes de arroz, de feijão, ou pacotes de bolachas, se é bolacha recheada é comum elas serem arredondadas, em pacotinhos eu imagino elas empilhadas ali. Vem essa imagem, eu não forço, ela vem, e eu consigo ter essa noção de como estou. ...	O. V. – associação de imagens
Então o som me dá a noção deste espaço em que estou, se ele é grande ou não, vem a imagem da construção das prateleiras com as coisas que tem. Então eu vou construindo essas imagens, que aparecem	O. V. - cinestesia

naturalmente.	
De vez em quando isso acontece e é muito interessante, é algo muito legal, porque a gente consegue perceber o que o outro pensa, qual a concepção das coisas, como eles vivenciam o dia-a-dia. Então a gente tem às vezes essa conversa, que no geral aparece de uma maneira informal, mas que sempre é bem legal. É comum depois de uma conversa dessa a gente comentar o quanto foi enriquecedor e o quanto foi legal pra gente, o grupo todo sai muito feliz, de ter partilhado naquele momento. Porque são experiências, assim, que às vezes eu não havia me dado conta de uma determinada coisa, de uma imagem, de um detalhe, de alguma coisa e a pessoa passa aquilo ali.	Relações intersubjetivas ACIDE Experiência compartilhada com cegos
Eu consigo criar a minha imagem a partir da imagem do outro. Fazer a minha construção pela experiência do outro. Então quando existe esta troca de ideias é algo assim muito, muito positivo mesmo.	O. V. – associação de imagens Cria imagem a partir da imagem do outro
Eu gosto sempre de contar isso porque acho muito interessante, pra mostrar como é quesomos nós seres humanos, o potencial que temos dentro de nós que às vezes não exploramos. Ahn, eu tenho um amigo que é paraplégico, ele sofreu um acidente de carro, do peito pra baixo ele não tem nenhuma sensibilidade, porque ele fraturou a vértebra na altura do peito, e quando sofreu esse acidente, lá em São Paulo, ele ficou mais de dois meses numa espécie de um cocho de gesso, onde ele não podia se movimentar... ele deitado, num local no hospital, então o olhar sempre pro teto (<i>gesticula enfaticamente para demonstrar o posicionamento da pessoa acamada</i>). Por mais que girasse o olho pra enxergar, o ângulo de visão dele era limitado.	História que gosta de contar Relações intersubjetivas
Depois de um período no hospital... ele fala que ele começou a perceber quem estava vindo no corredor do hospital, se era o pai, se era a mãe, se era o médico, se era a enfermeira. Ele começou a ouvir os	Ajustamento Criativo O. V. – percepções sonoras

passos e quando a pessoa entrava no quarto ele associava os passos àquela pessoa. ... Ele já tinha essa noção por conta, assim... uma memória auditiva que ele construiu naquele momento que ele teve a necessidade por a visão dele estar limitada. Então assim, ele enxergava, não tinha nenhum problema de enxergar, mas a visão naquele momento era limitada e por conta disso ele construiu essa forma de ele estar tendo essa percepção. Então, assim, algo que eu acho assim fantástico e gosto de contar muito essa experiência, às vezes sou até repetitivo.	
--	--

